



A11187



ut
videam
ANO
1926 X 1936
DA REVOLUÇÃO
NACIONAL

344
D, 57, 344

✓
3
28

344

GENIO

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

LINGUA PORTUGUEZA

GENIO

DA

LINGUA PORTUGUEZA,

OU

CAUSAS RACIONAES

PHILOGOICAS

DE TODAS AS FORMAS E DERIVAÇÕES DA MESMA LINGUA, COMPROVADAS
COM INNUMERAWEIS EXEMPLOS EXTRAHIDOS DOS AUCTORES
LATINOS E VULGARES,



POR

FRANCISCO EVARISTO LEONI.

TOMO I.


LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1858

L. 3475

Lingua... tam rica e bem dotada como filha primogenita da latina.

VIEIRA, Approv. á Terc. P. da Hist. de S. Dom. por VR.
LUIZ DE SOUSA.



INTRODUÇÃO.

QUANDO a Historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação em nossa terra, attestara-nos seo predomínio pacifico e de muitos seculos o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construcção romana: ossadas de cidades; restos de vias publicas, orladas de sepulturas e de lapides milliarias; templos e theatros derrocados; pontes; aqueductos; thermas; estatuas; fustes e bases de columnas; cippos; inscripções... — mas mais que tudo a lingua que falamos.

Por tal modo, na verdade, se manifesta a origem e procedencia da lingua portugueza, que ella só de per si, e desacompanhada de outras provas, dera testemunho autentico de haverem entre nós estanciado aquelles celebres conquistadores, fazendo-nos adoptar como propria a lingua do Lacio.

Ser, pois, a lingua portugueza filha da latina é um facto per si mesmo evidente, e que se prestara a demonstrar a existencia de outros factos anteriores de que nem as paginas da Historia nos houvessem conservado noticia, nem os monumentos que contemplamos nos revelassem o segredo.

Não recusara a critica as inducções historicas que, 'n este caso, se houvessem de tirar do principio que referimos; como a mesma critica não recusa haverem os portuguezes sido os primeiros que descobriram o paiz situado na costa d'África, além do cabo Bojador, e haverem tido tracto e commercio 'n aquella parte do globo anterior ás outras nações da Europa; deduzindo este facto de que quando alli apportou o navegador, que nos quiz disputar a prioridade de tal descobrimento, já os indigenas d'aquelle paiz *salavam portuguez corrompido*: — o que serviu de argumento a um de nossos mais sabios e conspicuos escriptores para reivindicar direitos que nos eram contestados e que nós tam gloriosamente adquirimos. (1)

(1) Veja-se a Memoria sobre a Prioridade dos descobrimentos dos portuguezes na costa occidental de Africa, pelo sr. visconde de Santarem, onde, entre outras muitas provas com que demonstra esta prioridade, não sam menos fortes e concludentes as que deduz da relação da viagem de um tal *Villaut*, que é o proprio que pretende serem os navegadores de Dieppe os primeiros que descobriram aquella parte da costa de Africa. — Com effeito, pelo que refere o mencionado *Villaut*, se mostra que em todos os pontos, além do cabo Bojador, *achou denominações portuguezas, e que os indigenas do paiz salavam portuguez*. — E', seguramente, curiosa a passagem em que o mesmo *Villaut*, sem saber o que diz, dá testemunho da generalidade da lingua portugueza, e, com ella, de nossa anterior e longa dominação 'n aquellas partes. O que vamos transcrever é textualmente extrahido da citada Memoria.

« *Villaut*, qui d'ailleurs ne savait pas le portugais, ajoute, sans comprendre ce qu'il dit: » S'il arrive a bord deux amis de différents lieux, ils se prennent par le haut des bras, les étendent l'un contre l'autre, et disent: *Toma*. » Ce mot étant tout-a-fait portugais, nous pourrions, avec plus de critique, en tirer des inductions contraires, en nous fondant sur des faits historiques et même sur les assertions de *Villaut*. En effect, la langue portugaise, en raison de l'ancienneté de nos établissemens et des rapports intimes que nous avons avec les peuples de l'intérieur de l'Afrique, était devenue si générale, que *Villaut* lui même, en parlant de la côte d'Or et du comptoir danois de *Fridericksbourg*, avoue que le général commandant cet établissement, ainsi que les Mores (les Nègres) parlaient tous portugais. Recherches sur la Priorité de la Découverte des Pays situés sur

Até aqui a lingua portugueza servindo de hypothese para a demonstração de factos que houvessemos desconhecido, e dando em resultado a existencia dos mesmos factos que a Historia circunstanciadamente relata e vem comprovar.

Recorramos agora á Historia, e vejamos com a analyse e apreciação dos documentos que 'n ella se encontram confirma a verdade da hypothese que haviamos admittido.

Do que ácerca dos primitivos povos da Peninsula hispanica recontam Plinio, Strabão, Polybio, Diodoro Siculo, e outros graves auctores, nada se encontra que possa inculcar-nos idéa alguma vantajosa das leis, policia social, e do mais que é concernente ás republicas em que os mesmos se dividiam e governavam. — Não só a civilisação d'estes povos distava infinito da que já ia pelo Oriente, quando a segunda guerra punica trouxe as aguias romanas ao solo hispano, mas não é possivel considerar os iberos mais adeantados de que os gallos e os germanos, a quem Cesar e Tacito nos pintam como barbaros e feroces. (1)—Qualquer, porém, que fosse o estado da

la côte occidentale d'Afrique au de là du Cap Bojador &, par le vicomte de Santarem, p. 19.

(1) Dos iberos, ou antigos povoadores da peninsula hispanica, não ha monumentos que atestem a civilisação — Não appareceu até hoje templo, altar, obelisco, tumulo, ou lapide sepulchral que não seja obra dos romanos, comprovada com suas proprias inscripções.

Se as casinholas circulares que antigamente se viam juncto ao rio Ave, e de que nos dá relação o Contador de Argote em suas Memorias Ecclesiasticas, foram restos de uma cidade de celtiberos, taes monumentos não podem atestar senão a falta de todas as artes e a bruteza do povo que edificava tão grosseiros e miseraveis tegurios.

E' de crer, comtudo, que as povoações que ficavam sobre as costas do Mediterraneo, e eram frequentadas dos phenicios e carthaginezes, com o tracto e commercio d'estes houvessem adquirido certo gráo de policia e cultivassem mesmo algumas artes; — mas a parte septemtrional da Hespanha, assim como a

civilisação d'estes povos, seu progresso nas artes, sua lingua, seus usos e costumes, é certo que tudo isto houve de ceder á civilisação, á lingua, e aos costumes dos romanos, como os esforços com que procuraram defender sua independencia e liberdade cederam ás legiões de seus formidaveis conquistadores.

Não foi, todavia, a conquista dos iberos empresa facil aos romanos. — Dois seculos de guerras, quasi continuas, coube a estes pelejar para reduzir a Hispanha a uma completa subjeição; devendo notar-se que 'n esta lucta cruenta nem sempre a lealdade romana foi mantida nos pactos e capitulações por aquelles que altamente se prezavam de haver practicado heroicos feitos e que tanto se esforçaram em desconceituar a *fé punica*. — Nenhum exemplo se nos depara de que outra nação oppozesse tam pertinaz resistencia ás armas do Imperio de que chegou a ser terror, e a que mais de uma vez auferiu triumphos; sendo mister para vencer o valor dos indomaveis iberos nada menos que o genio e a pericia dos maiores homens que Roma produziu: quaes foram os quatro Scipiões,

interior e a que ficava nos limites occidentaes da mesma, constava de povos mais ou menos barbaros e feroces. Polybio, que, como homem de letras, acompanhou Scipião Emiliano ao cerco de Numancia, e quiz adquirir por si mesmo conhecimentos que os gregos não tinham podido alcançar, refere que em seu tempo ainda se não sabiam os nomes d'aquella parte da Spania que ficava fora das columnas de Hercules: que não tinha nome commum, e que era habitada de multidão barbara.

Egualmente Strabão, em varias passagens do L. 3.^o nos informa do estado de ignorancia e barbaridade em que existiam quasi todos os povos da Spania na epocha em que os romanos começaram a conhecê-la. Dos que estanciavam na parte septentrional da mesma diz expressamente que semelhavam a animaes feroces não só por sua ousadia, senão pela crueza e ferocidade de que eram dotados: *neque fortitudine tantum, sed crudelitate et furore feras imitantur*. L. 3, p. 113 et 114.

Tractando especialmente dos celtiberos, relata que antes de serem civilisados pelos romanos, eram muito mais barbaros e feroces do que todos os outros povos da Spania: *Celtiberi quondam omnium maxime feri inhumanique habiti*. Ibid. p. 105.

Pompeo, J. Cesar, Octavio, e, finalmente, as mais intrepidas legiões da Republica. — A mesma resistencia, porém, que os dominadores do mundo encontraram nos habitantes da Peninsula, mal soffridos do jugo molesto que lhes era imposto, das extorsões dos Pretores e Proconsules, e das vexações que lhes provinham do estabelecimento das colonias, com o qual homens livres, e, porventura, abundados, eram compellidos a abandonar suas casas, seos campos e haveres, e até suas proprias familias, para serem transferidos a outros logares; coisa, na verdade, acerba e durissima de soffrer: tal resistencia explica a necessidade de novas oppressões e de muitas mortes e exterminios que os vencedores passaram a practicar, a fim de segurar por uma vez a conquista que a cada momento devia parecer fugir-lhes das mãos.

E' infinito o numero de cidades que foram tomadas e saqueadas, e o dos homens degollados, ou vendidos como escravos. — Para se fazer idéa da devastação, basta que digamos que no curto espaço de um dia arrasou Ca-tão, o Censorino, os muros de todas as cidades que ficavam no termo do rio Betis; (1) e que Sergio Galba, encarregado do governo da Hispanha ulterior, usando de atroz perfidia, fez degollar a juventude de tres cidades da Lusitania, cujo numero, diz Suetonio, (2) subiu a trinta mil pessoas.

O trabalho mortifero das minas, a que não só a cubiça do oiro, senão tambem, como é de crer, a vingança e a politica romana condemnou os hispanhoes,

(1) Este facto confirma o que dicemos ácerca do atraso dos naturaes da Hispanha no tempo dos romanos. — Para que os muros de todas aquellas cidades podessem ser arrasados 'n um só dia, era mister que taes muros não passassem de simples vallados de terra, e ainda estes de pequena extensão: o que importa a idéa da exiguidade, mesquinhez e nenhuma importancia das referidas cidades.

(2) In Vita Galbæ, C. 3.

houve de acabar miseravelmente muitos milhares de homens, e de extinguir povoações inteiras.

Da barbaridade com que os romanos tractavam os escravos empregados na exploração das minas, é horri-vel a pintura que faz Diodoro Siculo; e o mesmo auctor declara que *compellidos com azorragues a um continuo labor, era raro viverem muito tempo.* (1)

Já se vê que foi debellando todas as resistencias, e pondo em practica a odiosa maxima *væ victis*, tam preconizada entre os romanos, que estes conseguiram subjugar a Hispanha e tirar ás povoações que ficaram subsistindo não só a possibilidade de se rebellarem, senão tambem a propria vontade de o fazerem. — *Romanisaram tudo*; e o modo porque 'n isto procederam foi exterminando uma parte dos habitantes; reduzindo a outra á mais abjecta servidão; e transformando o restante em colonias e municipios, onde os circos, os jogos, os theatros, os templos, os sacrificios, os conventos juridicos, as escholas, a milicia, os presidios, os casamentos, e a carreira franqueada aos magistrados, houve necessariamente de exercer poderosa influencia e de produzir completa mudança nos naturaes da Peninsula. — E' aqui que pretendiamos chegar; porque estes, como homens simples, sem uma civilisação consistente e capaz de luctar com a romana, e, por outra parte, horriavelmente dizimados pelo ferro dos invasores, de força haviam de perder seos usos e costumes, e, consequentemente, a propria lingua; o que desde logo começou a verificar-se, como expressamente nos informa Strabão, dizendo que os turdetanos, principalmente os que estanciavam juncto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, *esquecidos de sua lingua ver-*

(1) Verum cum die ac nocte in labore perseverent, multi ex nimio labore moriuntur, cum nulla eis ab opere detur requies, aut laboris intermissio, sed verberibus ad continuum opus coacti rarò diutius vivunt. L. 6.

nacula, se haviam feito latinos (1) — Em seguida se foi operando egual mudança nos demais povos da Península; do que nos dá testemunho o mesmo Strabão, referindo que junctamente tomada a toga, se haviam vestido á maneira e uso de Italia, e que todos os que seguiam aquelle uso se chamavam *stolatos*, ou *togatos*. (2)

O caso é que quando os godos entraram em Hispanha nenhuma differença havia já entre iberos e romanos; antes adoptados por aquelles os costumes, a religião e a lingua d'estes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Hispanha visigothica. (3) — E não só se introduziram e receberam os usos, os costumes e as crenças dos romanos, senão que por tal modo se arreigaram na indole dos povos peninsulares, que, atravessando toda a dominação gothica e arabe, ainda hoje subsistem e se observam em grande parte.

Com effeito, nossa primitiva organização social é toda romana. — A distincção que ainda hoje subsiste com o nome de *cavalleiros e peões*, data do estabelecimento das colonias e municipios, onde, do mesmo modo que em

(1) Turdetani autem, maximè qui ad Betim sunt, planè mores romanos assumpserunt, ne sermonis quidem vernaculi memores, ac plerique facti sunt latini, et colonos acceperunt romanos, parumque abest, quin omnino romani sint facti Strab. L. 3.º p. 151.

(2) Et qui hanc formam sequuntur hispani, *stolati*, seu *togati* appellantur. Ibid.

(3) Apponta este facto o eruditissimo Aldrete, observando que nas leis visigothicas, que se denominam *Fuero Juzgo*, só se faz menção de *godos e romanos*, e nenhuma de *iberos*, ou *hispanos*: menção, que, aliás, não deixaria de fazer-se, se estes ultimos conservassem alguma differença dos romanos: — o que é tanto mais de notar que aquellas mesmas leis distinguem e fazem especial menção dos hebreos, os quaes observando sempre sua religião e seu modo de viver particular, se não confundiram nunca com os romanos, e sam designados alli por seo nome patronimico. Vid. Origen de la Leng. Castell. L. 1.º C. 6.º p. 39.

Roma, todos os habitantes se dividiam em *decuriões* e *plebeos*, representando os *decuriões* uma imagem do Senado, e os *plebeos* o povo romano. — A idéa fundamental de nossos concelhos municipaes provém dos municipios romanos, sendo em seo principio cada um d'estes concelhos um senado burguez que representava o senado de Roma, e cuja magistratura semelhava a dos mesmos municipios romanos: — os juizes ordinarios eram os *duumviros*; os almotacés os *edís*; os almoxarifes os *questores*; finalmente, os procuradores dos mestéres equivaliam aos *tribunos da plebe*. — Posto que esta primitiva organização se ache actualmente modificada, o caracter essencial e distinctivo das antigas municipalidades, a *magistratura duumviral*, não se perdeu, e tem subsistido até hoje. — Muitas de nossas ceremonias e practicas religiosas, como os bailes nas egrejas, (1) as pausas nas

(1) Effectivamente não vemos já bailes nas egrejas; — mas não só era costume fazel-os, senão tambem levar nas procissões danças de mulheres de ruim fama; o que se usava ainda no tempo do nosso congregado Manuel Bernardes, como elle proprio relata e lastima nos dois logares que passamos a transcrever:

«Que sentiremos em particular dos bailes feitos nas egrejas e atrios d'ellas, por honra dos sanctos e dias de festa? Fazer offensa a Deos, e em cima vender-lh'a por obsequio? Honrar os dias e logares sanctos com obras profanissimas? Comer e beber e rir e folgar e bailar e chacotear, dizendo ao mesmo tempo mil estulticias e liberdades: e querer encampar tudo isto a Deos nosso Senhor por religiosa observancia de votos e culto de seos sanctos! Verdadeiramente este é um dos effeitos do muito comer e beber; porque, como ensina sancto Thomaz, uma das filhas da gula é a tolice, ou a insipiencia. E que maior insipiencia que supormos (senão no conceito, ao menos no effeito), que os sanctos sam como os deoses do Paganismo, Baccho, Flora, e outros da mesma farinha, que eram venerados com semelhantes festas. Por isso com razão dice o grande padre sancto Agostinho, que estes desventurados e miseraveis, que nem medo, nem pejo teem de occupar-se 'n estes festins, aindaque venham para a egreja christãos, vam da egreja pagãos: porque este costume de bailar ficou da superstição da gentilidade. *Illi enim infelices, et miseri homines, qui balationes, et saltationes exercere non meluunt, nec erubescunt et si christiani ad ecclesiam venerint, pagani ab ecclesia*

procissões, (1) os asylos, a reverencia á mesa, o fechar os olhos e a bocca ao defuncto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras, nos vieram das instituições romanas. —As mesmas usanças e superstições populares não teem outra origem. As festas do carnaval sam as Saturnaes de Roma; os dias aziagos os *dies atri* ou *nefasti*, os espectros nocturnos, ou *as coisas más*, que alta noite perturbam o silencio das casas, os *lemures* ou as *larvæ nocturnæ*; (2) a sina ou o fado em que geralmente accredita o vulgo, o *fatum inevitabile*; a varinha de condão o *lituus* dos Augures; as nominas, de que usa a gente do

revertuntur; quia ista consuetudo balandi de paganorum observatione remansit.» Nov. Florest. T. 2.º pag. 12 e seg.

«Emende-se o introduzir nos choros sagrados as chulas, sarabandas e outros tonilhos de theatro profano; e advirta-se que para a casa de Deos só é decente o que é sancto: *Domum tuam decet sanctitudo*. Emende se levar nas procissões deante do Sanctissimo Sacramento danças de siganas e de mulheres de ruim fama...» Id. ibid p. 17.

(1) Executavãem os romanos em suas procissões pausas, ou estações, em pontos determinados; e, diz Pitisco, que ha apparencia de que estas pausas (*pausæ*), se faziam ante certas *capellas*. Vid. Lex. Antiq. Roman.

(2) Accreditaavam os romanos nos *lemures*, ou almas dos finados, que salam dos infernos a attormentar os vivos, e, para aplacar aquelles espectros horrificos, instituiram festas chamadas *Lemuria*:

Ritus erit veteris nocturna Lemuria sacra
Inferias tacitis Manibus illa dabunt.
Ovid. Fast. 5.

E note se que não só a plebe de Roma accreditaava na aparição de espectros nocturnos, senão tambem que muitos romanos, distinctos por seos conhecimentos, e que, por certo, deveramos suppôr exemptos de preconceitos, egualmente accreditaavam 'n aquelles vãos terrores. — Plinio, o moço, relata mui seriamente a historia de um espectro que todas as noites incommodava os habitantes de uma casa de Athenas; o que fez abandonar e tornar infesta a dita casa; até que um philosopho, por nome Athenodoro, a livrou do phantasma. — E' curiosa esta historia, e pode ver-se na Epist. 27 do Liv. 7.º

povo, os *phylacterios* dos pagãos; (1) as figas que as mães penduram ao pescoço das crianças para as livrar de quebranto, a *res turpicula* de que igualmente usavam os gentios. (2)—Finalmente, fôra longo enumerar todas as superstições que nos ficaram d'aquelles tempos; muitas das quaes abolidas, e expressamente vedadas pelos Concilios, e por ordenanças dos Bispos, não existem já; mas sabemos que se practicavam, e d'ellas achamos notícia em varios documentos e memorias antigas, particularmente 'n um capitulo da Chronica de Elrei D. João 1.º, onde vemos que, a fim de se conseguír que os povos deixassem de celebrar *janeiras*, e *maias*, foi mister instituir procissões que os distrahissem d'aquelle rito gentílico; e, todavia, ainda hoje 'n algumas de nossas provincias, se não extinguiram de todo estes restos do tam inveterado paganismo. No capitulo da indicada chronica se appontam muitas superstições que se practicavam ainda no tempo do dito Rei; para se avaliar as quaes, e tambem para se fazer idéa de outras muitas abusões e practicas pagans que não deixariam de existir, poremos aqui o seguinte trecho do mesmo capitulo:

«Porem estabalecerom e ordenarom prometendo a Deos guardar por sempre por sy, e por seus successores, que dahi em diante na Cidade, nem em seu termo nenhum nom uzasse de feitiços, nem legamentos, nem de chamar Diabos, nem de encantações, nem de obra de benzedeira, nem de caratolas, nem sonhos, nem lançar rodas, nem sortes, nem nenhuma outra cousa que a arte de fisica nom consente; e mais que nenhum nom cantasse *janeiras* nem *mayas*, nem outro nenhum mes do anno,

(1) «*Phylacterios* parece corresponder ao que chamamos *Nominas*; e os gentios usavam de *Phylacterios* e outras ligaduras, e escriptinhos supersticiosamente, e para este effeito os vendiam em publico em Roma, como entre nós se vendem as *veronicas*.» *Man. Bern. Nov. Florest. T. 3. p. 389.*

(2) *Pueris turpicula res in collo quædam suspenditur, nequid obsit bonæ scævæ causæ. Var. De Ling. Lat. L. 6.**

nem furtassem agoas, nem lançassem sortes, nem outra observança, que a tal feito pertença. E porque o carpir sobre os finados é costume deshonesto, e decende dos gentios, sendo uma especie de Idolatria defesa per Deus em seus mandamentos, porem ordenarom, que homem, nem molher, nom se carpisse, nem depenasse, nem bradasse sobre algum finado, posto que fosse padre, ou madre, nem filho, nem Irmão, ou marido, ou molher, nem por outra nenhuma perda, nem nojo, mas trouvessem seu doo, e chorassem honestamente, e quem o contrario fizesse, que pagasse certa pena de dinheiro, ou tivesse o finado oito dias em sua casa. E porque os costumes dos gentios se uzavaõ em certos dias do anno, assi como em dia de Janeiro, dia de Mayo, dia de Sancta Cruz, estabelecerom que cada anno por sempre fizessem tres procições por estes dias.» Fernão Lopes, Chron. de Elrei D. João 1.º Seg. Part. C. 41, p. 100 e seg.

Quando nos fallasse o testemunho de Strabão, o que acabamos de expôr fôra bastante para nos convencer de que *esquecidos da lingua patria, haviamos recebido e adoptado a latina*; — porque, uma vez demonstrado que tomámos a religião, os usos, os costumes, e até os proprios preconceitos dos romanos, não podia deixar de admitir-se que d'elles houvessemos tomado a lingua, como meio unico e reconhecidamente indispensavel de podermos effectuar uma tão substancial transformação em nosso modo de viver e de pensar.

Sem embargo de tantas e tam manifestas provas da procedencia da lingua portugueza, a qual vemos se formou da corrupção que na latina rustica produziu a successiva invasão dos suevos e arabes, principalmente a dos primeiros, que lhe viciaram muitas de suas formas, e lhe alteraram as desinencias dos vocabulos, sem, todavia, lhe extinguir o genio, que 'n ella devia ficar prevalecendo; porque, emfim, a lingua que salamos é o latim corrompido pelo germanico, e não o germanico, ou outro qualquer idioma, corrompido pelo latim: — sem embargo, dizemos, de todas as referidas

provas, que sempre reconheceram os varões mais doctos e benemeritos da mesma lingua, começou de apparecer a opinião de que o *celtico*, ou o idioma dos povos naturaes da *Spania* se não extinguiu com a dominação dos romanos; antes subsistindo a travez de todas as conquistas, é d'aquelle primitivo idioma que provém não só o portuguez, senão os varios dialectos em que actualmente se divide a lingua geral da Hispanha. — Esta idéa não tinha sequer o merito da originalidade; porque já anteriormente em França, ácerca da lingua franceza, italiana e hespanhola, escrevera o abbade Girard: — «Quando se observa a prodigiosa opposição que ha entre o genio d'estas linguas e do latim; quando se attende a que a etymologia prova sómente a adopção das palavras, e não a sua origem; e que estas sam acompanhadas de artigos, que não podiam tomar do latim, e diametralmente oppositas ás construcções transpositivas, e ás inflexões dos casos, não se pode dizer que, por algumas palavras tomadas do latim, sejam filhas d'elle.» Vrais Princ. Disc. 1 p. 27. — D'esta idéa, seguida e commentada depois por Beauzée, foi A. Ribeiro dos Santos o primeiro que entre nós deu rebate. — Seguiu-se-lhe seo discipulo, J. Pedro Ribeiro, que no T. 1.º das Dissert. Chronol. sustentou a mesma opinião. O terceiro e mais valente paladino, que na arena litteraria se appresentou a quebrar lanças pela origem cellica, foi o cardeal Saraiva que'n uma Memoria impressa no T. 12 das da Academia R. das Sciencias de Lisboa pretendeu provar que *a lingua portugueza não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.* — D'esta vez a asserção era solemne; e a Memoria appoiada em argumentos historicos, em provas grammaticaes, e, até mesmo revestida da auctoridade academica, havia mister refutada. — Um illustre philologo veio, com effeito, impugnal-a no erudito opusculo — *A lingua portugueza é filha da latina, ou refutação &c.* — Submettendo a Memoria ao exame da mais severa critica, desfez um a um todos os

argumentos de seo adversario, que se retirou da arena vencido, confuso, e profundamente desconceituado em seo credito litterario. — Depois de uma tam estrondosa derrota, ninguém, por certo, ousaria esperar que se repetisse o combate a favor da origem cellica. — Repetiuse, todavia; mas como se um campeão não bastasse, ou se não atrevesse a vir só á peleja, vieram dois a um tempo. — Foram estes, que mencionamos, dois socios do Conservatorio R. de Lisboa; os quaes 'n um opusculo, de que só deram á luz o primeiro fasciculo, intentaram provar, em resumo, que o cellico é a fonte genuina da lingua portugueza.

A opinião emittida pelos escriptores que temos referido, funda-se principalmente na difficuldade, que exaggeram, de poder qualquer povo abandonar a lingua vernacula para adoptar a de seos dominadores; e na manifesta opposição que pretendem encontrar na construcção e no genio das duas linguas, latina e portugueza.

Esta opinião fôra para deixar muito nas boas horas descansados e recreando-se 'n ella os que a professam e divulgam, se da sua propagação não resultasse um grave inconveniente e prejuizo. — Uma vez ignorada a verdadeira origem da lingua portugueza, de força havemos de ficar ignorando as duas partes essencialissimas da respectiva grammatica, quaes sam a *etymologia* e a *syntaxe*; isto é, havemos de ficar no caso de não saber os predicados da lingua que falamos. — E é 'n isto que fazemos consistir o mal. — O affirmar-se que na construcção e natureza d'ella se não dá analogia alguma com a do latim, prova já que em Portugal se começa a desconhecer o genio da lingua portugueza. (1)—Encontram-se,

(1) Aindaque na lingua vulgar se não empreguem hoje todas as formas da construcção latina, não é, todavia, possível deixar de reconhecer essas formas em nossas antigas escripturas, onde apparece a mais completa analogia de syntaxe.—Para prova citaremos o Epitaphio do Conde D. Sesnando, que se conserva 'n uma das paredes da Sé Velha de Coimbra, e que mostrando pela

na verdade, no latim algumas construcções de que não usamos em vulgar; mas, segundo o proprio Beauzée, cuja auctoridade, não recusarão, por certo, os defensores da origem celtica, *a analogia das idéas pode representar-se por caracteres mui differentes de uma lingua a outra.*

(1)— E sendo na analogia das idéas que realmente consiste a identidade do genio das linguas, não bastam, logo, algumas differenças de construcção para poderem depôr contra a identidade do genio da lingua latina e portugueza.

Como fôra, por outra parte, possivel que na lingua que hoje falamos se não dessem differenças de construcção relativamente ao latim; quando esta lingua deixando de falar-se ficou estacionaria, ao passo que a vulgar se aperfeiçoou e polliu, seguindo o desinvolvimento intellectual que se operou e do qual forçosamente havia de participar; — sendo certo que as linguas acompanham sempre o progresso ou o retrocesso ideologico e moral dos povos que as falam: — verdade que não é hoje permittido ignorar, e que já um dos maiores philosophos da antiguidade havia reconhecido, dizendo: *Onde quer que*

construcção ser trasladado de outro escripto em latim, está, contudo, no estilo e gosto de nossa antiga linguagem. J. Pedro Ribeiro, ao passo que não duvida da procedencia latina d'esta inscripção, confessa com bastante ingenuidade para um partidario do systema celtico, que *pela phrase* indica ser do tempo de D. João 1.º até D. Manuel. Vid. Dissert. Chron. T. 1.º p. 193, nota.

O referido Epitaphio é do teor seguinte:

Aqui jaz hum que em outro tempo foi grande varom
 Sabedor e muito eloquente e avondado e rico e agora
 He pequena cinza ençarrada em este moimento
 E com el jaz hum seu sobrinho dos quaes hum
 Era já velho e o outro mancebo e o nome do Tio
 Sesnando e Pedro avia nome o Sobrinho.

(1) L'analogie des idées peut être marquée par des caractères très differentes d'une langue à l'autre. Beauzée, Gram. Genér. T. 1. p. 492.

vejas agradar um discurso corrompido deves ter por certo que ali se percerteram os costumes. (1)

Observaremos, porém, que 'n essas mesmas construcções, que mais parecem divergir e discrepar pelas formas das suas correspondentes, se não oblitterou o genio da lingua romana; — porque a idéa typo que produziu as da oração latina se não perdeu e ficou conservando nas portuguezas.

Sabemos que todas as idéas metaphysicas foram formadas e nasceram das de objectos physicos que lhes serviram de prototypo, e pelas quaes as modularam os povos que as conceberam e exprimiram na linguagem. — As idéas d'estes objectos physicos e naturaes devem necessariamente ter uma origem, uma localidade, uma circumstancia, uma physionomia, emfim, certa, determinada e peculiar a cada povo a quem ellas serviram de norma. — Sam, pois, estas mesmas idéas primordiaes e typos, que, caracterisando as construcções de differente natureza, nos provam uma origem commum e a identidade do genio das duas linguas.

Dicemos no começo da presente introduccão que é um facto per si mesmo evidente ser a lingua portugueza filha da latina. — Não julgamos, na verdade, menos claras e convincentes as provas analyticas que 'n ella se encontram, e que nos mostram *à posteriori* a sua origem e procedencia, do que o sam as provas syntheticas que havemos referido, e que nos subministram os monumentos historicos. — Para d'isto nos convencermos, basta reparar no uso que a mesma lingua faz, não diremos já das palavras designativas das coisas de primeira intuição, mas das proprias particulas da lingua latina.

Se alguma coisa nos prova com evidencia ser a lingua portugueza filha da latina, é, sem duvida, o vemos que todas as preposições e conjuncções, que sam palavras

(1) Ubicumque videris orationem corruptam placere, ibi mores quoque à recto descivisse non erit dubium. Senec. Epist. 114.

elementares d'ella, proveem immediatamente do latim: porquanto nenhum homem de bom senso se poderá persuadir de que povo algum adoptasse as particulas de uma lingua que nunca houvesse falado e lhe fosse extranha; por serem as particulas uma especie de palavras cujo sentido se não alcança se não com o uso e frequencia de falar a lingua em que servem de estabelecer as relações e o nexa a todas as idéas, formando, por assim dizer, a parte metaphysica de que a mesma se compõe.

E não só a forma material das preposições e conjuncções, senão a força, o valor, e o sentido das mesmas, o emprego que teem na oração, e a maneira porque modificam os vocabulos, de que resulta *um certo modo de ver*, que propriamente constitue o genio da lingua, nos convince de ser a latina a origem e fonte primaria da portugueza.

Os que pretendem que *se não deve procurar o genio das linguas, e, por consequencia, a sua filiação e parentesco nos particulares vocabulos de cada uma, considerados separadamente, e sem a forma, ordem, e emprego que os faz servir á pintura e expressão do pensamento*, (1) não podem deixar de reconhecer no portuguez affiliação e o parentesco que tantos seculos lhe não disputaram; — porquanto os meios mechanicos que emprega para formar *a pintura e expressão do pensamento*, sam, de feito, os mesmos de que se serve a lingua latina; isto é, as mesmas palavras dispostas e ligadas com as mesmas preposições e conjuncções: de modoque, 'n esta especie de edificio, não só as pedras sam talhadas pelo *modulo romano*, senão tambem a mesma argamaça, que as conjuncta e liga, é da fabrica e composição d'aquelles sabios estractores; vindo, consequentemente, a architectura de todo o edificio a ter as proporções, a natureza e o gosto da romana.

(1) Sam palavras do cardeal Saraiva na Memoria em que pretende provar que a lingua portugueza não é filha da latina. Vid. Mem. da Acad R. das Scienc. de Lisboa, T. 12, p. 19.

Parece, porém, que tudo isto se não conhece já em nossa terra, onde, contestando-se a verdadeira origem da lingua portugueza, se lhe negam junctamente as propriedades que possui, e em cuja exacta observancia consiste o principal merito de nossos auctores classicos; propriedades em si mesmo importantissimas, e que não fôra, aliás, possivel ignorar, sem patentear uma perfunctoria deficiencia de conhecimentos ideologicos e um grande atraso de desinvolvimento intellectual. (1)

Estas considerações não podiam deixar de nos conduzir a outras muitas sobre o quanto entre nós se acham pouco cultivados os estudos analyticos e philologicos; sendo para lastimar que até hoje não apparecesse um só auctor que curasse de investigar e descobrir as causas racionais das varias formas da lingua portugueza; d'onde provém serem actualmente desconhecidas quasi todas essas formas, e, ainda mais, ignorar-se o espirito que as dictou.

Eis o que nos suggeriu a idéa da presente obra.

Todavia, adstrictos ás minuciosas prescripções do serviço militar, nunca houveramos commettido tão ardua empresa, se não foram os acontecimentos politicos de 1846 e o ominoso protocollo que se lhes seguiu, em consequencia dos quaes passámos a ser collocados em disponibilidade do mesmo serviço. — Esta situação nos trouxe o remanso e os ocios de que assás carecia nosso espirito, profundamente agitado no confuso revolver de uma vida attropelada. — Foi então que entregues a um estudo consciencioso e severo, em que nos cumpria compulsar livrarias inteiras, podémos traçar as primeiras paginas do Genio da Lingua Portugueza, do qual só haviamos concebido o projecto.

(1) Diz Condillac: — «Se uma lingua tem poucas palavras, é signal de que a nação dos que a falam tem poucas idéas; — e se a significação das palavras é mal determinada é signal de que as idéas dos que a falam são confusas. Cours d'Etud. T. 6.º p. 264.

Exposto, como fica, o motivo que nos demoveu á composiçãõ da presente obra, passaremos a tractar do que 'n ella se contém.

A particular tendencia com que a lingua patria busca seguir certas e determinadas formas em seos diferentes modos de exprimir: — as causas d'aquella tendencia: — e a explicaçãõ analytica e philologica de todas as referidas formas, sam o principal objecto que nos havemos proposto.

Para conseguir o indicado objecto começãmos por determinar a lei da corrupçãõ pela qual o latim se converteu em portuguez; lei systematica que, dando-nos a razãõ de muitas formas da lingua, nos offerece ao mesmo tempo uma das mais pronunciadas feições que singularmente a characterisam.

Os exemplos que apresentamos das diferentes especies d'esta corrupçãõ, além de poderem servir de exercicio etymologico, exhibem a origem de um grande numero de vocabulos, cujas raizes teem sido até hoje desconhecidas dos mais celebres etymologistas e lexicographos.

Para achar a origem dos dictos vocabulos, que immediatamente nos vieram do latim corrupto da idade media, foi-nos mister recorrer aos documentos d'aquella epocha, colligidos em paizes estrangeiros, os quaes não sam, por certo, os mais proprios para interpretar o portuguez. — Os nossos, dispersos e sumidos nos diferentes cartorios do Reino, difficilmente se alcançam. — Fomos, pois, 'n esta parte, grandemente contrariados pela falta de um corpo de documentos latino-barbaros, que em nenhum caso pode ser supprido pelos poucos que se encontram nas Dissertações Chronol. de J. Pedro Ribeiro.

As desinencias ou terminações, fazem parte essencialissima da lingua. — Sam palavras mais ou menos contractas, junctas ás raizes dos vocabulos para lhes modificarem o valor. — Sem o conhecimento do sentido e força de todas as desinencias, não é possivel obter a ex-

acta significação dos vocabulos, embora se conheçam as raizes dos mesmos. — Tanto estas, como as preposições, diz Court de Gebelin, constituem uma das grandes chaves da sciencia etymologica. — Por outra parte, sam as desinencias dos vocabulos um dos mais notaveis caracteristicos do genio da lingua portugueza, e em que a mesma ostenta uma riqueza e variedade como outra nenhuma possue. — Mas nada se havia escripto em vulgar ácerca de tam importante objecto; o que prova o grande atraso em que entre nós se teem conservado até agora os conhecimentos philologicos. — Tornou-se-nos, por tanto, indispensavel, encetar o arido e difficil estudo d'esta especie de palavras, cuja origem e significação não foi sem atturadas locubrações que conseguimos interpretar.

As desinencias que, como fazemos ver, sam todas palavras latinas, postoque ligeiramente alteradas nas formas, não perderam as accepções que lhes sam proprias convertendo-se em portuguez; — antes discriminadas e mantidas essas accepções pelo genio da lingua passaram a compôr uma infinidade de vozes com que a mesma lingua se locupletou. — E' particularmente nos *augmentativos* e *collectivos* que apparece uma riqueza e profusão de que facilmente se poderá formar idéa pelo specimen que produzimos, e em que debalde quizera disputar competencia a propria lingua dos romanos.

A theoria que estabelecemos sobre o artigo é inteiramente nova. — Por e'la se vê que o chamado artigo não é mais do que um *adjectivo determinativo*, tomado de outro latino.

Nos verbos, tractámos com particu'ar empenho de explicar a composição de todas as formas das conjugações em seos diversos modos e tempos; confrontando cada uma das dictas formas com a sua correspondente na lingua latina, e fazendo ver a identidade de idéas que representam.

Sobre a composição dos verbos latinos refutámos o

systema de Constancio, como evidentemente falso e destituido de critica.

A classificação dos tempos dos verbos acha-se errada nas grammaticas da lingua latina, d'onde procede termos igualmente errada e defeituosa a mesma classificação na grammatica da lingua portugueza. — Entendemos, porém, dever pretermittir esse ponto; não só por ser objecto alheio a nosso proposito, senão porque tal assumpto foi já devidamente tractado por Beauzée.

Os adverbios latinos teem tão variadas formas que fôra, certo, impossivel esperar que atravessassem os seculos da mais grosseira barbarie sem nos chegarem horriavelmente deturpados. — Veremos, porém, que as alterações que experimentaram não foram taes que os tornassem inteiramente desconhecidos, e a ponto de devermos attribuir-lhes uma origem differente.

Muitos, em verdade, não passaram para o portuguez, em razão de sua difficil pronunciação; mas é de notar que foram substituidos por equivalentes, formados com os subsidios da herança materna; como quem achando-se em apuros quer antes aproveitar o que lhe é proprio do que soccorrer-se ao alheio. — Alguns tornaram-se obsoletos, e só se acham em nossos antigos documentos; porém sem difficuldade podem interpretar-se, por serem essencialmente latinos. — Embora se diga que o *latim era o non plus ultra dos etymologistas*; — que *estes dominados de anticipada opinião não viam outra coisa mais que o latim*; (1) porque, de cabo, é a elle que havemos de recorrer, se quizermos alcançar o verdadeiro sentido das palavras, desd'o nome até a menor particula.

Investigando o quanto 'n esta parte o portuguez tem de commum com o latim, a contar dos tempos mais remotos de que nos foi possivel alcançar noticia, e em que

(1) Vid. a citada Memoria em que se pretende provar que a lingua portugueza não é filha da latina. Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, T. 12, p. 28 e 34.

as duas linguas quasi se confundem, (1) exporemos

(1) O que acabamos de expender é o contrario do que assevera J. M. da Costa e Silva no T. 1.º do Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores poetas portuguezes, onde, transcrevendo varias poesias do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, diz a pag. 56:

«Quanto mais antigos sam os documentos que examinámos, mais evidente se torna o mui chegado parentesco que nossa lingua mostra com a franceza, postoque seja possivel que esses vocabulos nos venham da lingua celtica; mas seja como fôr, o facto existe, pois alli encontramos *alleur*, que é indubitavelmente o *ailleurs* dos francezes; *ca* que é o *car*; *ren* que corresponde a *rien*; *sen* que é o *sens*; *ben* que está mais proximo do *bien* dos francezes que do *bonum* dos latinos; *leixar* que conserva todas as feições de *laisser*; *u* ou *hu*, adverbio de logar, é exactamente o *où* de que usam os francezes; *paor* e *peur* sam primos co-irmãos; *trop* acha-se em alguns escriptos do seculo XIII.»

Em primeiro logar observaremos que o mui chegado parentesco que nossa lingua mostra ter com a franceza sôra em nossos dias que o A. do Ensaio de vera achal-o, se é que da introducção de vocabulos francezes pretendeu deduzir esse parentesco: o que nos não parece accreditavel; porque 'n outra parte diz que *a prova de que uma lingua é filha de outra está mais na semelhança da syntaxe que na da prosodia.* (*)—Quanto aos vocabulos que julga serem francezes, ou da lingua celtica, entendemos que sam latinos—*Alleur*, ou, como hoje dizemos, *alhures*, é semelhante a *ailleurs*; mas tanto um como outro provém do latim *aliubi*, formado de *alio* e *ubi*; *ca* e *car* francez, teem origem em *quare* latino; *ren*, visivelmente mal escripto, porque de vera ser *rem*, é o accusativo de *res*, a coisa.—Se recorreremos aos versos de que esta palavra faz parte, acharemos o sentido de coisa, e não o do *rien* dos francezes:

E pero soo certam
Que me queredes peor que outra rem.

Já se vê que *rem*, ou bem ou mal, rima com *certam*, o que nos dá a forma que exactamente deve ter.

Senhor, se oje eu sei ben
Que semelho o vosso al rem.

Alrem é contracção de *algorrem*, i. é. alguma coisa, como se encontra em Gil Vicente, e em outros AA. mais antigos:—por tan-

(*) Ensaio Biographico-Critico supracitado, p. 29.

não só o que de então para cá se ficou conservando, senão a maneira porque se ficou conservando, que é o ponto sobre que fizemos nosso principal estudo.

Quanto ás preposições, diremos que fomos summamente minuciosos 'n esta parte da lingua, pelo extraordinario numero de accepções que comportam e com que

to, *ren* ou *rem*, é o *rem* dos latinos, e não o *rien* dos francezes, com quanto este provenha da mesma origem. (*)

Sen, diz o A. que é o *sens* francez. E porque não será o *sensus* latino de que ambos veem por contracção?

Ben, com quanto esteja mais próximo do *bien* dos francezes que do *bonum* dos latinos, tambem está mais proximo do *benè* d'estes que do *bien* d'aquelles. Vejamos o exemplo :

Senhor, se oje eu sey *ben*
Que semelho o vosso en *ren*.

Ben é aqui adverbio, e não devemos ir procurar-lhe a origem no substantivo *bonum*, senão no adverbio *benè*.

Leixar parece-se, na verdade, com o *laisser* dos francezes, assim como tambem com o *lasciare* dos italianos; mas a origem de todos tres está na palavra latino-barbara *lassare*, composta de *laxum agere*, á letra fazer laxo, affrouxar, que na baixa latinidade valia por *demittere sinere*. Vid. Du Cange, Gloss. ad Scrip. Mediæ et Inf. Latinit.

U, adv. de lugar, é exactamente o *où* de que usam os francezes; mas tambem a raiz de ambos está no adv. latino *ubi*.

Paor e *peur* diz o A. serem primos co-irmãos.—*Paor*, *peur* e *paura* italiano, teem todos a mesma origem; mas *paor* deriva se antes do *pavor* latino, que do *peur* francez.

Finalmente, *trop*, que o A. diz ter achado 'n alguns documentos do seculo XIII, e ser o mesmo que o *trop* francez, é tambem o *troppo* italiano, e pode derivar-se sem grande esforço do latim *turba*, que significa *multidão*, e traz a idéa de *grandeza*, *força* e *intensidade*.

(*) Court de Gebelin diz na Gram. Universal que *rien* vem do latim *rem*.—O Presidente de Brosses não só assevera isto mesmo, senão ainda adeanta mais, porque lhe ajuncta a explicação.—Ouçamos este ultimo :

«*Rien* signifie précisément quelque chose. On ne l'emploie en sens contraire que parceque l'on fait toujours preceder une négative. Non habeo rem. Je n'ai rien. Traité de la Formation Mech. des Langues, T. 2.^o p. 403 et suiv.

fazem variar a significação dos verbos e nomes a que se junctam ; — postoque as modificações que ás vezes lhes communicam não passem de tenues accessorios.

Querem muitos grammaticos e lexicographos, tanto latinos como portuguezes, que varios verbos e nomes compostos com certas preposições tenham o mesmo valor e força que quando não sam acompanhados das referidas preposições. — E' um erro manifesto. — Pode algumas vezes prescindir-se da idéa accessoria que as preposições lhes fazem indicar ; mas é certo que o verbo, ou o nome simples não quer dizer tanto como o composto.

Parece que esta opinião provém de não terem os referidos auctores sabido todas as accepções das preposições : o que é consequencia de haverem ignorado a origem e significação primaria de cada uma.

E' por isto que empregámos os possiveis esforços por descobrir as origens e raizes de todas as preposições ; trabalho que não foi, por certo, o menos espinhoso d'esta obra, e em que mais de uma vez nos vimos desajudados e faltos de todos os recursos ; porque os melhores grammaticos da lingua latina, bem como os mais insignes philologos, desde Varrão até o celebre Presidente de Brosses e o proprio Court de Gebelin, ou nada dizem ácerca d'este assumpto, ou o que dizem é vago, limitadissimo e não satisfaz. — Julgámos, comtudo, não nos podermos dispensar de emprehender tam ardua tarefa ; afim que, do sentido proprio e genuino de cada uma d'aquellas palavras, podessemos deduzir uma serie de idéas que successivamente nos fosse dando as diversas significações com que as vemos figurar na oração. — Este methodo de *deduções*, que imaginámos, e que nos parece não só philologico, senão tambem philosophico, explica de um modo claro e natural toda a syntaxe de regencia tanto da lingua portugueza como da latina, e tem, de mais, a vantagem de poder mneumonisar-se, em razão de ser figurada a primeira idéa que attribuimos a cada uma das preposições.

Parece-nos ter descoberto a origem, e, portanto, a verdadeira significação de todas as preposições; — mas quando nossos esforços tenham sido baldados a respeito de algumas, prezamo-nos, comtudo, de lhes haver dado um sentido tal que d'elle, sem esforço algum, provém a dedução de idéas que tiramos e com que rigorosamente satisfazemos a todos os casos que se dam.

Como as preposições denotem, pela maior parte, idéas de *espaço* e *tempo* e as de certas *relações* que estão intimamente ligadas e sam dependentes das de mathematica, não perdemos de vista esta sciencia; afim de explicar as que lhes sam relativas; como v. gr. as de *extensão*, *movimento*, *duração*, *repetição*, *movimento de um ponto de partida*, &c.

O que escrevemos sobre as preposições, com quanto não seja uma obra completa e tam perfeita quanto julgamos susceptivel de fazer-se, pode, comtudo, supprir um tractado sobre este objecto, de que tanto se carecia em portuguez.

As interjeições, propriamente dictas, não podem caracterisar o genio de nenhuma lingua; porque pertencem geralmente a todas. — Sam gritos naturaes, indicativos de dor, ou de alegria, do mesmo modo que nas aves e nos quadrupedes: e por este motivo, entende Sanches, que taes gritos não devem reputar-se partes da oração (1)

Exceptuando, pois, as referidas interjeições, que, aliás, sam limitadissimas, tractámos só das arbitrias e de pura convenção, que, postoque designativas dos mesmos affectos do animo, sam, comtudo, differentes em cada povo.

Conhecidas estas em sua verdadeira etymologia, concorrem ainda para nos mostrar qual seja 'n esta parte o genio da lingua portugueza.

Com effeito, as que temos d'esta especie, á excepção da unica *oxalá*, proveniente do arabe, nos advieram

(1) Vid. Minerv. L. 1. C. 2.

todas do latim ; o que prova incontestavelmente ter sido entre nós vulgar a lingua dos romanos ; porque 'n um momento de sobrepreza, de ira, de alvoroço &c. as vozes que naturalmente soltamos não sam nunca as de uma lingua extranha, senão as d'aquella que nos é familiar e em que usualmente nos explicamos.

Muitas das referidas interjeições proveem de adverbios e nomes latinos, que empregamos como vozes interjectivas : — note-se , porém , que não depõe isto contra a procedencia que attribuimos ao portuguez ; porque, no proprio latim , muitas interjeições sam egualmente reconhecidas como adverbios, e até mesmo como nomes. (1)

Parêceu-nos dever completar a presente obra com um breve ensaio sobre o genio imitativo da lingua portugueza, no qual fazemos ver o quanto a mesma lingua, em razão das propriedades imitativas que possue, se presta a produzir os grandes resultados da mais perfeita elocução.

Os amadores de Camões folgarão , sem duvida, de encontrar na curiosa analyse, a que procedemos, inesperadas bellezas d'este genero, que até hoje se occultaram a todos os commentadores dos Lusiadas.

O ensaio, ou bosquejo, de que falamos, forma um tractado succinto, mas unico no referido genero, em que nada possuíamos em vulgar.

Addicionámos, por ultimo, á presente obra um *Indice das palavras* para soccorro dos estudiosos, afim de poderem achar de prompto as que houverem de consultar.

(1) Vid. Vossio, *Grammat.* p. 169, e Perizonio nas notas á *Minerv.* de Sanches, p. 17, nota 7.

Some of the most important points of the
policy are: (1) to ensure that the
country is self-sufficient in food and
other essential commodities; (2) to
develop a strong industrial base; (3) to
improve the living standards of the
people; (4) to maintain peace and
unity in the country.

The Government has taken several steps
to achieve these objectives. It has
increased the production of food grains
and other essential commodities by
encouraging the use of modern
agricultural machinery and fertilizers.
It has also established a number of
industries to produce goods and
services which are essential for the
country's development.

In addition, the Government has
taken steps to improve the living
standards of the people. It has
increased the minimum wages of
workers and has provided a number of
social services such as health care,
education and housing. It has also
taken steps to maintain peace and
unity in the country.

The Government is confident that
these steps will lead to the
achievement of its objectives. It
will continue to take steps to
improve the living standards of the
people and to maintain peace and
unity in the country.

GENIO

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

PARTE PRIMEIRA.

DA PALAVRA DECLINAVEL.

TITULO I.

DO NOME EM GERAL.

CAPITULO I.

NOÇÕES PREVIAS. — CHARACTERISTICOS DOS VOCABULOS PORTUGUEZES.

PARA ter idéa das formas distinctivas dos vocabulos portuguezes, da qual depende o conhecimento geral da lingua, cumpre-nos observar não só a decadencia e corrupção da latina, de que os mesmos vocabulos se formaram, senão o *modo* porque tal decadencia e corrupção se operou; por quanto a haver-se corrompido o latim *por um certo modo*, e não por outro, devem os referidos vocabulos as formas que lhes sam proprias, e que particularmente os distinguem.

Confrontando, pois, a lingua latina com a portugueza, e procurando conhecer o modo porque aquella degenerou e se converteu 'n esta, acharemos que na maior parte das alterações que soffreram seos vocabulos, assim na troca de umas em outras letras, como na formação das novas desinencias, se dá certa *regularidade* que é, sem duvida, o *primeiro caracteristico* que assignala o genio da lingua portugueza.

Já Duarte Nunes do Leão 'n um pequeno volume que compoz com o titulo de *Origem da Lingua Portugueza*, observara que uma das causas da corrupção dos vocabulos latinos era devida á troca uniforme de umas em outras letras, dando-nos alguns exemplos d'essa troca; — porém, seo trabalho foi de tal modo limitado e imperfeito que não nos pode dispensar de que entremos agora com mais minucioso exame na curiosa analyse d'este objecto; não só por ser conducente a nosso proposito, se não porque uma vez determinada e sabida a lei da corrupção, fica subsequentemente aberta a porta a um grande numero de etymologias.

LEI DA CORRUPÇÃO.

Transmutação de umas em outras vogaes.

As vogaes trocam-se quasi todas entre si; (1)— mas

(1) A mudança de umas em outras vogaes é frequente na propria lingua latina, onde podemos apontar innumeraveis exemplos d'estas transmutações: v. gr. *aptus* muda o *a* em *e* em *ineptus*; *annus* em *perennis*; — *ratus* muda o *a* em *i* em *irritus*; *amicus* em *inimicus*; — o verbo *salio*, *is* faz a mesma mudança no composto *subsilio*, *is*; *cado*, *is*, em *incido*, *is*, etc.

As vogaes *a* e *i* convertem-se tambem nas seguintes *o*, *u*; por ex. *salsus* muda o *a* em *u* em *insulsus*; *capio*, *is* faz a mesma mudança em *aucupo*, *as*, composto de *aves capio*; *salto*, *as* em *resulto as* etc. — porém esta mudança é menos frequente; porque as primeiras letras parecem formar uma escala natural, differente da que formam as segundas; como já notou um dis-

ha mudanças a que a lingua naturalmente se presta, e que, por isso, se fizeram em grande numero; ao passo que das outras não ha senão alguns exemplos

A em E.

Anguilla enguia, *asparagus* espargo, *sartago* sertan, *Tagus* Tejo &c.

A em O.

Fames fome, *crassus* grosso, *ceratum* ceroto, *farra-go* forragem, *pallor* bollor.

Au muda-se geralmente em Ô, ou Ou.

Aurum ouro, *thesaurus* thesouro, *maurus* mouro, *raucus* rouco, *taurus* touro, *autumnus* outomno, *laudare* louvar, *audire* ouvir, etc.

E em A.

Lacertus lagarto, *ebenus* ebano, *regina* rainha, *jentaculum* jantar.

E em I.

Denarius dinheiro, *debitum* divida, *ren* rim, *esca* isca, *pergamenum* pergaminho.

N. B. As mudanças do E em A, ou em I sam pouco usuaes.

I em A.

Balance (abl. de *bilanx*) balança, *pampinus* pampino, *cubitus* covado.

Esta mudança é das mais raras, e, além dos exemplos citados, poucos mais se darão.

tincto poeta a quem apreciamos não só por seo abalisado talento, e muito saber em diversos ramos de litteratura, senão tambem pela amizade que nos liga desd'os primeiros annos da juventude. — Falo do sr. A. Feliciano de Castilho, o qual, com a sagacidade que lhe é propria, fez a referida observação, que muito nos apraz de exarar aqui pelas proprias palavras de seo A.

«Assim como do *a* forte se descae com a voz até ao *a* fraquissimo, assim do *a* fraquissimo se cae, por uma transição facil, para o *e* forte, e d'este para o menos forte, e do menos forte para o fraquissimo, que já no ouvido se confunde com o *i*; pelo que me parece que o *a*, o *e*, e o *i* constituem uma escala natural, como o *o* e o *u* constituem outra» Tract. de Metrif. Portug. p. 65.

I em E.

Littera letra, *infirmus* enfermo, *cista* cesta, *sitis* sede, *virga* verga, *capillus* cabelo, *crispus* crespo, *niger* negro, etc.

E' das trocas mais frequentes e geraes.

O em A

Raras vezes se muda v. gr. *locusta* lagosta, *navicula* navalha.

U em O.

Bucca bocca, *tussis* tosse, *lumbus* lombo, *turdus* lordo, *musca* mosca, *lupus* lobo, *truncus* tronco, *furnus* forno, *puppis* poppa, *unda* onda, *mundare* mondar, etc.

E' mudança frequente e em que se notam poucas excepções.

Resumindo, acharemos tres mudanças de vogaes que geralmente se dam na passagem do latim para o portuguez: a saber de *au* em *ô* ou *ou*, (1) — de *i* em *e* — e de *u* em *o*.

Transmutação de umas em outras consoantes.

A transmutação das consoantes foi geralmente effectuada entre as que pertencem aos mesmos órgãos vocaes. (2) — Todavia, não deixa de haver exemplos de transmutações feitas entre as que pertencem a órgãos diferentes.

(1) Cumpre-nos aqui notar que os proprios romanos propendiam a trocar o *au* em *o*; facto este de que nos dá testemunho Festo, dizendo: *Orata*, genus piscis, appellatur a colore auri, quod rustici *orum* dicebant, ut *auriculas* *oriculas*. L. 2, C. 13.

Vê-se, pois, que os rusticos diziam *orum* em vez de *aurum*, e *oriculas* em vez de *auriculas*.

(2) As consoantes, formadas pelos mesmos órgãos vocaes, de que provém chamarem-se tambem letras semelhantes sam:

Guturales.	Q, Gu.
Linguales.	C, S, Z, G, J, X.
Linguo-palataes.	R forte, R brando, L, Lh, N, Nh.
Linguo-dentales.	D, T.
Dento-labiales.	F, V.
Labiales.	B, P, M.

— Como, porém, a troca que se executa entre as letras semelhantes seja a mais uniforme, assim como tambem a mais natural, é ella que nos dá a principal norma d'esta especie de transformações, e nos mostra, por isso, o genio da lingua.

B em V.

Arbor arvore, *liber* livro, *fabula* fava, *fibula* fivela, *sorbum* sorva, *albus* alvo, *scribere* escrever.

C em G.

Camella gamella, *ficus* figo, *muscus* musgo, *formica* formiga, *verruca* verruga, *secretum* segredo. *amicus* amigo, *lacus* lago, *spica* espiga, *acutus* agudo, *decollare* degollar.

E' troca frequente, e a que muito propende a lingua.

C em P

Muda-se raras vezes. *Cardeus* pardo, *sacellum* capella etc.

C em Q.

Caseus queijo, *porcarius* porqueiro, *calente* (abl. de *calens*) quente, *crepare* quebrar etc.

C em Z.

Lucerna luzerna, *judicium* juizo, *december* dezembro, *buccinum* buzio, *vacuus* vasio, *acetum* azedo, *inducere* induzir, *jacere* jazer.

E' troca mui geral.

Cl em Ch.

Clavis chave, *clavicularius* chaveiro, *clamare* chamar etc.

D em J

Muda-se algumas vezes: *invidia* inveja, *desiderare* desejar.

D em Z

Tambem algumas vezes se muda: *gaudium* gozo, *gaudere* gozar, *præda* preza, *tondere* tozar.

O *d* é uma das letras que a lingua tende a supprimir, alterando assim muitas dicções latinas; v. gr. *gra-*

du gráo, *judicium* juizo, *modius* moio, *radius* raio, *fastidium* fastio, *hedera* hera, *radix* raiz, *sudor* suor, *sudatorius* suadouro, *medium* meio, *vadus* váo, *sedes* sé, *faedus* feio, *nudus* nu, *crudelis* cruel, *viduus* viuvo, *undecim* onze, *duodecim* doze, *tredecim* treze, *credere* crer, *videre* ver, *redimere* remir etc.

F em B

E' mudança que poucas vezes se dá : *furamen* buraco, *fremere* bramir.

F em V.

Com quanto sejam lettras semelhantes, é mudança que tambem raras vezes tem logar; v. gr. *aurifex* ourives, *profectus* proveito.

Fl em Ch.

Flamma chamma, *inflatio* inchação, *inflatus* inchado, *inflare* inchar, *flammigare* chammejar.

Fl em Pr

Raramente se trocam; v. gr. *sufflare* soprar.

G em Z

Poucas vezes se muda : *heresia* herezia, *frangere* franzir.

Gn em Nh.

Agnus anho, *lignum* lenho, *magnus* manho, *pugnis* punho, *prægnas* prenhe, *imprægnare* (lat. barb.) empenhar.

A lingua tende geralmente a supprimir o *g* no meio das dicções latinas; v. gr. *ego* eu, *fagus* faia, *frigus* frio, *digitus* dedo, *magis* mais, *magister* mestre, *corrigia* correia, *navigium* navio, *regina* rainha, *sagus* saia, *vagina* bainha, *rugitus* ruído, *viginti* vinte, *triginta* trinta, *legere* ler etc. (1)

(1) 'N uma obra recente (*Pompeia décrite et dessinée* par Ernest Breton, Paris, 1853) achamos a pag. 290 a inscrição = *Da Fridam Posillum* = e devendo ser *Frigidam* em vez de *Fridam*, observa o A. que as inscrições de Pompeia offerecem mais de um exemplo da omissão d'esta especie de syllabas. — D'aqui se torna claro que a omissão da referida syllaba era vulgar entre os proprios romanos.

L em R.

Clavus cravo, *gluten* grude, *lilium* lirio, *blitum* bre-do, *plaga* praga, *blandus* brando, *flaccus* fracco, *duplum* dobro, *duplare* dobrar.

Antigamente dizia-se *craro*, *cramor*, *incrinação*, *praneta*, *exemplo*, *simpres*, *pubrico*, *infruencia*, etc. porém todos estes vocabulos, depois de assim corrompidos se restituíram a seo primitivo ser.

L em Lh.

Galla galha, *auricula* orelha, *lenticula* lentilha, *pa-lea* palha, *cochleare* colhér, *ervilia* ervilha, *mulier* mulher, *alienus* alheio, *curculio* gurgulho, *melior* melhor, *milium* milho, *folium* folha, *alium* alho, *julius* julho, *oculus* olho, *speculum* espelho, *coagulum* coelho, etc.

N. B. A frequente supressão do *l* contribuiu tam-bem para a corrupção de muitos vocabulos latinos; como se vê em *coluber* cobra, *palumba* pomba, *macula* magoa, *culmen* cume, *palus* páo, *velum* veo, *tabula* taboa, *salute* (abl. de *salus*) saude, *voluntate* (abl. de *voluntas*) vontade, *pala* pá, *tela* tea, *malus* mão, *salutare* saudar, *vigilare* vigiar, etc.

N em Nh.

Farina farinha, *castanea* castanha, *linea* linha, *ara-nea* aranha, *vinea* vinha, *cuneus* cunha, *calcaneum* calca-nhar, *sardinia* sardinha, *ciconia* cegonha, *ingenium* enge-nho, *catinus* cadinho, *linum* linho, *stannum* estanho, *vi-num* vinho, etc.

A supressão do *n* foi tambem outro meio de cor-rupção com que muitas dicções latinas passaram para o portuguez: v. gr. *ansa* asa, *strena* estrea, *persona* pessoa, *faemina* femea, *moræna* morea, *catena* cadea, *frænum* freio, *mensa* mesa, *moneta* moeda, *sinus* seio, *sponsa* esposa, *ge-nista* giesta, *cæna* ceia, *lacuna* lagoa, *corona* coroa, *men-sis* mez, *geminus* gemeo, *luna* lua, *vena* vea, *terminus* ter-mo, *balea* balea, *tenor* teor, *donare* dar, *monstrare* mos-trar, *ponere* pôr, *nominare* nomear, etc.

P em B.

Capra cabra, *lupus* lobo, *vipera* vibora, *lepus* lebre, *napus* nabo, *cupa* cuba, *sepes* sebe, *pauper* pobre, *aprilis* abril, *sapor* sabor, *superbia* soberba, *opera* obra, *cooper-tus* coberto, *duplum* dobro, *duplare* dobrar, *sapere* saber, etc.

P em V

E' mudança que poucas vezes tem logar: *populus* povo, *papilio* pavilhão.

Pl em Ch.

Plaga chaga, *planus* chão, *plenus* cheio, *plumbum* chumbo, *pluvia* chuva, *pluviosus* chuvoso, *plorare* chorar, *implere* encher.

Q em C.

Quinque cinco, *squama* escama, *torquere* torcer.

Q em G.

Aquila aguia, *equa* egua, *agua* agua, *æqualis* equal, *antiquus* antigo, *aliquis* algum, *sequi* seguir, *consequi* conseguir, etc.

S em J.

Caseus queijo, *cerasum* cereja, *ecclesia* egreja, *cisium* ceje, *cervisium* cerveja, *basium* beijo, *faselus* feijão.

S em X

Muda poucas vezes: *crassa* graxa, *vesica* hexiga, *as-sula* acha (de lenha) *inserere* inxerir.

Sc em X.

Fascia faxa, *piscis* peixe, *masculus* maxo, *fascis* feixe, *miscere* mexer, etc.

T em C.

Puteum poço, *lapathum* labação, *platea* praça, *cupi-ditas* cubição, *capite* (abl. de *caput*) cabeça, *captare* caçar, etc.

T em D.

Catella cadella, *coturnix* codorniz, *hospite* (abl. de *hospes*) hospede, *maritus* marido, *fatum* fado, *rota* roda, *metus* medo, *pratun* prado, *aratrum* arado, *vitrum* vidro,

retis rede, *vita* vida, *petra* pedra, *sitis* sede, *mutus* mudo, *amatus* amado, *auditus* ouvido, etc.

E regra geralmente seguida.

T em Z.

Nobilitas nobreza, *ratio* razão, *dexteritas* destreza, *paupertas* pobreza, *stupiditas* estupidez, *firmitas* firmeza, *claritas* clareza, etc.

T precedido de c, ou p, muda-se em It.

Factum feito, *lectus* leito, *pectus* peito, *nocte* (abl. de *nox*) noite, *conceptus* conceito, *rector* reitor, *respectus* respeito, *octo* oito, *lacte* (abl. de *lac*) leite, *secta* seita, *recepta* receita, *strictus* estreito, *coctus* coito ant., *luctum* loito ant., *actus* ailo ant. (1)

V em B.

Vagina bainha, *vallus* baia, e poucos mais.

V em F

Poucas vezes muda, não obstante serem letras semelhantes: *vitta* fita, *ovans* ofano, etc.

Reduzindo agora ás principaes todas as transmutações de consoantes que se effectuam na passagem do latim para o portuguez, acharemos as seguintes: *c* em *g* e *z*, — *l* em *lh*, — *n* em *nh*, — *p* em *b*, — *t* em *d*.

Depois d'isto a suppressão das consoantes *d*, *g*, *l*, *n*.

A lingua portugueza, essencialmente doce e harmoniosa, repugna admittir syllabas gutturaes e aspiradas, no que notavelmente se distingue da castelhana, que ficou conservando muitas d'estas syllabas nos vocabulos que recebeu dos arabes. — Pelo contrario, a todas as palavras tomadas da lingua d'estes, em que havia o *h* aspirado, nós o mudámos em *f*, para lhe evitar o som guttural e aspero, como se vê nos seguintes vocabulos:

Alhorria alforria, *almohassa* almofaça, *alchayat* alfaia-le, *tarefa* tarefa, *almohrés* almofariz, *sahario* safaro, *az-*

(1) Este nome conserva-se ainda hoje 'n algumas povoações da ilha de S. Miguel, onde costumam representar-se entre-mezes, ou farças populares, com o titulo de *Aitos* (Actos) e no gosto dos de Gil Vicente.

zahma azafama, *rahen* refens, *attahuna* atafona, *alcharrub* alfarroba, *alchzama* alfazema, *athelua* alfeloa, *Arrahana* Arrifana, villa, *Alboheira* Albofeira, outra villa, etc.

A outros suprimimos a aspiração, ou a mudámos 'n alguma syllaba harmoniosa: v. gr. *alhasan* alasão, *alcharxufa* alcaxofra, *almohaceb* almotacé, *maciho* macio, *alejamã* aljemas, *lofaha* lofada, etc.

No mesmo latim mudámos *habitus* em fato, e *hasta* em facha, mudança que, por certo, não é contraria ao genio da lingua; pois que os proprios romanos converteram *horda* em *forda*, *homine* em *sæmina*, (1) *hilum* em *filum*, (2) etc.

Sabida a troca das letras semelhantes, a qual, como já dicemos, não é mais que a transmutação de umas em outras inflexões dos mesmos órgãos vocaes, torna-se menos difficultoso conhecer a identidade de muitos vocabulos, que á primeira vista nenhuma relação parecem ter. Todavia, as regras que acabamos de mencionar não sam tam geraes que não soffram numerosas excepções: e muitas vezes, ao passo que se effectuam, se dam ainda outras alterações; porque a corrupção se operou por muitos modos differentes, a saber: — *por transmutação de letras semelhantes*; — *por transmutação de letras não semelhantes*; — *por syncope, ou suppressão de letras e mesmo de syllabas*; — *por transposição de letras, ou de syllabas*; *por augmento de letras, ou de syllabas*; *por augmento e diminuição de letras, ou de syllabas*. — O que tudo nos parece conveniente mostrar nos exemplos que passamos a transcrever, e que podem servir para habilitar nossos leitores sobre os differentes modos de chegar á origem e verdadeira significação das palavras.

(1) Vid. Court de Gebelin, Monde Primitif, Orig. Alleg. p. 39.

(2) *Filum*, quod minimum est *hilum*. Varro, DeLing. Lat. L. 4.

CAPITULO II.

APPLICAÇÃO ÁS REGRAS PRECEDENTES.

ARTIGO I.

Corrupção por transmutação de letras semelhantes.

ABONDO, ant.

Lat. barb. *Abundus*.

Cum pane *abundo* et quinque mensuris de cervisia. Ekehardus junior de Casibus, S. Galli, Cap. 9. Apud Du Cange.

ADDUZER, ant.

Adducere, mover, excitar.

E pois *adusestes* aquestes homees, que nom vaom contra os Deoses; nem profaçam da nossa Deosa. Inedit d'Alcob. T. 1.º p. 93 e seg.

ALIMARIAS.

Lat. barb. *Animalia*, i. e. pecora majora. Du Cange, Gloss. ad Script. Mediæ et Infimæ Latinit.

Animalias se dizia antigamente, e é como se lê no Liv. da Perfeição da Vid. Mon. da Inf. D. Catarina.

ALVO.

Albus, cuja raiz *alb* ou *alp*, parece indicar que é do nome dos Alpes que traz a origem; por serem estes montes o typo da alvura, em razão de estarem sempre cobertos de neve.

ANCINHO.

Lat. barb. *Ancinus*, corrupto de *uncinus*.

Ancinus pro *uncinus*, seu *uncus*, occurrit non semel in Miracul. B. Simonis Tudertini, n.º 26. Du Cange, Glossar. ad Script. etc.

ARRANCADA, ant.

Lat. barb. *Arrancata*, i. e. expeditio militaris, vel raptus, direptio, qualis fieri solet in expeditionibus militariibus. Du Cange, Glossar.

ASSADURA.

Lat. barb. *Assatura*, i. e. caro assa.

ATTANGER.

Attingere, alcançar, tocando alguma coisa: it. chegar até.

Onde, Yrmaõs, se queremos *attanger* a grande alteza d'omildade, e aquel exalçamento d'omildade de vida celestial. . . per nossos feytos aquela escaada é ereita. Versão da Repr. de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 263.

De *Attanger* se formou *achegar* e *chegar*. — *Atxegar* é como ainda pronuncia a gente do Minho.

De *achegar*, pela suppressão do *g*, tam usual em nossa lingua, veiu, por ultimo, o verbo *achar*, cuja significação não desdiz da do primitivo *attingere*; porque *achar* é propriamente *tocar*, ou *chegar até á coisa que se procura*.

AVIZINHAR.

Lat. barb. *Avicinare*, i. e. accedere.

AVREGO, obsol.

Africus, vento da parte de Africa.

Bafos de *avrego*, que antre os ventos he mais quente. Azurar. Chron.

do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 62, p. 298.

- BALHAR, ant.** Lat. barb. *Ballare*, i. e. saltare, choreas ducere. Du Cange, Glossar.
- BARRETE.** Lat. barb. *Birretum*, i. e. capitium, capitis tegmen. Du Cange, Glossar.
- BATEDURA.** Lat. barb. *Batitura*, i. e. verberatio, percussio. Du Cange, Glossar.
- BEDELHO.** Lat. barb. *Pedellus*, official subalterno de justiça.
De Bedelho se fez tambem o nome Fedelho.
- BIFOLCO.** *Bubulcus*, boieiro, vaqueiro.
Facilmente se parecerá que trabalhou na obra o buril do *bifolco* Chariteo. Fern. Alv. Lus. Transf. L. 1.º fol. 51.
- BISA VÓ.** Lat. barb. *Bisavus*.
- BODEGA.** Lat. barb. *Potheca*, i. e. apotheca. Du Cange, Glossar.
- BOLSA.** Lat. barb. *Bursa*.
- BUSARANHA.** *Mus araneus*, especie de rato venenoso.
Busaranha, no sentido figurado, e como termo injurioso, vem em Gil Vicente no Auto da Barca do Purgatorio, no dialogo entre o Pastor e o Diabo:

... Sois busaranha,
E mais féde vol-o bafô,
E jogataes de gadanha,
E tendes modão d'aranha,
E samicas sereis gafô.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 261.

BUSTELA.

Pustula.

CAJOM, c

CAJÃO, obsol.

} *Casus*, accidente, desastre, perigo.

Em tal recontamento e descobry-
mento damor ha grande cajõ. Leal
Conselh. de Elrei D. Diniz, C. 17,
p. 165, edic. de Lisboa.

Sancho foy morto em Burgos por
cajaõ no estremar de hũ arroydo. Rui
de Pina, Chron. de D. Affonso iv, C.
61, fol. 86 v. col. 1.^a

CARAMUNHA.

Querimonia, queixa.

Notificare vestre presentie volumus
querimoniam nostram. J. Pedro Ribe-
ro, Dissert. Chronol. T. 1.º Doc. n.º
46, pag. 258.

CARAMUNHAR.

Lat. barb. *Querimoniari*, i. e. queri.
Du Cange, Glossar.

CASSAR.

Quassare, que no sentido de *irritum
facere* é barbaro.

CEBOLA.

Cepula, dim. de *Cepa*.

CHOCARREIRO.

Jocularis, truão, faceto, que faz rir.

- CILADA. Lat. barb. *Cilato*. i. e. insidia, ex lat. *Celare*. Du Cange, Glossar.
- CIRIO. *Cereus*, adj. de cera.
- CODESSO. *Cytissus*.
O *y*, que os ramanos pronunciavam como *u*, mudou-se em *o*; — as outras mudanças sam segundo as regras.
- COITO. *Cautum* sup. de *caveo*, *es*, acautelar evitar.
De coito vem por contracção o nome vulgar *cói*.
- COMORO. *Cumulus*.
- COSER. Lat. barb. *Cusire*, i. e. consuere.
- DERRUBAR. Lat. barb. *Dirupare*, i. e. præcipitare, de rupe dejicere. Du Cange, Glossar.
- EMPRIR, ant. *Implere*, encher.
- ENGROSSAR. Lat. barb. *Incrassare*.
- ENXERTAR. *Insertare*, inserir, metter dentro.
- ERADES, ant. *Eratis*, seg. pessoa do pl. do pret. imperf. do ind. do verbo *sum*, *es*, *fui*.
E vos julgastes que nom *erades* dignos da vida perduravel. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 69.

- FIGA.** Ital. *Fica*, a parte sexual da mulher. — E. com effeito, a figura que da mesma se faz com os dedos isso representa.
- FLAMENGO.** *Flamincus.*
- GALOPAR.** Lat. barb. *Calopare*, i. e. citato cursu equitare. Du Cange, Glossar.
Calopare parece ser corrupção de *caballicare*, vocabulo tambem latino-barbaro, e que significa *cavalgar*.
- GRADES.** *Crates.*
- GRENHA.** *Crine*, abl. de *crinis*, cabello.
- GROTTA.** Lat. barb. *Crottum*, i. e. fossa, lacuna, locus cavus. Du Cange, Glossar.
Grotta é vocabulo popularissimo nas ilhas dos Açores, onde designa uma excavação feita pelas aguas no terreno. menos larga e funda que o valle, e com as paredes quasi perpendiculares. — Este vocabulo, desconhecido em nosso Continente, deve ser aproveitado como termo tecnico-geologico de que carecemos, em vez de *ravina* que não é portuguez.
- HORTELÃO.** Lat. barb. *Hortulanus.*
- INXABIDO.** *Insipidus.*
- LODO.** *Lutus.*

- LOQUETE.** Lat. barb. *Luchetum*, i. e. sera cate-
naria.
Loquete, por cadeado, é vocabulo
usualissimo em nossas provincias do
Norte.
- MADRINHA.** Lat. barb. *Matrina*.
- MANCEBA.** Lat. barb. *Mancipa*, i. e. meretrix.
Um berço tem uma mogueira,
Na rua de Calca-grades,
Manceba de dois abbades.
Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 25.
- MASTIGAR.** Lat. barb. *Masticare*.
- MIGALHA.** *Micula*.
- MOGUEIRA.** *Machalis*, manceba, adultera.
Não ha paciencia que soffra os con-
luios d'essa *mogueira*. J. Ferr. Ulys.
1. 4. p. 59.
- MOLHE.** *Moles*.
Antigamente dizia-se *mole*. Vid.
Tenr. Itiner. C. 52 p. 105.
- NEVAR.** Lat. barb. *Nivare*, i. e. ningere.
- OBREA.** Lat. barb. *Oblia*.
- OGANHO, obsol.** *Hoc anno*.
- PAGAR.** Lat. barb. *Pacare*, i. e. pacem facere
debitum solvendo. Du Cange, Glos-
sar.
D'aqui vem dizermos no acto de

pagar alguma divida : — *Estamos em paz, ou ficamos em paz.*

PECORA, (t chulo)
rapariga, moçoila.

} *Pecore*, abl. de *pecus*, a ovelha.

PERGUNTAR.

Percontari, investigar, inquirir, procurar.

Perguntar, no sentido de *procurar*, como em latim, é ainda hoje vulgar em nossas provincias.

POLME.

Pulpa, coração da madeira.

POUSAR.

Pausare, fazer pausa, repousar.

PRANCHAS.

Planca.

Planca, *tabulae planae* etc., Festus.

De prancha, por inversão de syllabas, veiu o nome *chaprão*, vulgarissimo nas ilhas dos Açores, e que significa o mesmo que prancha.

PRAZO.

Lat. barb. *Plazum*, corrompido de *Placitum*, vontade, decreto, lei.—*Placitum* subst. vem de *placitum*, supino de *placeo*, *es*, aprazer.

Ego Petrus Fernandi, et Garcia Fernandi, facimus pactum e *plazum* cum Roderico Egee de magno homicidio, quod erat inter nos, et Deo volente, ducimus eum ad perpetuam pacem. J. Pedro Ribeiro, Dissert. Chronol. T. 1.º Doc. n.º 53, p. 265 e seg.

Et sciant omnes, qui hoc *plazum* viderint. . . Id. *ibid.* p. 266.

- PUCARO. *Poculum.*
- QUELHA. *Callis*, rua estreita.
- QUEIXADA. *Quassata*, part. fem. de *quasso*, *as*, mover, abalar frequentes vezes : tirado o nome da propriedade essencial da coisa significada.
- RECAUDAR, obsol. Lat. barb. *Recaptare*, i. e. arrecadar.
- REPOUSAR. Lat. barb. *Repausare*, i. e. quiescere, pausam facere. Du Cange, Glossar.
- RODAR. Lat. barb. *Rotare*, i. e. rota punire.
- SABORAR. Lat. barb. *Saporare*, i. e. gustare.
- SABAR. *Sanare.*
Em documentos antigos acha-se *sanare* corrompido em *saar*, pela supressão usual da lettra n.
- SEGURE e
SEGUR, ant. } *Securis*, machadinha.
Estando Helyseu com os filhos dos profetas, que talhavam lenha a par do Ryo Jurdam, caíu o ferro d'ua *segur* ena auga do Ryo. Inedit. d'Alcob. T. 3.º p. 56.
- SEMEL, obsol. *Semen*, geração, descendencia.
Todos morreram sem *semel*. Nobiliar. do Conde D. Pedro, p. 9.
D. Beringueira que morreu sem *semel*. Ibid. p. 10.

- SIGANA.** Lat. barb. *Sagana*.
 Saga et *Sagana*, ingeniosa, incantatrix. Juan. de Janua.
Sagana, idem est quod vates, et dicitur de *sagio*, *is*, inde sagax. Catholicon Parvum.
- SOBERBO.** *Superbus*.
- SORO.** *Serum*.
- TERRENHO**, vento da terra. } *Terrenus*, adj. da terra.
- TESTIMUNHAR.** Lat. barb. *Testimoniare*, i. e. testimonium dare. Du Cange, Glossar.
- TRADUZIR.** Lat. barb. *Traducere*, i. e. vertere. Nolen. Lex. Antibarb.
- TROLHA.** *Trulla*, colher de pedreiro.
- VODO.** *Votum*, voto, i. e. dadiva que se offerece por voto.
 Solemnizam o dia com mesa franca a todos os que a querem. Chamam a isto *vodo*, ou por razão de se fazer por voto (o que o nome acena) ou porque, como em voda, se parte com todos liberal e abundantemente. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 4.^o C. 4.^o p. 400, col. 1.^a
 Agora veremos que *voda* tem a mesma origem que *vodo*. Procede de *vota*, plur. de *votum*. — E, com effeito, nos casamentos, por serem dois os conjuges, e, portanto, mais de um os

votos que 'n elles se fazem, deveram estes chamar-se *vota*, nome que se alterou em voda ou boda, e passou a dar-se aos mesmos casamentos.

ARTIGO II.

Corrupção por transmutação de letras não semelhantes.

- AÇODADO.** *Acutatus*, aguçado, i. e. feito agudo, d'onde vem a idéa de apressado
- AFFIVELAR.** Lat. barb. *Affibulare*.
- AGUÇAR.** Lat. barb. *Acutare*.
- ALLOJAR.** Lat. barb. *Allocare*, i. e. collocare, ponere in loco. Du Cange, Glossar.
- ALVEDRIO, e
ALVITRE.** } *Arbitrium*.
- ANCHO.** *Amplus*, largo.
Esta arca avia em longo dous covedos e meo, e em *ancho* covedo e meo, e em altura outro tanto. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 124.
- APPOLICE.** Lat. barb. *Appodissa*, i. e. scheda, seu mandatum de pecunia. Du Cange, Glossar.
- ARRIBAR.** Lat. barb. *Arrivare*, i. e. ad ripam trahere, ripam tangere. Du Cange, Glossar.
- ASSOMBRAR.** *Adumbrare*.

- ASUNAR.** Lat. barb. *Adunare*, i. e. colligere, in unum cogere. Du Cange, Glossar.
Em outro dia o Cabedel que queria saber de coração, por qual razom acuzavam os Judeus S. Paulo, mandou *asunar* todos os Sacerdotes e todo o Conselho, e des-i fez trazer S. Paulo, e poserom-no em meo deles. Inedit. d'Alcob. L. 1^o p. 106.
- BAJANA.** *Vesanus.*
Bajana é vocabulo popular nas ilhas dos Açores com a significação de pateta, mentecapto.
De bajana parece haver-se formado o nome *bajonjo*, e d'este paxola.
- BEZERRA.** *Vitula.*
- BODE.** Lat. barb. *Buccus*, i. e. hircus.
- BRAZA.** *Pruna.*
- BRUTEZA.** Lat. barb. *Brutitas*, i. e. stupiditas, vel feritas. Du Cange, Glossar.
- BULHA.** *Pugna.*
- BULHAR.** *Pugnare.*
- CABEÇAL e CABEÇALHO.** { Lat. barb. *Capitale*, i. e. pulvinar.
- CAMPANARIO.** Lat. barb. *Tympanarium.*
Et cum venerint ad Portam Martis, quæ nunc dicitur Nigra, stent super murum *Tympanarii* pueri cantantes

- Gloria, laus, et honor, & Vetus Ordo Canoniorum, quem S. Protadii librum vocant, in die Palmarum, apud Chiffletium in Dissertat. de Conversione Constantini M. C. 5. Apud Du Cange.
- CANTEIRO. *Plantarium, viveiro, em que se criam plantas.*
- CAPELLÃO. Lat. barb. *Sacellanus*, i. e. sacello præfectus. Du Cange, Glossar.
- CHACINA. *Succidia, de sub e cado, is.*
- CHAGAR. Lat. barb. *Plagare*. i. e. vulnerare, plagas imponere. Nolten. Lex. Anti-barb.
- Não sabendo Constancio onde houvesse de encontrar a etymologia do verbo chagar, julgou dever ir buscal-a ao egypcio! Vid. Dicc. Crit. e Etymol. da Ling. Portug.
- CHANCA, (t. fam.)
pé grande. } *Plancus*, adj. que tem os pés espalmados.
- Chanca diz-se tambem do sapato largo e achinellado.
- CHANEZA. *Plantas.*
- CHANTAR. *Plantare.*
- Começou Noe de lavrar a terra, e chantou vinha d'uvas lavruscas. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 15.
- E' versão do versiculo 20 do cap. 9.º do Gen.

Cæpitque Noe vir agricola exercere terram, et *plantavit* vineam.

CHANTO.

Planctus, choro com gritos ; pranto.

E solterraram Sancto Estevam homens que temiam Deus, e fizeram grande *chanto* sobr'el. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 45.

CHEIRAR.

Do francez *Flairer* ou *Fleurer*, cujo radical *é fleur*, do latim *flos, oris*.

CHINELLOS.

Lat. barb. *Planelli*, i. e. *crepidæ*.

Cumque venerit (Papa) ad portam dictæ ecclesiæ exiit *planellos* et nudis pedibus vadit cum aliis in processione. Censius Camerar. in Cereimoniali MS. Apud Du Cange.

CHOUSO, obsol.

Lat. barb. *Clausum*, i. e. locus aut ager sepibus vel muris septus, aut clausus. Du Cange, Glossar.

CHUCHAR e
CHUPAR.

} *Sugare*.

CHUMAÇO.

Lat. barb. *Plumacium*, i. e. *pulvinar*.

CHUS, obsol.

Plus, adv. mais.

CHUSURA, obsol.

Clausura.

CICATRIZAR.

Lat. barb. *Cicatricare*.

CONCHAVO.

Conclavium.

De conchavo se fez o verbo *conchavar*.

COZINHAR.

Coquinare.

ÇOMIÇO, ou SUMIÇO.

| *Tomice*, abl. de *Tomex*, corda de
| *cannamo*, ou de *esparto*.Çomiço, ou Sumiço, não vem em
dicionario algum da lingua vulgar,
com quanto seja palavra portugueza.Cat. Mas pousada de palheiro,
E fogo, e á porta fechada.

Aff. Mas bom feixe lagariço.

In. Penedo. Mad. Tranca. Cat. Su-
miço.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 143.

Mao *sumiço* e mao marreiro

Venha por tuas queixadas.

Eu mandei-te pelas fadas.

E tu trazes-me gaitero?

Id. ibid. T. 3.º pag. 103.

CUGULAR.

Cumulare.

DUQUEZA.

Lat. barb. *Ducissa.*

EMBRUXADO.

Implicatus, part. de *implico*, *as*,
embrulhar, involver; e tambem em-
baraçar, perturbar. — D'aqui as duas
acceções de *embrexado*: sendo a pri-
meira a de obra embutida, como a de
pedrinhas, buzios, *crystaes*, etc. in-
troduzidos nas fendas de uma grutta
artificial; — e a segunda, usada só
no estilo familiar, a de importuno,
que em tudo se intromette; v. gr. For-
te *embrexado*!

- EMPACHO.** *Impactus*, part. de *impingo*, *is*, topar, encalhar em alguma coisa.
- ENCEJO.** *Inceptus*, part. de *incipio*, *is*, começar, emprehender. — Diz Viterbo, copiando servilmente Duarte Nunes do Leão, ser este vocabulo originalmente portuguez. — E' assim que apparecem com origens conhecidas, e geralmente latinas, todos os que o mesmo Duarte Nunes põe no numero dos que os portuguezes teem seos nativos, ou que não tomaram de outras gentes.
- ENCULCAS.** Lat. barb. *Sculcæ*, ou *Excultæ*, corrup. de *Excubitæ*, espias.
 Nos Inedit. d'Alcob. lê-se *Enculcas* por espias, vocabulo do qual provavelmente se formou o verbo enculcar. — No Eluc. de Viterbo, em vez de *Enculcas* achamos *Sculcas* que se aproxima mais do latim.
- ENGAR.** *Inhiare*, desejar muito, cubiçar.
 Entra no proverbio: Engou a velha os bredos, etc.
- ENXERGAR.** *Inservare*, observar diligentemente.
- ESQUECER.** *Excidere*, composto de *cadere* e da prep. *ex*, denotando *para fóra*. — O antigo verbo portug. *Escaccer*, aproximando-se mais do lat. *Excidere*, em que o *c* se pronunciava como *k*, ao uso dos romanos, deixa melhor conhecer a etymologia. — Por outra parte, a vulgarissima phrase: *cair*, ou

- escapar da memoria*, (1) é equivalente ao verbo latino, e mostra na forma da idéa o genio da lingua.
- FORTALEZA.** Lat. barb. *Fortalitia*, i. e. *castellum*.
- GASIO.** *Cæsius*, adj. de côr azul celeste.
 Gasio, diz-se particularmente com referencia á côr dos olhos, do mesmo modo que em latim; v. gr.
Rufamne illam, virginem Cæsiam, sparso ore, adunco naso?
 Ter. Heaut. 1. 5 v. 17 et 18.
- GAVETA.** Lat. barb. *Gabata*.
Gabata, patena, vas, quasi *cavata*. Papias.
- GOLPELHA.** *Vulpecula*, dim. de *vulpes*, a raposa.
 O lobo e a *golpelha* sam ambos de uma conselha Proverb.
- GRAVEZA.** *Gravitas*.
- INCHADO.** *Inflatus*.
- LHANEZA.** *Lenitas*.
- LOUÇANIA.** *Lautitia*, asseio, limpeza nos vestidos.
 — It. brilho, esplendor.
 Vede agora se foi castigo, ou mercê anteceder a morte a velhice, ou se seria melhor enganar a gente com
- (1) Não lhe podeis cair da memoria, e o seo cuidado é como vos terá a par de si. Man. Bern. Nov. Flor. T. 3.º p. 428.

a *louçania* da mocidade até a entregar nas mãos do fim duro, pezado e incerto. D. Franc. Man. Apol. Dial. p 38.

LOUÇÃO.

Lautus, esplendido, magnifico.

'N este sentido dizemos em phrase vernacula: — Como vem *lauto!* — falando d'aquelle que se appresenta luzidamente vestido. — *Lautus* vem de *lavo*, *is*; sendo, portanto, a primeira significação d'este nome a de lavado, da qual, por extensão, é que vem a de *asseiado*, *magnificamente vestido*.

Da mesma raiz provém a palavra portugueza *louça*, formada, porém, do supino *lautum*; a qual, por uma parte, denota os utencilios *que se lavam*, *que andam a lavar-se*, e, por outra, o lustre, a nitidez, a magnificencia dos mesmos.

MANJUÇA.

Manduco, *as*, comer.

Manjuca é vocabulo popular nas ilhas dos Açores com a significação generica de *comida*. — Em Tras-os-Montes, porém, dizem *Manduca*.

MARAVILHAS.

Lat. barb. *Mirabilia*.

MAZELA.

Macula.

Gloriosa e sem nenhuma *mazela* Virgem nossa Senhora. Azurar.Chron. d'Elrei D. João 1. Terc. Part. C. 104, pag. 283, col. 2.^a

MODERNO.	<i>Hodiernus.</i> Na Baixa Latinidade dizia-se já <i>modernus</i> , sendo natural que por intermedio d'este se formasse o vocabulo portuguez. Vid. Nolten. Lex. Antibarb.
NESPERA.	<i>Mespylum.</i>
RESENHA.	<i>Recensio.</i>
ROUQUIDÃO.	Lat. barb. <i>Raucedo.</i>
SEGURELHA.	<i>Satureja.</i>
SOLIVA.	<i>Sublicium</i> , páo que serve de esteio á ponte. <i>Soliva</i> é termo militar que provavelmente nos foi transmittido pelo francez <i>solive</i> . — Entretanto tem, como vemos, origem no latim.
SURDIR e SURTIR.	<i>Surgere.</i>
TENHO.	<i>Tignum</i> , trave. O vocabulo <i>tenho</i> conserva-se na phrase popular : — Grande como um <i>tenho</i> .
TRAZER.	<i>Trahere.</i>
TRECHO.	<i>Tractus.</i>
TYMBALE.	<i>Cymbalum</i> , especie de pandeiro.
VENCELHO.	<i>Vinculum.</i>

VIRAR

Gyrare.

ZUNNIR e

ZINNIR.

{ *Tinnire.*

ARTIGO III.

*Corrupção por syncope, ou suppressão de letras,
ou de syllabas.*

ABELHA.

Apicula.

ABETARDA.

*Avis tarda.*ABONDA, i. e.
basta.{ Lat. barb. *Abundat*, i. e. *sufficit.*
{ Du Cange, *Glossar.*

ACCESO, part.

Accensus, part. de *accendo*, *is.*

ADEGA.

Apotheca.

ADEM.

Anatem, acc. de *anas.*AGRIOM e
AGUIÃO, obsol.{ *Aquilone*. abl. de *Aquilo.*

AGULHA.

Acucula, dim. de *acus.*AJOELHAR, do ant.
AJEOLHAR.{ Lat. barb. *Adgeniculari.* Du Cange,
{ *Glossar.*

AJUSTAR.

Lat. barb. *Adjoustare*, quasi *Adjuxtare*,
i. e. *juxta ponere*, rem ad alteram
adaptare.Ille qui habet balliam S. Germani
debet *adjoustare* suum modium ad
mensuram Comitum. Cod. MS. cen-

- suum Episcopatus Autissiod. Apud Du Cange.
- ALLIANÇA. Lat. barb. *Alligantia*, i. e. Fœdus, armorum consociatio. Du Cange, Glossar.
- ALLUCINAR. Lat. barb. *Ablucinare*, quod componitur ex *ab* et *lucino*, *as*. Du Cange, Glossar.
- ALMORSO, ant. de que veiu ALMOSSO. } *Aliquis, morsus, ou alius morsus.*
- ANCO, obsol. *Angulus.*
Fica ella (costa) um pouco mais encurvada com um *anco* que faz o cabo das correntes. Bar. Dec. 1.^a L. 8.^o C. 4.^o p. 206.
Fez uma maneira de baluarte que ajudasse a defender as caravelas que ficavam mettidas naquelle *anco* da terra. Id. ibid. L. 7.^o C. 7.^o p. 134.
- ANGEO, obsol. o ANJO. } *Angelus.*
A forte soberba que os *angeos* do ceo derribou, maliciosamente me fez levantar contra ti. Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 482.
O destruímento dos imygos pelo *angeo*. Ibid. T. 3.^o p. 81.
- ARAME. Lat. barb. *Eramen*, i. e. opus ære confectus. Du Cange, Glossar.
Vê-se que *eramen* ou *æramen* não é senão uma contracção de *æramenta*.

Erame se dizia tambem em nossa primitiva linguagem:

Typos de *erame*. Arraes, Dial. 3.^o C. 24.^o fl. 116.

ARRESTAR.

Lat. barb. *Arrestare*, contrahido de *ad rem stare*, i. e. vadare hominem, vel rem, placito principis. Vid. Noltén. Lex. Antibarb.

As quaes náos elle tinha *arestado* para esta defensão. Bar. Dec. 3.^a L. 4.^o C. 9.^o p. 484.

ARRIBAR.

Lat. barb. *Adripare*, i. e. ad ripam appellere. Du Cange, Glossar.

ASA.

Ansa, asa de vaso.

ASELHA.

Lat. barb. *Ascella*.

Ascella pro ala, diz Du Cange, mas vê-se que é propriamente um diminutivo de *ala*, ou antès de *ansa*.

ASMO.

Azymus.

ASSOMAR, villa
de Portugal.

} *Ad Septem Aras*.

ATTAR.

Aptare.

No latim da edade media dizia-se *attare pro aptare*.

AVACHE.

Habe age, toma lá.

Mais vale um *avache* que dois te darei. Jorge Ferr. Eufr. 1. 2.

AZADO.

Aptatus, aparelhado, disposto.

Não temos outro logar mais *azado* pera em nosso trabalho avermos alguma speranza de vitorya. Azurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 67.º, p. 322.

A seo salvo polo logar ser *azado* podiam ferir em os nossos. Bar. Dec. 3.ª L. 1.º C. 8.º p. 81.

AZAR.

Aptare, apparelhar, ensaiar.

Erguida a espada vae *azando* o golpe.

Fern. Alv. Lus. Transf. L. 3.º fol. 222.

AZEIO, obsol.

Acinus.

E talharom hua vide com huñ *azeio* d'uvas. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 149.

Hua vinha, que avia as cepas de prata, e as vides d'ouro, e os *azeos* de pedras preciosas. Ibid. T. 3.º p. 147.

AZOAR.

Adsonare, ou *Assonare*.

BACIO.

Lat. barb. *Bacinus*.

BANHAR.

Lat. barb. *Balneare*. Noltén. Lex. Antibarb. Du Cange, Glossar. ad Script. etc.

BANHO.

Balneum.

Na Baixa Lat. vemos este vocabulo convertido já em *Bagnum*, do qual é provavel que directamente se formasse o portuguez *Banho*.

BASELGA, (t. fam.) homem summamente obeso, ou com barriga de grande bojo. } *Basilica*, especie de sombreiro de consideravel ambito que costuma sair nas procissões da patriarchal.

BATER.*Batuere.*

No latim da edade media dizia-se *batere*, por cujo intermedio é natural que viesse o nosso *bater*.

BÉSTA.*Ballista.***BISPO.**Lat. da ed. med. *Episcopus.***BITACULA**, (em francez *habitacle.*)} *Habitaculum.***BOLHA.***Bullula.***BRIGAR.**Lat. barb. *Bellicare*, i. e. *belligerare*, *præliare*. Du Cange, Glossar.**BUGIAR.***Buccinare*, tocar buzina, flautear.

A idéa de mandar *bugiar* é a mesma que a de despedir com desprezo, como a de quem diz a outrem que vá tocar buzina, ou assobiar; o que se comprova com o seguinte trecho:

Ouvides vós, Juan Guaiteiro?

Ide *assobiar* ó gado

E não tenhades cuidado

Do meo Fernão Sapateiro.

Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 165.

CABO.*Caput.***CAER**, obsol.*Cadere.*

- CANDEA. Lat. barb. *Candela*, i. e. lucerna olearia. Du Cange, Glossar.
- CANGOSTA. *Callis angusta*, rua estreita.
- CAPUZ. Lat. barb. *Caputium*, i. e. capitis tegumentum. Du Cange, Glossar.
- CAVALGADA. Lat. barb. *Caballicata*, i. e. incursio. Du Cange, Glossar.
- CAVALGAR. Lat. barb. *Caballicare*, i. e. caballo vehi, equitare. Du Cange, Glossar.
- CELEUMA. *Celeusma*.
- CERCEAR. *Circinare*, arredondar, cortar em roda.
- CERCEO, abr. de CERCEADO. { *Circinatus*, part. de *circinare*.
- CHAPEO. *Capillus*, barrete.
Com quanto *capillus* seja a origem do nome chapeo, é provavel que este nos viesse directamente do italiano *capello*, ou do francez antigo *capel*.
- CHARRUA. Lat. barb. *Quarruca*, corrupção de *Quadruga*, vocabulo tambem latino-barbaro, mas que nos mostra já mais clara a raiz *Quadriga*, de que provavelmente provém: por ser arado puxado por quatro bois, ou cavallos.
- CHAVELHA. *Clavicula*.

- CHAVES**, villa de Portugal. } *Flavias*, i. e. *Aguas Flavias*.
- CHICO**, (t. fam.) curto, } *Exiguus*, limitado, curto, medio-
pequeno. } cre, ou do nome *siccus*.
Exiguus foi formado pelos romanos de *siccus*, coisa futil, ou de nenhum valor. Vid. Court de Gebelin, Orig. Latin.
- CHISPO**. *Suis pes*, pé de porco.
- CHOCHO e FROCHO**. *Floccidus*, cheio de algodão, etc.
- CHORUDO**. } Lat. barb. *Curustus*, i. e. *magnus*.
} Du Cange, Glossar.
- CILHA**. *Cingula*.
- COBRIR**. *Cooperire*.
- COELHO**. *Cuniculus*.
- COIMEA**. *Culmine*, abl. de *culmen* tecto da casa.
E' de crer que antes da invenção dos cortiços as abelhas fabricassem os favos nos devãos dos tectos das casas, que então eram de colmo; (1) provindo d'aqui a origem do nome colmea. — O vocabulo castelhano *colmena*, parece comprovar esta etymologia.
- CONTAR**. *Computare*.

(1) *Culmen dici ait tectum quod veteres ædificia culmis tegerent, id est, paleis è messibus. Servius, ad Ecl. 1.*

- CORREIO.** Lat. barb. *Currerius*, i. e. cursor, tabellarius. Du Cange, Glossar.
- COVA.** Lat. barb. *Cavea*, i. e. locus cavus.
- CUIDAR.** *Cogitare*.
- CUTELLO.** *Cultellus*.
- DEÃO.** *Decanus*.
- DEVESA, alterac. de DEFESA.** } *Defensa*, part. fem. de *Defendo*, is, subentendendo-se o nome selva, ou outro qualquer; v. gr. *silva defensa*. Licença pera cortar nas *defesas* reaes toda a madeira necessaria. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 2.^a L. 4.^o C. 3.^o p. 269, col. 2.^a
- DOESTAR.** *Dehonestare*, deshonnar, affrontar com palavras, injuriar.
Hũa manceba desta boa molher Sarra, começou de a *doestar* dezendo-lhe que matara set maridos. Inedit. d'Alcob. T. 3.^o p. 99.
De *doestar* vem o subst. *doesto*. — Antigamente dizia-se tambem *deostar*; (1) o que era outra corrupção de *dehonestare*, e d'aqui vinha tambem o substantivo *deosto*, (2) que valia o mesmo que *doesto*.
- DOMA, obsol.** *Hebdomas*, semana.
Mandou fazer Salamon a redor do

(1) Inedit. d'Alcob. T. 2.^o p. 148.

(2) Ibid. p. 282.

templo trinta casas pequenas, em que pousassem os Sacerdotes, quando serviam per *domaas* eno templo. Inedit. d'Alcob. T. 3.^o p. 15.

DOMNO, DONO,
e DOM.

{ *Dominus*, senhor.

Elle me matou meo pae
E meo *dono*, e então vae
Fez morrer minha mulher.
Gil Vic. Obr T. 2.^o p. 500.

DONA.

Domina senhora.

Fr. Luiz de Sousa, investigando a origem do nome *Donas*, com que se intitulam as freiras de um convento de Santarem, diz:

O nome de *Donas*, reduzido á sua verdadeira significação, tem seo principio no latino *Dominas*, que é o mesmo que senhoras: com o qual geralmente eram tractadas as mulheres moças e donzellas, e mais em especial as nobres, entre os romanos mais cortezãos. Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 5.^o C: 22, p. 531, col. 2.^a

EIVIGAR, obsol.

Ædificare.

Semelharei a el o barom sages que *eivigou* a ssa casa sobre a pedra. Vers. da Regra de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 252.

ELREI.

Ille rex.

EMPADO.

Impedatus.

EMPAR.

Impedare.

Não atinou Moraes com a origem d'estes dois vocabulos, cuja etymologia foi buscar ao allemão.

ENGEIO, obsol.

Ingenuus.

Non seja davan posto o *engeio* do serviço ao convertente. Vers. da Regra de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 255.

ENSEJA, obsol.

Insidia.

Tanto que Judas entendeu as *ensejas* de Nicanor, saiu-se dele, e fugiu pera os seos. Inedit d'Alcob. T. 3.º p. 179.

ENSINAR.

Insinuare, propriamente *metter no scio*, *introduzir*; d'onde, na Baixa Lat., veio por extensão a significar: *metter*, ou *introduzir na mente*; i. e. *docere*.

ENTEADO, e

ANTEADO, ant.

} *Ante natus.*

Ante natus significa nascido antes, em referencia ao matrimonio; i. e. filho *nado antes* do matrimonio.

ESCARMENTO.

Experimentum, experiencia, prova.

De *escarmento* vem o verbo *escarmentar*, que significa aprender por experiencia, ou á propria custa.

FALAR.

Fabulari.

FANHOSO.

Fans naso, que fala pelo nariz.

FASTIO.

Fastidium.

FEMENÇA, obsol. diligencia, actividade, desvelo.

} *Vehementia.*

Então se acordavam, como viram ao Prior ir com sua galé ao longo da cidade assi vagarosamente, como quem se trabalhava de a esguardar com *femença*. Azurar. Chron. de D. João 1, Terc. P. C. 15, p. 49, col. 1.^a

FERRABRAZ.

Lat. barb. *Ferrebrachia.*

Is quia fortis erat, et *Ferrea* dictus habere *Brachia*, nam validus vires animumque gerebat.

Willelmus Apuliensis, L. 1.^o de Gestis Norman. Apud Du Cange.

FINDO.

Finitus, part. de *Finio*, is.

Este vocabulo corrompeu-se primeiro em *finto*, do qual depois nos veiu findo, que é mais portuguez. E' certo, porém, que *finto* foi voz popular entre nós, pois a achamos no nosso Plauto:

Com' eu a morte passei
Logo o medo ficou *finto*.
Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 250.

FIUZA.

Fiducia, confiança.

Hu som aquelles vossos Deoses em que vós aviades tanta speranza e tanta *fiusa* e tanto amor. Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 155.

Esta voz é ainda hoje popularis-

sima nas ilhas dos Açores ; mas pronunciam ordinariamente *fiuses* em vez de *fiuza*.

FREGUEZES.

Fili gregis, filhos do rebanho, i. e. parochianos.

Nas Dissert. Chronol. de J. Pedro Ribeiro, T. 1.º Doc. N.º 22, p. 220, acha-se a palavra *filigreses*, na acção de parochianos, e revelando ter sido a primeira corrupção de *fili gregis*.

FULO.

Falvus.

FUNIL.

Infundibulum.

GAIOLA.

Caveola, dim. de *cavea*.

Antigamente dizia-se *cavea* por *gaiola* :

Assy mesmo todas as cousas que voã per este aar, em quanto sam encarradas em *caveas*, sintẽ como pena de tormento, e carcere ; mas leyxadas em sua natural liberdade, estendem as asas, dizem cantares ; e per seu proprio querer se escondem antre as baslas folhas das matas. Inf. D. Catharina. Da Perfeição da Vid. Mon. L. 1.º C. 24, p. 274.

GARNACHA.

Lat. barb. *Garnachia*, i. e. toga, vestis talaris.

Na Beira *garnacha* é o mesmo que *capote*.

GOTTO.

Guttur, garganta.

GOZO.	<i>Gaudium.</i>
GRALHO.	<i>Graculus.</i>
GREI.	<i>Grege</i> , abl. de <i>grex</i> , rebanho, sociedade. E a <i>grei</i> que é a congregação dos nossos parentes, amigos e compatriotas, a que chamamos republica. Bar. Dec. 2. ^a L. 3. ^o C. 3. ^o p. 260.
GRITAR.	<i>Quiritare.</i> <i>Quiritare</i> est clamare, tractum ab iis qui Quirites invocant. Nonius. <i>Quiritare</i> dicitur is qui Quiritium fidem clamans implorant. Var. De Ling. Lat. L. 5. ^o p. 65 mihi.
GRULHAR.	Lat. barb. <i>Quurulari</i> , i. e. querelas effundere Du Cange, Glossar.
HARPEO.	<i>Harpago.</i>
HERDAR.	Lat. barb. <i>Heriditare.</i>
INSUA, ant. e ILHA.	{ <i>Insula.</i>
INCREO, obsol.	<i>Incredulus.</i>
INROSSO.	<i>Insulsus.</i>
IRMÃO.	<i>Germanus.</i>
JEJUAR.	Lat. barb. <i>Jejunare.</i>
LANDE.	<i>Glande</i> , abl. de <i>glans.</i>

- LIDIMO.** *Legitimus.*
Vós matastes os filhos de Gedeon *lidimos* e fizestes Rey sobre vós o seu filho de barregaã. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 204.
- LIMPAR.** Lat. barb. *Limpidare*, i. e. *limpidum facere*, *purificare*. Du Cange, Glossar.
- LOBISHOMEM.** *Lupus ex homine.*
- MAGANO.** Lat. barb. *Manganus*, i. e. *fallax*, *deceptor*. Papias.
De *Manganus* vem visivelmente o verbo *mangar*, e não de *mango* como quer Constancio.
- MAGOA.** *Macula.*
Magoa teve ao principio a mesma significação que o lat. *macula*.
A cabo de tempo amou Rey Salomom mulheres *gentys* contra a ley de Deus, e pose *magoa* ena sua gloria. Inedit d'Alcob. T. 3.º p. 21.
Saiba a professa que ha de apresentar deante do tribunal de Christo sem *magoa* aquelle veo que recebe. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.ª L. 1.º C. 26, p. 113, col. 2.ª
- MANCHEA.** *Manus plena.*
- MANEIRA.** *Manutaria*, adj. fem. Coisa que diz respeito á mão.
- MANGA.** *Manica.*

- MANO.** *Germanus.*
- MANTEO.** *Mantelum.* Ponitur etiam pro velamenti genere. Calep. Septem Ling.
- MAOGRADO.** Lat. barb. *Malo-grato*, i. e. invitus, nolens. Du Cange, Glossar.
- MARÉ.** *Maris æstus.*
- MEDRAR.** *Maturare.*
- MEOLLO.** *Medulla.*
 Dar-lhe-ás todos os beens do Egipto, e comerom o *meolo* da terra. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 71.
 O latim correspondente : — Ut comedatis medullam terræ. Gen. Cap. 45, v. 18.
- MERCADEJAR.** Lat. barb. *Mercandisare.*
- MEZINHA.** *Medecina.*
- MOEMENTO, obsol.** *Monumentum.*
- MOIO.** *Modium.*
Modium, mensura liquidorum simul et aridorum. Du Cange, Glossar.
 Uno *modio* de paon et alium de vino. J. Pedro Ribeiro, Dissert. Chron. T. 1.º Doc. n.º 54, p. 266.
- MORDOMO.** *Maior domus.*
- MORGADO.** *Maior gnatus.*

- MORSTEIRO, obsol. e
MOSTEIRO. { Lat. barb. *Monasterium*.
- MURCHO. *Murcidus*.
- NEDIO. *Nitidus*.
- NETO, obsol. limpo,
brilhante. { *Nitidus*.
Na terra do Malabar a ha (pimen-
ta) muito *neta*. Bar. Dec. 4.^a L. 1.^o
C. 12, p. 79.
Perolas *netas*. Cam. Eleg. 7.^a
- NEVOA. Lat. barb. *Nebula*, i. e. macula in
oculo.
Habebat *nebulam* in oculo *sinistro*,
de quo nihil omnino videbat. Mira-
cula B. Henrici Baucen. T. 2. Jun. p.
384. Apud Du Cange.
- OLHAR. Lat. barb. *Oculare*, i. e. oculos inde-
re, aperire, videre. Du Cange, Glos-
sar.
- ORAGO. *Oraculum*.
- PAEZ, obsol.
PAIZ. { Lat. barb. *Pagellus*, i. e. pagus mi-
noris amplitudinis, vel tractus. Du
Cange, Glossar.
- PANGAS. *Palancæ*, trancas, páos roliços.
Pancas ou espeques. Álpoim,
Exame de Artilh. p. 130, §. 439.
De *panca* vem pancada, pancada-
ria, espancar, etc.

- PANÇA.** *Pantice*, abl. de *pantex*.
- PAPALVO.** *Perparvus*, ou *Perparvulus*.
- PARAISO.** *Paradisum*.
- PARAVOAS,**
PARAVRAS, e
PALAVRAS. } *Parabolas*, acc. de *parabolæ*.
 Per fectos mais ca per *paravoas*.
 Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 255.
 Ous discipulos insinados os mandados de nostro Senhor per *paravoas* preponha. Ibid.
 Seja amoestado per *paraavras* atá quatro vezes. Ibid. p. 186.
- PAROLAR.** Lat. barb. *Parabolare*, i. e. sermocinari, verba facere. Du Cange, Glossar.
- PEAR**, obsol. *Pænire*, infligir pena, ou castigo.
- PEGO.** *Pelagus*.
- PELEJAR.** *Prælium agere*.
- PESO.** Lat. barb. *Pensus*, i. e. pondus.
- PERSOA**, obsol.
PESSOA. } *Persona*.
- PEVIDE.** *Pituita*.
 Pevide, doença das gallinhas, vem de *pituita*, do qual é corrupção: — *Pituita*, interdum sumitur pro morbo ex pituitæ fluxu nato, quo etiam gal-

- linæ infestantur. Calep. Sept. Ling.
 Barros chama também *pevide* ao murrão da candea; provindo este nome de *pituita*, na acceção de *mucus*. Vid. Dec. 2.^a L. 7.^o C. 1.^o e Dec. 3.^a L. 2.^o C. 6.^o
- PINCHOS.** *Penicillos*, acc. pl. de *penicillus*.
 Pinceos é nome que se encontra tomado na acceção de figuras, ou metaphoras; v. gr.
 Isso é falar per *pinceos*.
 Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 175.
- POBRE.** *Putridus*.
- POEJO.** *Pulegium*.
- POMBA.** *Palumba*.
- PRASMAR, obsol.** *Blasphemare*, execrar, maldizer.
 No latim corrupto da idade media, em vez de *blasphemare*, dizia-se *blasmare*; por cujo intermedio é provavel que se formasse o nosso *prasmare*.
 A condiçom da plebe, como diz Titollivyo, sempre he *prasmarem* de grandes feitos, principalmente nos começos. Azurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 18, p. 103.
- PREAMAR.** *Plenum mare*.
- PREAR.** *Prædari*.
- PRECALÇO.** *Præbita calceis*, dadiva para sapatos.

Dar com declaração de ser *para sapatos*, é ainda hoje a practica de quem remunera alguém com dinheiro.

- PREGAR.** Lat. barb. *Prædicare.*
- PREJUISO.** *Præjudicium*, juiso anticipado; it. damno.
- PREZO.** *Prehensus.*
- PRESTE.** *Presbyter.*
 Diz expressamente João de Barros ser o nome Preste corrompido do de *Presbyter*. Vid. Dec. 3.^a L. 4.^o C. 1.^o, onde largamente tracta do Preste João, e das coisas da Abassia.
- PRIMOR.** *Primus honor.*
- PRUMO.** *Plumbum*, chumbo.
- PULHA.** *Pipulum.*
- PUNDONOR.** *Punctum honoris.*
- PUXAR.** *Pulsare.*
- QUARESMA.** *Quadragesima.*
- RAER, e REER, obsol.** *Radere*, raspar.

Eram apartados da vida comum dos homeês, e nunca *rraiam* seus cabelos. Inedit. d'Alcob. T. 2.^o p. 211.

Entom mandou elRey Amon tomar os mesegeiros de David, e mandou-

- lhes *rreer* a metade das barvas. Ibid. p. 277.
Raer é ainda vulgar na Beira Alta.
- RASOIRA. Lat. barb. *Rasdoira*, i. é. radula, radius. Du Cange, Glossar.
- RECOBRAR. *Recuperare.*
- RELOGIO. *Horologium.*
- REMENDAR. Lat. barb. *Reemendare*, i. e. instaurare, reparare.
 De remendar vem os nomes remendo, remendão, etc.
- REZAR. *Recitare.*
 Comprova-se esta etymologia pela significação que vemos tinha antigamente a palavra recitar.
 A carta que agora vos *recitei*. Fern. Alv. Lus. Transf. L. 3.º fol. 285 v.
 Veremos, por outra parte, ter o verbo rezar o mesmo sentido de recitar:
 Tomou a rosa da mão do mensageiro, e ouviu a oração que dando-a *rezou*. Sousa, Ann. de D. João III, P. 1.º L. 2.º C. 4.º p. 139.
- RISO. *Rispidus.*
- ROÇAR, i. e. esmoutar. { *Runcare.*
- RUISINOL, ant. ROUXINOL. { *Lusciniola*, dim. de *Luscinia*.

- RUA.** Lat. barb. *Ruda*, i. e. platea. Du Cange, Glossar.
Ruda é corrupção de *rupta*, p. fem. de *rumpo*, *is*, romper. — De *rupta* fizeram os francezes *route*, estrada, caminho.
- SALITRE.** *Sal nitrium.*
- SALVA.** *Salis vas.*
- SAMBENITO.** *Saccus benedictus.* Nome que na primitiva egreja tinha o habito, ou vestido que se mandava usar a quem havia commettido delicto merecedor de penitencia publica. Vid. D. Luiz de Paramo, T. 2.º L. 1.º C. 5.º e T. 3.º L. 2.º C. 11, seguido e citado por Fr. Luiz de Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.ª L. 1.º C. 3.º p. 16, col. 2.ª
- SELHA.** *Situla.*
 Na Baixa Lat. apparece já o nome *selha* corrompido de *situla*.
Selha, *situla aquæ ex puteo hauriendæ idonea.* Du Cange, Glossar.
- SEMANA.** Lat. barb. *Septimana.*
- SENDÁ.** *Semita*, que os etymologistas derivam de *semiiter*.
 Quâ ibant, ab itu iter appellarunt: quâ angustè, *semita*, ut *semiiter* dictum. Var. De Ling. Lat. L. 4.º p. 12 mihi.

- A mesma origem lhe dam S. Isidoro, Vossio, e outros.
- SÊSTRO.** *Sinistro*, abl. de *sinister*.
- SINETE.** Lat. barb. *Signetum*, i. e. annulus signatorius.
- SIGNO SAMÃO.** *Signum Salominis*. Cifra, ou sello de Salamão, especie de talisman, a que o vulgo attribue differentes virtudes.
- SOÃO.** *Solanus*.
- SOBREPELLIZ.** Lat. barb. *Superpellicium*, i. e. vestis linea manicata. Du Cange, Glossar.
- SOBRESER, obs.** *Supersedere*.
- SOCALCO.** *Sub calce*.
- SOER.** *Solere*.
- SOL CRIS.** *Solis eclipsis*.
- SOLDAR.** *Solidare*.
- SUL.** *Sub sole*, ou sómente *Sol*.
 O que os philologos dizem ácerca da etymologia do nome *Sul* não tem apparencia alguma de verosimil. O mesmo Court de Gebelin está mui longe de ter descoberto a verdadeira origem d'esta palavra. — Eis o que nos parece plausivel e fundado:
 Para as nações septentrionaes as

partes do globo que ficam na zona torrida sam propriamente aquellas cuja direcção tem o nome de *sul*, i. e. *sub sole*. Foi assim que Horacio designou o interior de Africa que então era supposto inhabitavel:

Pone sub curru, nimium propinqui
Solis, in terra domibus negata.

L. 1.º Od. 22.

Na Biblia, mais de uma vez se menciona o sol como indicando a parte meridional da terra. — Por não accumularmos citações sobre citações sirva por todas a seguinte:

Ait ad Moysen: Tolle cunctos principes populi, et suspende eos contra *solem* in patibulis. Num. Cap. 25. v. 4.

Em nossos primeiros AA. vulgares achamos tambem tomado o sol pelo sul: (1) por cuja razão nos persuadimos de que sul é corrupção de sol. — Convence-nos, por outra parte, o ser o sol o ponto physico que necessariamente devia sêrvir ás nações septentrionaes para lhes indicar a direcção meridional; assim como é o mesmo astro que lhes serve para

(1) André de Resende chama porta do *sol* a que tem a Sé de Lisboa voltada contra o *sul*. Hist. de Evora, Cap. 13.

Gil Vicente, falando da Serra de Cintra e das harrocas que lhe ficam ao *sul*, diz que *estão da parte do sol*. Obr. T. 3.º p. 276, Ed. de Hamburg.

designarem o oriente e o occidente, i. e. os pontos onde o sol nasce e onde se põe.

Para as mesmas nações septentrionaes era Africa que igualmente lhe podia servir para denotar a direcção que hoje denominamos *sul*. E, com effeito, frequentemente vemos o nome d'esta parte da terra servir para designar o referido ponto cardeal, sendo nos AA. latinos *Africus* o mesmo que *vento sul*, por vir da parte de Africa.

O nome *Austro*, com que tambem se designa a parte meridional, não é mais do que uma corrupção de *Astro*, sendo este, por excellencia, o sol.

TELHA.

Tegula.

TEMPERELHO.

Temperaculum.

TERMO.

Terminus.

TESÃO.

Tensione, abl. de *tensio*.

TEZ.

Tilia, pelle delgada que se acha entre a casca e a madeira das arvores.

TOLO.

Stolidus.

TONTO.

Attonitus.

TOSAR.

Tondere.

Veio receber elRey com os pees por lavar e com a barba por *tosar*. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 292.

TRANSE. *Transitus.*

TREVO. *Trifolium.*

TRIGO. *Triticum.*

TRILHA, instrumento
p.^a debulhar o grão. } *Tribula.*

Trilho, em vez de *trilha*, escrevem alguns; — porém este nos parece mais portuguez, mais chegado á raiz latina, e tem por si a auctoridade Vieira. Vid. Serm. T. 3.^o p. 95, col. 2.^a

UNHA. *Ungula.*

URZE. *Ulice, abl. de ulex.*

VELHA. *Vitula.*

VERDE. *Viridis.*

VERGONHA. *Verecundia.*

XALMO. *Scalmus*, tolete, páo que se fixa na borda do barco para segurar o remo.

Fr. João de Sousa, nos Vestigios da Ling. Arab. em Portugal, diz que *xalmo*, ou *xelma*, vem do arabe *Sól-lemma*, com cuja etymologia nos não conformamos.

ARTIGO IV.

*Corrupção por transposição de letras,
ou de syllabas.*

ACEIRO, obsol.

Lat. barb. *Acerium*, i. e. chalybs. Du Cange, Glossar.AGUISAR, que
se contrahiu em
GUISAR.

} *Aves agere*, de que na B. Lat. se fez *Avisare*, i. e. *predizerem*, ou *prognosticarem as aves*, avisando e advertindo do que está para acontecer; porque era do vdo das aves que se tiravam agouros e se buscava o conhecimento do futuro nos seculos das trevas e barbarie. (1) — D'aqui a idéa de *avisar*, e tambem a de *preparar* e *dispôr*, que tem o verbo *Aguisar*, ou *Guisar*.

«Depos aquestes dias, *guisarom-se*, e foram-se pera Jerusalem.» Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 100.

«E nós estaremos já *guisados* pera matal-o, ante que chegue ao conselho.» Ibid. p. 107.

«E *guisade* besta e cavalgade Paulo, e levade-o... a Feliz o adeantado.» Ibid. p. 108.

«E elles *aguisavam* suas doas pera darem a Josep.» Ibid. T. 2.º p. 69.

Do verbo *Guisar* se fez depois o

(1) Quinque genera signorum observant Augures publici, ex caelo, ex *avis*, ex quadrupedibus, ex tripudiis, ex divis, ut est in auguralibus. Festus, apud Pitisc.

substantivo *Guisa* com a significação de *aviso*, *conselho*, e tambem com a de *promptidão*; v. gr.

«Ca sem *guisa* me parece de enviar homẽ preso, e non enviar mostrar rasom perque.» Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 116.

O latim correspondente diz: *sine ratione*. Act. Apost. C. 25, v. 27.

Antigamente havia uma Ordem de Cavallaria, chamada da *Guisa*, como se dicesse do *aviso*, ou da *promptidão*; por estarem sempre os que 'n ella serviam promptos, e como *avisados* para a primeira occasião. — Viterbo tracta d'esta Ordem de Cavallaria, mas desconhecendo a procedencia e formação da palavra, diz um disparate, como de ordinario acontece a quem fala das coisas ignorando-lhes a origem e fundamento. — Ouçamos as proprias palavras do A.

«*Guisa*. Ordem, ou qualidade de cavalleiros a que chamavam *Guisados*, ou *Aguisados*, por estarem sempre aptos e prestes com as armas e cavallos para a guerra e todo o real serviço; tomada a metaphora das eguarias *guisadas* que estão promptas e dispostas a serem comidas.» Eluc. Art. *Guisa*.

Veremos, agora, que a palavra *Guisado* no sentido de *comer feito*, ou *adubado*, a qual Viterbo entendeu ser origem do nome dos cavalleiros da Ordem da *Guisa*, tem a mesma derivação. *Guisado* não quer dizer outra

coisa senão *preparado*, assim como *guisar* carne, ou peixe é preparal-o para ser comido. (1)

De *Aves agere* vem, pois, *Avisare*, *Aguisar*, *Guisar*, *Guisa*, *Guisamento*, *Guisado*, *Desaguisado*, etc. (2)

A palavra *Guisa*, com a significação de *modo*, *maneira*, foi mui vulgar entre nós; v. gr. «*A'guisa da China.*» Luc. Vid. de Xav. T. 3.º L. 7.º C. 5.º p. 28; vindo a idéa de *modo*, ou *maneira* da de *preparo* e *disposição*; por quanto, quem está disposto e preparado se apresenta de certo *modo* ou *maneira* conveniente ao fim para que se preveniu.

AIPO

Apium.

ALCANCE.

In calcem.

Já se vê que *alcance* não é substantivo verbal, como quer Constancio; antes de *alcance* é que se formou o verbo *alcançar*.

Antigamente dizia-se *encalço*, de que também se fez *encalçar*.

Começaram a fugir e se recolher contra Aljazira quanto podiam, em cujo *encalço* os portuguezes seguindo mataram muitos delles. Rui de Pina,

(1) Não *guisam* de comer senão com bonicos de camelos e de cavallos. Tenr. Itener. C. 16, p. 36.

(2) Sem razão, injuria. «Sem lhes fazer nenhum *desaguisado* os mandou pôr em terra.» Azur. Chren. do Desc. e Conq. de Guiné, C. 63, p. 308.

Chron. de D. Affonso iv, Cap. 59, fol. 61, col. 1.^a

Encalço é, sem duvida, a mesma palavra que *in calcem*. Parece, pois, que de *encalço*, por transposição de letras, é que vem *alcanço*, ou *alcançe*.

ALENTO.	<i>Anhelitus.</i>
ANDORINHA.	<i>Hirundine</i> , abl. de <i>Hirundo</i> .
ANEMONE.	<i>Limonia.</i>
ARMEIRO.	Lat. barb. <i>Armarius</i> , i. e. armorum faber. Du Cange, Glossar.
ARROZ.	<i>Oriza.</i>
BAIRRO.	Lat. barb. <i>Barrium.</i>
BANDEIRA.	Lat. barb. <i>Banderia.</i> <i>Banderia</i> , idem quod <i>Bandum</i> , i. e. vexillum. Du Cange, Glossar.
BARBEIRO.	Lat. barb. <i>Barberius.</i>
BARQUEIRO.	Lat. barb. <i>Barcarius.</i>
BEIÇO.	<i>Basium</i> , beijo, osculo. Como se vê, acha-se também corrompida a significação d'este vocabulo; mas tal corrupção não é para causar estranheza; — antes devemos confessar que é das mais naturaes.— Em latim <i>osculum</i> significa tanto <i>boquiha</i> , como <i>beijo</i> .

Du Cange, na palavra *Baissa*, a qual é a mesma que a portugueza *Beixa*, de que usamos em linguagem chula, confirma esta nossa etymologia Eis integralmente o artigo a que nos referimos.

Michael Scotus de Physionomia, Cap. 20. Animalium quædam habent in capite cornua, quædam nares, quædam *baissas*; (it est, opinor *Labia*, sic forsitan dicta á *Basium*, quod *labiorum sit usus ad baisandum*). Glossar. ad Script. Mediæ et Infimæ Latinit.

BEIJAR.Lat. barb. *Basiare*.

Beisar se dizia tambem em antiga linguagem; v. gr.

Beisando eu a mão a V. A. André de Resende, Hist. de Evora, no princ. da Dedic.

Beisa vossas reaes mãos. Id. Ibid. Fala que fez á Princ. D Joanna, etc.

BELDROEGA.*Portulaca*.**BESTEIRO***Ballistarius*.**BOIEIRO.**

Lat. barb. *Boarius*, i. e. pastor boum. Du Cange, Glossar.

BURDALENGO.

Burdegalensis, proprio, ou natural de Bordeaux, cidade de França, nome com que nossos maiores designavam os termos francezes, e os que d'elles usavam.

BURIL.	<i>Viriculum.</i>
CABRESTO.	<i>Capistrum.</i>
CAMARA.	<i>Thalamus</i> , leito, alcova. Camara de noivos. De camara, por syncope, ou abbreviação, veiu a palavra <i>cama</i> que é o mesmo que <i>thalamus</i> .
CAMPAINHA.	Lat. barb. <i>Tympaniolum</i> , i. e. parvum <i>tympanum</i> . Du Cange, Glossar.
CHOUPO.	<i>Populus.</i>
COIFA.	Lat. barb. <i>Cuphia</i> . Du Cange, Glossar.
COIRO.	<i>Corium.</i>
COLLEIRA.	<i>Collaria.</i>
CRESTAR (colmeas).	<i>Castrare.</i>
EMBORCADO.	<i>Imbricatus</i> , disposto em forma de telha.
EMBORCAR.	<i>Imbricare</i> , dispôr a modo de telha.—D'aqui a significação portug.—voltar o vaso com a bocca para baixo em forma de telha, afim de escorrer o liquido.—Tambem dizemos em phrase familiar e com a mesma derivação: Estar de <i>borco</i> , por estar com a cabeça baixa, ou deitado por causa de molestia.

Em sentido mais lato significa *derribar*: v. gr.

Esta espada que se te mette na mão. . . tambem quer dizer que estás por ella obrigado a sustentares com tua verdade os pequenos e fracos, por que os inchados do poder mundano os não *emborquem* c'o assopro de sua soberba. Fern. Mend. Peregr. T. 3.º C. 182, p. 93.

ENOJO.

Nausea.

Enojo, supprimido o *e*, dá *nojo*, e transpostas as letras, produz *enjoo*; o que tudo é o mesmo, e provém da raiz *nausea*.

Filinto Elisio emprega a palavra *nausea* com a significação de *nojo*:
Cosidos coiros de broqueis que esfo-

lam,
Coisas não de uso, o ventre que jejua
Raivoso os força a devorar sem *nausea*.

Vers. da Seg. Guer. Pun. de Sil.
Ital. C. 2.º p. 353.

ESMAR.

Sommar, do lat. *summam agere*.

De *sommar*, por inversão de letras, veiu o verbo antigo e obsoleto *Osmar*, que achamos na Versão da Regra de S. Bento, e que significa *sommar*, calcular, julgar; v. gr.

Osmados somos como a ovelha da morte. Inedit d'Alcob. T. 1.º p. 266.

Tambem se acha no Eluc. de Viterbo, e na Chron. do Condest. C. 54.

De *osmar* se formou immediatamen-

te o verbo *esmar*, e d'este o substantivo *esmo*, que quer dizer *calculo*, *computo*, *juógamento*.

ESMOLA.

Eleemosyna.

ESTREPE.

Stirpe, abl. de *stirps*, raiz, ou tronco de arvore. Na B. Latín. dizia-se *sterpus*.

FAISÃO.

Phasiana.

FEIRA.

Feria.

FREIXO.

Fraxinus.

FREESTA. OU
FRESTA, obsol.

{ *Fenestra*, janela.

Freesta, em linguagem antiga, era propriamente janela.

E mandou Salamom fazer eno templo *freestas* estreitas de fora e anchas de dentro. Inedit d'Alcob. T. 3.º p. 14.

Daniel entrava cada dia em sua casa, e abria as *frestas* de sua camara contra Jerusalem tres vezes eno dia. Id. ibid. p. 123.

GRAVANA, t. b.
rixa, contenda.

} Lat. barb. *Gravamen*, i. e. quere-
} la. Nollen. Lex. Antibarb.

JOGRAL.

Jocularis, truão, que promove zombaria.

De *jocularis* se fez tambem, como já vimos, *chocarreiro*, e d'este *chocarrice*.

LADAINHA.	<i>Litania.</i> A primeira corrupção de <i>litania</i> foi <i>ledania</i> , como achamos nos Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 275. De <i>ledania</i> veio depois <i>ladainha</i> .
LAMPREA.	<i>Lampetra.</i>
LEGUA.	<i>Leuca.</i>
LESMA.	<i>Limax.</i>
LINGUIÇA.	<i>Lucanica.</i>
LOA.	<i>Laus</i> , o louvor.
LOBREGO.	<i>Lugubris.</i>
LOIRO.	<i>Luridus.</i>
MALGA.	Do arabe <i>Malag.</i> A. Vieira, Method. Addiscendi Arab. Linguam.
MAGUSTO.	<i>Ambustio.</i>
MELRO.	<i>Merula.</i>
MONTEIRO.	Lat. barb. <i>Montarius</i> , í. e. venator, qui in montibus venatur. Du Cange, Glossar.
OLVIDAR.	<i>Oblitterare.</i>
OUSADIA.	<i>Audacia.</i>
PAINÇO.	<i>Panicum.</i>

PAPOUA.	<i>Papaver.</i>
PARGO.	<i>Pagrus.</i>
PAUL.	<i>Palus.</i>
PEGUREIRO.	<i>Pecuarium.</i>
PORQUEIRA.	Lat. barb. <i>Porcaria</i> , i. e. stabulum porcorum. Du Cange, Glossar.
POUPA.	<i>Apupa.</i>
PREGUIÇA.	<i>Pigritia.</i>
PRETO, obsol. e PERTO.	} <i>Prope.</i>
PRITIGA.	<i>Pertica.</i> Pritiga é vocabulo usualissimo no Alemtejo; e chamam particularmente assim ao cabeçalho dos carros que alli se usam, o qual tem grande comprimento. — De <i>Pertica</i> se fez o verbo <i>empertigar</i> , pôr direito, ou teso como uma <i>pertica</i> . <i>Pertica</i> deu tambem por corrupção o nome <i>percha</i> , vara, viga; v. gr. Em cima no toldo desta embarcação vinha armada sobre seis <i>perchas</i> uma rica tribuna. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 68, p. 270.
RAINA.	<i>Rabie</i> , abl. de <i>Rabies</i> . E a verdade é que saneava a <i>rainha</i> , e o gosto que tinha de fazer mal ao christão, com mostrar que nacia

de cautela. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 4.^o C. 5.^o p. 402, col. 2.^a

De raina vem o verbo neutro e popularissimo *reinar*, que significa ter raiva, e desejar fazer mal.

- RAIVOSO.** *Rabidosus.*
Antigamente dizia-se tambem *rabioso*: «Odio *rabioso*.» Arrais, Dial. 2.^o C. 18, fol. 76 v.
- SERPOL.** *Serpillo*, abl. de *serpillum*.
- SIBA.** *Sepia*, certo peixe de sangue negro.
- SILVO.** *Sibulum*.
- TANCHAGEM.** *Plantaginem*, acc. de *Plantago*, certa herba.
- TANCHAR.** *Chantar*.
Tanchar é o mesmo que *chantar*, obsol., com a differença da transposição de syllabas. — Ambos estes vocabulos veem do latim *plantare*.
- TREVAS.** *Tenebras*, acc. de *tenebræ*.
Teebras lê-se na Vers. da Reg. de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 150.
- TROPA.** *Turba*.
- TROPEGO.** *Torpidus*.
- URGA.** *Eruca*.

XALUPA. *Scaphula.*

ZIMBRO. *Juniperus.*

ARTIGO V.

*Corrupção por augmento de letras,
ou de syllabas.*

ABREVIAR. Lat. barb. *Breviare*, i. e. in breves redigere, describere. Du Cange, Glossar.

ABEGOARIA. *Pecuaría.*

ABRUNHO. *Prunum.*
Brunho se diz tambem 'n algumas de nossas provincias.

ACONSELHAR. Lat. barb. *Consiliare*, i. e. consilium dare. Du Cange, Glossar.

AGUADEIRO. *Aquarius.*

ALEIJÃO. *Læsio, onis.*

Por ter origem 'n este nome, que em latim é do genero fem., foi antigamente *aleijão* subst. feminino; v. gr.

Testimunhando com sua *aleijão*. Bar. Dec. 2.^a L. 5.^o C. 3.^o p. 462.

AMARGO. *Amarus.*

AMORA. *Morum.*

ANTEMANHAN. Lat. barb. *Antemane.*

- APALPAR.** *Palpare.*
- APLANAR.** Lat. barb. *Planare*, i. e. adæquare planum reddere. Du Cange, Glossar.
- APOSTILLA.** Lat. barb. *Postilla*, i. e. explanatio, explicatio verborum auctoris cujusdam. Nolten. Lex. Antibarb.
- APPARELHAR.** *Apparare*, composto da prep. *ad* e do verbo simples *parare*.
Em portuguez antigo dizia-se tambem *parar* por *apparar*, e *apparelhar*.
Feridos em uma queixada *param* a outra. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 266.
Não voltaram porem atrás, ante lhe *pararam* os rostos. Azurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 48, p. 225.
- APPLAUDIR.** *Plaudere.*
- ARRAIA.** *Raia.*
- ARREITADO.** *Arrectus*, part. de *arrigo*, *is*, levantar, estimular.
- ARROMBAR.** *Rumpere.*
Em todas as partes o dinheiro é tam poderoso que tudo *arromba*. Fern. Mend. Peregr. T. 3.º C. 183, p. 99.
- ARRUDA.** *Ruta.*

ASOINAR, OU
AZOINAR.

} *Assonare*, composto de *ad* e *sonare*.

ASSOCIAR.

Lat. barb. *Sociare*, i. e. *socium sibi adjungere*. Du Cange, Glossar.

ATORMENTAR.

Lat. barb. *Tormentare*, i. e. *tormen- tis excruciare*. Du Cange, Glossar.

ATURAR.

Durare, permanecer, durar.

Antigamente dizia-se *durar* por permanecer, persistir, do mesmo modo que em latim; v. gr.

O que mais espantou aos mouros neste combate, foi a constancia com que os nossos em todo um dia, recebendo, e não fazendo damno, *duraram* té que a luz do dia lhes faltou. Bar. Dec. 4.^a L. 4.^o C. 15, p. 456 e seg.

AUSTRO.

Astrum, astro, por excellencia o sol, que, a respeito das nações septentrionaes, fica ao sul, ou ao meiodia; sendo, portanto, com razão chamada Austro a parte que o mesmo sol percorre. Vid. o que dicemos ácerca do nome *Sul* na *corrupção por syncope ou suppressão de lettras*.

BAIXELLA.

Lat. barb. *Baxella*, vocabulo corrompido já de *Vaxella*, i. e. *vasa, vasarium, supellex*. Du Gange, Glossar.

BARATTA.

Blatta.

BELLISCAR.

Vellicare.

- CANGIRÃO. *Congius.*
- CAURINAR. *Carinari.*
Carinari est illudere, ut Isidorus in Glossis exponit. Vossii Etymologicon.
- CODEA. *Cute*, abl. de *Cutis*, pelle, couro, casca de arvore, ou de fructa. It. superficie.
 Barbara e rustica gente creada na codea da nossa lei. Bar. Dec. 3.^o L. 4.^o C. 3.^o p. 401.
- COSTELLA. *Costa.*
- CRENCHAS. *Crines, cabellos.*
 Mae.
 Ledecina,
 Correge essas *crenchas*, filha,
 E viste-te ess'oitra fraldilha,
 Que essa vem-le pequenina.
 Gil Vic. Obr. T. 3.^o p. 269.
- EMBALSAMAR. Lat. barb. *Balsamare*. Du Cange, Glossar.
- EMPELLICAR. Lat. barb. *Bellicare*, i. e. belligerare, præliare, impugnare. Du Cange, Glossar.
- EMPOLLA. *Bulla.*
- ESCADA. *Scala.*
 Antigamente dizia-se *scala* por *escada*; v. gr.
 De outra maneira non se subia sen *scala*. A. de Resende, Hist. de Evor. C. 14.

- ESCONDER.** Lat. barb. *Scondiere*, i. e. denegare, recusare. Du Cange, Glossar.
Adeante veremos que a idéa de esconder é a mesma que a de negar.
- ESCOVAR.** Lat. barb. *Scopare*, i. e. scopis verere, mundare. Du Cange, Glossar.
- ESGARAVATAR.** *Scarificare.*
- ESMONCAR.** *Emungere.*
- ESTOMAGAR-SE.** *Stomachari*, agastar-se, encholerisar-se.
- ESTRADA.** Lat. barb. *Strata.*
- ESTRELLA.** *Stella.*
- ESTRENIDO.** *Strictus*, part. de *Stringo*, is, i. e. estreito, apertado.
Estrenido é vocabulo vulgar nas ilhas dos Açores, onde o ouvimos varias vezes, e por isso o damos como portuguez.
- FISGAR.** *Figere*, pregar, fixar.
- GAIVOTA.** *Gavia.*
- GAMBIA.** Lat. barb. *Gamba.*
- GARUPA.** Lat. barb. *Crupa*, i. e. *tergum equi*.
Nescit quomodo invenit se super *crupam* equi sui, et tenens se ad selam, equus natando portavit eum sanum et incolumem ad ripam maris.

Processus de Vita S. Yvonis, Maii T.
4.º p. 567. Apud Du Cange.

GUELA.

Gula.

HYNVERNO.

Hybernus.

INTRINSICADO.

Intrinsicus.

Labyrinto mettido dentro em um lago, o qual se tem por maior e mais *intrinsicado*. Pant. d'Aveiro, Itiner. C. 8.º, fol. 28.

Intrinsicado é propriamente feito *intrinsico*.

De *intrinsicado*, por contracção, veiu *intriscado* e *intrincado*, como hoje dizemos.

JANELA.

Janua.

LANTERNA.

Laterna.

LEIXAR.

Lat. barb. *Laxare*, demittere, sinere.
Du Cange, Glossar.

MADEIXA.

Metaxa.

MONCO.

Mucus.

MONDEGO.

Munda.

OLIVEIRA.

Oliva.

OUSIO, obsol.

Ausum.

Assy foram estas cousas crescendo pouco e pouco, e as gentes tomando *ousyo* de seguyr aquella carreira.

- Azurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 17, p. 99.
- PALURDIO. Ital. *Balordo*, estolido, insensato.
- PARELHA. *Pare*, abl. de *Par*.
- PICANÇO. *Picus*.
- PINHEIRO. *Pinus*.
- PROVEITAR, obsol. *Prophetare*.
 E este havia quatro filhas virgões, que *proveitavam*. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 99.
- REBENTINHA, obsol. *Rabies, ei*.
 Isso é foscas mui asinha
 Por me metter *rebentinha* ;
 Mas perol não t'hei de crer.
 Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 135.
- REMANCHAR. *Remanere*, persistir no mesmo estado, ou lugar.
- RESTIA. *Restis*, corda.
- RIBANCHEIRA. *Ripa*.
- ROUBADOR. *Raptor*.
- RUIVO. *Rufus*.
- SISMAR. *Esmar*, calcular, julgar; propriamente cogitar; porque quem exercita alguma d'aquellas operações do

entendimento, *cogita*, ou *pensa profundamente*; sendo isto mesmo o que quer dizer a palavra *sismar*.

Esmar, como mostrámos na *corrupção por transposição de syllabas*, é alteração de *osmar*, e este de *sommar*, calcular, julgar. — De *esmar* se formou, pois, *sismar*, e não de *schisma*, como até hoje tem escripto todos os etymologistas.

Veremos agora que a palavra *esmar* significava já anteriormente *pensar*, *julgar*; significação esta que é a mesma que tem o verbo *sismar*.

E esto deserom eles, porque virom em na Cidade com el Trofino o de Effeso, e *esmarom* que o metera em no templo. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 101.

E os que o acusavam nom mes-travam rasom nem huuã de que eu *esme* que era mal nem huũ Ibid. p. 115.

SOMBRA.

Umbra.

SOMITTIGO.

Submitto, composto do verbo *mitto*, *is*, e da prep. *sub*.

Bento Pereira, no Thesouro da Ling. Portug., diz que *Somittigo* é corrupção de *Sedomita*, i. e. *puerorum stuprator*. — Não nos parece verdadeira esta etymologia, e tanto mais que não explica a outra significação que vulgarmente damos a *somittigo*, qual é a de mesquinho, avarento, etc. — *Submitto* satisfaz a ambas es-

las accepções; porque quer dizer : *eu ponho por baixo*, o que é o mesmo que ser agente da sodomia; e tambem : *eu escondo, ou subnego*, o que dá a idéa de avarento e mesquinho.

SOPPA.

Offa.

TAGARRO.

Tagrus, nome antigo do monte Junclo.

Tagarro é hoje um logar ao pé do referido monte, que com pouca differença conserva o nome que em razão do sitio lhe foi dado. Vid. Souza, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 1.^o C. 12, in princ.

THEIGA.

Theca.

VARRASCO.

Verres, porco não castrado.

VIOLETA.

Viola.

ARTIGO VI.

Corrupção por Augmento e Diminuição de Lettras, ou de Syllabas.

ABUTRE.

Vulture, abl. de *vultur*.

ACARREAR.

Lat. barb. *Abcariare*.

Abcariare, vehere è loco ad locum, à voce *cariare* quæ à *carrus*. Du Cange, Glossar.

AFEIAR.

Fædare.

- AJOUJAR.** *Adjungere*, unir, junctar, ou de *Adjugare*, submeter ao jugo.
- AMEIAS.** Lab. barb. *Minæ*.
Minæ, partes murorum pinnatæ, quæ ad emissionem sagittarum fenestratæ sunt. Du Cange, Glossar.
- AMOEDAR.** Lat. barb. *Monetare*, i. é. monetam cudere, fabricare. Du Cange, Glossar.
- AQUECER.** *Calescere*.
- ARRECADAR.** Lat. barb. *Recaptare*.
- ARREIGAR.** *Radicari*.
- ARREPEAR, i. é. a carreira.** *Repedare*, composto do nome *pedes*, prep. *re* denotando *para tras*, e desinencia indefinita *are*.
Em portuguez tem mais a prep. *a* indicando *directão* ou *extensão*.
Muitas coisas me contaram que aqui não escrevo; que se as soubessem algumas das que de cá fogem, (fala das judias) arrenegariam da ida, e arrepeariam a carreira. Pant. de Aveir. Itiner. C. 84, fol. 302 v.
- ASSENTE.** *Sedente*, abl. de *sedens* part. de *sedeo*, *es*.
- ASSUCAR.** Lat. barb. *Succarum*, vel *Sucharum*.
- CADEIRA.** *Cathedra*.
Antigamente dizia-se em portuguez

cathedra do mesmo modo que em latim; v. gr.

Era o deserto uma *cathedra* de doutrina celestial. Heitor Pinto. Imag. P. 1.^a Dial. 5.^o C. 2.^o p. 160, col. 1.^a

CAIXA.

Capsa.

CAMAPÉ.

Scimpodium.

CHEIO.

Plenus.

COITA. obsol.

Coactus, constrangimento, oppressão, tribulação.

Me diz que ei de seer preso, e que ei de soffrer muitas *coytas*. Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 97.

Endurecimento contra a misericórdia he quando a *coyta* do pobre, ou do mínguado vee, ou entende, e non lhe entra no coração. Ibid. p. 150.

De coita vem o verbo *coitar*, e o part. *coitado*.

Não devemos mais *coitar* os que se convertem dos gentios. Ibid. p. 75.

Tobias tardava em suas vodas e seu padre era *coytado* por el. Ibid. T. 3.^o p. 104.

CONLUIO.

Collusium.

DEGRAU.

Gradus.

DIAMANTE.

Adamante, abl. de *adamas*.

DORNA.

Dolium.

- EGUARIAS *Escaria*, manjares.
- ENFREAR. *Frænare*.
- ENNEVOAR. Lat. barb. *Nebulare*, i. e. obscurare, quasi nebula tegere. Du Cange, Glossar.
- ENTERNECER. *Tenerescere*.
- ENXOFRE. *Sulphur*.
- ESBULHAR. *Spoliare*.
- ESBULHO. *Spolium*, despojo, pelle tirada do animal morto.
 Tantos foram os *esbulhos* que acharam eno rreal que adur os poderom colher em trinta dias. Inedit. d'Alcob. T. 3.^o p. 146.
 Fez grande estrago enos gentijs que guerreavam contra os Judeus daquella terra, e correu com eles ata a sua terra, e tomou-lhe os *esbulhos* e tyrou-lhe os Judeus que levavam cat.vos. Ibid. p. 172.
 Hoje dizemos *despojo*, o que é outra corrupção de *spolium*.
- ESCANCHAR. Lat. barb. *Exemplare*, i. e. ampliar, extendere, augere. Du Cange, Glossar.
 De escanchar se formou o part. *escanchado* que achamos em Fern. Mendes.
 Vinha o padecente *escanchado* num

magro sindeyro. Peregr. T. 3.º C. 198, p. 174.

Escanchado é vocabulo corrente no Minho, em Tras os Montes e nas Ilhas dos Açores em vez de *escarranchado* de que não usam; o que prova ser aquelle termo mais portuguez do que este.

ESCURO.

Obscurus.

ESMERALDA.

Smaragdus.

ESPADUA.

Spatula.

ESPINAFRE.

Spinachium. — Na B. Latin. dizia-se *spinargium.*

ESPIRRO.

Spiritus.

O seguinte trecho comprova esta etymologia.

As historias menos antigas fazem menção de uma doença geral, e tam perniciosa, que o homem que dava *espírito*, dava com elle junctamente a vida, e quando foi applicando, se um *espirrava* e acertava de ficar vivo, acudiam os presentes a dar-lhe os emboras. Souza, Hist. de S. Dom. T. 1.º P. 1.ª L. 2.º C. 18, p. 175, col. 2.ª

ESPREITAR.

Spectare, ver, considerar, examinar.

ESTÃO.

Lat. barb. *Stallum.*

Du Cange define assim a palavra *stallum*: Locus ubi quis habitat, se-

del, stat. Præsertim ita appellatæ in foris, et nundinis mercatorum, sedes vel apothecæ: vox, ut videtur, contracta ex *stabulum*. Glossar. ad Scriptores etc.

ESTREAR.	Lat barb. <i>Strenare</i> .
FLEUMA.	<i>Flegma</i> .
GEITO.	<i>Gestus</i> .
HOMBRO.	<i>Humerus</i> .
INTEIRO.	<i>Integro</i> , abl. de <i>integer</i> . De <i>integra</i> , terminação fem. de <i>integro</i> , se formou tambem o adv. antigo <i>integramente</i> , que achamos nos Inedit. d'Alcob. T. 1. ^o p. 29.
LADRILHO.	<i>Latere</i> , abl. de <i>later</i> .
LIGEIRO.	<i>Aligero</i> , abl. de <i>aliger</i> .
LITEIRA.	<i>Lectica</i> .
LUSQUEFUSQUE.	<i>Lux quæ fugit</i> .
MERENDAR.	L. barb. <i>Meridie edere</i> . Du Cange, Glossar.
NOIVA.	<i>Nupta</i> .
OLVIDO.	<i>Oblivium</i> .
POCILGA.	Lat. barb. <i>Porcite</i> , i. e. <i>porcorum stabulum</i> . Du Cange, Glossar.

- PRAIA.** *Plaga.*
- QUITANDA.** *Quintana*, parte do campo dos romanos, onde se estabeleciam os vivandeiros e se vendia toda a casta de provisões. Vid. Pitisc. De Antiq. Roman.
- Parece que o nome Quitanda teve entre nós a significação de *feira*, ou *mercado de comestiveis*; e ainda hoje em Angola chamam *Quitanda* a um mercado volante. Vid. Lopes de Lima, Ensaio Statist. sobre as Possessões Portug. no Ultramar. L. 3.^o P. 2.^a p. 5.
- Actualmente damos o nome de *quitanda* a uma loja de comestiveis.
- RECIFE.** *Recisus.*
- REJEITO.** *Rejectus* part. de *rejicio, is*, arrojado, arremessar.
- Rejeito era uma arma antiga de arremesso.
- Alguns dos nossos as tomavam (lebres) a cosso com *rejeitos* que lhes remessavam. Bar. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 10, p. 349.
- SANGRAR.** *Sanguinare*, escorrer sangue.
- SENDEIRO.** *Senex equus*, cavallo velho.
- SOLUÇO.** *Singultus.*
- SORRATEIRO.** *Subrepticus.*

- SOSLAIO.** *Sublapsus.*
- SOTAINA.** Lat. barb. *Subtana*, i. e. logæ, seu tunicæ speci. s. Du Cange, Glossar.
- SOUTO.** *Salvus*, bosque, malta.
Souto, não se diz sómente de castanheiros, como é mais frequente, mas tambem de quaesquer arvores.
E um *souto* de oliveiras, que é cintura.
Da cidade a Minerva consagrada.
Fil. Elis. Os Martyr. L. 15, p. 138.
- TRAFEGAR.** *Transferre.*
Andar caminhos, *trafegar* serras e montes. Souza. Annaes de D. João III, P. 1.^o C. 10, p. 41.
- VINDIMAR, t. popul.** *Victimare*, i. e. immolare, mactare.
- VICTUALHAS.** Lat. barb. *Victualia*.
- VINGANÇA.** *Vindicatio.*

Não produziremos mais exemplos das corrupções que se dam tanto no latim puro, como no já barbarisado da idade media, por não escrevermos um longo vocabulario: — os que deixamos transcriptos nos parecem sufficientes para habilitarem nossos leitores a fazer idéa das principaes transformações com que os vocabulos latinos passaram para o portuguez.

CAPITULO III.

DO MODO PORQUE SAM FORMADAS AS DESINENCIAS
DOS VOCABUS PORTUGUEZES.

A corrupção da lingua latina não podia deixar de comprehender as *desinencias* dos vocabulos, tam susceptiveis de alterar-se em razão da variedade de suas declinações.—Todavia, esta corrupção não é tammanha como á primeira vista parece; consistindo geralmente na troca de umas em outras letras, ou na transposição de algumas syllabas, e não em mudanças substanciaes.

A differença que alguns AA. teem pretendido achar entre nossos vocabulos e os latinos provém de não reflectirem na transmutação de algumas letras, tam facil de fazer-se que até nós mesmos os portuguezes trocamos frequentemente o *v* em *b*, e o *i* em *e* (1); e tambem de não repararem que quasi todos os nossos vocabulos foram tomados da forma que recebem no ablativo do singular os nomes latinos, e não da que teem no nominalivo; excepto os que proveem dos nomes pertencentes á primeira declinação; os quaes podem vir do ablativo, ou do nominativo, por serem identicas as terminações d'estes dois casos.

Nomes tomados do latim da primeira declinação.

Agua, agricola, arca, audacia, aurora, barba, cateva, cauda, collega, columna, copia, crista, demencia, estatua, forma, gengiva, gula, hora, injuria, ira, lagryna, lingua, macula, memoria, nauta, opulencia, pa-

(1) A troca do *v* em *b* é tam vulgar em nossas provincias do norte que geralmente dizem alli: *binho, bir, biber*, por vinho, vir, viver. A do *i* em *e* nota-se como um dos erros que frequentemente commette a gente indouta, dizendo: *admette, ommette, transmette*, em vez de *admitte, omitta, transmittit*, etc.

gina, palpebra, pirata, querela, rixa, regua, ruga, saliva, terra, toga, uva, zona, e assim outros muitos.

Foram, porém, tomados do nominativo os nomes proprios de heróes, como: *Anaxagoras, Anchises, Arcesilas, Architas, Aristeas, Cinyras, Enéas, Hippias, Hylas, Ismenias, Lycidas, Lysanias, Midas, Phidias, Pausanias, Philoctetes, Pylades*; — os de cidades, como: *Cyrenne, Mitalyne*; — os de rios, como: *Arsanias, Eurotas*; — os de montes, como: *Mimas, Rhodope*; — e os de ventos, como: *Cecias, Boreas, Etesias*.

Nomes tomados do latim da segunda declinação.

Alumno, astro, buxo, corvo, cumulo, damno, dolo, embolo, ferro, furto, gallo, gelo, globo, junco, muro, livro, mundo, nervo, nitro, oleo, palmo, pelago, quadro, ramo, repudio, servo, somno, tecto, thyrsos, throno, ulmo, vaso, zelo.

Exceptuam-se alguns nomes proprios, como: *Argos, Atropos, Cos, Delos, Lemnos, Lesbos, Naxos, Paphos, Pylos, Samos, Sestos, Tenedos, etc.* tomados do nominalivo, etc.

Nomes tomados do latim da terceira declinação.

Arte, artifice, brevidade, carne, classe, crise, idade, elephante, fraude, fonte, gente, gigante, gravidade, heróe, infante, interprete, juventude, lide, magestade, morte, neve, noite, orbe, oriente, parede, pelle, raridade, rhinoceronte, sagacidade, sacerdote, saude, tapete, tempestade, tramite, ulcera, ventre, vertice, virtude, vortice.

Exceptuam-se os nomes proprios de deoses e de heróes, como: *Achilles, Adonis, Aglais, Alcibiades, Amaryllis, Apollo, Aristides, Bias, Ceres, Chloris, Cupido, Dido, Doris, Diomedes, Euripedes, Ganymedes, Gyges, Hercules, Iris, Isocrates, Irys, Lais, Lycaon, Lycopedes, Mecenas, Nero, Nemesis, Numitor, Orestes, Orion,*

Pallas, Pan, Pandemon, Phalaris, Phyllis, Pollux, Python, Semiramis, Sophocles, Tethis, Themis, Venus, etc. tomados do nominativo.

Exceptuam-se tambem outros nomes proprios, como: *Carthago*, antiga cidade de Africa; *Tunis*, outra cidade de Africa; *Tybur*, cidade de Italia; *Euphrates*, rio de Mesopotamia; *Liris*, rio de Italia; *Nar*, outro rio de Italia, igualmente tomados do nominativo.

Nomes tomados dos latinos da quarta declinação.

Aborto, ambito, arco, atrito, boato, canto, culto, decurso, feto, gráo, jacto, modo, moto, occaso, olfato, ornato, parto, passo, pasto, portico, pulso, raptó, riso, salto, senado, senso, tacto, uso, vagido, vulto.

Em todos estes nomes ha apenas a mudança do *u* final em *o*, e, em alguns, do *t* em *d*, segundo pede o genio da lingua.

Exceptuam-se os nomes proprios: *Calypso, Calisto, Clio, Clotho*, etc. tomados do nominativo.

Nomes tomados dos latinos da quinta declinação.

Barbaria, blandicia, canicie, carie, congerie, dia, effigie, especie, face, intemperie, mollicie, planicie, progenie, raiva, serie, superficie, temperie, etc.

As desinencias dos nomes adjectivos portuguezes sam igualmente formadas das do ablativo do singular dos adjectivos latinos. Algumas d'estas desinencias teem, com tudo, experimentado successivas modificações; d'onde procede que varios de nossos adjectivos não sam hoje como os achâmos na infancia da lingua. — A' medida que recuarmos na escala progressiva das mudanças que 'n elles se fizeram assim os veremos mais approximados aos latinos d'onde os tomâmos. — Diremos, porém, que todas as alterações que se practicaram nas desinencias assim dos nomes substantivos, como dos adjectivos, fo-

ram outros tantos melhoramentos que se fizeram nos mesmos ; porque, se bem averiguarmos, acharemos que fôï a euphonia que influïu e operou estas mudanças ; v. gr.

Dos adjectivos latinos no ablativo do singular *amabili*, *horribili*, *volubili*, fizemos *amabil*, *horribil*, *volubil*, como ainda se dizia no seculo XVI. Depois, pela mudança que a lingua tende a fazer do *b* em *v*, e do *i* em *e*, ficou amavel, horrivel, voluvel, formula, por certo, mais suave que a primeira.

Dos adjectivos latinos no abl. do sing. *fatali*, *cru- deli*, *puerili*, fizemos fatal, cruel, pueril.

Do abl. do sing. *fugaci*, *felici*, *veloci*, fizemos *fuga- ce*, *fel ce*, *veloce* ; porém, como esteja no genio da lingua a troca do *c* em *z*, os convertemos em *fugaz*, *feliz*, *ve- loz*, supprimindo a final *e* que não podia existir unida á consoante *z* sem lhe tirar a força.

Do abl. do sing. *uno*, *una*, que ainda no princi- pio do seculo XIV se dizia sem alteração *uno*, *una*, fize- mos *hu*, *hua*, pronuncia aspirada e desagradavel, que alterámos dizendo sem aspiração um, uma.

Do accusativo latino *duos*, transpostas as vogaes, fizemos *dous*, pronuncia que ainda hoje se conserva em nossas provincias do norte, e que nós suavisámos mudando o *u* em *i*, e dizendo dois.

Outros muitos exemplos podiamos produzir ; mas este s nos parecem sufficientes.

Pelo que fica explicado, vê-se que nossos vocabulos sam em geral tomados do ablativo do singular dos nomes latinos : o que necessariamente havia de acontecer ; porque vindo a perder-se a declinação dos nomes, em razão de ser a lingua dos romanos falada por um povo rude como o da Lusitania, cujo ouvido era, por certo, incapaz de bem apreciar as delicadas desinencias latinas, a lingua, já 'n este tempo inculta e barbarisada, perdi-

das ou confundidas as desinencias (1), abandonando as declinações, adoptou em cada um de seus vocabulos uma unica terminação, a qual não podia ser a do nominativo, que, por mui variada na lingua latina, era, por isso, impropria para ser conservada por um povo rustico. — E sendo as terminações do ablativo do singular as mais uniformes e regulares, assim como as de mais clara e facil pronunciação, a que podemos tambem junctar as mais frequentemente repetidas, por ser o ablativo o *caso* que se emprega em maior numero de circumstancias, eram essas, portanto, as que naturalmente deviam ficar existindo, e que de feito ficaram, como demonstrámos comparando as desinencias de nossos vocabulos com as do ablativo do singular dos nomes latinos de todas as declinações.

Assim foram lançados os primeiros fundamentos da lingua portugueza: fundamentos, na verdade, bem simples; porque a lingua era pobre quanto possivel, constando apenas dos vocabulos indispensaveis para o uso quotidiano da vida; mas, se bem attendermos, marcados todos com o cunho da lingua latina, cuja filiação é impossivel desconhecer, a não se querer cerrar os olhos á luz odaverdade.

Perdida, pois, uma parte das desinencias latinas, e, portanto, a declinação dos nomes, ficaram estes com o menor numero de terminações; porém mais uniformes, e appresentando já um caracteristico novo e proprio para

(1) João P. Ribeiro, tractando dos mais antigos documentos que nos restam e que datam do seculo ix e seguintes, em que desmembrado já o imperio romano se reduziu sua lingua á maior barbaridade, diz: — «Um latim com resabio de lingua vulgar, é o que se encontra nos documentos: syntaxe irregular, palavras alheias a todas as edades daquelle idioma, casos, generos e numeros invertidos, e uma orthographia barbarissima e incerta, formam um chamado latim, e mais extranho do que era a antiga lingua do Lacio aos do seculo de Augusto.» *Dissert. Chron. sobre a Hist. e Jurisp. Eccl. e Civil de Port. T 1.º Dissert. 5.º p. 187.*

denotar o genio da lingua vulgar. Foi este, pois, e devia ser, o typo invariavel pelo qual se moldaram todos os nomes arabes que posteriormente se foram introduzindo, e outros que se inventaram; porque a lingua não podia ficar estacionaria, e 'n um estado de rudeza tal como se appresenta nos documentos que nos restam, e que proxivamente marcam a transição da lingua latina para a portugueza.

Devemos aqui notar, como coisa digna de observação, que sendo as desinencias do ablativo do singular dos nomes latinos as que invariavelmente adoptámos em todos os vocabulos falados, estão fóra d'esta regra as terminações dos nomes dos deoses, dos heróes, e as dos vocabulos scientificos, que, não pertencendo á linguagem do povo, só nos vieram em tempos de mais illustração, adoptados por nossos primeiros poetas e historiadores; e, por isso, grande numero d'estes vocabulos foram tomados do nominativo latino, sem embargo da diversidade das desinencias: — outros tomados do ablativo, ou de outros casos, segundo o gosto e o ouvido do escriptor; no que já, por certo, era consultada e attendida a euphonia.

CAPITULO IV.

DOS NOMES DERIVADOS.

Além dos nomes que considerámos *primitivos*, não porque realmente o sejam, mas porque não tiram a origem de outros vulgares, temos grande copia de vocabulos derivados d'estes e formados per meio de uma diversidade de desinencias de que é riquissima a lingua portugueza, e com as quaes fazemos variar prodigiosamente a significação dos primitivos. Assim de terra se forma *terraço, terrado, terreal, terrão, terrantez, terreiro, terrento, terroso, terroada, etc.* — De mar *maré, marcação, mareagem, mareiro, marejada, maresia, marinha, marinagem, marinheiro, marinhesco, marisco, marujo, marulho, marulhada, marulhoso, etc.* E de outros muitos vocabulos se deduz uma serie infinita de derivados que attestam a abundancia da lingua, e se prestam á expressão de todas as idéas que podemos conceber.

No numero dos derivados se comprehendem os *gentilicos*, ou *nacionaes*, e os *patronimicos*. — Os primeiros teem mui variadas terminações, como sam : *romano, etrusco, grego, lacedemonio, atheniense, persa, egypcio, etiope, indio, syrio, china, tartaro, russo, hungaro, francez, hespanhol, etc.*

Porém todas as referidas terminações proveem das desinencias genericas *anus, enus, ensis*, que em alguns d'estes nomes se acham inteiras, e 'n outros contrahidas e syncopadas : tanto assim que dizemos egualmente : *persa* ou *persiano* (1), *egypcio* ou *egyptano* (2), *etyope* ou *etyopiano* (3), *indio* ou *indiano*, *syrio* ou *sy-*

(1) Vieira, Cart. T. 1.º p. 425. — Godinho, Relaç. C. 19, p. 154.

(2) Lucena, T. 1.º L. 1.º C. 14 p. 102, e T. 4.º L. 10, C. 22, p. 358.

(3) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 32, fol. 92 v.

riano, (1) russo ou russo, gallego ou galliciano etc.

As mencionadas desinencias proveem da raiz latina *ens, entis* (2), que denota o ente, o ser, i. e. o homem por excellencia, e entram na composição de todos os nomes gentilicos, que sam os que designam *gente, casta, familia, patria, ou nação*. — Assim, *romano* vem de Roma, ou de Romulo; *troiano* de Troia, ou de Tros, seo fundador; *mahometano* de Mahomet; *christão*, (contração de *christianus*) de Christo; *agareno* de Agar; *saraceno* de Saraca; (3) *uticense* de Utica; *plateense* de Plaléas, (4) etc.

Os patronimicos, que sam os que denotam filiação, proveem dos nomes paternos, compondo-se d'estes e de uma desinencia que é de ordinario a que tomam os nomes latinos que teem esta origem, e que nós recebemos já assim formados: v. gr. *Agenorides*, Cadmo, filho de Agenor; *Anchisiades*, Enéas, filho de Anchises; *Da-*

(1) Pant. d'Aveiro, Itiner. C. 33, fol. 93 v.

(2) De *ens, entis*, e do determinativo masculino *us* se fez *enus*, que tambem se muda em *anus*, do mesmo modo que *ens* se muda em *ans*; v. gr. *leg-ens*, o que lê, *am-ans* o que ama. — De *enus* se formou *nazareno, damasceno, laudiceno*, etc. De *anus* se compõem muitos nomes, como v. gr. *humanus*, formado de *humo* abl. de *humus*, a terra, e de *anus*; i. e. o ente do gaeiro masculino gerado ou nascido da terra. Esta mesma desinencia mudá-se em *inus* de que se compõem *agrigeninus, florentinus*, etc.

Do mesmo nome *ens*, e do determinativo de duas formas *is* se fez a desinencia *ensis*, que entra na composição de muitos nomes, como por exemplo *eborensis, coloniensis, siciliensis*, etc.

(3) Segundo José Assemani, na Dissertação de *Arabum Origine*, que se acha no fim do T. 18 da Historia Byzantina, chamam-se *saracenos* não de Sara, mas de *Saraca*, terra da Arabia, onde primeiro habitaram.

(4) As desinencias de que se compõem todos estes nomes sam, como se vê, as dos adjectivos latinos de duas e tres formas. — Este facto, que não queremos deixar aqui passar desapercebido, serve de comprovar a doutrina de Sanches, que ensina que os *nomes gentilicos* não sam mais do que meros adjectivos. Vid. Minerv. L. 1.º C. 7.º

naides, as filhas de Danao; *Tyndarides*, Castor, filho de Tyndaro; *Nereides*, as filhas de Nereo; *Tagides*, nymphas filhas do Tejo, etc.

Estes nomes, porém, sendo puramente mythologicos, não passam do dominio da poesia, onde sam exclusivamente empregados. Para exemplo só, apontaremos os seguintes:

Já lá o soberbo *Hypothades* soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos...

Cam. Lus. C. 6.º E. 37.

Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hespereo, *Hesperides* chamadas.
Id. ibid. C. 5.º E. 8.ª

Nossos maiores usaram de nomes patronimicos que compunham ajunctando ao nome do pae a syllaba *es* ou *is*, com que rigorosamente formavam uma declinação.— Assim, *Geraldes*, queria dizer filho ou filha de Geraldo; *Nunes*, filho ou filha de Nuno; *Migueis* filho ou filha de Miguel. Do mesmo modo *Fernandes*, *Henriques*, *Peres*, *Alvares*, *Rodrigues*, *Sanches*, *Lopes*, etc. filho ou filha de Fernando, Henrique, Pero, Alvaro, Rodrigo, Sancho, Lopo.

De Affonso e Manuel não era costume formar patronimicos, não só entre nós, senão em toda a Hispanha, onde estes nomes foram vulgares:— Os patronimicos não passavam aos netos; mas, a final, tornaram-se hereditarios, e sam hoje reputados *appellidos de familia*; postoque não sejam mais do que adjectivos derivados dos nomes proprios primitivos das pessoas.

CAPITULO V.

DOS VOCABULOS PORTUGUEZES DE ORIGEM ARABICA.

Quasi todos os vocabulos portuguezes que começam pela syllaba *al* sam de origem arabica, e nos ficaram dos mouros, que muito tempo dominaram Portugal depois dos suevos. *Al* é o artigo arabico que se acha incorporado em todos os vocabulos d'esta origem; — mas ha varios nomes que, começando pela dicta syllaba, sam, comtudo, originalmente latinos; como os que tendo por iniciala letra *l* recebem a preposição *ad*, que com elles se incorpora e muda o *d* em *l*; v. gr. *allegar* e *allocução*, que veem e se formam de *legare* e *locutio* precedidos da preposição *ad*. — Outros ha ainda que começam pela syllaba *al* e sam de origem latina; como *alga*, *alhear*, *alheio*, *almo*, *altar*, *altercar*, *alteza*, *alternno*, *alto*, *alvo*, *alvor*, etc.

Tambem temos muitos vocabulos, que, não começando pela syllaba *al*, sam, comtudo, arabes, e os recebemos dos mouros; como: *anil*, *arroba*, *atalaia*, *balio*, *baraço*, *beleguim*, *casila*, *ema*, *salua*, *gergelim*, *jaezes*, *javali*, *laranja*, *lezira*, *lofada*, *matraca*, *nuca*, *papagaio*, *pateo*, *quintal* (peso), *rabique*, *récova*, *regueifa*, *roman*, *saguão*, *tamaras*, *xergão*, etc.

Os que tiverem a curiosidade de saber quaes os vocabulos portuguezes de origem arabe, podem consultar os *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal* por Fr. João de Souza, e o *Vocabulario* que tem por titulo: *Methodus addiscendi Arab. Linguam*, por A. Vieira.

CAPITULO VI.

DOS INFINITOS DOS VERBOS TOMADOS PELOS SUBSTANTIVOS
COGNATOS.

Como estejâmos tractando dos vocabulos portuguezes, devemos incluir no numero d'elles os infinitos dos verbos, que, uma vez precedidos de um adjectivo determinativo, por especial lusitanismo tem a propriedade de ser considerados como outros tantos substantivos designativos de *acção*, a qual muitas vezes não é denotada pelos substantivos cognatos dos mesmos verbos.

D'aqui vem dizermos *o cahir das folhas* e não a *queda*; — porque *o cahir* das folhas indica a acção d'ellas se desprenderem e soltarem das arvores; e *queda* é uma contracção de *cahida*; a qual contracção, sendo abreviatura da palavra, denota tambem a abreviatura da acção, e, em rigor, significa o instante em que o corpo despeñado encontra o chão; propriamente *choque*, *pancada*. — *O cahir* das folhas é ainda mais proprio do que *cahida*; porque designa uma acção *indefinita*, e envolve a idea de reiteração: — e *cahida* significa uma acção *unica*, *definita*, e, por certo, menos propria para representar o acto successivo de se desprenderem e cahirem as folhas das arvores, e (por metonymia) o *tempo* em que as mesmas cahem.

Considerados a esta luz os infinitos dos verbos, vê-se que é com rigorosa propriedade de expressão que vulgarmente costumâmos dizer: *o romper d'alva*, *o fechar da noite*, *o travar da peleja*, *o andar do tempo*, *o correr do sino*.

E não só na linguagem vulgar, senão na de nossos melhores escriptores, especialmente dos poetas, achâmos empregados os infinitos dos verbos como substantivos de acção: do que elles por certo, não deviam descuidar-se, sendo estes substantivos tam propios para ajuda-

rem a formar a linguagem figurada, e para darem vivacidade, nervo e calor á dicção.—Assim dice Lucena com tanta concisão como propriedade: *o affusilar* da artilheria: *o frechar* dos arcos. (1)

Os exemplos que se seguem provarão ainda que os auctores, que primeiro contribuíram a formar a lingua, empregaram os infinitos dos verbos como substantivos de acção, mesmo quando já tinham outros substantivos equivalentes; v. gr.

Mulher muito grande é

O leo bom *perseverar*.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 376.

O velho pae sisudo que respeita

O *murmurar* do povo.

Cam. Lus. C. 3.º E. 122.

Isto, padres meos, é já um *conversar* na patria, uma prelibação da gloria, e um *começar* a reinar. Souza, Vid. do Arc. T. 1. L. 2.º C. 33, p. 364.

Quantas náos de mouros alli vinham ter, todas queria que estivessem a seo *mandar*. Bar. Dec. 3.º L. 3.º C. 7.º p. 315.

Quando os infinitos dos verbos sam tomados como substantivos designativos de acção, não admittem plural; pois dizendo nós v. gr. *o correr*, *o saltar*, não podemos dizer no plural *os correres*, *os saltares*. — Quando porém, os dictos infinitos não denotam acção, podem ser levados ao plural, porque estão no caso dos nomes que significam uma substancia, ou entidade. Assim dizemos: o ser, e *os seres*; o comer, e *os comeres*, etc.

Do mesmo modo: *o cantar* e *o tanger*, na estricta significação de canto e toque, admittem plural, e d'elles temos os melhores exemplos; v. gr.

(1) T. 2.º L. 5.º C. 27, p. 224.

Com muitos *tangeres* e festas. Tenr. Iten. C. 25.
E cantam seos *cantares* os sacerdotes em voz bem
entoada. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 14.

Antre estes sacrificios, *tangeres* e *canuares*, sempre
as mesas estão postas. Ibid.

Os *cantares* de sua honra e gloria divina. Luc. Vid.
de Xav. T. 2.º L. 4.º C. 6.º p. 47.

Não se póde negar que a referida propriedade é he-
rança que a lingua adquiriu da latina, na qual se dam
e podem citar eguaes exemplos; v. gr.

Ipsum cremare, apud Romanos, non fuit veteris
instituti, terrâ condebantur. Plin.—O queimar (os cor-
pos) entre os romanos não foi de antiga instituição; co-
briam-nos de terra.

Scire tuum nihil est. Pers. Sat. 1.^a v. 27. Teo sa-
ber nada é.

CAPITULO VII.

DOS ADJECTIVOS E DOS PARTICIPIOS DO PRESENTE E DO PASSADO
TOMADOS PELOS SUBSTANTIVOS COGNATOS.

E não só os infinitos dos verbos sam tomados na lingua portugueza pelos substantivos cognatos, senão que ainda muitos adjectivos fazem as vezes de nomes substantivos; como quando dizemos: *o bello* de um quadro, *o pathetico* de um drama, *o sublime* de um pensamento, *o util* e *o agradavel*, *o melhor* e *o peor*, *o certo* e *o duvidoso*, etc.

Estes adjectivos, assim tomados, sam elegantes pela concisão, e dam graça ao discurso: eis aqui um exemplo:

Desceram do cume da serra, onde estavam, por quatro partes, uma noite chuvosa e de grande *escuro*. Fern. Mend. Peregr. T. 3.º C. 201, p. 192.

Tambem fazem as vezes de nomes substantivos muitos participios do presente e do passado, como v. gr. *amante*, *pretendente*, *ouvinte*, que sendo participios do presente dos verbos *amar*, *pretender*, *ouvir*, sam, com tudo, outros tantos substantivos.

E dos participios do passado temos: *escripto*, por papel, ou bilhete escripto; *attestado*, por documento que attesta; *impresso*, por folha ou folheto impresso; *olhado* por feitiço, ou molestia procedida de olhar malefico, como crê o vulgo; *perdido*, pela coisa que se **faz** perdida para o cão a ir buscar; *pescado* pelo peixe que se pescou, etc.

Em muitos proverbios e rifões vulgares achâmos os participios substantivados, o que prova que este modo de exprimir está no gosto e no genio da lingua; por exemplo:

«Mais come o boi de uma *lambida* que a ovelha em todo o dia.

«Mais vale agua do ceo que todo o *regado*.»

E' tal a propriedade que a lingua tem de substan-

tiyar todas as palavras que até dos tempos dos verbos, de uma particla, ou de outra qualquer parte da oração, podemos formar um nome substantivo; v. gr. Mais vale um *toma* que dois *te darei*; (1) *os comes* e *os bebes*; *os dares* e *os tomares*; (2) *o sim* e *o não*; *o quê* e *o porquê*; *os itens* e *os provarás*; *os prós* e *os contras*, etc.

Daqui a grande facilidade com que formâmos tantos nomes proprios verbaes, tam significativos e engraçados, como v. gr. o *Espalha*, o *Penetra*, a *Escacha*, o *Esbarronda*, o *Traga-Mouros*, o *Passa-muro*, (3) o *Bota-abaixo*, o *Troca-Tintas*, o *Cheira-Dinheiro*, (4) o *Esfolla-caras*, o *Estafermo*, o *Papa-moscas*, o *Mija-man-sinho*, etc.

(1) Mais vale um avache que dois te darei. Jorge Ferr. Eufros. 1.^o 3.^a

(2) Depois de muitos dares e tomares. Brito, Mon. Lus. T. 1.^o fol. 401, col. 4,

(3) Nome de um canhão antigo, mui reforçado cuja bala passava grossos muros.

(4) Alcuinha de um certo João Gomes, portuguez que os mouros mataram nas partes do Oriente, como refere João de Barros, Dec. 3.^a L. 3.^o C. 7.^o

CAPITULO VIII.

DOS GENEROS DOS NOMES.

Os generos dos nomes, tanto em latim, como em portuguez, sam, em primeiro logar, conhecidos pela significação; em segundo, pela terminação.

Dos generos conhecidos pela significação.

Os nomes que denotam sexo, ou têm analogia sexual, sam do genero que tal sexo, ou analogia determina. — Assim sam do genero masculino os nomes que significam macho, ou sejam *proprios*, ou *appellativos*: *proprios* quer de homens, como *Antonio*; quer de brutos, como *Bucephalo*, cavallo de Alexandre Magno; — *appellativos*, quer de homens, como *rei*, *condestavel*; quer de brutos, como *cavallo*, *leão*.

Sam egualmente de genero masculino os nomes *proprios* de anjos, demonios, deoses, semi-deoses e heróes; como *Gabriel*, *Miguel*, *Lucifer*, *Satan*, *Jupiter*, *Marte*, *Neptuno*, *Hercules*, *Enéas*, *Minos*, *Theseu*, *Orpheu*, etc.

Os nomes dos ventos, por serem representados em figuras de homens; como *A'quilo*, *Austro*, *Euro*, *Favorto*, *Cecias*, *Vulturno*, etc.

Pela mesma razão os nomes de rios; como *Tejo*, *Douro*, *Lima*, *Tamega*, etc.

Sam do genero feminino os nomes que significam femea; ou sejam *proprios*, ou *appellativos*; *proprios*, quer de mulheres, como *Lucrecia*, mulher de *Collatino*; quer de brutos, como *Estricta*, cadella de *Actéon*: — *appellativos*, quer de mulheres, como *rainha*, *duqueza*; quer de brutos, como *egua*, *leão*.

Sam mais do genero feminino os nomes *proprios* de deosas, *nymphas*, e de outra divindades allegoricas, a que se attribue o sexo feminino; como *Juno*, *Pallas*, *Venus*, *Ceres*, *Calisto*, *Daphne*, *Egeria*, *Po*, etc. — e

hem assim os nomes das virtudes, das musas, das graças, das serêas, das parcas, das furias, das harpias, etc.

Sam *communis de dois* os nomes que, debaixo de uma só forma, á maneira dos adjectivos, significam igualmente macho e fema: v. gr. *artifice, espia, guarda, hypocrita, interprete, infante, martyr, taful, virgem, etc.*

Nesta especie de nomes devemos classificar os nossos *appellidos de familia*, que, sem mudarem de terminação, denotam os individuos de ambos os sexos; taes sam: *Furtado, Falcão, Peixoto, Salgado, Miranda, Sequeira, Moura, etc.*; pois dizemos igualmente: o senhor, ou a senhora *Furtado, Falcão, Peixoto, Salgado, etc.*

Entre os nomes de animaes ha alguns que, pela significação, comprehendem machos e femeas; mas que sam do genero masculino ou femenino, segundo as regras da terminação. — Chamam-lhe os grammaticos *epicenos* (1). — Dos masculinos temos: *crocodilo, esquilo, leopardo, pavão, rouxinol, robalo, salmão; etc.* — dos femininos temos: *onça, panthera, hiena, cobra, mosca, formiga, cegonha, truta, lamprea, etc.*

Esta singularidade que se acha tanto em portuguez, como em latim. provém, de certo, de se não dar differença sensível entre os machos e as femeas dos referidos animaes; nem necessidade urgente de os distinguir; pelo que lhe foram impostos nomes que, debaixo de uma só terminação, e pertencendo a um unico genero, comprehendem e designam ambos os sexos.

Dos generos conhecidos pela terminação.

Os nomes das coisas, que não teem analogia sexual, sam em portuguez do genero masculino, ou feminino, conforme *as regras da terminação da lingua lati-*

(1) Nomina, quæ conveniunt maribus et feminis, sine discrimine sexus, *Epicæna* vocantur, et unum tantum genus habent, quod cognoscitur ex regula de terminatione: ut *hic passer, pavo; hæc pica, vulpes*. Vossii Gramm. p. 14.

na, no que assás se mostra a identidade do genio de ambas as linguas. — Para determinar-mos, pois, os generos dos referidos nomes convém empregar as dictas regras, com a advertencia, porém, de que devemos classificar no numero dos masculinos todos aquelles cujas desinencias os fariam pertencer em latim ao genero *neutro*; genero que, pelos motivos que adeante exporemos, se não ficou distinguindo em portuguez do masculino.

Passemos, pois, a fazer applicação das sobreditas regras.

A.

Os nomes que terminam em *a*, como *patria*, *vida*, *gloria*, sam do genero feminino; porque proveem geralmente dos latinos da 1.^a declinação que leem esta desinencia, e pertencem ao genero feminino.

Exceptuam-se *agricola*, *incola*, *cometa*, *planeta*, que sam masculinos em portuguez, pela razão de o serem em latim, onde egualmente formam excepção.

Exceptuam-se mais: *apophthema*, *clima*, *diadema*, *epigramma*, *thema*, *dilemma*, *programma*, *enigma*, *drama*, *poema*, e outros que, provindo dos latinos da 3.^a declinação do genero neutro, sam, por isso, masculinos em portuguez. (1)

Exceptuam-se, finalmente, alguns nomes acabados em *á* agudo; como *alvará*, *chá*, *sofá*, *tafetá*, que não proveem do latim, e que, em razão, talvez, de sua accentuação forte, fizemos do genero masculino.

E.

Os nomes portuguezes acabados em *e*, proveem ge-

(1) Alguns destes, como *diadema*, *clima*, *estralagema*, *cometa*, *planeta*, foram antigamente usados em portuguez no genero feminino, conforme a regra geral dos nomes que terminam em *a*; — porém, reconhecendo-se-lhes a procedencia, passaram a masculinos, por serem originalmente deste genero, ou do neutro.

ralmente da fôrma que teem no ablativo do singular os latinos da 3.^a declinação, dos quaes uns sam masculinos, outros femininos.—Por esta razão, parte dos nomes portuguezes, que teem a referida desinencia, sam do genero masculino, e parte do feminino.—Dos primeiros temos: *cespede, folle, murice, orbe, pente, limite, tapete, tramie, vertice, curcere, dente, etc.*—Dos segundos: *base, torre, neve, crise, fome, indole, febre, noite, lide, p'ebe, saude, etc.* (1)

Alguns proveem dos neutros da 3.^a declinação, pelo que sam masculinos; v. gr. *exame, grude, leite, lume, crime, betume, vime, etc.*

Os que não teem origem latina, sam masculinos, como: *aleive, achaque, tabique, baque, beliche, traquete, beque, atabaque, hote, troe, almude, tabefe, paquise, requise, leque, bule, açude, etc.*—E nenhum nos occorre que seja feminino.

(1) Alguns nomes masculinos, que teem terminação em *e*, antigamente a tinham em *o*, como essencialmente mais propria para designar o genero masculino.—Assim vemos escripto *Alexandro* (1) por *Alexandre*; *appetito* (2) por *appetite*; *bronzó* (3) por *bronze*; *alcanço* (4) por *alcançe*, *deleito* (5) por *deleite*; *motto* (6) por *motte*; *covardo* (7) por *covarde*; *bailho* (8) por *baile*, etc. — *Bailho* ainda hoje se diz em varias povoações da ilhas dos Açores, onde se acha conservada a linguagem quinhentista.

(1) Camões, Lus. C. 1, E. 3. — C. 5.^o E. 93 e 96.

(2) Luc. T. 2.^o L. 5.^o C. 16, p. 217. — Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.^o C. 2.^o, e 9.^o Gil Vic. Obr. T. 2.^o p. 43.

(3) Fern. Mend. Peregr. T. 1.^o C. 47, p. 175.

(4) Inedit. da Acad. T. 5.^o p. 106. — Bar. Dec. 2.^a L. 5.^o C. 7.^o.

(5) Inedit. d'Alcob. T. 2.^o p. 9. — Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.^o C. 1.^o p. 23 e noutros Cap.

(6) Bar. Dec. 1.^a L. 1.^o C. 13, p. 113.

(7) Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.^o C. 5.^o p. 59 in fine.

(8) Diar. da Nav. de Pero Lopes, p. 18. — Jorge Ferr. Ulys. 3. 4. p. 206 — Sá de Mir. Egl. 8.^o E. 24 — Garcia de Resen. Cancion.

I E.

Os nomes acabados em *ie* sam do genero feminino, por serem tomados do ablativo do singular dos latinos da 5.^a declinação, os quaes formam o nominativo em *es*, e pertencem ao genero feminino; taes sam: *congerie*, *effigie*, *especie*, *intemperie*, *progenie*, *superficie*, *serie*, etc.

O.

Os nomes que terminam em *o* sam do genero masculino, como: *mundo*, *anno*, *fructo*, *riso*; porque sam geralmente tomados dos latinos da 2.^a e 4.^a declinação, que formam o nominativo em *us*, e pertencem ao dicto genero.

Muitos que acabam em *o*, procedem dos latinos da 2.^a declinação que formam o nominativo em *um*, e sam neutros; por esta razão pertencem os nossos ao genero masculino, como: *segredo*, *reino*, *escudo*, etc.

Os que não tem origem latina, seguem, todavia, a regra destes, e sam masculinos.

Do mesmo modo, os acabados em *ó* agudo sam masculinos; mas tem algumas excepções, como: *teiró*, *enxó*, *mó*, *filhó*, etc. que sam femininos.

U.

Os nomes que temos acabados em *u* sam raros, e não proveem do latim. — Seguem, todavia, a regra dos latinos que terminam em *u*, os quaes sam do genero neutro, vindo, por conseguinte, os nossos a pertencer ao genero masculino; taes sam: *bambú*, *tundú*, *bahú*, *sagú*.

Ade.

Os nomes acabados em *ade* sam do genero feminino; porque proveem do ablativo do singular dos latinos

da 3.^a declinação, que formam o nominativo em *as*, e pertencem ao dicto genero; por exemplo: *bondade, piedade, capacidade, felicidade*, e assim outros muitos.

Agem, Igem, Ugem.

Os nomes que terminam em *agem, igem, ugem*, sam femininos; porque proveem dos casos obliquos dos nomes latinos da 3.^a declinação, que formam o nominativo em *go*, e sam do genero feminino; v. gr. *margem, imagem, fuligem, origem, impigem, vertigem*. — Esta regra comprehende os que não veem immediatamente do latim, como: *aragem, friagem, paragem, viagem, ferrugem, pennugem, basugem, lanugem, etc.* porquanto a desinencia que lhes determina o genero, é a mesma que a dos outros.

Ão.

Os nomes que terminam em *ão*, e proveem dos latinos da 3.^a declinação que formam o nominativo em *o*; pelo que sam do genero masculino, sam tambem masculinos; v. gr. *ponão, carvão, sabão, pulmão, sermão, dragão, siphão*.

Os que proveem dos latinos da 3.^a declinação, que formam o nominativo em *io*, ou *do*, e pertencem, por isso, ao genero feminino, sam, femininos em portuguez; v. gr. *ocasião, lição, questão, religião*; — *multidão, solidão, mansidão, fortidão, servidão, etc.*

Os que proveem dos latinos de qualquer declinação pertencentes ao genero neutro, sam masculinos; v. gr. *verão, grão, trovão, etc.*

Os nomes que terminam em *ão*, e não teem origem latina, sam em geral do genero masculino; v. gr. *borcão, brasão, gibão, sardão, padrão, munhão, grilhão, etc.*

Os nomes, cuja desinencia em *ão* é augmentativa, sam sempre do genero masculino; ainda mesmo que os primitivos de que sam formados pertençam ao genero fe-

minino ; por exemplo : cara faz *carão* ; barraca *barracão* ; casa *casão* ; talha *talhão* ; cancella *cancellão* ; enxada *enxadão* ; faca *facão* ; gaveta *gavetão* ; caixa *caixão* ; garrafa *garrafão* ; neve *nevão* ; e até mulher faz *mulherão*, sem embargo de tambem se dizer *mulherona*.

En.

Os nomes acabados em *en* sam masculinos ; porque proveem dos latinos que formam o nominativo na dicta desinencia, e dos quaes uns pertencem ao genero neutro, e outros ao masculino ; v. gr. *certamen, regimen, dictamen, lichen, eden, hymen, semen, germen, pollen, gluten, estamen*.

L, R.

Os nomes portuguezes, que terminam em *l* ou *r*, sam masculinos ; por quanto os latinos que teem eguaes desinencias, ou sam neutros, ou masculinos. — Esta regra comprehende tanto os vocabulos que teem origem latina, como os que a não teem ; v. gr. *animal, fel, anil, sol, sul* ; — *altar, clyster, nadir, pavor, catur*.

Exceptuam-se *colher*, e os monosyllabos *cor, dor e flor*, que sam femininos.

Z.

Os nomes que acabam em *z*, tiram esta desinencia de varias terminações latinas.

Os que procedem dos d'aquella lingua que formam o nominativo em *x*, e pertencem ao genero feminino, sam femininos ; v. gr. *paz, cerviz, cicatriz, soz, luz, raiz, voz, noz, cruz*.

Os que proveem dos latinos da 3.^a declinação que formam o nominativo em *as*, pelo que pertencem ao genero feminino, sam tambem femininos ; v. gr. *rigidez*,

solidez, gravidez, nudez, placidez, surdez, rapidez. (1)

A estes seguem-se outros que, não vindo immediatamente do latim, são também femininos; porque a desinencia, que é o que lhes determina o género, é a mesma que a dos primeiros; v. gr. *sexsatez, pallidez, desfachatez, honradez, intrepidez, etc.*

Exceptuam-se alguns, que não têm procedencia latina, como *gaz, giz, verniz, cadoz, obuz*, que são masculinos.

São estas as principaes desinencias que offercem os nomes portuguezes. — Vê-se, pois, que é segundo as regras da terminação da lingua latina que se conhecem os géneros a que os mesmos nomes pertencem.

(1) Alguns d'estes nomes têm duas terminações, como *surdez* que também se diz *surdeza*, e *nudez* de que também temos *nudeza*, approximando-se, assim, mais das raizes *surditas* e *nuditatis*. — Outros formam a desinencia simplesmente em *eza*, como *nobreza, clareza, pobreza, redondeza, aspereza* etc. Porém d'estes fóra ocioso tractar; porque além de estarem no caso dos primeiros, e de se conhecer, por isso, que são femininos, se lhes podia também saber o género pela regra dos nomes que terminam em *a*.

CAPITULO IX.

DO GENERO NEUTRO.

Tractemos agora de investigar se na lingua portugueza ha nomes *neutros* e desinencias designativas d'este genero. — E' esta uma questãõ em que muitos homens doctos se teem exercitado; sustentando uns que temos o referido genero, e outros que taes nomes e desinencias sam absolutamente extranhos á lingua portugueza. — João de Barros, que entre nós foi o primeiro que poz em arte nossa linguagem, como elle mesmo deixou escripto. (1) classifica neutros os nomes das letras do *a, b, c*, os nomes verbaes formados do infinito do presente, como *o querer, o amar, o ler*, e o relativo *al*. (2) — J. Soares Barbosa diz que sam *neutras* as terceiras terminaões de alguns de nossos adjectivos de tres fórmãs, a primeira dos adjectivos de duas, e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando se empregam no discurso ou substantivamente, ou para modificarem orações inteiras. (3) — Finalmente, F. Solano Constancio, um de nossos philologos, que 'nestes ultimos tempos mais se occuparam da sciencia grammatical, nega a existencia do genero *neutro*, pelo motivo que allega de que não temos terminaões correspondentes ás latinas *ud, um, e al*. (4) — Esta razão que, á primeira vista, parece de grande momento, torna-se de nenhuma importancia, se considerarmos que, confundidos os casos dos nomes com a corrupção da lingua latina, ficaram estes conservando sómente a desinencia do ablativo do singular, desinencia ainda algumas vezes alterada, mas a que todas as dos outros casos vieram a reduzir-se, sendo, portanto, inutil pre-

(1) Grammat. da Ling. Portug. p. 103.

(2) Ibid. p. 93 e 94.

(3) Grammat. Philos. p. 189 e 190.

(4) Grammat. Analyt. p. 38.

tender que os nomes portuguezes, e mesmo os de todas as linguas derivadas do latim, que passaram pelo mesmo processo, conservem as terminações em *ud*, *um*, e *al*, que sam unicamente as do nominativo dos nomes latinos.

Pela mesma razão poderia o A. sustentar que não sam masculinos os nomes portuguezes tomados dos latinos que formam o nominativo em *us*, porque nenhum nome portuguez tem esta terminação.

A verdade é que formados nossos vocabulos do ablativo do singular dos nomes latinos, os que proveem dos neutros não perderam a desinencia distinctiva do genero; mas sendo esta desinencia a mesma que a dos nomes masculinos tomados do referido caso, os dois generos deviam confundir-se e effectivamente se confundiram; porque na epocha da formação da lingua portugueza a ignorancia não permittia conservar-se uma differença que não se dando, digamol-o assim, *materialmente*, só podia considerar-se de uma maneira intellectual, e por deducção etymologica; o que não tinha proveito algum real, e não era de esperar de um povo sem cultura e sem letras.

O provir igualmente a terminação de nossos adjectivos do ablativo do singular dos latinos, contribuiu ainda para apagar toda a distincção entre masculinos e neutros; porque sabemos que os adjectivos latinos de tres fôrmas só tem uma no ablativo do singular para os dois referidos generos. — Concordando, pois, os substantivos com os adjectivos, e achando-se estes no caso d'aquelles; isto é, não tendo uma fôrma que distinga os neutros dos masculinos, porque os tomámos do caso latino em que ambos se confundem, d'aqui veio perder-se toda a distincção que podiamos fazer entre os dois referidos generos.

Concluiremos com dizer que não fazemos hoje distincção alguma entre os dois mencionados generos *masculino e neutro*; e mesmo fôra uma ociosidade e impertinencia grammatical toda a distincção que se pretendesse

assignar entre nomes que se confundem assim na propria desinencia, como na dos adjectivos que pedem pela regra da concordancia.

CAPITULO X.

DAS DESINENCIAS CORRESPONDENTES AOS GENEROS NOS NOMES
SUBSTANTIVOS.

Os nomes substantivos que sam proprios, e teem terminação masculina em *o*, passam a denotar o genero feminino correspondente mudando a dicta terminação em *a*. — Assim, Antonio faz *Antonia*, Bento *Benta*, Fausto *Fausta*, Sancho *Sancha*, etc. — Alguns, porém não teem correspondente no genero feminino, e vice versa.

Os que no genero masculino terminam em *ão*, formam o feminino em *ana*; v. gr. João faz *Joana*, Julião *Juliana*, Romão *Romana*, etc.

Os nomes substantivos appellativos, quer sejam de homens, quer de animaes, teem geralmente no genero feminino uma fôrma irregular, por serem tomados do latim; onde os femininos sam tambem irregulares.

Nota-se principalmente a irregularidade entre: homem e *muther*, cavallo e *egua*, boi e *vacca*, bode e *cabra*, carneiro e *ovelha*, gamo e *corça*, veado e *cerva*, gallo e *gallinha*. — Entre os seguintes de grãos de parentesco: pae e *mãe*, avò e *avó*, padrasto e *madrasta*, genro e *nora*, compadre e *comadre*. — E entre os de dignidade: imperador e *imperatriz*, rei e *rainha*, duque e *duqueza*, conde e *condeça*, propheta e *prophetiça* etc.

Onde, porém, se mostra mais o genio da lingua é nos que não procedendo immediatamente do latim, ou não tendo mesmo origem alguma 'nesta lingua, e sendo igualmente irregulares, formam, com tudo, o genero feminino á semelhança dos proprios latinos; taes sam: embaixador e *embaixatriz*, alcaide e *alcaideça*, rapaz e *rapariga*, prior e *prioreza*, diacono e *diaconiça*, abbade e *abbadeça*, freire e *freitiça*; (1) nos quaes a forma latina *ix* feminina apparece levemente alterada.

(1) Dos antigos temos tambem leitão e *leitiga*. Inedit. da Acad, T. 5.º p. 387, — leão e *leoneza*, etc.

Ha tambem na lingua portugueza varios nomes que, não denotando sexo, teem, comtudo, duas terminações, uma masculina, outra correspondente feminina; taes sam: cantharo e *canthara*, bacio, e *bacia*, caldeiro e *caldeira*, jarro e *jarra*, caneco e *caneca*, taleigo e *taleiga*, cesto e *cesta*, sacco e *sacca*, sapato e *sapata*, poço, *poça* buraco e *buraca*, regueiro e *regueira*, fosso e *fossa*, vallo e *valla*, rio e *ria*, barco e *barca*, chuço e *chuça*, etc. (1)

O que ha de notavel em todos estes nomes é que na terminação feminina exprimem o mesmo objecto que na masculina: porém com menos altura, ou profundidade, e com mais ambito, ou largura; no que ha, por certo, uma imitação dos entes creados da natureza, em que as femeas, sendo menos altas que os machos apresentam, comtudo, maior bojo, ou capacidade. — Assim, o cesto é mais alto e menos largo que a cesta, o sacco que a *sacca*, o barco que a *barca*, o taleigo que a *taleiga*, etc. (2).

(1) Alguns nomes masculinos, que parecem ter correspondentes femininos, não estão no caso d'estes; — porquanto os que teem a desinencia feminina denotam coisas absolutamente distinctas: taes sam v. gr. barro e *barra*, escolho e *escolha*, prato e *prata*, queixo e *queixa*, peito e *peita*, vaso e *rasa*, etc.

(2) Com referencia á altura e largura distinguimos tambem as unhas dos dedos, chamando ás altas *unhas machas*, e as baxas *unhas femeas*. — Não prova isto que é da analogia sexual que provém a differença de todos os nomes que no texto ficam apontados?

Com effeito, a imposição dos nomes não é coisa tam arbitreria como á primeira vista parece. — Ha sempre um motivo mais, ou menos occulto, uma circumstancia, que muitas vezes passa inadvertida, mas que poderosamente contribue para a adopção de um nome em vez de outro. — A razão da differença que se dá na terminação dos que deixámos referidos provém, de certo, de significarem objectos duplos, em que uma tal ou qual *analogia sexual* os fez distinguir per meio da terminação. A analogia é, na verdade, imperfeita; mas uniformemente seguida, e, a quem lizer algum reparo, não deixa mesmo de patentear-se até certo ponto. — Notemos hem a differença que Viterbo estabelece entre *gomis* e *agomias*. — « Antiga-

Alguns nomes d'esta especie denotam na desinencia

mente (diz elle) chamavam *agomias* aos *gomis*, ou mais bem a certos vasos de duas azas, e *bocca mais larga* do que nos *gomis* se usava, e, além disso, *não tinham bico.* » Eluc. Art. *Agomia*.

Devemos, por certo, confessar que ha na maior parte d'estes nomes um abuso de analogia que transcende todas as raias da verosimilhança; — mas o espirito humano tende a exaggerar, e, por outra parte, sabemos que ainda maior abuso se dá entre os arabes, e outras nações orientaes, que accreditaudo que tudo é duplo na natureza, chegam mesmo a distinguir como *macho* e *femea* os membros *duplicados* do corpo humano. — Não nos parece fóra de proposito inserir neste logar o que a tal respeito escreveu *Michaelis*, um dos mais illustres sabios de Allemanha, tractando da *Influencia das opiniões sobre a linguagem, e da linguagem sobre as opiniões*, 'numa Dissertação que foi premiada pela Academia R. de Berlin em 1759. — O trecho a que nos referimos é como se segue:

« Les Orientaux, (j'appelle ainsi les peuples dont les langues parloient d'une source commune, les Arabes, les Syriens, les Chaldéens et les Hébreux,) les Orientaux, dis-je, paroissent avoir de tout temps reconnu le double sexe des plantes, qui dans nos Contrées septentrionales n'a été découvert qu'en ce siecle. Il ne faut pas s'en étonner. Ils avoient par tout sous leurs yeux le palmier, où la duplicité de sexe est si manifeste et si incontestable: et il étoit tout aussi naturel de conclure de lui à d'autres végétaux qu'il l'est de conclure des animaux en qui la différence de sexe se fait appercevoir, à ceux où elle ne paroît point. Plus, avant la maturité du fruit, le palmier mâle ressemble au palmier femelle, plus on devoit être porté a présumer les deux sexes dans les végétaux même où les organes de la génération ne sont point à remarquer. Mais l'esprit humain qui aime les analogies, et qui voudroit mouler la Nature entiere dans le même moule, renchérit sur tout, et gête les vérités, à force de les étendre. Les Orientaux crurent que tout étoit double. *Dieu n'a rien créé, dit Mahomet, que ne soit mâle et femelle: cela est vrai de toutes les productions de la terre: cela est vrai des ames et des choses mêmes dont vous ne le soupçonnés pas.* (*) Avec un pareil tour d'esprit ne se seront-ils pas représenté comme mâle et femelle les membres du corps que nous avons doubles? Cette opinion se trouve en effet dans les langues Arabe, Syriaque et Hébraïque: on peut dire que ces langues favorisent également les deux sexes: elles donnent aux membres doubles une terminaison masculine et une construction féminine; et dans un passage du second livre des chro-

(*) Chap. XXXVI, 36.

jeminina *numero*, *collecção*, ou *generalidade* da coisa que na desinencia masculina só designam no singular, ou de uma maneira particular. — Por exemplo : madeiro é particularmente um tronco despido de rama, e *madeira* toda a sorte ou especie de troncos. (1) *Fructo* denota em particular uma especie de producção vegetal, e *fructa* toda a especie d'essa producção. — A mesma differença se dá entre ramo e *rama*, bago e *bagá*, ceppo e *ceppa*, grilo e *grita*, (2) serro e *serra*, lenho e *lenha*, (3) trilho e *trilha*, (4) corno e *corná*, povo e *povoa* ou *pobra*, ant, (5) marujo e *maruja*, etc.

Os que não denotam plural, mas só generalidade na terminação feminina, sam : horto e *horta*, ceva e *ceva*, porto e *porta*, pago e *çaga*, modo e *moda*, cimo e *cima*, cortiço, e *cortiça*, troco e *troca*, etc.

A fórma que teem os nomes que denotam *numero* *collecção* e *generalidade* é, por certo, a mesma que to-

niques, où il est question des deux ailes du Chérubin, la construction même alterne, étant masculine pour l'aile droite, et féminine pour l'aile gauche. (*) « De l'Infl. des Opinions sur le Langage, et du Lang. sur les Opin. p. 18 et suiv.

(*) 2. Chronic. III, II. La traduction suivante en latin barbare pourra rendre ceci intelligible à ceux qui n'entendent pas l'Hébreu :

Et ala Cherubi alterius exporrectus erat ad parietem templi; et ala altera conjuncta alæ Cherubi prioris.

(1) Se tudo sam *troncos*, não é sermão é *madeira*. Vieira, Serm. T. 1.º p. 49.

(2) Os feridos com *grita* o ceo feriam.

Cam. Lus. C. 3.º E. 113.

(3) Não é elle páo de boa *lenha*,
Nem *lenha* de bom madeiro.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 173.

(4) Alem disto lhes mandou que toda aquella noyte em hindo e vindo fizessem grão *trilha* andando pela terra de huma e da outra parte, que parecesse ao outro dia que sahirão da cidade de noyte muytos de cavallo. Goes, D. João, C. 96. p. 217.

(5) No (Foral) de 1323 mandou o mesmo Rei, que por

mam no plural os latinos do genero neutro: como *regnum* que faz *regna*, e *tempus tempora*. — Parece, portanto, fóra de duvida, que foi a referida fórma o typo por onde modulámos as desinencias d'esta especie de nomes. (1)

compra, ou escambo se houvessem *quatro aldeas* para a sua *Pobra de Panoyas*. Viterb. Eluc. Palav. *Pobra*.

(1) A etymologia do nome *Castella*, ou *Castilla*, serve ainda para corroborar nossa opinião. — Segundo os historiadores e chronicistas provém o referido nome de terem os romanos, a primeira vez que entraram 'naquella parte das Hispanhas, encontrado alli muitos castellos (*castella*.) Vid. D. Juan Antonio Estrada, *Poblacion General de España*, T. 1.^o p. 68.

CAPITULO XI.

DAS DESINENCIAS CORRESPONDENTES AOS GENEROS NOS NOMES
ADJECTIVOS.

Procedendo os adjectivos portuguezes originalmente dos latinos, receberam as fórmulas que estes teem no ablativo do singular, de cujo caso como já temos referido, passaram os vocabulos d'aquella lingua para a nossa.— E como os adjectivos latinos só appresentam uma, ou duas fórmulas no ablativo do singular, d'aqui se seguiu que os adjectivos portuguezes só vieram a ter uma, ou duas fórmulas. Quando teem uma, como v. gr. *grave*, serve esta tanto para o genero masculino, como para o feminino: — quando teem duas, como *grato, a*, serve a primeira para o genero masculino, e a segunda para o feminino.

Dos adjectivos de uma só fórmula.

Os adjectivos portuguezes de uma só fórmula terminam:

Em *e* mudo, como *grave, breve, triste, pobre, rude*.

Em *l* formando syllaba breve, como *amavel, debil, crível, novel, nubil*; — ou formando syllaba longa, como *fatal, cruel, subtil*.

Em *r*, como *familiar, salutar, regular*.

Em *z*, como *fugaz, feliz, atroz*.

Todos, porém, sam formados do ablativo do singular dos adjectivos latinos de uma, ou duas formas *gravi, brevi, tristi, paupere, rudi, amabili, debili, credibili, mobili, etc.*

Dos adjectivos de duas fórmulas.

Os adjectivos portuguezes de duas fórmulas terminam regularmente em *o* no genero masculino, e no feminino em *a*, como v. gr. *justo, a* — Estas terminações sam as

mesmas que teem no ablativo do singular os adjectivos latinos de tres fórmãs *justo*, *a*, de que proveem.

Os que no genero masculino terminam no diphthongo *euou eo* formam o feminino em *ea*: por exemplo idomeu faz *idomea*, erithreu *erithrea*, pancheu *panchea*, nabatheu *nabathea*, europeu *europea*, giganteu *gigantea*, plebeu *plebea*. — Em latim é o mesmo.

Exceptuam-se :

1.º Judeu que faz *judia*, e sandeu *sandia*.

2.º Ilheu, ou ilheo, que faz *ilhoa*.

3.º Os adjectivos possessivos *meo*, *teo*, *seo*, fazem *minha*, *tua*, *sua*. — A irregularidade d'estes ultimos é resultado da trasladação do latim para o portuguez.

Os adjectivos que no genero masculino terminam em *u*, recebem a letra *a* no feminino, como *cru*, *crua*, *nu* *nua*. — E' esta outra irregularidade que provém da contracção que sofreram os adjectivos latinos *crudus* e *nudus*, passando para o portuguez.

Do mesmo modo os acabados em *um*, como o partitivo *um* e seus compostos *algum*, *nenhum*, fazem *uma*, *alguma*, *nenhuma*.

Exceptua-se *commun*, que tendo antigamente terminação feminina, se emprega hoje com uma só fórmula, evitando-se assim um equívoco desagradavel, e seguindo-se mais de perto a etymologia.

Os que terminam em *or* formam o feminino em *ora*; como sabedor que faz *sabedora*, tentador *tentadora*, vencedor, *vencedora*, (1) etc.

Os acabados em *ez* formam o feminino em *eza*, co-

(1) Os antigos não davam terminação feminina correspondente aos masculinos acabados em *or*. Assim *auctor*, (1) *mora*.

(1) Bem aventurado *autor* das virtudes. Inf. D. Cath. Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.º C. 18, p. 219.

mo portuguez *portugueza*, calabrez *calabreza*, (1) etc.

Os adjectivos que no genero masculino terminam no diphthongo *ão*, formam o feminino em *ãa*, desinencia contrahida da fórma *ana* dos adjectivos femininos latinos de que procede; porque os que teem a desinencia em *anus* (que em portuguez por contracção se converte em *ão*, formam o feminino em *ana*; v. gr. *vanus* faz *vana*, *sanus sana*, etc.

Porém os augmentativos, que terminam em *ão*, formam o genero feminino em *ona*, como *valentão valentona*, *toleirão toleirona*, etc.

dor, (1) *honrador*, (2) *peccador*, (3) *sabedor*, (4) *devedor*, (5) *imitador*, (6) *caçador*, (7) *amador*, (8) serviam tanto para o genero masculino, como para o feminino.

A razão é porque não havendo em latim a desinencia feminina *ora*, que depois se adoptou na lingua portugueza, serviam-se nossos maiores da fórma latina *or* para ambos os generos; vindo consequentemente estes nomes a ser *communis de duobus*.

(1) Maria *Anna* e *Leitoa*, sua mãe, *morador* em Lisboa. Fern. Lopes, D. Joao I. P. 2.^o p. 279.

(2) *Mente pacifica e honrador de Deos*. Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.^o C. 15. p. 165.

(3) *E suspeito que era mulher peccador*. Ined. d'Alcob. T. 2.^o p. 61.

(4) *A mais feroz gente e mais sabedor na guerra*. Fern. Lopes Cast. Hist. da Ind. Prol.

(5) *Quanto mais que eu sou a devedor*. J. Ferr. Ulys. 4, 2. p. 356.

(6) *Arte imitador da natureza*. Arrais, Dial. 4.^o Part. 2.^o C. 12. fol. 144 v.

(7) *Princesa filha de David, divina caçador*. Arrais, Dial. 7.^o C. 2.^o, fol. 235.

(8) *Pelas quaes causas (a mente) he feyta amador*. Da Perf. da Vid. Mon. L. 1.^o C. 8.^o p. 90.

(1) Antigamente os nomes que acabavam em *ez* não tinham terminação feminina em *eza*, servindo a primeira para ambos os generos.

A razão é porque sendo a terminação *ez* tomada e contrahida da que teem varios adjectivos latinos, como v. gr. *carthaginensis*, que comprehende ambos os generos; por indicação se empregava aquella formula tanto no genero masculino, como no feminino.

O mesmo acontecia com os nomes acabados em *iz*; —

CAPITULO XII.

DA MANEIRA POR QUE FORMAM O PLURAL OS NOMES
SUBSTANTIVOS.

Por dois modos, ambos conformes aos que os latinos empregam na formação do plural dos seus vocabulos, podiamos nós ter procedido para formar o plural dos nossos: — ou mudando a letra final dos nomes do singular, como praticaram os italianos; ou augmentando as letras, ou syllabas finaes dos mesmos nomes, como fizeram os hespanhoes e francezes. — Foi este ultimo modo que geralmente adoptámos, o qual é, sem duvida, o mais philosophico, por ser o augmento de letras o meio mais proprio e natural de fazer que uma palavra passe a representar o plural da coisa que até alli só representava no singular.

Vejâmos, pois, segundo o referido modo, como formam o plural os substantivos portuguezes.

Os nomes substantivos que terminam em vogal formam o plural tomando a consoante *s* no fim: serra, torre, pá maré, javali, dardo, enchó, tribu, bahú, fazem: *serras, torres, pás, marés, javalis, dardos, enchós, tribus, bahús*.

Os nomes que terminam em consoante, provindo em grande parte dos latinos da terceira declinação, formam geralmente o plural tomando a syllaba *es*; como *authraz authrazes, ardor ardores*. — Os que não tem esta origem, por imitação, seguem a mesma regra.

Comtudo, a euphonia, e outras causas, produziram varias modificações de que passámos a tractar:

Os nomes que acabam em *l* formam o plural recebendo a syllaba *es*, e perdendo a letra *l*: portal faz *portaes*, marnel *marnees*, anzol *anzoes*, paul *paúes*.

por exemplo *juiz*, do mesmo modo que em latim, servia para ambos os generos; v. gr.

« Senhora, pois de tam longe vos escolhemos por *Juiz*, mandae-lhe segurar o campo. » Moraes, Palm. P. 2.^a C. 80, p. 28.

Os que acabam em *l* precedido de *i*, perdem a consoante final, e tomam sómente a letra *s*: v. gr. ardil faz *ardis*, gomil *gomis*, mandil *mandis*.

Seguem, porém, a regra geral os seguintes: mal que faz *males*, cal (de moinho) *cales*, edil *ediles*, consul *consules*, proconsul *proconsules*, curul *curules*.

Mel tem dois pluraes, e faz *meles*. (1) ou *meis*.

Esta maneira de formar o plural dos nomes accabados em *l* é contraria do genio da lingua portugueza. — A formação do plural devendo naturalmente trazer aquisição de letras e augmentar a fórma que tem os nomes no singular, oppõe-se a que a desinencia dos mesmos seja despojada de algum de seus elementos primitivos.

A pronuncia de nossos camponezes, extranhos a todos os preceitos grammaticaes; mas fieis observadores das fórmas regulares da lingua, que por instincto lhes sam proprias, comprova ainda o que deixámos dicto. — O plural que elles sabem dos nomes accabados em *l*, nunca perde esta letra; por exemplo: bernal, pichel, gomil, em linguagem rustica, fazem *bornales*, *picheles*, *gomiles*. (2)

Esta fórma foi, como bem se deixa ver, a primitiva na lingua portugueza, e ainda em alguns de nossos auctores classicos a achámos empregada, como se vê nos seguintes exemplos:

ANAFILES, pl. de anafil. Tenr. Itiner. C. 17.

ANILES, pl. de anil. Man. Godin. de Eredia, Inform. da Aurea-Cherson.

(1) Azeites e *meles*. Azurara, Chron. de D. João 1.º 3.º P. C. 5.º p. 13, col. 2.º

Deste plural usa igualmente Garcia de Resende, e Leonel da Costa na traducção das Georgicas.

(2) Os mesmos camponezes formam o plural dos nomes *pe*, *rei*, e *rim*, dizendo *pezes*, *reizes*, e *rinzes*. — Estes pluraes sam, sem duvida, um erro; mas estão revelando o genio da lingua que tende a buscar as fórmas latinas do plural d'estes nomes, que sam: *pedes*, *reges*, *reues*.

ARREBOLES, pl. de ar- rebol.	Concion. de Garcia de Res. Trovas de Affonso Valente.
ATABALES, pl. de atabal.	Bar. Dec. 4. ^a L. 10, C. 9. ^o —Tenr. Itener. C. 17.
BEMOLES, pl. de bemol	Canzion. de Garcia de Res. Trovas de Affonso Valente.
CORALES, pl. de coral.	Man. Godin. de Eredia, Inform. da Aurea-Cherson.
PARCELES, pl. de parcel.	Id. bid.

Os nomes que terminam em *m*, formam o plural tomando a letra *s*, e mudando o *m* em *n*; fórma que resulta de uma pequena alteração nas desinencias do plural dos nomes latinos.—Imagens é corrupção de *imagines*, origens de *origines*, ordens de *ordines*, etc.

Os nomes acabados em *s* não mudam a desinencia passando de um para outro numero.—Sómente se observa a regra na palavra Deos, que faz *Deuses*.—Nossos antigos escriptores formavam o plural d'estes nomes accrescentando-lhes a syllaba *es*, como se vê nos exemplos que vamos citar.

ALFERESES, pl. de alferes.	Souza, Vid. do Arc. T. 2. ^o L. 6. ^o C. 13, p. 373.
ARRAESSES, pl. de arraes.	Duarte Nunes, Chron. dos Reis, T. 1. ^o fol. 178 v.
CAESES, pl. de caes.	Bar. Dec. 4. ^a L. 4. ^o C. 8. ^o
OURIVESES, pl. de ourives.	Id. Dec. 3. ^a L. 4. ^o C. 4. ^o —Dec. 4. ^a L. 9. ^o C. 3. ^o —Comm. de Affonso de Albuq. T. 2. ^o P. 2. ^a C. 25. p. 156 e seg.

Os nomes que terminam em *x*, sendo todos latinos da 3.^a declinação, formam o plural do mesmo modo que estes, tomando a syllaba *es*, e mudando o *x* em *c*: — *index* faz *indices*, *calix* *calices* *appendix* *appendices*, *thorax* *thoraces*, *codex* *codices*, etc.

Os nomes acabados no diphthongo *ão* formam o plural por tres modos diversos; porque ha-se de saber que este diphthongo é contracção de tres especies de desinencias de nomes latinos da 2.^a, 3.^a e 4.^a declinação, os quaes passando para o portuguez com esta só terminação no singular, formam, comtudo, o plural indo buscar as desinencias respectivas que estes nomes contraem em latim no dicto numero. (1) — Provaremos isto com alguns exemplos.

Christão, provindo do acc. *christianum*, faz christãos, conforme a desinencia do acc. do plural latino *christianos* — Do mesmo modo irmão faz irmãos de *germanos*, rábão rábãos de *raphanos*, etc.

Pão, tomado do acc. *panem* faz pães do plural *panes*; cão cães de *canes*, etc.

Lodráo, formado de *latronem*, faz ladrões do plural *latrones*, sermão sermões de *sermones*, legião legiões de *legiones*, etc.

Outros muitos nomes que no singular acabam no diphthongo *ão*, postoque não tenham origem latina, comtudo, por analogia, formam o plural como os latinos da 3.^a declinação. — Gamão faz *gamões*, tostão *tostões*, limão *limões*, etc.

Ha substantivos portuguezes que só admittem plural; — e outros que só se empregam no singular, por causa da significação.

Dos primeiros citaremos *alviçaras*, *endoenças*, *exequias*, *fauces*, *ambages*, *lemures*, *manes*, *fastos*, *preces*, *penates*, *syrtes*, *pareas*, *cocegas*, etc.

(1) O nosso Madureira foi buscar origens castelhanas e deu-se a perros para estabelecer a regra de formar estes plurales. — Admira que sendo tam apaixonado de etymologias latinas não attinasse com esta!

Os nomes de varios povos, como : *Nomades, Aborigenes, Myneas, Cicones, etc.*

Os nomes de algumas constellações, que sendo designadas pelos das estrellas de que se compõem, formam sempre plural : *pisces, gemeos, hiades* ; — ou os de varias serras que, por serem aggregaões de montes, só admittem plural, v. gr. *Alpes, Pyreneos, Thermopylas, Andes, etc.*

Muitos nomes de terras, como : *Torres, Caldas, Fornos, Arcos, Lagos, Unhos, etc.*

Os naipes ou metaes das carlas : *ouros, copas, etc.*

Sam sempre do singular, e não admittem plural, os nomes das coisas unicas na natureza, ou suppostas laes : — os que denotam uma acção, ou paixão, ou designam um estado, qualidade, virtude, vicio, ou uma idea geral, ou abstracta ; por exemplo : *Jupiter, Vesta, Eridano, aldereban, bootes, zodiaco, oriente, occaso, zenith, nadir, Europa, Asia, cocyto, phlegethonte, cerbero, ver, ouvir, amar, padecer, vigor, mocidade, decrepitude, desamparo, penuria, mendiguez, nudez, gravidade, fé, prudencia, fortaleza, decoro, patriotismo, tolerancia, philanthropia, sobriedade, gula, inveja, preguiça, mahometismo, paganismo, philosophia, ignorancia, inercia, candura, etc.*

Estes nomes rejeitam o plural, não pelo genio da lingua, que não repugna formal-o ; senão pela significação especial de cada um.

Há, porém, nomes que denotando uma qualidade, ou uma idea geral, ou abstracta, podem, comtudo, admittir plural, uma vez tomados em acceção particular, concreta, ou individual ; v. gr. *notabilidades*, por pessoas notaveis, ou distinctas ; *divindades* por entes dotados desta qualidade ; *odios, invejas*, por paixões desta natureza, individualisadas, ou consideradas em actos differentes, ou particulares, etc.

Do plural, servindo de particularisar a acceção generica, citaremos os seguintes exemplos :

«Campinas razas e grandissimas de *trigos, arrozes, cevadas, milhos, e muitos legumes.* » Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 52, p. 201.

«Grande infelicidade é a dos reis que se não servem de ministros pios e officiaes virtuosos; mas de homens astutos que com suas *sagacidades e ardilezas* tomam a porta aos que lhe ham de tratar mais verdade. » Arraes, Dial. 4.º P. 1.ª C. 6.º fol. 131 v.

«Todo o meo cuidado está em Madrid, porque os *silencios* de Lisboa não merecem, nem querem merecer cuidados. » Vieira, Cart. T. 1. C. 116. p. 396.

«O Imperador e todos os Principes da Italia interior sam pobrissimos: e as riquezas de Veneza, Genova e Florença todas lhes veem dos seus portos e *commercios.* » Ib. T. 2.º C. 75, p. 255.

«Tirarão os calices e vasos sagrados e applical-os-ham a suas nefandas *embriaguezes.* » Vicir. Serm. T. 3.º p. 486. col. 2.ª

«Fazem suas missões entre as *pobrezãs e desamparos*, entre os *ascos* e as *miserias* da gente mais inculta. » Ibid. T. 4.º p. 518, col. 1.ª

Eu sam Mercurio, senhor
De muitas *sabedorias.*

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 155.

Devemos aqui notar, como idiotismo peculiar da lingua portugueza, que varios nomes que no singular teem uma certa e determinada accepção, tomam outra diferente elevados ao plural. — Com elles fórma ás vezes Vieira um jogo de palavras que rebaxa grandemente o merito de tam abalisado escriptor. — Nos seguintes trechos do mesmo Vieira se verão as propriedades dos referidos nomes.

«Se confiastes em homens achareis em lugar da verdade a mentira, em vez da sinceridade enganaros, em paga de beneficios ingratições. . . . com promessa de bons offi-

cios maldades, com bandeira de paz guerra, com capa de zelo *zelos*. » Serm. T. 8.º p. 226 e seg.

« O soldado com a conversação e tracto de seo camarada não só se mudou, mas converteu de tal sorte, que deixando as armas e as armadas, a liberdade e *liberdades* da vida se vestiu de um habito religioso. » Id. ibid. p. 304, col. 1.ª

« Se Christo vos apparecera na forma e nas *fórm*as em que appareceu a esta peccadora . . . havieis de vos converter, ou não? » Id. ibid. T. 9.º p. 274, col. 1.ª e 2.ª

« E o peor é, que não só se vê em nós a *meninice*, que é defeito da idade, senão as *meninices*, que o sam do juizo. » Id. ibid. T. 5.º p. 326, e seg.

« Alguns ministros de S. M. não veem cá buscar nosso bem, veem buscar nossos *bens*. » Id. ibid. T. 6.º p. 407, col. 2.ª

« Se quereis a minha graça, e as minhas *graças*, alli as tendes assignadas por mim. » Id. ibid. T. 7.º p. 211, col. 2.ª

CAPITULO XIII.

DA MANEIRA PORQUE FORMAM O PLURAL OS NOMES
ADJECTIVOS.

Os nomes adjectivos formam o plural do mesmo modo que os substantivos. (1) — Devemos, porém, observar o seguinte:

Os adjectivos que terminam em *ão*, formam sempre o plural indo buscar a desinencia do accusativo do plural dos nomes latinos de que se derivam, a qual sendo *anos* se contrahe em *ãos*. — Deste modo vão faz vãos de *vãos*, são são de *sanos*, chão (2) chãos de *planos*, etc.

Os que não teem origem latina, sem embargo, seguem a mesma regra, no que assás se mostra o genio da lingua portugueza, que tende a seguir as fórmulas da latina como peculiares suas; v. gr. ancião faz *anciãos*, (3) cortezão *cortezãos*, aldeão (4) *aldeãos*, pagão *pagãos*, temporão *temporãos*, etc.

Porém os adjectivos, cuja desinencia *ão* é augmentativa, formam sempre o plural em *ões*.

A razão é porque sendo os augmentativos em *ão* compostos de um positivo e da desinencia *ão*, tomada do accusativo do singular do nome latino *actio, onis*, vae buscar a fórmula do plural deste mesmo nome, que é *ões*, contrahida do accusativo *actiones*. (Veja-se o que a este respeito dizemos no artigo *Augmentativos*).

(1) Em quasi todos os AA. que escreveram até o meado do seculo 17 não se encontram outros pluraes de adjectivos que não sejam: *faciles, habiles, esteriles, mobiles, utiles, fugaces, felices* etc. Mas estas fórmulas tornaram-se inteiramente obsoletas, e só ficaram *simplices, duplices, precoces*, que devendo considerar-se como regra, sam, contudo, excepção.

(2) *Chão* caminho. Vid. Monast. L. 1.º C. 19, p. 221.

(3) Antigamente dizia-se *ancianos*, como se lê em Gil Vicente, T. 2.º p. 146.

(4) *Aldeano* se acha em linguagem antiga Vid. Inedit. da Acad. T. 5.º p. 109.

CAPITULO XIV.

DPS COMPARATIVOS.

A lingua portugueza não tomou da latina a desinencia de que esta se serve para a formação de seus comparativos. — Esta desinencia é a syllaba *or* que recebem os adjectivos positivos para adquirirem uma significação comparativa, como v. gr. *clarior*, que significa mais claro em comparação de outro; *nobilior*, mais nobre em comparação de outro, etc. — Estes nomes, já pela difficuldade da pronunciação da syllaba breve, já pela idea complexa que contem, não podiam ser acceitos e familiares a um povo barbarizado, como o da Lusitania no seculo da transição da lingua latina para a vulgar. (1) — Eis-aqui com toda a probabilidade a razão porque as fórm dos adjectivos comparativos nos sam extranhas, excepto em um pequeno numero destes mesmos adjectivos, como: *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *exterior*, *citerior*, *ulterior*; (2) e ainda alguns

(1) Os motivos que indicámos sam comprovados pelo que ainda hoje observámos em nossos camponeses que, em vez de *melhor*, dizem *mais bom*; em vez de *maior*, *mais grande* etc. — Tambem temos o antigo proverbio: a mulher e a cachorra, a que mais cala é *mais boa*, — que confirma isto mesmo.

(2) *Junior*, comparativo de *juvenis*, e *prior* comparativo de *pri* ou de *pris*, (*) foram tambem usados na infancia da lingua; o que se prova pelos seguintes logares da versão da Regra de S. Bento:

« Ca per muytas vezes nostro Senhor demonstra ao *junior* aquelho que milhor é. » Ined. d'Alcob. T. 1.º p. 257 e seg.

« Os anciãos onrrar; os *juniores* amar. » Ibid. p. 260.

« Traspassante o maaor, o *junior* s'alevante e delhe o logo de sseer; nem ouse o *junior* seer se o a el no encommendar o seu ancião. » Ibid. p. 283.

« Porem os *juniores* seus *priores* ourem, e os *priores* seus *juniores* amem. » Ibid.

(*) Vossii, Etymol. Ling. Lat.

destes só nos vieram em tempos mais proximos, introduzidos pelos bons engenhos, que, levados do glorioso empenho de criação das letras patrias, foram beber á fonte primaria da lingua.

Nossos comparativos, por falta de uma desinencia propria, compõem-se dos positivos precedidos do adverbio *mais*; como *mais* sabio, *mais* nobre, *mais* excellente. — E' este o unico modo que temos de os formar.

CAPITULO XV.

DOS SUPERLATIVOS.

Para podermos entrar no conhecimento da formação dos superlativos portuguezes, cumpre que tractemos em primeiro logar da maneira porque os mesmos se formam em latim.

Os superlativos formam-se na lingua latina per meio da desinencia *imus, a, um*; postoque antes pareça formarem-se dest'outra *issimus, a, um*; — mas, se bem atentarmos á composição d'estes nomes conheceremos que proveem de um dos casos obliquos dos positivos juncto ao adjectivo *imus, a, um*, que quer dizer *mais profundo, ultimo em ordem ou em numero*; significação que serve de completar exactamente a dos superlativos. — Se por exemplo, aos genitivos *amantis, felicis, constantis*, ajunctarmos a mencionada desinencia, formaremos os superlativos *amantissimus, felicissimus, constantissimus*, como elles rigorosamente sam. — Devemos, porém, addicionar á consoante *s* outra igual, não só para lhe tirar a força de *z*, senão para tornar longa á vogal antecedente.

Para prova de que os superlativos tem a composição que acabámos de explicar, appontaremos muitos destes nomes os quaes claramente mostram ser formados dos positivos e do adjectivo *imus*; v. gr. *supremus, asperrimus, celeberrimus, integerrimus, pauperrimus*, e outros semelhantes, que se compõem dos positivos *super, asper, ceber, integer, pauper*, e da terminação *imus*.

Convem agora saber que nossos superlativos foram tomados dos latinos inteircs e completos, quando a lingua portugueza começou a regularisar as fórmãs e a adquirir algum polimento, sahindo do estado de rudeza em que se conservou até ao seculo xv, (1) e que os super-

(1) Tendo-se formado a lingua portugueza da corrupção da latina. corrupção que explica bem o estado de ignorancia e de

lativos que originalmente sam portuguezes, os formámos, por imitação, dos nossos nomes positivos e da desinencia *issimo, a*, postoque 'nella se comprehenda um incremento dos nomes latinos que não pertence á palavra destinada a formar os superlativos.

Os adjectivos *ordinaes* que teem a referida desinencia *imo, a*, como *decimo, vigesimo, trigesimo, centesimo*, etc. comquanto não incluem a idea de preeminencia, que se dá nos outros, sam, com tudo, verdadeiros superlativos. — E' preciso não fazer o mais leve reparo para não ver que os nomes *decimo, vigesimo*, etc. se compõem dos respectivos numeræes e da terminação *imo, a*; querendo, por tanto, dizer: *o mais baxo, ou primeiro na ordem de dez, o mais baxo, ou primeiro na ordem de vinte*, etc.

Nossos antigos escriptores, antes que usassemos das terminações *issimo, a*, suppriam a falta que então havia de superlativos antepondo o adverbio *mui* ao adjectivo *muito*; v. gr.

Bemaventurado o barão que teme o Senhor, e os seus mandados cobica *muy muyto*. Da Perf. da Vid. Mon. L. 2.^o C. 10, p. 371.

Gente de pé *mui muita* sem conta. Fern. Lopes, Chron. de D. João 1.^o P. 1.^a C. 115.

.... Sabedor

Que dos *mui muitos* ciumes

Nace o *mui muito* amor.

Gil Vic. Obr. T. 3.^o p. 278.

barbaridade a que chegou o povo que a falava: vê-se que não era possível que esse povo, em tam deploravel estado de bruteza, podesse conservar, ou servir-se de *superlativos*, nomes que, ainda hoje mesmo, estão fóra do uso da gente rustica.

CAPITULO XVI.

DOS AUGMENTATIVOS.

Os augmentativas formam-se na lingua portugueza por meio das desinencias *ão, az, aço, eço, iço, oço, ado, ada, edo, ido, io, udo, ade, ame, ume, ario, aria, eiro, eira, orio.*

Sendo estas desinencias palavras mutiladas e contrahidas de outras, é, por certo, difficil decifrar e conhecer quaes as primitivas de que procedem. — Veremos, contudo, se as podemos interpretar. — A primeira destas desinencias vem do nome latino *actio, onis*, o qual entrando na composição de muitos vocabulos lhes dá força intensitiva, como se vê em todos aquelles que, constando de uma raiz commum, teem duas ou tres terminações entre as quaes indica sempre maior intensidade a que provem da forma *actio, onis*. (1)

(1) É o que se observa entre *affectio* e *affectus*, *admonitio* e *admonitus*, *contradictio* e *contradictum*, *lusio* e *lusus*, *defectio* e *defectus*, *deflexio* e *deflexus*, *dominatio*, *dominatus* e *dominium*, *emissio* e *emissus*, *extinctio* e *extinctus*, *factio* e *factum*, *incurtio* e *incurtus*, *inflatio*, e *inflatus* etc.

J. B. Gail, tractando do valor d'esta especie de desinencias, diz o seguinte: « Ces desinences sont elles synonymes? non. *Adificatio* signifera l'action de bâtir, *adificium*, le resultat de l'action de bâtir, l'edifice; *delinitio* l'action d'adoucir, *delinimentum*, l'adoucissement même; *deliratio*, l'action d'extravaguer, *deliramentum*, le delire même; *delectatio*, l'action du plaisir, *delectamentum*, le plaisir même. » Essais sur l'effect, le sens, la valeur des desinences grecques, latines et françaises, etc. Paris. 1808, 2.^{de} Part. Chap. 2, p. 19.

Em portuguez existe a mesma differença entre muitos vocabulos, como v. gr. *afeição* e *affecto*, *dominação* e *dominio*, *reformação* e *reforma*, *invenção* e *invento*, *repulsão* e *repulsa*, *perdição* e *perda*, *recreação* e *recreio*, *contradição* e *contradicta*, *negociação* e *negocio*.

É fora de duvida que todos os referidos vocabulos que teem a desinencia *ão* denotam *acção, augmento* ou *intensidade*, a respeito dos outros com que se acham comparados.

A lingua portugueza, que inquestionavelmente herdou o genio da latina, como se verá 'num grande numero de propriedades que iremos referindo, conservou a idea de *intensidade e grandeza* á desinencia *ão* contrahida da forma *atio* com que muitos nomes latinos passaram para o portuguez. — Ligada, pois, esta idea á referida desinencia, se formou com ella grande copia de vocabulos, que veem a ser augmentativos a respeito d'aquelles de que se compõem. — D'este modo: de rapaz se fez *rapagão*; de virote *virotão*, de prancha *pranchão*, de soberbo *sobertão*, de velhaco *velhacão*.

A desinencia *aço, a*, com que tambem formâmos grande numero de augmentativos, como *doctoraço, mestraço, ricaço, atrevidaço, peccadoraço, bichaço, caloraço, pernaço, fumaço, vinhaço* etc. provêm evidentemente da forma augmentativa que tem varios nomes latinos, como *audax, fugax, veax, tenax* etc. forma que indica ter origem no verbo *ago, is*, e que, variando conform e os casos dos nomes, faz no ablativo do singular *ace*, de

Devemos aqui advertir que a idea de *força e intensidade* traz naturalmente a de *grandeza, quantidade e numero*; substituindo-se muitas vezes umas pelas outras; v. gr.

« Não duvidaram os presentes que seria o mais outro genero de verdura com que Xaraso costumava resgatar suas insolencias, quero dizer *força* de moeda, ou peças de grande valia. » Souza, Annaes de D. João 3.º P. 1.ª L. 1.º C. 19, p. 84.

« Não traz (o rio Lima) muita *força* de aguas, que é causa de abrir pouco em foz. Id. Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 26, p. 168.

E tambem nas seguintes locuções: *forte* admiração, *forte* maroto; etc.

Por outra parte dizemos: chamar a *grandes* vozes, em vez de chamar com *fortes*, ou *intensas* vozes; v. gr.

« E elles começaram a chamar *grandes* vozes, e amergerom sas orelhas per terra. » Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 44.

Em latim é o mesmo. — O versiculo de que este trecho é versão nol-o comprova: *Exclamantes autem voce magna continuerunt aures suas. Act. Apost. Cap. 7. v. 56.*

que os italianos compozeram o augmentativo *accio*, *a*, os hespanhoes *azo*, *a*, e nós *aço*, *a*. (1)

A desinencia *az* com que tambem formâmos varios augmentativos, como *doudaz*, *ladroaz*, *rufanaz*, *truanaaz* etc. indica de um modo claro derivar-se da desinencia augmentativa latina *ax*, ou da forma *ace* que a mesma toma no ablativo do singular, com a qual passaram muitos nomes para o portuguez, como *fallace*, *audace*, *pertinace* etc. que depois se converteram em *fallaz*, *audaz*, *pertinaz*.

Ora as terminações augmentativas *az* e *aço* não podem deixar de ter a mesma origem; e tanto assim que

(1) João de Barros, a p. 87 da Gram. da Ling. Portugueza, diz que os latinos não tractaram em suas grammaticas dos nomes augmentativos *por os não terem*. — E' fóra de duvida que os latinos não tractaram dos nomes augmentativos; — mas a falta que se nota nas grammaticas que escreveram é dos auctores, e não da lingua, como nos propômos mostrar é fácil de comprehender; pois *audax*, *acis* é, sem duvida, augmentativo de *ausus*, *a*, *um*; *verax*, *acis* de *verus*, *a*, *um*; *fallax*, *acis* de *falsus*, *a*, *um*; *curax*, *acis* de *cureus*, *a*, *um*; *sagax*, *acis* de *sagus*, *a*, *um*; *vivax*, *acis* de *vivus*, *a*, *um*; *abstinax*, *acis* de *abstinens*, *entis*; *atrox*, *ocis* de *ater*, *tra*, *trum*; *ferox*, *ocis* de *ferus*, *a*, *um*; e assim outros muitos; e se alguns ha com estas terminações que não tenham positivos, de que se queira tirar argumento que não são augmentativos, é, certamente, por haverem sido logo formados com significação em grão superior ou intensitiva; (*) a qual não é possível desconhecer em *linguax*, que em nossa primitiva linguagem se dizia *linguaz*, (**) e depois se mudou para *linguaraz*; — em *bibax*, *beberrão*, ou *heberráz*; — e, finalmente em *loquax*, *loquaz*, ou *salador*, que um dos maiores philologos da antiguidade nos diz ser nome *augmentativo*; (***) o que prova, sem replica, que a desinencia latina *ax* é intensitiva, e que d'ella provem o grão de augmento que tomam os nomes portuguezes.

(*) Em portuguez temos varios *augmentativos* a que faltam os positivos; taes são *comilão*, *fujão*, *chorão*, *estirão*, *cacaço*, *dizidor*, *esgarrão*, *estouraz*, etc.

(**) *Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 268.*

(***) *Loquax qui nimium loquitur. Varro, de Ling. Lat. Lib. 5, p. 62.*

muitos nomes augmentativos se formam indistinctamente quer com uma quer com outra destas terminações: v. gr. *doudaz* ou *doudaço*, *lidroaz* ou *ladroço*, etc.

Como variação da desinencia *aço*, temos as que se lhe seguem *eço*, *iço*, *eço*, que correspondem ás latinas *ex*, *ix*, *ox*, derivadas da primeira *ax*, e com força intensitiva. (1) — Dicemos que a desinencia latina *ax* é uma fórma que se deriva do verbo *ago*, *is*. — Com effeito, assim como *actio*, *onis*, e *actus*, *us*, sam fórmulas do mencionado verbo, a desinencia *ax* e suas variações mostram proceder da mesma raiz, ou mais particularmente do nome *actus*, que significa *obra*, *produção*, *impulso*, *movimento*, donde provem a idea de *extensão*, *grandeza*, *altura* e *intensidade*: significações que se acham todas expressadas pelas desinencias *aço*, *eço*, *iço*, *eço*, o que

(1) As desinencias latinas *ax*, *ex*, *ix*, *ox* teem força intensitiva e augmentam a significação não só dos adjectivos, senão também dos proprios substantivos: v. gr.

<i>Colax, acis.</i>	Adulador, que lisongeia muito.
<i>Tenax, acis.</i>	Tenaz, que retém muito.
<i>Corax, acis.</i>	Machina de levantar pezos.
<i>Emax, acis.</i>	Grande comprador, que deseja comprar tudo.
<i>Suspicax, acis.</i>	Cosa que mucho sospecha. Nebrissa, Diction.
<i>Vorax, acis.</i>	Voraz, comilão, que traga tudo.
<i>Apex, icis.</i>	Apice; ponta, cume, extremidade.
<i>Dentex, icis.</i>	Dentão, peixe que tem muitos dentes.
<i>Istex, icis.</i>	O cimo, o cume, a ponta mais alta da torre, da arvore, do monte etc. It. furacão, redomoinho. — Estes dois ultimos denotam intensidade.
<i>Carnifex, icis.</i>	Algoz, que atormenta a carne. Denota intensidade
<i>Ramex, icis.</i>	Ramo alto, comprido. Augmentativo de <i>ramus</i> , <i>i</i> .
<i>Fornix, icis.</i>	Abobada, arco levantado.
<i>Coxendix, icis.</i>	A parte mais alta da côxa.
<i>Variæ, icis.</i>	Veia inchada; <i>i</i> . é. alterosa.
<i>Potrix, icis.</i>	Bebedora, que bebe muito.
<i>Celox, ocis.</i>	Augment. de <i>celer</i> , <i>etis</i> , <i>i</i> . é. mui ligeiro.

confirma a origem que lhe attribuimos. — Para que isto se veja com mais clareza passaremos a comproval-o com os seguintes exemplos.

Obra, producção, impulso, movimento.

CALIÇA. De cal e desinencia *iça*, denotando *obra, producção*; i. é. cal *abatida* do tecto, ou das paredes da casa.

CANNIÇO. Rede *feita* de cannas.

CARNIÇA. Carne *produzida* pelo ferro; i. é. *feita* ou cortada em postas. II. *acção* de a dilacerar.

« Homens selvagens que não sabem dos matos senão a matar, e tam cevados na *carniça* humana que a fazem muitas vezes nos proprios filhos e mulheres. Luc. T. 2.º L. 4.º C. 7.º p. 58.

Fez Moisés, fez Samuel justa *carniça*.

Sá de Mir. Eleg. á Morte do Principe D. João.

CASTIÇO, a. *Produzido*, gerado de boa casta.

Fid. Eu hei fazer por haver
Um pagem de *boa casta*.

Pag. *Castiço* sam eu já que basta
Se me Deos deixa viver.

Gil Vic. Obr. T. 3.º p. 211.

« Que atrevida insolencia a do
senhor Horacio a de chamar me-

retriz a uma filha do Sol! *Sub domina meretrice*. Dado que duas filhas engendrara o Sol, esta Circe, e a senhora Pasiphæe, que foram mais *castiças* que castas. Fil. Elis. Obras Compl. T. 5.º p. 156, numa nota.

Tem as virtudes dos fidalgos não sei que brandura, quomo frutos bem sazonados de planta *castiça*. Arraes, Dial. 7.º C. 6, fol. 244 v.

CHAMMIÇO.

Coisa propria para *produzir* grandes chammas; como estevas e ramos seccos de arvores que servem para accender fornos.

CHOVEDIÇO, a.

Produzido pela chuva.

Cisternas de agua *chovediça*. Tenr. Itiner. C. 3.º p. 13.

COLMAÇO, a.

Feito de colmo.

Casas *colmoças*. Inedit. da Acad. T. 5.º p. 573.

FELTIÇO, a.

Feito por *obra*, por industria, v. gr. *arruido*—. Como subst. parece ser corrupção da voz africana *fatiche*.

GALLINHAÇA.

De *gallinha* e desin. *aça*, denotando producção. — Esterco que *produz* a gallinha.

HASTILHAÇO

De *hastilha* e desin. *aço*. Lasca de madeira ou de pedra *produzida* pela bala de artilheria. II. pedaço de bomba, ou de granada *produ-*

zido pela explosão da pólvora que a fez rebentar.

PALHAÇO, a.

Feito de palha.

Desembarcamos em um lugar de casas *palhaças*. Tenr. Itener. C. 2.^o p. 10.

PALHIÇO, a.

Obrado, feito de palha.

Choupana *palhiça*. Vieira, Serm. T. 2.^o p. 210, col. 2.^a

MORTIÇO, a.

De *morte* e *desin. iço* denotando *movimento* que se repete. — Diz-se da luz da candeia que, faltando-lhe o azeite, parece morrer, ou apagar-se; depois reviver; logo tornar a desfallecer, e assim successivamente.

MOVEDIÇO, a.

Que se move frequentemente.

Todas as arvores teem uma parte firme e outra *movediça*. Vieir. Serm. T. 5.^o p. 220, col. 2.^a

Note-se que não dice *morente*, senão *movediça*, por ser nome designativo de frequencia. — Também temos o proverbio: Pedra *movediça* nunca cria bolor.

TORNADIÇO, a.

Que torna, ou gyra em roda *muitas vezes*.

E pos-se ante o paraiso do deleito huã Cherubim, e huã espada de fogo *tornadissa*, talhante d'ambaladas partes. Inedit. d'Alcob. T. 2. p. 9.

Tornadiço se diz tambem do soldado que foge muitas vezes de um para outro campo.

ALCANÇADIÇO.

Que se alcança muitas vezes. Diz-se do cavallo que vence um grande espaço com os pés, de modo que vem locar *a miude* nas mãos.

ESPANTADIÇO.

Que se espanta frequentemente. It. que se espanta muito.

Do mesmo modo *fugidiço*, *agastadiço*, *esquecidiço*, *açoutadiço*, *quebradiço*; e assim outros muitos que denotam *frequencia*, *repetição*, e trazem já a idea de *grandeza* e *intensidade*.

Extensão, grandeza, altura, intensidade.

AGRAÇO.

De *acre* e desin. *aço*, denotando *intensidade*. Uva verde e, por isso, *mui acre*.

ALVOROÇO.

Antigamente *alvorizo*. De *alvor* e desin. *oço*, *iço*, ou *izo*, indicando *intensidade*. Grande alvura, ou pallidez que sobe ao rosto, causada por tudo o que pode abalar o animo, como repentino temor, espanto, alegria etc. d'onde a idea de *sobresalto*, ou *commoção vehemente*. — Constancio diz que se deriva do latim *foràs*, fóra de casa, *ruo*, *ere*, correr impetuosamente, precipitar-se, com o prefixo *al* por *ad* latino. Esta etymo-

- logia está no gosto das do padre Bacellar em cujo Diccionario faz grande falta.
- ARANHIÇO.** Aranha de pernas *mui altas*, e, no sentido figurado, homem de pernas *mui compridas*.
- ARAVEÇA.** De arado e desin. *ça* augmentativa. Arado *grande*.
- BOLIÇO, e REBOLIÇO.** *Grande* bolir, como de pessoas que se movem em todos os sentidos; que correm, bracejam, se atropelam, etc. — A desin. é intensiva.
- CAROÇO.** De latim *caro*, carne e desin. *ço* denotando intensidade: i. é carne dura, intumescida. D'aqui pôr imitação veio chamar-se *caroço* o amago da fructa. — Nos Açores *caroço* significa também o *hymen* ou a *virgindade* da mulher; e *quebrar-lhe o caroço* é o mesmo que desfloral-a.
- CARROÇA.** Carro de rodas altas.
- CARTAPAÇO.** De *carta* papel, e desin. *aç*, indicando *altura*, *volume*.
- CHUMAÇO.** De *pluma*, mudado o *pl.* em *ch*, e desin. *aç*, denotando *altura*. — *Plumaço* se dizia antigamente.
- DRIÇA.** Sem nos embarçarmos com a raiz d'esta palavra, que pode vir do ita-

liano *drizzare*, levantar, a desinen-
cia portugueza denota *altura*, *elevação*. Corda de içar, ou levantar
a bandeira ao *alto*.

ENGAÇO.

De *enga*, angulo, e desin. *ação* de-
notando altura: i. é *altura* forma-
da de angulos. — E' palavra que
contém uma perfeita definição.

ESPINHAÇO.

De *espinha* e desin. *ação* indicando
altura, ou *extensão*.

FUMAÇA.

De *fumo* e desin. *ação* denotando
grandeza, *intensidade*.

Dar mostras de alegria com a *fumaça* e estrondo da artilheria. Lu-
cena, L. 3.^o C. 1.^o p. 297.

Escondeu a *fumaça* os navios por
um espaço largo. J. Freire. Castr.
L. 3.^o n.^o 15.

INCHAÇO.

De *incha*, vocabulo antigo, que si-
gnifica soberba, e desin. *ação* aug-
mentativa.

« Confesso-me, Senhor, que com
inchaço de sanha o meu coração
muitas vezes ffoe prenhe, e o seu
parto, Senhor, ou foram desonradi-
ças palavras, ou dampnosas obras. »
Opusc. de Fr. João Claro, Inedit.
d'Alcob. T. 1.^o p. 194.

É tambem Vida Monast. L. 2.^o C.
14, p. 405.

Hoje *inchaço* significa tumor, par-
te *elevada* por inflammação.

- INTEIRIÇO.** Inteiro em toda a *extensão* ou *altura*.
- LIÇO.** De *li*, radical de linha, e desin. *ição* denotando *altura*. Nome de cada um dos fios que no tear ficam postos ao *alto* e formam o que se chama *ordume*.
Liços e cordas de seda de cores diversas. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 87, fol. 314.
- MAROUÇO.** Mar *levantado*, macaréu.
- MASSIÇO.** Que tem *muita* massa, e, por tanto, *muita* densidade.
- MORDAÇA.** Instrumento que aperta, que morde *muito*. A desin. é intensitiva.
- MOROUÇO.** Do lat. *mors*, *mortis*, morte, e desin. *oço* denotando altura; i. é. altura, ou elevação por causa de morte; pois ha-se de saber que no lugar ormo, onde algum homem foi assassinado, é costume formar-se uma altura de pedras, ou de terra, em cujo cimo se colloca uma cruz tosca de páo, vindo assim aquelle comoro a servir de moimento. Vid. Eluc. de Viterb. na palavra Fieis de Deos, onde se acha confirmada esta etymologia.
- PAPELIÇO.** Papel embrulhado ao *alto*, ou formando *altura*.

PASSADIÇO.

Caminho *alto*, que dá passagem sobre um pantano, valle, etc.

PEDROUÇO.

Altura, montão de pedras. — *Pedrouço* devera escrever-se; mas o *u* é euphónico.

Bento Pereira, no Thesouro da Ling. Portug. define Pedrouço: *acercus lapidum*.

RABIÇA.

Rabo, ou ponta *levantada* do arado, onde o lavrador pega para lavar.

REGAÇO.

De *rego* e desin. *ação*, indicando *altura*: i. é rego, ou seio no vestido, apanhadas as fraçadas ao *alto*.

SARGAÇO.

De *sargo*, nome de uma planta que produz cachos semelhantes aos de uvas, e desin. *ação*, denotando *altura, cimo*; porque ha-se de saber que esta planta fluctúa ao *cimo* d'agua, travada em grandes mantas nos mares equatoriaes, onde os portuguezes foram os primeiros que se aventuraram e d'ella houveram conhecimento.

Constancio, em seo Dicc. Crit. e Etymol. da Ling. Port. diz que *sargaço* vem do allemão *see gras*, herva do mar, tirando, assim, da semelhança do nome a origem do vocabulo, e attribuindo aos estrangeiros a invenção de um nome que elles proprios confessam pertencernos, como vamos ver.

«Le nom de *sargasse* vient de celui que donnèrent aux varecs flotans dans la *haute mer*, les premiers navigateurs espagnols et portugais qui s'y abandonnèrent. . . .

Comme la *sargasse* par excellence avoit été appelée *Raisin du tropique* dans quelques anciennes relations, et *Fucus maritimus bacciferus*, ou *fucus racemosus* par les Bauhins et par Tournefort, les modernes crurent devoir lui imposer un nom qui indiquât qu'on avoit remarqué en elle des organes semblables à des baies, au moins quant à la forme. Diction. Classique d'Hist. Nat. par. Mrs. Audouin, Isid. Bourdon, Ad. Brongniart et d'autres — Paris, 1829.

Temos percorrido, e quasi esgottado, a longa serie de desinencias cujo sentido nos propozemos demonstrar. — Devemos, pois, concluir, citando e fazendo applicação das seguintes palavras de Beauzée: «Le hasard peut presenter quelques fausses analogies isolées: mais un systeme complet d'analogies, qui suit parallelement un systeme complet d'idées, ne peut être l'effet du hasard; c'est nécessairement l'effet et le signe de la verité.» Gramm. Gener. T. I. p. 520.

A desinencia *ado*, *a* provém do latim *actus*, *a*, *um*, participio de *ago*, *is*, obrar, fazer, produzir; ou do nome *actus*, *us* que significa *obra*, *feito* (1), *produção*, *impulso*, *movimento*, de que naturalmente se deduz a idea de *extensão*, *grandeza* e *numero*; idea que é denotada

(1) Camões, querendo mencionar Viriato, nome composto de *vir*, genitivo de *vir*, e da desinencia *atus*, mudada em

em muitos vocabulos que temos com esta desinencia — Alguns dos que em latim terminam em *atus* nos dam já a idea de *extensão*, e *grandeza*, como v. gr. *consulatus*, extenção do tempo, ou duração da dignidade consular; *dentatus* que tem grandes dentes; *barbatus* que tem grande barba; *nasatus* que tem grande nariz (1), etc.

Em portuguez denotando *obra*, *feito* *produção*, temos: pégada, jornada (2), pincelada, pedrada (3), marmelada, amendoada, cocada, limonada, bochechada, cachimbada, fornada, barcada, carrada (4), taleigada, redada (5), batelada (6), ninhada (7), mezada, tractada, velhacada, arreeirada, rapaziada, quicholada, martinhada, abrilada, septembrisada, etc.

Significando *impulso*, *movimento*, idea que naturalmente traz a de *pancada* e *glpe*, temos: cacheirada, chi-

ado, declara na explicação d'este nome o sentido da mesma desinencia :

D'esta o pastor nasceu que no seo nome
Se vê que de homem forte os feitos teve.

Lus. C. 3.º E. 22.

(1) Item, qui habet *grandem mentu'am*. Bento Per. Prosod.

(2) Tanto no sentido de *caminho de um dia*, como no do italiano *giornata*, e do francez *ournée*, i. é *obra*, *feito* de um dia.

(3) No mesmo dia se viu na crasta do Convento quantidade de *pedrada*, que lançavam os chuveiros, que era do tamanho de ovos, e por ser tam grossa se não acabou de desfazer senão no fim do seguinte. Souza, Hist. de S. Dom. P. 2.ª L. 6.º C. 5.º p. 393, col. 1.ª

(4) No lat. barb. *Carrata*, i. e. quantum carro vehi potest. Vid. Du Cange. Glossar. ad Scriptores, etc.

(5) Aos quaes o Rei barbaro mandou curar com piedade fingida pera com elles, como negaça, colher outra *redada* de gente enganada. Souza, Annaes de D. João 3.º P. 1.ª L. 4.º C. 16. p. 27.

(6) Colheu a justiça da ilha de Santiago uma *batelada* de treze homens. Id. ibid. P. 1.ª C. 10, p. 42.

(7) Volta a calhandra acha a *ninhada* em sustos. Fil. Elis. Fab. de la Fontaine, L. 2.º Fab. 22, p. 190. Tambem pode ser nome colectivo.

batada, bayonetada, espadeirada, cutillada, crisada (1), frechada, cabeçada, dentada (2), cotovelada, bufelada (3), focinhada, joelhada, narigada (4), pedrada, punhalada, trombada, patada, guinada, marejada, empellada (5), etc.

Da idea de *movimento* provém a de *extensão de espaço e tempo* que se dá nos seguintes: eirado, silvado, fossado (6), montado, vallado, estado (7), reinado, pa-

(1) De *oris*, especie de adaga, vocabulo que tomámos da lingua malaia, e a que junctámos a desinencia *ada* denotando *golpe*. Vid. Bar. Dec. 3.^a L. 5.^o C. 1.^o, p. 518.

(2) Golpe dado com os dentes. — No latim barbaro achámos *dentata* com a mesma significação: «Lupus ipsi mulieri dedit sex *dentatas*:» Miracula S. Zita. April. to. 3. pag. 525, Apud Du Cange.

(3) Golpe, ou pancada sobre a *buffa*, que era a parte do capacete, que correspondia á bocca, e por onde se *buffava* ou respirava. — *Buffa* et Italico *buffa*, quæ est ea pars cassidis, per quam mittitur spiritus, vox, ut videtur formata. Du Cange, Glossar. — Fica, por tanto, claro que a referida palavra é uma onomatopeia que propriamente designa bocca. D'aquí *bufetada*, golpe applicado á bocca, ou sobre a face. — Note-se que no lat. barb. *buffa* e *bufetada* tinham já a accepção de *alapa*.

(4) Pancada com o nariz. It. ant. a porção de tabaco que o nariz sorve de uma vez, *pitada*. Vid. Jornada de Ant. de Albuquerque. Coelho, C. 2.^o p. 53.

(5) Empurrão, do verbo latino *impello*, *is*, *ere*, *impellir*, *empurrar*.

«E sacaram os Judeus de meo daquela gente a grandes *empeladas* huñ homee que avia nome Alexandre. Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 93.

(6) Goes, D. João, C. 59, p. 138. — *Fossado* é propriamente *fosso extenso*, como se deprehe de do latim barbaro > *Fossatum*, vallum, fossa: sed ea præsertim, que circa urbium mœnia circumducitur...

Vallo immenso, quod dicitur *fossatum*. Albertus Aquensis. lib. 4. cap. 30. Apud Du Cange.

(7) «E deste erro dos homens vieram elles a cahir em outro, que é pôr falsos nomes ás coisas, chamando *estados* ás coisas que nunca estão, mas sempre correm. Chamam *estado* de principes, *estado* de nobres, *estado* de plebeios. Vocabulo que parece que havia de ser desterrado do mundo... ao menos que havia de ser bem interpretado. Se tudo passa, se nenhuma coisa do mundo está, como se pode propriamente chamar *estado*?» Heit. Pinto, Imag. P. 1.^a Dial. 1.^o C. 2.^o p. 7.

pado, noviciado, leitorado (1); mordomado (2), — fachada, testada, lombada, achada (3), cumiada (4), vallada (5), restolhada (6), boccada (7), fachada, fumarada, poeirada, leada (8), pernada (9), amurada, alpendrada, pavezada (10), arrochoada (11), bancada, papada, beija-

(1) Souza, Vid. do Arceb. T. 1.º C. 4.º p. 34.

(2) « Cuidem a miude que razam ham de dar de seu mordomado ao Padre das companhias. » Vid. Monast. L. 1.º C. 9.º p. 100

(3) A palavra *achada* significa *planicie extensa no cume do monte*, correspondendo de algum modo ao vocabulo francez *plateau*. — Compõe-se da raiz *chan*, apoiando-se na preposição *a*, e da desin. *ada*. denotando *extensão*. — Esta palavra não é hoje conhecida, ou, pelo menos, vulgar em nosso continente: todavia, é portugueza e vulgarissima nas ilhas dos Açores, e nas de Cabo Verde, onde tem a mesma significação. — Na ilha de S. Miguel é bem notoria com o nome de *Achadas das Furnas* a extensa planicie que fica sobranceira ao delicioso valle do mesmo nome.

(4) Guardando em geral ladeiras aos ussos, sopee aos porcos, *comyadas* aos cervos. Leal Consel. de Elrei D. Duarte, C. 46, p. 158.

(5) Por entre duas asperas montanhas se faz uma *vallada* escura e espantosa. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 56, fol. 219.

(6) Matou-lhe dois elephantes, e nos mouros fez *restolhada* de corpos mortos. Bar. Dec. 3.º L. 8.º C. 4.º p. 276.

(7) Abertura que fórma a entrada de uma rua. It. a extensão da mesma rua. — E' vocabulo popularissimo no Alemtejo.

(8) E por se mostrar particular zeloso das tres leis que havia no mundo, que eram a christan, a judaica e a gentilica, fez uma *teada* misturando-as todas. Fr. Gaspar de S. Bernard. Itiner. C. 20.

(9) Lá dentro estes dois esteiros se communicam e fazem *pernadas* pela terra. Bar. Dec. 2.º L. 5.º C. 1.º

(10) Ordenaram dos pavezes que no palanque acharam uma forte *pavezada*. Leão, Chron. de Elrei D. Duarte, C. 15.

(11) Serie de arrochos, estacada. Vid. Ms. do Capitão Garcia Mendes de Vasconcellos, escripto em 1621 e depositado na R. Bibl. da Ajuda.

da (1), errada (2), nomeada, assoada (3), toada (4), risada, temporada (5), alvorada, noitada, hynvernada (6), caminhada, bordada (7).

Como variação da desinencia latina *atus* ha na mesma lingua a des. *etum*, que denota *produccão, grandeza e numero*, v. gr. *olivetum, ulmetum, vinetum, roboretum, populetum, salicetum*, etc. a qual se acha não só

(1) Bento Pereira no Thes. da Ling. Port. define *beirada* dizendo: *labia prominentia*.

(2) Esta he uma *errada*.

Que mil erros traz consigo.

Gil Vic Obr. T. 2.º p. 470.

(3) De *som* apoiando se na prep. *a*, e com a desinencia *ada* denotando *extensão, prolongação*.

Suspiraram em a alteza do desejo cheo de amor, e em jubilos e cantos de louvor faram saltos e *assumadas* hordenadas, e glorificaram sempre o Senhor em consonancia de modos e vozes de coração, Vid. Monast. L. 2.º C. 17, p. 138.

(4) Tom *seguido, prolongado*:

Suave a lettra, angelica a toada.

Cam. Lus C. 9.º E. 30

Perguntou-lhe se teria lembrança da toada do Hymno. Souz. Hist. de S. Dom. Part. 2.ª L. 1.ª C. 16. p. 55, col. 2.º

(5) Resende, Vida do Inf. D. Duarte, G. 5.º p. 16.

(6) *Hynvernada* significa prolongação: i. é tempo *seguido* em que dura o hynverno. — No seguinte trecho de Fr. Luiz de Souza acha-se, porém, denotando *acto, feito, produccão*, d'onde se depreheende a idea de *vento, chuva*, etc.

« Ia o arcebispo pera o Mosteiro de San' Salvador da Torre, que hora é quinta dos nossos religiosos, como atrás fica dicto: e navegando rio a riba acontecia cubrir-se o ceo de nuvens negras e grossas com ameaças de grande *hynvernada*. » Vid. do Arc. T. 2.º L. 4.º C. 28, p. 138.

(7) Em romance, ou lingua provençal encontram-se alguns vocabulos com a desinencia *ade*, proveniente da mesma origem, denotando as referidas acceções de *obra, feito, movimento, extensão*, e *golpe*; v. gr.

Bohade.

(*Obra, feito*.) Serviço feito com bois. Especie de foro que o vassalo pagava ao senhor.

Algarade.

(*Movimento, extensão*.) Do nome arabe *algara*, *incursão*, entrada no paiz ini-

em olivedo, ulmedo, vinhedo, roboredo (1), etc. senão ainda em outros vocabulos, já propriamente nossos, como: lagedo, fraguedo (2), lapedo, silvedo (3), folguedo, brinquedo, penedo (4), rochedo (5), que denotam *acção*,

migo para roubar, e des. *ade*, denotando *extensão*. i. é Correria. — Note-se que Court de Gebelin não define este nome tal qual propriamente é. Vid. Monde Primitif, Dict. Etymol. de la Lang. Franc.

Bonetude.

(*Movimento.*) Cortezia com o harrete, ou boné.

Pennade.

(*Movimento, golpe.*) De *penne*, ferradura, e des. *ade*; i. é patada, coice.

Souburbado.

(*Golpe.*) De *sous*, debaixo, *barbe* barba, e des. *ade*; i. é punhada debaixo da barba.

J. B. Gail pretende que a desinencia franceza *ade* que é a mesma que a portugueza *ada*, venha do grego $\alpha\delta\varsigma$, $\alpha\delta\omicron\varsigma$, cujo primitivo é $\alpha\delta\varsigma$, $\alpha\delta\omicron\varsigma$; o que não só carece de todo fundamento, senão que passando a explicar varios vocabulos que teem a referida desinencia não consegue determinar-lhes a verdadeira significação, achando-se particularmente embaraçado com o nome *salade*, para cuja explicação recorre a troca de letras, e a outros meios que nada teem de naturaes. — *Salada* é propriamente a comida *feita*, *mecida*, ou adubada com sal. — A palavra italiana *insalata* apresenta melhor esta significação. Vid. Essais sur l'effet des desinences grecques, latines, françoises, par J. B. Gail. Paris, — 1808.

(1) *Roboredo*, por mata de carvalhos, é vocabulo popularrissimo em Tras os-Montes.

(2) Trepámos alcantis de agro *fraguedo*.

Franc. Man. Os Martyr. L. 11, p. 28, v. 13.

E diz em nota: — Fragas *amudadas* e agras de subir.

(3) Elle ouve a voz da pomba no *silvedo*.

Id. ibid. L. 15, p. 150.

(4) Muita pedra *grossa*, quasi *penedos*. Bar. Dec. 3.^a L. 4.^o C. 9.^o p. 484.

(5) Recollimento cercado de *rochedo* como ilhotes, no qual podem estar cinco até seis navios pequenos. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 16, fol. 5.

extensão, grandeza e numero. — Os dois ultimos — *penedo e rochedo*, — sam inquestionavelmente augmentativos. (1)

Temos em seguida a desinencia latina *itus* denotando *extensão, prolongação e intensidade* (2), e a portugueza *ido* que se acha em varios vocabulos, como *bruzido, bufido, sarrido, estrupido, alarido* (3), *latido, mu-*

(1) Devemos aqui mencionar, como correspondente a esta, a desin. antiga *ego*, que mostra claramente proceder da verbo latino *ago, is*, denotando egualmente *obra, feito, produção, movimento, extensão, grandeza e numero.* — Por brevidade só apontaremos os seguintes vocabulos:

<i>Messiadego.</i>	(<i>Obra, feito.</i>) Arraes, Dial. 2.º C. 6.º fol. 51 e C. 12, fol. 62.
<i>Relego.</i>	(<i>Produção.</i>) Certo direito real. Inedit. da Acad. T. 5.º p. 396. — Na B. Lat. se dizia <i>reletum</i> , onde apparece a desin. <i>etum</i> . Vid. Educ.
<i>Achadego.</i>	(<i>Produção</i>) O premio que se dava pela coisa perdida que se achava.
<i>Fumadego.</i>	(<i>Produção</i>) Tributo que ao directo senhorio pagava cada fogo.
<i>Palacego.</i>	(<i>Movimento.</i>) Que frequenta o palacio.
<i>Linhadego.</i>	(<i>Extensão</i>) Vinha <i>extensa</i> , ou extensão de vinhas.
<i>Lavego, ou Lavrego.</i>	(<i>Grandeza.</i>) Arado grande.
<i>Avoengo.</i>	(<i>Numero.</i>) Serie de avós. — <i>Avoego</i> de vera escrever-se; mas o <i>n</i> é euphónico. Ciosos da lidalguia, pobres de <i>avoengo</i> . J. Ferr. Aulegr. fol. 125 v.

(2) *Barritus*, berro do elephante, e tambem o clamor ou brado dos soldados romanos ao entrarem na peleja: *gannitus* gannido; *vagitus* vagido; *grunnitus* grunhido, etc.

(3) Vozaria dos mouros ao entrarem na batalha. Fr. João de Souza, nos vestigios da Ling. Arabica, diz que este vocabulo vem do arabe *alariro*, o que nos não parece provavel; antes julgámos ser formado do nome *Allá*, que os mouros invocavam ao romper da peleja, como os nossos o de San' Thiago. —

gido, nitrido, ruido, rugido, soido, vagido, grasnido, estalido, ronquido, etc. (1)

Da desinencia *ido*, ou *igo*, illidida a consoante, veiu *io* (2), que denota como o seo radical, *acção*, *produção*, e *movimento*, d'onde provém a idea de *extensão*, que traz a de *collecção e numero*.

A desinencia *io* appresenta a idea de *acção* em

Alarido, explicado segundo o genio da lingua, é o grito de Al-lá *repetido e prolongado*, sendo, aliás, uma perfeita onomatopeia. — Bluteau dá, de algum modo, uma explicação analogá; e D'Arte Nunes, incluindo este nome no numero dos que os portuguezes tem seos nativos, corrobora ainda nossa opinião, porque entende que o referido nome nos não veiu do arabe.

(1) Cumpre tambem aqui mencionar a desin. antiga *igo*, correspondente a esta, e na qual apparece a fórma do verbo latino *ago, is*, com todas as significações que já d'elle temos dado. — Os seguintes vocabulos bastarão para exemplo.

Mordomadigo.

(*Obra, feito.*) A gerencia do mordomo. Inedit. d'Alcob. P. 1.º p. 284.

Terradigo.

(*Produção.*) Renda, ou pensão que se pagava por cultivar e viver em terra alhea. Vid. Eluc.

Portadigo.

(*Produção.*) Tributo que se pagava das fazendas que entravam pelas portas de uma cidade.

Hospedadigo.

(*Duração.*) Tempo durante o qual alguem é hespede, ou está hospedado. — « No tempo do *ospedadigo*. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 280 e seg.

(2) Pode servir de prova o nome antigo *mulherigo*, cuja desinencia provém do lat. *ago, is*, e que se acha convertida em *mulherio*, denotando *collecção*.

feitio (1), amorio, lavradio (2), plantio, ousio (3), senhorio (4), pastio, etc.

De *extensão*, que dá também a de *grandeza*, nos substantivos brazio (5), baldio, baxio, pousio (6), corropio, poderio (7), e nos seguintes adjectivos que podem con-

(1) Pouco tempo depois vêo Elrei de Fez correr a Tangere e á villa, e sem fazer maior *feitio* que tomar-nos uma atalaia. e matar outra, se recolheu.—Souza, Annaes de D. João 3.º P, 1.º L. 2.º C. 18, p. 184.

E foi fazendo seu officio com o mesmo estylo de pregações e esmolas e todo o mais trabalho e *feitos* que era costumado. Id. Vid. do Arceb. T. 2.º L. 4.º C. 18, p. 92.

(2) Costume he depois de dia de março adeante da besta que andar no *lavradio* darem dous quartéis de diia de pam hu andarem. Inedit. da Acad. T. 5.º p. 510.

(3) Assy s.rom estas cousas crescendo pouco e pouco, e as gentes tomando *ousyo* de seguyr aquella carreira. Azur. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 17. p. 99.

(4) Para verdes minha obediencia, e o *senhorio* que em mym tendes. J. Ferr. Aulegr. fol. 40.

Se lhe damos consentimento, então tomam sobre nós *senhorio*. Vid. Monast. L. 1.º C. 5.º p. 63.

Conselhouse Roboam com os mancebos, e eles dysserom-lhe que salasse ao poboo com *senhorio*. Inedit. Alcob. T. 3.º p. 23.

(5) O mesmo que brazido:

Como ardendo em gran *brazio*
De fogueira.

Gil Vicente, Obr. T. 1.º p. 260.

(6) Perdades dos menores nom se cultivão e jazem em *pouzos*. Orden. Affons.

(7) Grande poder, como bem se deprende dos seguintes trechos:

Tu certo te assenhoreas do *poderio* do mar e abrandas ho movimento das suas tempestades. Vid. Monast. L. 1.º C. 11, p. 119.

Nom ha hy *poderio* sobre a terra que sya comparado a elle, o qual foy feyto pera nom temer. Ibid. L. 2.º C. 8.º p. 348.

Leão coroado no throno espantoso das aguas do mar, assentado por *poderio* increivel no assopro de todos os ventos. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 13, p. 42.

O Deos que vive reinando por *poderio* e magestade suprema. Ibid. C. 21, p. 74.

siderar-se como augmentativos: doentio, corredio, ou corredioço, erradio, prestadio, luzidio, fugidio (1), ou fugidioço, sombrio, tardio, vadio, sadio, arrédio, vazio, etc. (2)

Depois destas desinencias vem a latina *utus* (3), a que corresponde a portugueza *udo* que entra na composição de varios adjectivos.

Significando coisa que *obra*, *faz*, *exerce* etc. temos abelhudo (4), linguarudo, etc.

Com a idéa de *extensão e grandeza*, que a lingua tende principalmente a dar a esta desinencia, temos os

(1) Serás vagabundo e *fugidio*. Ined. d'Alcob. T. 2.º p. 10. — It. Vid. Monast. L. 1.º, C. 2.º p. 28. e C. 12. p. 138.

(2) A prova de que todos estes adjectivos são *augmentativos* ou *intensivos*, é que d'elles se não pode formar um só *augmentativo*, ao passo que a muitos dos mesmos se acham os *positivos*; como a tardio *tardo*, a sadio *são*, a vadio *vão*, a doentio *doente*, etc.

(3) Com ella formaram os romanos *astutus*, *cornutus*, *hirsutus*, *nasutus*, e outros que pela maior parte denotam *grandeza e intensidade*.

(4) Constancio, em seo Dicc. Crit. e Etymol. na palavra *abelhudo* diz que a des. *udo* vem do lat. *utor*, *uli*, *usar*. Neste caso *cabeçudo* fora o que usa de cabeça, *membrudo*, o que usa de membros. — Os latinos teem tambem *nasutus*; será, por ventura o que usa de nariz? — Já se vê que o A. recorreu a estas etymologias cerebrinas por ter ignorado, como constantemente mostra, o genio da lingua, e a formação dos vocabulos, com a qual só uma ou outra vez attina por acaso. — A des. *utus* tem as mesmas accepções que *atus* da qual não é mais do que uma variação. — *Abelhudo* é, portanto, o que obra como abelha; i. é que toca e meche em tudo, á semelhança da abelha, que pousa e toca em todas as flores. (*) — Passa depois a des. *udo* a denotar *extensão e grandeza*, do mesmo modo que a des. *ado*. O ríftão antigo — *udo* nem miudo — denota assás que esta palavra equivale a um termo de *grandeza*, que nossos antigos conheciam perfeitamente.

(*) Dizemos *abelhudo* o que anda apressado em alguma coisa, tomada a metaphora das abelhas quando andam em lavor. Duarte Nunes, Orig. da Ling. Portug. p. 56.

seguintes : barbudo, feçudo, bochechudo, beieudo (1), cabelludo, dentudo, pançudo, narigudo, carrancudo, membrudo, espadaúdo (2), carnudo, coraçudo (3), graúdo, etc.

A des. *ade* provém dos nomes latinos da 3.^a declinação acabados em *as*, como *bonitas*, *pietas*, que fazem no oblativo do singular *bonitate*, *pietate*.

Esta desinencia procede da raiz *ago*, *is*, ou do nome *actus*. — Para d'isto nos certificarmos basta notar que os nomes da 3.^a declinação que terminam em *as* tomam no genitivo, dativo e ablativo do plural as fórmãs *atum*, e *atibus*, em que claramente apparece a raiz que lhe indicâmos.

Conseqüentemente, *bondade*, significa acto, producção do que é bom : *piidade* acto, producção do que é pio ; e só por extensão é que vem a denotar *qualidade*.

Assim, quando em linguagem vernacula dizemos a *novidade* para significar a *producção* de novo anno, 'nesta palavra exprimimos exactamente a idea que queremos.

Do mesmos modo *saudade*, que antigamente se dizia *soidade* vem do nome *só* e da desinencia *ade* denotando *acto*, *producção* : i. é pensamentos, lembranças, magoas, desejo do que se acha só, ou separado da patria, dos amigos, da esposa, etc.

Com tudo, uma grande parte dos nomes que leem esta desinencia, tomam a accepção de *qualidade*. v. gr.

« Era grandissimamente amado do seo povo pela *realidade* e brandura da sua condição e natureza. » Fern. Mend. Peregr. T. 2.^o C. 113, p. 109.

« Mortós se dizem tambem em Direito os deporta-

(1) Pant. de Aveir. Itiner. C. 91, fol. 326 v.

(2) Platão assim cognominado, por ser *largo* de hombros, ou *espadaúdo*. Man. Bern. Nov. Flor. T. 3.^o p. 375.

(3) Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 169.

dos, ou degredados, porque perdem a *civilidade*, ou *liberdade*. » Man. Bern. Nov. Flor. T. 3.^o p. 461. (1)

Provindo a desinencia *ade* da mesma raiz que *ado*, *a*, tem, como esta, a acceção de *acto*, *obra*, *produção*, d'onde lhe vem a de *extensão*, *augmento* e *grandeza*.

Com a idea de *acto*, *obra*, *produção*, temos os seguintes nomes, dos quaes alguns tomam a acceção de *qualidade e estado* :

Amizade, felicidade, anxiedade, capacidade(2), mensalidade, tempestade (3), calamidade (4), gentilidade (5),

(1) Devemos aqui notar que tanto em latim como em portuguez se pode algumas vezes tomar a *qualidade* pelo sujeito, ou individuo que possui essa mesma *qualidade*. — O seguinte exemplo é de um dos maiores mestres da lingua :

« Quando começava a estudar a sagrada theologia, succedeu celebrar-se capitulo provincial em Guimarães no anno de 1532. E foi mandado a elle por uma das maiores *habilidades* da ordem para defender umas conclusões de logica. »

Vid. do Arc. T. 1.^o L. 1.^o C. 4.^o in princ.

Ja se vê que dizemos *notabilidades* por pessoas notaveis como está hoje em voga, e se adoptou do francez *notabilités*, não é contrario ao genio da lingua.

(2) Qualidade, ou propriedade de tomar, ou de receber.

« Deixou o padre Francisco a gente de Moro na *capacidade* de nossa sancta fé. » Luc. T. 2.^o L. 4.^o C. 10, p. 86 e seg.

(3) Propriamente *acto*, *obra*, *produção* do tempo; pelo que em latim *tempestas serena*, quer dizer: tempo sereno, bonançoso. — Frequentemente se toma em mau sentido; d'onde vem a idea de borrasca, procella, tormenta, com que exclusivamente passou para o portuguez.

(4) De *calamus*, canna de trigo, e des. *ade*, denotando *produção*; propriamente destruição das cearas *produzida* do bicho, mangra, ferrugem, ou de outra qualquer enfermidade; — d'aqui por extensão: desastre, infortunio, mal geral.

(5) D, lat. barb. *gentiles*, i. e. *idolorum cultores*, e des. *ade*, denotando *obra*, *produção*, por exemplo:

« Sabida é a fabula, ou a historia de Adonis, e as *gentilidades* que nasceram de sua gentileza. » Vicir. Serm. T. 5.^o p. 107, col. 1.^a

fidelidade, docilidade, deidade (1), tranquilidade, generosidade, fatalidade, heroicidade, etc. (2)

A idea de *produção* dá a de *extensão*, *augmento* e *grandeza* que teem os seguintes :

Edade, eternidade, longevidade, profundidade, immensidade, infinidade, sumidade, novidade (3), monstruosidade, obesidade, festividade, solemnidade, sumptuosidade, preciosidade, etc. (4)

A desinencia *ame*, que por variação, dá tambem *ume*, vem do nome latino *agmen*, como adeante diremos, quando tractarmos dos *collectivos*. — Significa *reunião*, *aggregação*; por isso umas vezes denotada *grandeza*, *augmento*, e *intensidade*, e outras *collecção* e *numero*.

(1) Qualidade de Deos :

E o Deos, que foi 'num tempo corpo humano,
E por virtude de herva poderosa
Foi convertido em peixe, e d'este damno
Lhe resultou *deidade* gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano.
Cam. Lus. C. 6.º E. 24.

(2) Em latim é o mesmo; v. gr. *falsitas, atis*, a acção, ou a obra do falso; *celeritas atis*, a acção, ou o movimento do ligeiro; *cupiditas, atis*, o acto, ou a vontade do cubitoso, i. e. cubica; *pernicitas, atis*, a acção ou o movimento das pernas, i. e. velocidade; *vanitas, atis*, o acto e a qualidade do vão, etc.

(3) Das novas do Norte terá v. ex.^a nessa corte mais frescas e certas noticias. As de Levante promettem grandes *novidades*, porque os apparatus do Turco, assim da terra, como maritimos, sam formulaveis. Vieir. Cartas. T. 1.º C. 86, p. 320.

Um padre de auctoridade que isto me escreveu, acrescenta uma nova, ou *novidade* que não diz com isto. Id. ibid. T. 2.º C. 6.º p. 59.

(4) Em latim é o mesmo; v. gr. *olivitas, atis*, grande abundancia de azeitonas; *etas, atis*, edade, duração, vida; *ævitas, atis*, muita edade; *capacitas, atis*, grande extensão; *vastitas, atis*, excessiva grandeza, *garrulitas, atis*, loquacidade excessiva; *obesitas, atis*, extrema gordura; *operositas, atis*, grande trabalho; *opinitas, atis*, abundancia, fartura, grandes riquezas; *primas, atis*, o que é principal na cidade; *sacietas, atis*, saciedade, fartura, etc.

Os vocabulos em que denota *grandeza*, *augmento* e *intensidade* sam: gravame, vexame, carregume, ciume (de *cio* e des. *ume*), negrume, presume (1), pesadume, queixume, lapume, chorume, etc.

A desinencia portugueza *ario. a*, foi tomada da latina *arius, a, um*, que, do mesmo modo que o infinito dos verbos da primeira conjugação, parece formar-se da raiz *aro, as* (2), que rigorosamente significa *lavar a terra*, d'onde vem a idea de *obra, exercicio, movimento*, que dá a de *creação, producção, manutenção*, bem como a de *repetição, extensão, grandeza, e intensidade*.

Com a significação de *obra, exercicio, movimento, criação, producção, manutenção*, lemos:

Aviario, ovario, fadario, exemplario (3), campanario, sanctuario, voluntario, operario, mercenario, celibatario, tributario, thuribulario (4), etc.

E com a mesma desinencia na terminação feminina, que pronunciamos com o *i* longo:

Sabedoria, trapaçaria, velhacaria, bisonharia, galhofaria, ridicularia, etc.

(1) Grande peso, v. gr.

E dizia que o altar quebrara polo *presume* do que *poymham* sobr'el. Ined. d'Alcob. T. 3.º p. 26.

(2) Mr. Le Mare, tractando das terminações *aris, arius, a*, diz: *Medicus oculus, ou ocularius*; Celse, *medicin oculiste*, ou que se exerce sur les yeux, comme si *aris, arius* venait de *aro*, je travaille, j'exerce, je *laboure*. — Par extension, on a signifié, par cette finale, toutes sortes d'occupations, d'emplois, de fonctions. Cours Pratiq. et Theor. de Lang. Lat. ou Methode Prénotionelle. — Paris. 3.º Ed. p. 34 et suiv.

(3) Que mantém ou conserva o exemplo:

Copioso *exemplario* para a gente. Cam. Sonet. IV. Hoje dizemos *exemplar*:

Mas á vista do exemplo do seo martyrio, e muito mais á vista do seo *exemplar* no Presepio, que me posso eu dizer a mim, e aos que me ouvem? Vieira. Serm. T. 15, p. 87, col. 1.º

(4) Em latim a desinencia *arius* tem as mesmas accepções: v. gr. *operarius, statuarius, furnarius, gallinarius, aquarius, pecuarius, etc.*

Os seguintes contem a idea de *repetição, extensão, grandeza, e intensidade*:

Frascario, fornicario, perdulario, usurario, falsario, cursario, sanguinario, — grangearia, lisongearia, pescaria, montaria, gritaria (*extensão e repetição*), cafraria (*extensão e numero*), frontaria, calmaria, honraria, correria, algozaria, judiaria, etc. (1)

Todos estes nomes leem força *augmentativa*, e alguns *iterativa*, ou *intensitiva*, pelo que não é possível formar d'elles augmentativos.

A lingua portugueza tende a mudar a desinencia latina *ario*, *a* em *eiro*, *eira*, como vemos em *adversario*, *contrario*, *operario*, que o vulgo ainda hoje pronuncia *adversairo*, *contrairo*, *operairo*, invertendo a vogal *i* e a consoante *r*, d'onde facilmente se fórma *eiro* pela troca mui usual do *a* em *e*. — Assim de *caldarium*, ou do ablativo *caldario*, se formou *caldaireiro*, e depois *caldeiro*: — de *porcario*, se fez *porcaireiro*, e *porqueiro*: — de *caprario* se fez *capraireiro*, e depois *cabreiro*, pela troca do *p* em *b*, etc.

Conhecida e vulgarisada esta terminação como designativa de coisa que *obra, faz, produz, mantém, etc.* se formou com ella um numero infinito de vocabulos que vieram enriquecer a lingua. — Alguns ficaram conservando a desinencia latina *ario*, considerada a portugueza *eiro* como indicativa de exercicio ou emprego menos nobre; excepto em *conselheiro*, *cavalleiro*, e em poucos mais. — *Evangelisteiro* (2), que se dizia nos primeiros seculos da monarchia, foi mudado em *evangelista*.

Com a desinencia *eiro*, *a*, denotando coisa que *obra, exerce, move, produz, mantem, cria, etc.* temos:

(1) Em latim é o mesmo: *palcaria*, papada do boi; *lignarium*, méda de lenha; *palcarium*, monte de palha, palheiro; *vitiarium*, viveiro ou collecção de vides, i. e. bacelada, etc.

(2) Entraram em casa de Felipo o *Evangelisteiro*, que era dos sete diaconos, e pousarom com el. Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 99.

Caldeireiro, chapeleiro, funileiro tintureiro, barqueiro, cocheiro, aguadeiro, porqueiro, gallinheiro, feitiçeiro, agreiro (de *ager*, *gri*, campo, e des. *eiro*, i. é coisa produzida ou creada no campo, como palhinha, etc. que entra pelos olhos), fogareiro, pesqueiro, celleiro, limoeiro, pecegueiro, jasmineiro, craveiro, canteiro (do lat. *plantarium*), pedreira, cidreira, figueira, videira, amoireira roseira, gotteira, torneira, (torno que mantém o liquido), dedeira, (coisa que mantém ou defende o dedo), cabelleira (obra de cabello), cabeceira, rodeira, despenreira, etc.

A mesma desinencia passa a denotar *repetição, extensão, grandeza e intensidade* nos seguintes:

Esteiro, (de *æstuarium*, composto de *æstus*, maré, e des. *arius*, indicando repetição prolongação, i. é braço de mar creado, mantido pela maré), aguaceiro, nevoeiro, luzeiro (1),—caminheiro, meiguiceiro (2), verdadeiro, erreiro (3), altaneiro, justiceiro (4), zombeteiro,

(1) Grande luz:

Padres antigos, *luzeiros* da egreja de Christo. Arraes, Dial 6.^o C. 13, fol. 222 v.

(2) Que está sempre a fazer meiguices:

Gente *meiguiceira* sempre é falsa. J. Ferr. Aulegr. fol. 16 v.

(3) Que erra continuamente:

Que meo gado tam *erreiro*,
Que sempre o verás andar
D'um peccar 'noutro peccar,
De captiveiro em captiveiro.

Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 356.

(4) Que faz rigorosa justiça; que nunca falta a ella.— O seguinte trecho mostra a differença que vae de justo a *justiceiro*:

Entre o justo e o *justiceiro* ha esta differença: ambos castigam; mas o justo castiga e peza-lhe; o *justiceiro* castiga e folga. O justo castiga por justiça, o *justiceiro* por inclinação. O justo com mais vontade absolve que condemna; o *justiceiro* com mais vontade condemna que absolve. Vieira, Serm. T. 15, p. 137, col. 1.^a

traçoeiro, — cachoeira, cumieira, ribanceira, fronteira, cordilheira, testeira, lareira, fogueira, mouteira, lamaçeira, sangueira (1), papeira, faceira, cachaceira, conleira (de *conto* e des. *eira* denotando extensão), buraqueira, ventaneira, poeira, trabalheira, choradeira, inferneira, costumeira, somneira, pasmaceira, etc. (2)

(1) Ao redor do idolo dos Accaronitas havia taes eunxames dellas (moscas) por causa da *sangueira* dos sacrificios, que por esta causa chamaram os hebreos áquelle idolo Beelzebub. Man. Bern. Nov. Flor. T. 2.^o p. 26.

(2) Como se vê em todos estes vocabulos, a desinencia *eiro, a*, tem força *intensitiva*: dá-se, porém, uma differença entre esta e a desinencia *or*, com a qual passámos a confrontal-a para que em tudo se conheça o genio da lingua. — A primeira denota a pessoa ou coisa que por *officio, habito, ou costume*, exerce ou faz aquillo que é designado nas raizes dos vocabulos: — a segunda a pessoa que por *genio, indole, ou vocação* faz aquillo que indicam as mencionadas raizes.

Ao passo que fizermos a confrontação dos nomes que tem estas duas desinencias, havemos tambem de fazel-a com os que terminam em *ante*, que sam ordinariamente adjectivos formados dos participios activos do presente dos verbos da primeira conjugação, e que podem considerar-se como *positivos* a respeito dos outros.

- | | |
|---------------|---|
| Amador. | O que ama por genio e propensão; que ama sempre e por gosto. — Diz-se que um homem é <i>amante</i> de uma mulher, e <i>amador</i> das bellas artes, da pintura, dos livros etc. |
| Amante. | Que ama actualmente; que obra por effeito de amor.
A desinencia em <i>eiro</i> dera uma impropriedade. |
| Caçadeiro, a. | Que tem <i>emprego</i> na caça; mas não o genio, ou o gosto d'ella: v. gr. a espingarda é <i>caçadeira</i> , mas não <i>caçadora</i> , porque não tem o genio de caçar. |
| Caçador. | O que tem a propensão, o genio, ou o gosto de caçar; como é o homem dotado |

A desinencia *ario* muda para *orio* tanto em latim como em portuguez, e appresenta debaxo d'esta nova fórma as mesmas accepções que já ficam indicadas.

- deste predicado, o cão, o gato, o falção, e outros muitos animaes.
- Caçante.** Que actualmente caça, ou está em acção de caçar, como os animaes assim representados no brasão.
- Caminheiro.** Que se emprega em andar no caminho; cujo officio é de caminhar, como o postilhão, o correio, etc.
Entrou o anjo Raphael a falar com o velho Tobias em trajo de caminhante, ou ainda de *camínheiro*. Vieira, Serm. T. 5.º p. 90. col. 1.ª
- Caminhador.** O que por genio e gosto caminha; que está sempre prompto para caminhar; que caminha *muito*.
- Caminhante.** O que actualmente caminha; o que faz caminho ou vae nelle.
- Dançadeira.** Mulher que faz vida de dançar; bailadeira.
- Dançador.** Que dança por genio e gosto; que dança *muito*.
- Dançante.** Que dança actualmente, ou está em actitude de dançar.
- Dormidor.** Que dorme *muito*; que dorme continuamente.
- Dormente.** Que dorme actualmente, ou está em acção de dormir; v. gr. *ponte* —
A terminação em *eiro* fora impropria; porém chamamos *dormideira* a planta que se *emprega* para fazer dormir.

Com a idea de *obra, exercicio, movimento, producção, criação, manutenção*, temos:

Petitorio, adjutorio, lavatorio, vomitorio, seringa-

- Nadador.** Que náda por-natureza e propensão: it. que náda muito: v. gr. peixe —
- Nadante.** Que náda, que vae nadando, que fluctua. — *Nadantes* aves, dice Camões por náos que navegam:
Eis mil *nadantes* aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vam ao vento.
Lus. C. 4.^o E. 94.
- Obreiro.** O que se emprega em obras mechanicas; que trabalha para viver; cuja vida é trabalhar.
- Obrador.** O que obra por genio, por empenho e gloria; v. gr. *obrador* d'altas proezas.
Gloria a ti, filho de Deos, *obrador* de tantas maravilhas. Man. Bern. Nov. Flor.
- Pretensor.** O que pretende com empenho, ou tem altas pretensões.
Aquella dignidade para a qual havia muitos *pretensores* nobres, e prelados que a pediam. Duarte Nunes, Descr. de Port. C. 60, p. 201.
Buscou-o entre os principes *pretensores* do Reino. Vieir. Serm. T. 15, p. 281, col. 1.^a e 2.^a
- Pretendente.** Que pretende, que anda em pretensões.
Tam *crystalinas* costumam ser as magestades que até do halito dos pretendentes se empanam. Man. Bern. Nov. Flor. T. 2.^o p. 200.
- Representador.** Que representa per genio, gosto e inclinação.
Comedias de que sam grandes re-

torio, purgatorio, suspensorio, envoltorio, escriptorio, cartorio, etc.

Denotando *repetição, extensão, grandeza e intensidade*, temos os seguintes :

Territorio, promontorio, zimborio (de *cimo* e des.

presentadores. Luc. T. 1.º L. 10, C. 23, p. 368.

- Representante. Que está em acto de representar, que representa actualmente.
A des. em *ciro* dera uma impropriedade.
- Traiçoeiro, a. Que se emprega em fazer traições: v. g. arma. —
- Traidor. O que por indole perversa machina traições. — O punhal é uma arma traiçoeira, mas não *traidora*: — o tygre é *traidor* e traíçoeiro.
- Tremedor. Que treme muito, por genio por vocação, como os *quakers*.
- Tremente. Que treme actualmente, que está a tremer.
A terminação em *ciro* fora impossivel.
- Viageiro. Que faz vida de viajar; que viaja por emprego. — O homem é *viajeiro* no caminho miseravel da vida.
- Viajor. Que viaja por genio e gosto; por não poder estar parado; que viaja sempre.
- Viajante. O que vae em viagem, que viaja actualmente.

Podiamos ainda produzir outros muitos exemplos; — estes porém, nos parecem sufficientes.

A desinencia em *or* emprega-se algumas vezes em sentido physico para denotar *muito*; como v. gr. *furador*, instrumento pont'agudo que fura *muito*. — *Bojador*, cabo que boja *muito*, por cujo motivo lhe foi dado este nome.

orio denotando *grandeza, elevação*) breviorio (1), chapelorio (t. deris.), regalorio (t. deris.), destampatorio, tormentorio, finorio, simplorio.

Pelo que fica exposto se evidencia que todos os nossos augmentativos sam formados com as desinencias latinas designativas de *extensão, grandeza, augmento, e intensidade* (2); ás quaes, posto que tenhamos dado muito mais geral emprego e desenvolvimento, compondo com ellas grande numero de vozes augmentativas e intensivas que não ha em latim, comtudo, em nada lhe alterámos a significação; conservando nossa lingua as primitivas e originaes tendencias que recebeu, e que, em sua totalidade, sam e formam aquillo a que chamamos *genio da lingua portugueza*.

Porque como este cabo lança e boja para loeste perto de quarenta leguas... deste muito bojar lhe chamam *bojador*. Bar. Dec. 1.^a L. 4.^o C. 7.

(1) Breviario *grande*, diz o Elucidario.

(2) Torna-se, por tanto, claramente falso que a lingua portugueza *enjeitasse quasi todas as terminações augmentativas dos vocabulos latinos*: asserção enunciada na Memoria em que o cardeal Saraiva pretendeu provar que a lingua portugueza não é filha da latina, e que vem no tomo 12 das Memorias da Academia. — Isto quanto aos *augmentativos*: quanto aos *diminutivos* adeante se verá ser egualmente falso o que na referida Memoria se affirma.

CAPITULO XVII.

DOS COLLECTIVOS.

Ha em portuguez varios nomes, como v. gr. *bando*, *chusma*, *récur*, dos quaes não é possível passar a outros que denotem o individuo unico de que estes apresentam a idea de numero e collecção. Temos, porém, e nisto é riquissima a lingua portugueza, grande copia de vocabulos que, per meio de uma desinencia propria e determinada, não só indicam a idea de numero, senão que, omitida essa desinencia, ficam mostrando o *individuo* ou *unidade*, de que d'antes compunham collecção.

E' d'estes ultimos que exclusivamente queremos tractar, por serem os que, nesta parte, servem de dar a conhecer o genio da mesma lingua.

As desinencias que indicam collecção e numero sam : *ado*, *ada*, *edo*, *io*, *ade*, *agem*, *al*, *alho*, *alha*, *ilha*, *olho*, *ulho*, *ame*, *ama*, *ume*, *ario*, *aria*, *eiro*, *eira*, *orio*, e *enta*.

A desinencia *ado*, *a* vem, como já dicemos tractado dos augmentativos. do participio latino *actus*, *a*, *um*, ou do nome *actus*, que significa *obra*, *produção*, *impulso*, *movimento*. — Da idea de movimento provém a de *extensão* e *grandaza*, que dá a de *numero* e *collecção*.

Os nomes em que esta desinencia denota *numero* sam aquelles que representando uma *extensão* ou *prolongação* de objectos distinctos e separados, mostram, por isso, *numero*, ou *collecção* d'esses objectos. — Os nomes designativos de *extensão*, em que esta circumstancia se não verifica, podem só denotam *grandeza* e pertencem aos *augmentativos*. — Entretanto a passagem de uns para outros é muitas vezes tenuissima, pelo que chegam mesmo a confundir-se. — Comecemos pelos que só denotam *extensão* e *prolongação* :

Alvado, eirado, vallado, condado, principado, bis-

pado (territorio em que exerce jurisdicção o bispo), apostolado (1), principado, — toada, folhada, orvalhada, chilriada, foguetada, estourada, apupada (2), surriada, (3).

Nalguns d'estes, como bem se notará, começa já a apparecer a idea de numero.

Finalmente os seguintes denotam numero e collecção.

Senado (4), apostolado (5), palavreado, arrazoado, articulado, accionado, cadeirado, cortinado, teclado, taboado, arcada, balaustrada, boiada (6), burricada, camada (7), cabreirada, cachorrada, canzoada, chouriçada, columnada, fachinada, gabionada, gaiatada, guerrihada, grumetada (8), lacaiada, livrada (9), ossada (10), maravidiada, pageada, palliçada (11), papelada, rama-

(1) Denota *acção, e extensão*. — « A grande região da Asia foi a campo que Deos repartiu a Xavier para cultura e lavoura de seo apostolado. » Vieir. Serm. T. 8.º p. 22, col. 1.ª

(2) O moço ficou com a cabeça rapada descuberta em meio de todos que lhe por isso acudiram com huma grande risada e *apupada*. André de Res. Vida do Inf. D. Duarte, C. 5.º p. 17.

(3) Lhe deram duas *surriadas* de artilheria com que lhe mataram a maior parte da gente. Fern. Mendes, Peregr. T. 2.º C. 146, p. 273.

(4) Do latim *senatus*, composto de *senex* velho, ancião, e *desinencia atus* denotando *extensão e numero*.

(5) Numero de apóstolos. — « No *Apostolado* um se perdeu e todos os mais se salvaram. » Man. Bern. Est. Prat p. 393.

(6) *Boiadas* de dez e vinte mil cabeças. God. Rel. C. 2.º p. 13.

(7) Barros empregou este vocabulo no sentido fig. dizendo: Uma grande *camada* de fidalgos. Dec. 3.ª L. 1.º C. 1. p. 473.

(8) Numero de Grumetes Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 473.

(9) Numero de livras. Eluc.

(10) Uma *ossada* de cidade tam erma como Troia. God. Rel. C. 28, p. 227.

(11) No latim da edade media *palliciatum*, i. é contexto e serie de paos: — *Fecerent stichatos, sive palliciata circumcirca civitatem*. Anonymus de Gestis Frederici 2. Imper. Apud Du Gange.

da (1), rapaziada, trambolhada (2), trilhoada (3), gralhada (4), sapateirada, caixeirada, vaccada, etc.

A desinencia *edo*, que já mostramos denotar *acção*, *extensão* e *grandeza* em folguedo, brinquedo, e penedo, passa a indicar *numero* e *collecção* nos seguintes vocabulos:

Arvoredo, figueiredo (ant.), moreiredo (ant.), ro-boredo, ulmedo, vinhedo, lagedo, lapedo, fraguado, mosquedo, etc.

A desinencia *io* offerecendo, como já vimos, a idea de extensão e grandeza em varios nomes, traz tambem a de *numero* e *collecção* em penedio, gentio (5), mulhério, brazio, ou brazido.

A desinencia *ade*, de que já tractamos no capitulo antecedente, depois de designar *extensão*, *augmento* e *grandeza*, passa a denotar *collecção* e *numero* nos seguintes vocabulos:

Antiguidade (os antigos,) posteridade (os posteros, ou vindouros), humanidade, communidade, irmandade, mocidade (multidão de moços v. gr. a — lisbonense).

(1) « A ramada que de si lançava esta arvore era tam grossa e estendida, que affirmavam chegava a dar todos os annos sessenta alqueires de boleta. Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 14, p. 97.

(2) E ao pescoço traziam uma grande *trambolhada* de conchas vermelhas do tamanho de cascas de ostras. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 73, p. 294.

(3) Vocabulo antigo. — Diz Constancio em seo Dice Crit. e Etymol. da Ling. Port. que é provavel que fosse *trilho leve*: significação contraria á que lhe dá a desinencia *ada*, que denota *extensão*, *grandeza*, e *numero*. — Quer dizer *numero de trilhos* presos uns aos outros; e, no sentido fig. *cambolhada*, *enfada*, o que bem se depreheende do seg. trecho:

« Muito pareceis vos agora bilhafrão esgalgado, que faz presa em grande *trilhoada* de negalhos de tripas. » Jorg. Ferr. Aulegr. fol. 177 v.

(4) Bar. Dec. 4.º L. 5.º C. 1.º p. 538. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 62, fol. 239.

(5) Sacerdotes muito venerados do *gentio* da terra. Ar-raes, Dial. 3.º C. 23, fol. 113.

cidade (de *civis* cidadão, e desinencia *'ade* denotando multidão), latinidade, (os escriptores latinos), christandade (1), mendicidade, mortalidade (2), infinidade (3), municipalidade, universidade (4), pluralidade, animalidade (5), officialidade, mortandade (6), parcialidade (os parciaes), infernalidade (7), gentilidade (8), sociedade, etc. (9).

A desinencia *agem* é uma fôrma do verbo latino *ago, is*, que significa *obrar, fazer, produzir, levar* (10), etc.

(1) Nô tempo de San' Bernardo se junctou a *christandade* para a conquista da terra sancta. Arraes, Dial. 3.º C. 21, fol. 110 v.

(2) Formosamente dice Q. Curtio, que não era assás cauta a *mortalidade* contra os mimos da fortuna. Id. Dial. 7.º C. 13, fol. 258 v.

(3) *Infinidade* de casas, templos, sumptuosos paços, e admiraveis edificios. Heit. Pintô, Imag. P. 2.ª Dial. 3.º C. 12, p. 630, col. 1.ª

(4) Nem cançou com a administração da *universidade* dos ceos e elementos. Arraes, Dial. 4.º P. 2.ª C. 12 fol. 144.

(5) Multidão de animaes. — « O ocioso é terra folgada que cria *animalidade*. » Id. Dial. 7.º C. 7.º fol. 246.

(6) *Mortandade* que hi foy tamanha, ca as pedras do campo foy tudo vermelho. Nobiliar. do Conde. D. Pedr. p. 70.

(7) Chusma do inferno. — « Quem vir agora a cidade de Goa, verá uma escola formada destes escrivães pequenos e maiores, de inqueridores, procuradores, informadores; e certo que é grande confusão ver esta *infernalidade* em uma terra rodeada de inimigos. » Couto, Sold. Pract. Dial. 1.º P. 2.ª p. 105.

(8) Muitos houve que quizeram imitar os raios que a *gentilidade* chamava de Jupiter. Vieira, Serm. T. 5.º p. 495, col. 1.ª

(9) Em latim é o mesmo; v. gr. *civitas, atis*, gente, povo de uma cidade; *communitas, atis*, sociedade; *mortalitas, atis*, os mortaes; *negotiositas, atis*, multidão de negocios; *nobilitas, atis*, os nobres; *posteritas, atis*, os vindouros; *societas, atis*, multidão de homens junctos entre si; *sodalitas, atis*, ajuntamento, collegio; *vicinitas, atis*, multidão de vizinhos; *universitas, atis*, multidão de coisas unidas em um todo, etc.

(10) A desinencia *agem*, tomada da variação dos nomes latinos que formam o nominativo em *ago*, vem incontestavelmente do verbo latino *ago, is*, que significa *obrar, fazer, produzir*, etc. — Esta origem comprova-se pelo seguinte trecho:

A idea de *obrar e produzir* dá a de *paga, pensão e foro* com que temos *anchorage, barcagem, carcera-gem, medidagem* (1), *navagem* (2), *portagem* (3), etc.

A idea de *obrar e fazer* traz a de *acção e movimento* que se dá em *personagem* (4), *viagem, romagem; aragem, lavagem*, etc.

A idea de movimento dá a de *repetição, successão, extensão, e duração* que tem *carreamento, contagem, cunhagem, custagem, moedagem, passagem, pastagem, pilhagem, tiragem, boscagem, estalagem* (5), *paizagem, friagem* (6), *linhagem, paragem, linguagem* (7), etc.

Da idea de repetição e successão nasce, enfim, a de *collecção e numero*, com que temos :

« E posse Adam a sua mulher nome e disse : esta será chamada *Virago*, que quer dizer *feita de barom*. » Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 7.

(1) Certo foro, ou pensão antiga. Vid. Eluc.

(2) O frete da embarcação : o salario que se dava pela passagem 'numa barca. Vid. Eluc.

(3) Direito que se pagava pelas fazendas que entravam pelas portas de uma cidade. Vid. Eluc.

(4) Do latim *persona*, mascara de actor, e desineucia *agem* denotando *acção, movimento* ; i. é *momice, tregeito*, na significação antiga do vocabulo : v. gr.

« Que espirrar é esse micelo mio ? esse desordenado passo ? essas *personagens* para o ceo ? esses olhos para a terra ? » J. Ferr. Aulegr. fol. 23 v.

(5) De *stallum*, vocabulo da idade media, corrompido de *stabulum*, veiu o nome antigo portuguez. *estáo, paço, apposento* ; e d'este, preponderando o genio da lingua, se formou *estalagem*, apposento habitado com frequencia, o qual pode tambem ser collectivo. e designar *multos apposentos junctos*.

(6) A primeira, sem visages
A direy de mil maneyras,
E he que em mim são frioleiras
Quanto no Inverno *friages*.

Orac. Academ. de Fr. Simão, p. 351.

(7) A *linguagem*, tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua. Vieira, Approv. á 3.ª Parte da Hist de S. Dom. por Fr. Luiz de Souza.

Apeiragem, bagagem, carroagem (1), cartilagem, criadagem, fardagem (2), farragem, gallegagem, grumetagem, hervagem, ladroagem, marinhagem, papellagem, pionagem, piratagem, plumagem, rodagem, roupagem, villanagem.

A desinencia *al* provém do verbo latino *alo, is*, que significa *crear, nutrir, manter*.

Ha em portuguez grande copia de vocabulos com esta desinencia, a qual os torna collectivos, porque a idea de numero se deprehende da de *crear*, que é a primitiva da mesma desinencia; taes sam:

Faval, meloal, esteval, rosal, sinceiral, folhadal, ulmedal, laranjal, olival, sabugal, ameixeal, azi-

(1) *Carroagem*, ou *Carriagem*, era antigamente nome colectivo e significava *numero de carros*.

« Elrei seguiu o alcance dos mouros e foram mortos e feridos muitos, e outros captivos, e lhe foi tomada a *carruagem* e quanto traziam, que foi um grande e rico despojo. » Duarte Nunes, Chron. de Elrei D. Affons. Heir. T. 1.^o fol. 42.

« Sabiu logo primeiro o conde de Arrayolos, sobrinho de infante com a vanguarda, e após elle a *carruagem*. » Inedit. da Acad. T. 5.^o p. 143.

« Hordenarom que todollos homes de pee e *carriagem* da hoste fossem pollo caminho direyto ante a vanguarda. Chron. do Condest. C. 9.^o p. 24 e seg.

Hoje carroagem, postoque se não considere colectivo, com tudo, é nome que só se dá ás viaturas que constam de dois jogos, deanteiro e trazeiro.

Veremos agora que no latim barbaro se acha a mesma palavra com significação collectiva. — « Adde servos, adde familias, adde *carragem*, et epota flumina, consumptasque silvas. Apud Pollionem in Claudio. — E observa Du Cange: Ubi *carra* est carrorum numerus immensus, unde Itali *carregio* eadem notione dicunt. Glossar. ad Scriptores etc.

Denotando particularmente o numero de carros que acompanham um exercito, traz o A. do referido Glossario a palavra *Cariagium*, da qual indubitavelmente se formou a portugueza antiga *carriagem*. — « *Cariagium* interdum etiam accipitur pro impedimento exercitus, et congerie illa carrorum, quæ exercitus subsequi solet, et qua acies ipsa munitur. » Ibid.

(2) Fern. Mend. Peregr. T. 2.^o C. 126, p. 171 — Asurar, Chron. do Descob. e Conquista de Guiné, C. 65, p. 316.

nhal, nogueiral, juncal, ervilhal, colmeal, sapal, e outros muitos.

Já se vê que a idea collectiva provém da de *creação*, da qual nasce a de *produção* e d'esta a de *collecção e numero*; — porquanto o sentido proprio e estricto de cada um d'estes vocabulos não dá immediatamente a de numero. Por exemplo *faval* significa em rigor *creação de favas*; *meloal*, *creação de melões*, etc; e tanto assim que a qualquer numero de favas, ou de melões não podemos chamar *faval* ou *meloal*, senão quando estão em plantação. (1)

(1) Com a desinencial *al*, formada do verbo latino *alo*, *is*, se compõe em portuguez grande numero de vocabulos que não sam collectivos, por conservarem, sem outra deducção, o sentido primitivo que a mesma desinencia recebeu daquelle verbo; sentido que, todavia, passa do proprio e natural para o translato e figurado. (*)

Quasi todos os referidos vocabulos se acham mal definidos na lingua portugueza por carecerem da significação que lhes provém da des. *al*, que parece não ter sido interpretada por nossos lexicographos. — Isto nos moveu a darmos aqui a definição de alguns.

- Aguaçal. Lugar onde se *mantém*, ou empoça agua.
- Animal. Do latim *animal*, composto de *animam alit*, i. e. que *mantém* alento, ou vida.
- Boccal. O que *mantém* ou defende a bocca do poço; propriamente a obra de cantaria, ou de alvenaria que a cinge. It. a peça de metal que *mantém* ou preserva a bocca do clárim.
«O qual (fala de um poço) ao presente está de todo entupido, fica somente o *boccal* descoberto, lavrado de cantaria. Pant. d'Aveir. Itener. C. 79, fol. 283.
- Cabeçal, ant. Do lat. barb. *capitale*, formado do *caput*, cabeça, e des. *alit*. Coisa que *man-*
- (*) Eleganter transfertur ad res incorporeas. Nebris. Dict.

Do mesmo verbo latino *alo, is*, se formaram também as desinencias *alho, alha, ilha, olho, ulho*, com

	<i>tém</i> , ou sustenta a cabeça, i. é travesseiro.
Canal.	Cano que <i>mantem</i> as aguas de um rio, etc.
Cunhal.	A cunha, ou o canto que <i>mantém</i> , ou sustenta o angulo do edificio.
Curral.	Tapada que <i>mantém</i> , ou fórma o curro.
Dedal.	Peça de metal que <i>mantém</i> o dedo ; i. é que o preserva de ser offendido pela agulha.
Edital	O papel impresso que <i>mantém</i> o edicto.
Firmal, aut.	Peça que <i>mantém</i> a firma ; i. é sello.
Foral.	A carta ou diploma onde se <i>mantém</i> o foro ; i. é os direitos e privilegios concedidos a certas cidades, villas e logares. A definição que damos de foral concorda completamente com a que acabamos de ler no 4.º vol. da Hist. de Portug. pelo nosso amigo o senr. A. Herculano. — Eis as proprias palavras do A. « Foro, sem abranger um sentido tão amplo como <i>fuero</i> , tomou o valor de direito tradicional, o de immuidade e privilegios que pertenciam a uma classe, a uma corporação, além da significação trivial, que ainda hoje conserva, de prestações em reconhecimento de dominio ; ao passo que <i>foral</i> importava em regra a carta de povoação, o diploma regulador dos direitos e deveres collectivos das cidades, villas e logares. » Hist. de Portug. T. 4.º L. 8.º P. 1.º p. 50.
Frontal.	Cortina que <i>mantém</i> a frente, ou a parte deanteira do altar.
Jornal.	Do italiano <i>giorno</i> , dia, e des. <i>al</i> . O salario que <i>mantém</i> o trabalho de um dia.

que lemos varios nomes collectivos, como barbalho, cascalho, canalha, caniçalha, cordoalha, fustalha, limalha,

- Lamaçal. Logar onde se *cria* ou *fórma* lama.
- Local. Logar que *mantém*; i. é onde alguma coisa se guarda, ou conserva.
- Manancial. Fonte cuja agua se *mantém* correndo.
- Memorial. Coisa que *mantém*, ou conserva a memoria de algum successo.
« Em logar da cadeia de ferro en que esteve preso lhe deu outra de ouro no peso igual, que elle pendurou en Hierusalem, no sacrario do templo sobre o thesouro en *memorial* da prospera fortuna en que se mudou a sua adversa. » Arraes, Dial. 1.º C. 14 fol. 29.
- Missal. Livro onde se *manteem* as rezas da missa. — No lat. da edade media *missale* quer dizer o mesmo. Vid Du Cange, Glossar. ad Scriptores etc.
- Pannal. Panno que *mantém* o que envolve.
- Pedestal. Pé que *mantém* ou *sustenta* a columna, a estatua, etc.
- Polal. Assento que *mantém* ou *sustenta* o que se lhe põe.
- Pombal. Logar ou casa onde se *criam* pombos.
- Portal. O que *mantém e sustenta* a porta; i. é pilares, ombreiras, etc.
« Nos logares por onde entra a agua para dentro da cidade tem feito no muro bons *portaes* que teem fortes portas de grades de ferro para se poderem fechar de noite. » Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 7.º
« Nas mais das casas *portaes* e janelas de pedraria. Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 26, p. 167.

manalha, miuçalha, parentalha, camarilha, guérrilha, matilha, quadrilha, restolho, bagulho, pedregulho.

« Os *portaes* das duas portas de bronzo sam de porfido e jaspe verde com columnetas e lavores curiosos. » Pant. d'Aveir. Itiner. C. 50. fol. 204.

Proporcional.

Que *mantém*, ou *conserva* proporção.
« *Proporcionalis*, Dic proportionem servans. » Nolt. Lex. Antibarb.

Sapal.

Logar onde se *criam* sapos.

Sitial.

Do lat. *situs*, assento e des. *al*; assento que *mantém* ou *sustenta*: propriamente banco com encosto.

Temporal.

Tempo forte, violento. — Esta significação provém da do mesmo verbo *alo*, *is* que traz a de *augmento* e *grandeza*. *Transfertur ad res incorporeas, pro augere et majus facere*. Calep. Sept. Ling.

A mesma desinencia transforma-se em *el*, *ela*, *elo*, *il*, *ol*, *ola*, com que temos os seguintes vocabulos:

Docel.

Antigamente, e mais correcto, *dorsel*; nome composto de *dorso* e des. *el*; coisa que *sustenta* ou ampara as costas: propriamente espaldar.

« Arrimada ao *docel* uma cadeira para sua magestade. » Souza, Vid. do Arc. T. 2.º L. 4.º C. 15, p. 80.

Donzel.

De *dominus*, contrahido em *don* e des. *el*. Pagem ou escudeiro *criado e mantido* em casa do senhor, ou cavalleiro. — Esta definição não desdiz da seguinte: « *Domicelli et Domicellæ dicuntur, quando pulchri juvenes magnatum sunt sicut servientes.* » Ugutio, apud Du Cange.

Granel.

De *granum*, grão, e des. *el*. — Casa ou-

Ha; porém, outros muitos nomes em que as referi-

de se *manteem*, ou recolhem cereaes. Assim chamam ao celleiro nas ilhas dos Açores.

Maiuel.

De *manus*, mão, e des. *el*. Frizo que *mantém*, ou segura a mão.

Pastel.

Pasta, ou massa que *mantém* o recheio.

Tornel.

Torno movel na serra de mão, que *mantém* ou segura a folha dentada.

Vergel.

Logar que se *mantém* verde, ou que *cria* verdura.

Cidadela.

Forte que *mantém* ou *conserva* em respeito uma cidade. — Constancio erra em fazer cidadela diminutivo de cidade.

Portela.

De *porta* e des. *ela*; i. é porta ou abertura que se *mantém* franqueando a passagem no alto de uma serra.

A accepção em que tomámos o nome *portela* é a unica vulgar em nosso paiz, onde, viajando, nos temos certificado de que todos os logares conhecidos com este nome sam aberturas que se conservam no viso dos montes, e dam passagem para o lado opposto. — E' notavel que em nenhum Diccion. da ling. port. se ache rigorosamente definido o nome *portela*, excepto no Eluc. de Viterbo, o qual, todavia, faz este nome dimin. de porta, no que manifestamente se enganou. — O senr. Sacra-Familia é o unico que, em suas Lições Elementares de Geographia e Chronol. define bem o nome *portela*, tendo, aliás, sua definição o merito de ser *scientificca*.

“ E começando a descer da *portela*

das desinencias não denotam numero, por haverem, sem

pera baixo, fui dar a uma fria e clara fonte.» Heit. Pinto, Imag. P. 2.^o Dial. 4.^o C. 25, p. 591, col. 2.^a

«Iam vencendo o alto de uma serra onde chamam a *Portela* de Arcelha.» Souza, Hist. de S. Dom. P. 1.^a l. 4.^o Dial. 4.^o C. 25, p. 460, col. 2.^a

Orela. Do lat. *ora*, borda, extremidade, e des. *ela*; borda que *mantém* o mar, i. é praia.
«Daqui nos partimos por terra... e chegamos á *orela* do mar mediterraneo.» Tenr. Itiner. C. 65, p. 132.

Orelo. Borda que *mantém* o tecido do panno.

Covil. Cova onde se *criam* feras. It. cova onde se *mantém*, ou abrigam ladrões, ou malfeitores.

Redil. Rede ou sebe que *mantém* ovelhas, etc.
«*Redil* vem de *redes*, que com ellas faziam os pastores cêrco e barreira ao gado, quando pernoitava nos campos, afim de que este se lhes não trasmalhasse. Fil. Elis. Obr. Compl. T. 6.^o p. 496, 'numa nota.

Aranhol. De aranha, e des. *ol*. Casulo, ou buraco da tea, onde a aranha se conserva recolhida. Esta mesma explicação dá Fil. Elis. no T. 6.^o das Obr. Compl. Ed. de Paris, p. 188, 'numa nota.

Cerol. Cera que *mantém* ou preserva a linha.

Linhol. Linha que *mantém*; ou segura.

Ourinol. Vaso que *mantém* a ourina. Em latim barb. *urinale*.

deducção alguma de idea collectiva, conservado a estric-
ta significação da raiz de que proveem. (1)

- Paiol.** De *pão* e des. *ol*. Armario onde se arre-
cada e conserva pão, ou outros manti-
mentos.
No *paiol* do mantimento morriam
de fome. Heitor Pinto Imag. P. 2.^a Dial.
2.^o, C. 5.^o p 380, col. 2.^a
- Argola.** Arco, ou aro que se *mantém* ou segura,
seja nas orelhas, ou pregado na porta.

Para tirarmos toda e qualquer duvida que possa dar-se
quanto a origem d'estas terminações, provaremos que nos vie-
ram do latim, onde teem a mesma forma e significação. v. gr.
Vestalis, virgem que *alimenta* o *hest*, ou fogo sagrado (*); *cri-
nale* nastro que *sustenta*, ou prende os cabellos; *hospitale*, casa
onde se *manteem*, ou apposentam hospedes; *pectorale*, peça
que *mantém*, ou defende o peito; *navale*, logar onde se reco-
lhem e *conservam* navios; *fanile*, logar onde se recolhe e *con-
serva* feno; *hastile*, haste ou páo que *mantém*, ou *sustenta* a
lança; *caprile*, logar onde se agasalham e *manteem* cabras;
ovile, aprisco onde se recolhem e *conservam* ovelhas; *suile*, lo-
gar onde se *manteem*, ou *criam* porcos, etc.

(1) Eis aqui alguns exemplos.

- Espantalho.** Coisa que *cria* espanto, ou que se *man-
tem* para causar espanto.
- Ramalho** Ramo que se *conserva*, ou *sustenta*, de-
pois de cortado.
- Medalha.** De *metal* e des. *alha*. Metal que *man-
tem* ou *conserva* a memoria de algum
sucesso.
- Mortalha.** De *morto* e des. *alha*. Lençol que *man-
tém* ou envolve o defuncto.—D'aqui vem
chamar-se tambem *mortalha* o papel que

(*) De *Hest*, *feu*, prononcé *vest*, se formerent ces mots :
Vesta, æ, la deesse *Vesta*. Court. de Gebelin, Orig : Lat.

A desinencia *ame*, uma das que em portuguez mais rigorosamente exprimem numero e collecção, vem da pa-

- embrulha o tabaco picado, e em que este se *mantém* ou *conserva* enrolado.
- Muralha. Muro que *mantém* ou ampara os habitantes de uma cidade, villa, etc.
- Parelha. Par que se *mantém* juncto, ou unido, como a parelha que tira o coche, etc.
- Caixilho. Caixa de madeira que *mantém* ou sustenta a vidraça, o painel, etc.
- Gollilha. De *collo* e des. *ilha*. Peça que *mantém* ou defende a garganta.
- Presilha. Coisa que *mantém* em prisão.
- Vasilha. Vaso que *mantém* o que se lhe deita.
- Restolho. O resto que se *mantém* ou fica, depois de segado o trigo.
- Ferrolho. Ferro que *mantém* ou segura a porta.
- Trambolho. De *tra*, syllaba que denota *a travez*, *amb* em roda, e des. *olho*. Coisa que se *mantém* atravessada em roda.
- Casculho. Casca dos vegetaes, em que os mesmos se *criam* e *manteem*.
- Estadulho. Este vocabulo é usado no paiz classico da linguagem portugueza; isto é na provincia do Minho, em vez de fueiro, que é um dos páos que se cravam nas bordas do leito dos carros para sustentar a carga. — *Estadulho*, compõem-se de *stat*, terceira pessoa do pres. do indicat. do verbo latino *sto, as*, e da des. *ulho*, alterada de *alo, is*. Significa rigorosamente páo que *mantém* ou segura alguma coisa, posto em pé.

lavra latina *agmen*, que significa *multidão*. — Constan-
cio, em seu Diccion. Critico e Etymol. da Ling. Portu-
gueza, diz que esta desinencia provém do grego *ἄμυα* *ha-*
ma, junctamente, em montão, o que é manifestamente fal-
so; sendo um dos maiores erros etymologicos do A. o
pretender que na composição de vocabulos portuguezes
entrem palavras terminativas não só gregas, senão alle-
mans, saxonias, inglezas, e até orientaes de diferentes
dialectos. (1)

A referida desinencia vem, como dicemos, do nome
latino *agmen*, que, segundo todas as inducções, julgamos
ser uma forma derivada de verbo *ago*, *is*, que tam va-
riadas acceções nos offerece e do qual as desinencias
ago, *ax*, *ex*, *ix*, *ox* e *or*, sam outras tantas formas desi-

Marulho.

Mar que se *cria* ou levanta pela agita-
ção do vento, pela proa do barco que na-
vega, etc.

Em quanto se não vê *marulho* na
proa ao cortar da barca, sempre se jul-
ga que a maré nos traz ou leva. Arraes.
Dial. 5.º C. 12. fol. 185 v.

(1) Qualquer nação pôde adoptar vocabulos estrangeiros
por via do commercio e da communicação que tenha com
outros povos, fazendo seus esses vocabulos, e mudando-lhes
as desinencias desconhecidas — as que lhe sam proprias e fa-
miliares, como nós fizemos a todos os nomes que tomamos
dos arabes; — mas o que certamente não faz é compor voca-
bulos, junctando ás palavras de seu uso terminações de ou-
tras linguas; como se nós, por exemplo, aos nomes portugue-
zes espanto, inveja e preguiça, junctassemos a desinencia *full*
dos adjectivos inglezes, e dicessemos *espantefull*, *invejefull*, *pre-*
guicefull. — Isto repugna sempre, por ser contrario ao genio
de todas as linguas, que tendem a dar formas conhecidas aos
vocabulos estrangeiros. — As terminações latinas que conser-
vamos em todos os vocabulos sam prova irrefragavel de que a
lingua portugueza é apenas alterada da dos romanos; porque,
de contrario, a todos os nomes que houvessemos adoptado des-
tes teriamos dado outras desinencias, que seriam então as da
lingua materna.

gnativas das ideas de *movimento, grandeza e intensidade* que se contem no referido verbo. — Se empregarmos uma rigorosa analyse, acharemos que o nome *agmen* apresenta todas as accepções do verbo *ago*, indicadas na raiz, ou no clemento *ag*, ou *ac* (1), e a idea de *numero*, ou *multidão*, expressa nas lettras restantes. — D'elle formaram os romanos differentes vocabulos, como v. gr. *examen*, composto da prep. *ex*, para fóra, e de *agmen*,

(1) *Ago* é ainda uma voz composta, formada de *ac* ou *ag*, ponta, e de uma desinencia determinativa; vindo, por tanto, a significar rigorosamente: *eu sou ponta*, e, por figura, a dizer *eu obro, faço, moro*, etc. — Nem cause isto estranheza; por que sendo a idea de *obrar, fazer*, etc, uma das primarias, devia necessariamente ser representada de uma maneira figurada, como a de que usam todos os povos primitivos, e, por outro lado, simplicissima. — Em portuguez com a raiz *ac*, ou *ag*, e com esta mesma significação, temos:

Acuçar. ant.	Aguçar, ou affiar. En aquele tempo nom avia ferreiro em Israel, e os de Israel hyão aos Filisteus <i>acuçar</i> suas ferramentas. Inedit. d'Alcob T. 2.º p. 240.
Acuciar. ant.	Dar pressa. Eluc.
Açodado.	Do lat. <i>acutatus</i> , i. e. excitado, deligente, apressado.
Aguçar.	No sentido fig. pôr deligencia, apressar. Esforçaae vossos corações, e <i>aguçaae</i> vossos pees, ca no primeiro topo está parte de nossa vitorya. Asurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 65, p. 317.
Aguça, ant.	Deligencia, pressa. Inedit. da Acad. T. 4.º p. 169.
Aguçoso.	Deligente, trabalhador.
Agudo.	Açodado; it. atilado, perspicaz

esquadrão que labora ; i. é enxame (1), bando, multidão, como a das abelhas quando sahem do cortiço ; — *certamen*, de *certo*, *as*, contender, disputar, e des. *agmen*, i. é. contenda entre varios ; — *velamen*, de *velo*, *as*, occultar, e des. *agmen* ; i. é. reunião de fios obrados, ou tecidos para occultar ; veo, cobrimento ; — *regimen*, de *rege*, abl. de *rex*, e des. *agmen*, i. é exercito, ou povo dirigido pelo rei ; e d'aqui governança, direcção, regimento, etc.

E', pois, do nome *agmen*, que, como acabâmos de ver, entra na composição de varios vocabulos latinos de que muitos passaram para o portuguez, que vem a desinencia *ame*, a qual, já peculiar nossa (2), e generalizada pelo genio da lingua, passou a formar os seguintes collectivos :

Balame, barrilame, cartuchame, correame, polea-

Vinham muy *agudos* para a batalha pellos parentes que lhes matarom em primeyra fazenda. Nobiliar. do Cond. D. Pedro, p. 47.

Quasi houveramos de vir as porradas, e aos nossos brados começaram de acudir mouros, pelo que foi necessario ao judeu ser mais *agudo* dos pés acolhendo-se, do que na contenda mostrou sel-o do entendimento. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 43, fol. 146 v.

Do mesmo modo : *aculeo*, ponta, pua, aguilhão ; fig. estimulo, incentivo ; — *acume*, gume, ponta aguda ; fig. agudeza, penetração, etc.

(1) Barros dice ainda *exame*, por enxame, como os latinos : Frechadas que pareciam *exames* de aguilhões de morte. Dec. 3.^a L. 6.^o C. 5.^o p. 45.

(2) O italiano, como lingua irmã da nossa, tomou igualmente a referida desinencia, que se acha em *bestiame*, *cordellame*, *fogliame*, *velame*, etc.

me (1), popiliame (2), liame, massame, pellame (3), cordame, vellame, vasilhame, espigame, raizame, cavername, etc. (4)

A mesma desinencia, alterada em *ama* e *ume*, dá courama (5) dinheirama, mourama (multidão, e. por figura, terra de mouros), cardume, ordume, etc.

A desinencia *ario*, que já no Capitulo antecedente mostrámos proceder do verbo *aro*, *as*, tendo por uma deducção successiva de ideas chegado a indicar as de *repetição* e *extensão* que alli ficam expostas, passa subsequentemente a denotar as de *numero* e *collecção* com que temos:

Alveario (6), bullario (7), calendario, chartulario, diario, formulario, glossario, lunario, monetario, receiptuario, rosario, scenario, semanario, sermonario, sommario, syllabario, vestuario, vocabulario.

(1) Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 58, p. 226.

(2) Couto, Sold. Pract Dial. 2.º p. 84.

(3) Godinho, Rel. C. 16, p. 120.

(4) Alguns nomes, com quanto terminem em *ame*, não são, todavia, collectivos, por terem outra composição, ou etymologia; — v. gr. *cerame* vem do arabe *çarame*; *encame*, compõe-se da proposição, *in* e da palavra *cama*; *bedame*, formação quadrado, com que os carpinteiros abrem os olhos nas rodas dos carros salaos, que Constancio em seo Dicc Critico e Etimol. diz proceder do francez *bodin*, buraco muito fundo, vem de *bec d'âne*, que é o mesmo nome que os francezes lhe dam; e não sabemos como aquelle A. o podesse ignorar tendo residido tantos annos em França.

(5) Courama, do lat. barb. *Coramen*, prova a identidade de ambas as desinencias:

Franchesium de Montexoro, cordoanerius cum certis mercibus et coraminibus, per quandam galeotam de portu Massiliæ patronisatam extitit captus. Litteræ Ducis Januensis, ann. 1382 ex Archivo Communis Massil. Apud Du Cange

(6) Arraes, Dial. 3.º Parte 1.ª C. 4.º fol. 127 v.

(7) Do lat. da ed. media *Bullarium*, i. e. *Bullarum Romanorum Pontificum collectio*. Du Cange, Glossar. ad Scriptores, etc.

Com a mesma desinencia feminina podem apontar-se innumeraveis :

Bicharia, casaria, chaparia (1), concharia (2), drogaria (3), escravaria (4), fradaria, frecharia (5), infantaria, laçaria (6), lençaria, livraria, negraria, ostraria (7) pancadaria, pedraria (8), penedia, prataria, pregaria, roncacia, saccaria, sophistaria (9), vaccaria, vozaria (10), etc.

Esta mesma desinencia converte-se em *eiro*, *a*, como dicemos nos augmentativos, e tendo indicado as ideas de *repetição* e *extensão* que alli ficam declaradas, passa a designar as de *numero* e *collecção* que se conteem nos seguintes vocabulos :

Berreiro, bicheiro (congerie de bichos), brazeiro, cançoneiro, formigueiro (11), lettreiro, roteiro (12), — cepeira (13), fileira, parreira, sementeira, silveira, etc.

Como variação d'estas vem a desinencia *orio*, que, depois de designar as ideas de *repetição* e *extensão*, que se conteem em diferentes vocabulos apontados no Cap.

(1) Souza, Ann. de D. João 3.º, P. 1.ª L. 2.º C. 16, p. 180. Lucena, T. 4.º L. 9.º C. 5.º p. 35.

(2) Godinho, Rel. C. 15. p. 112.

(3) Bar. Dec. 2.ª L. 1.º C. 4.º p. 54.

(4) Fern. Mendes, Peregr. T. 1.º C. 1.º p. 4, e C. 12, p. 38.

(5) Souza, Ann. de D. João 3.º P. 1.ª L. 2.º C. 8.º p. 151.

(6) Id. Vid. do Arceb. T. 2.º L. 6.º C. 6.º p. 339.

(7) Bar. Dec. 2.ª L. 5.º C. 1.º p. 438.

(8) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 80, fol 288 v.

(9) Paiva, Serm. T. 1.º fol. 32.

(10) Em latim com a mesma desinencia e denotando *collecção* e *numero* ha tambem : *barbaria*, multidão de gente barbara; — *equaria*, manada de cavallos, ou de eguas; — *ostrea-ria*, multidão de ostras; — *balnearia*, collecção de banhos; — *libraria*, numero, collecção de livros, etc.

(11) Vi que peçonhentos bichos e sevandijas entravam pelos sentidos d'aquellas almas damnadas, como uns *formigueiros*. Man. Bern. Estim. Pract. p. 330

(12) Do lat. barb. *ruda*, estrada, caminho, e des. *eiro*

(13) Se não andavam sobre aviso

Lá ia a cepa e *cepeira*.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 268.

anterior, passa a denotar as de *collecção e numero* que se dam nos seguintes nomes, dos quaes alguns sam termos de derisão:

Abolorio (os avós ou ascendentes), auditorio, ave-lorio, consistorio, foguetorio, latinorio, (collecção de textos latinos), mensorio (1), mistiforio, palavrorio, vivo-rio, etc.

A desinencia *enta*, que temos 'auns poucos de vocabulos, não é outra que a mesmissima do plural d'esses nomes em latin, d'onde lhes veiu serem collectivos; v. gr. *ferramenta*, plural de *ferramentum*; *vestimenta*, plural de *vestimentum*.

Palamenta; vocabulo composto do radical latino *palus*, é tambem collectivo, e significa o apparelho completo de uma embarcação, como remos, velas, etc. it. (t. de artilheria), todos os apprestos necessarios para o serviço de uma bocca de fogo.

Aqui terminam os collectivos, cujas desinencias sam em grande parte as mesmas que as dos augmentativos; provindo geralmente dos verbos latinos *ago, is, alo, is, e aro, as*, os quaes em suas diferentes accepções offerecem já as ideias de *augmento, grandeza e intensidade*, e já as de *numero e collecção*; além de outras muitas que das primeiras naturalmente se deprehendem, como sam as de *extensão, duração, altura, movimento repetido, frequencia, pancada, golpe, tributo, foro*, e ainda outras que a lingua portugueza com admiravel instincto soube deduzir e expressar em grande numero de vózes que a tornam tam significativa, energica e cheia de concisão.

Observaremos agora que não só temos as desinencias *ão, agem, ado, edo, ido, udo, ade, az, iz, oz, e or*, tomadas das fórmulas latinas *atio, ago, atus, etus, itus*,

(1) Do lat. barb. *ensorium*.

Mensorium, quod est in mensa, ut mantile, et vas escarium. Ugutio et Joan. de Janua, Apud Du Cange, in Glossar. ad Scriptores, etc.

utus, ate, ax, ix, ox, or, que proveem do verbo *ago, is*, senão que as mesmas desinencias *ança, ença, eza, e ez*, que se acham em muitos vocabulos portuguezes, sam tambem fórmãs que adoptámos de outras latinas, derivadas da mencionada raiz.

As desinencias *ança* e *ença* veem das latinas *antia* e *entia*. — Cumpre, porém, saber como estas se formaram para conhecermos o valor e significação das portuguezas.

As referidas desinencias formaram-se dos casos obliquos dos participios activos do presente, ou dos adjectivos da terceira declinação, junctos a uma fórmula derivada do nome *actus*, denotando *acto, obra, producção, etc.* — Por exemplo: de *constanti*, abl. de *constans*, e da fórmula *a* se fez *constantia*; — de *prudenti* abl. de *prudens*, e da referida fórmula, se fez *prudencia*; *i.* é acto, ou feito obra-do pelo constante, pelo prudente, e assim outros muitos, como *jactantia, vigilancia, scientia* (1), *patientia, etc.*

Mas como em portuguez não podessemos fazer esta composição, por causa de não declinarmos os nomes, vindo a faltar-nos as terminações em *i*, formámos nossos vocabulos com as desinencias *ança, e ença*, que, todavia, conteem a mesma idéa que as latinas.

Assim, *alliança* é o acto do que se liga a outro; *esperança* o sentimento do que espera; *segurança*, o acto ou a palavra do que segura; *governança*, a acção do que governa; *provança*, o acto, ou os feitos do que prova; *maridança*, o acto, ou a obra do que é marido (1); *creança*, o fructo, ou a producção do que

(1) *Scientia* é propriamente o predicado do que sabe.

« Em lugar destas duas ignorancias, lhe deu as duas *sciencias* contrarias: a *sciencia* de quando havia de morrer, e a *sciencia* de que se havia de salvar. » Vieira, Serm. T. 4.º p. 256, col. 1.ª

(1) Vivendo ambos de *commum* e de *consumm* e fazendo-se *maridança* qual deviam. Fernão Lopes, Chron. de D. Pedro, C. 29.

cria (1); *lavrança*, a producção do que lavra (2); *andança*, o acto do que anda (3); *matança* o acto do que mata (4), e, por extensão, numero de mortes; *vizinhança*, o acto do que é vizinho; pelo que dizemos fazer boa ou má *vizinhança*, e por extensão, numero de vizinhos.

Como esta desinencia traz a idea de *extensão* e *grandeza*, faz com que alguns vocabulos tomem a accepção de *augmento* e de *numero*; v. gr. *possança* (5), grande poder; *mostrança* (6), mostra grande, apparatusa; *gabança* (7), grande gabo; *mestrança*, numero de mestres.

Do mesmo modo *doença*, o estado do doente; *crença* o acto, ou a fé do crente; *offensa*, a obra, ou a palavra do que offende; *presença*, o acto do que está presente, etc.

Maridança, por extensão, significa tambem vida de casados:

Toda m'ora eu arrebatô

Pela tua *maridança*.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 140.

(1) Quiz saber como as tiravam (as adens) e disseram-me ser de uma de duas maneiras. No verão mettendo dois ou tres mil ovos no esterco, e com a quentura do tempo e do esterco sahem as *creanças*. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 9.º

Creança é, pois, differente de menino, como bem expressou Vieira dizendo: — Mulheres, meninos, *creanças* e enfermos. Cart. T. 2.º C. 2.º p. 20.

(2) Terra grossa e de muita *lavrança*. Tenr. Itiner.

Vendia minha *lavrança*

Um ovo por dois reaes.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 257.

(3) Foi continuando a *andança* de seo fado. Man. Bern. Estim. Pract. p. 142.

(4) Durava a *matança* tres e quatro dias. Tenr. Itin. C. 9.

(5) Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 6.º p. 48.

(6) Deixemos taes abastanças,

Taes riquezas, taes *mostranças*;

Deos me torne ao meo buraco.

Sá de Mir. T. 1.º Cart. 3.º p. 243.

(7) As minhas *gabanças* me fizeram a ti, e ao mundo digno de reprehensam. Ined. d'Alcob. T. 1.º p. 184.

As desinencias portuguezas *eza* e *ez* sam alteradas da fórma *itas*, em que terminam no nominativo do singular muitos nomes latinos da terceira declinação; como por exemplo: *asperitas*, de que se fez aspereza; *duritas*, dureza; *feritas*, fereza; *firmitas*, firmeza; *gravitas*, graveza; *largitas*, largueza; *levitas*, leveza; *nobilitas*, nobreza; *puritas*, pureza; *ariditas*, aridez; *placitas*, placidez; *plenitas*, prenhez; *rigiditas*, rigidez; *soliditas*, solidez; *duplicitas*, dobreza, ou dobrez; *nudititas*, nudeza, ou nudez; *surditas*, surdeza, ou surdez, etc.

Já se vê que as desinencias *eza* e *ez* proveem da mesma raiz que a terminação *ade*: só com a differença de haverem aquellas sido tomadas da fórma do nominativo, e esta da do ablativo do singular dos referidos nomes latinos; havendo alguns d'estes que passaram para o portuguez com ambas as terminações; como *claritas* de que temos clareza e claridade; *feritas*, fereza e feridade; *gravitas*, graveza e gravidade, etc.

Sendo o ablativo um caso circumstancial, d'aqui procede que a desinencia *ade* denota ordinariamente uma *circumstancia* ou *qualidade*; em quanto que as desinencias *eza* e *ez*, tomadas do caso recto, sam designativas de *acção*, *força* e *intensidade*.

Até aos fins do seculo XV, e antes que a lingua se formasse, adquirindo fórmulas regulares, as desinencias *eza*, *ez*, *ade*, *ã*, *or*, e *ura*, eram tomadas umas pelas outras; o que tende a confirmar que todas ellas proveem da mesma raiz; achando-se trocadas nos auctores d'aquella época 'n um grande numero de vocabulos que fariam hoje extranheza a quem não estivesse versado na lição dos referidos auctores.—Vejamos isto 'n alguns exemplos:

TURPIDADE, por torpeza.	Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 164.
LIBERALLEZA, por liberalidade.	Vid. Monast. L. 1.º C. 11.
VIUVIDADE, por viuvez.	Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 51.
DULCIDÃO, por doçura.	Vid. Monast. L. 2.º C. 11.
MANSIDADE, por mansidão.	Eluc. de Veterb.

FALSURA, por falsidade.	Vid. Monast. L. 1.º C. 6.º
INCERTIDÃO, por incerteza.	Id. L. 1.º C. 18.
NUIDADE, por nudez.	Id. L. 1.º C. 6.º
DEVACIDADE, por devacidão	Id. L. 2.º C. 16.
CULÇOR, por doçura.	Id. ibid. C. 7.º
IGUALAÇOM, por egualdade.	Leal. Conselh. C. 59, p. 212.
BRANDEZA, por brandura.	Vid. Monast. <i>passim</i> .
FARTEZA, por fartura.	Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 254.

Porém, depois que a lingua regularizou suas fórmãs, ou para melhor dizermos, depois que o genio da lingua discriminou o valor e significação de cada uma d'estas fórmãs, passaram as mesmas a ter particular emprego, não sendo permittido confundil-as.

Algumas raizes conservam ainda duas e tres desinencias; como v. gr. *alteza* e *altura*, *escuridão* e *escuridade*, *fresquidão*, *frescura*, e *frescor*; — mas a differença é esta: — *eza* denota intensidade; *ão* grandeza e extensão; *or* actividade; *ura* estado, e *ade* qualidade.

Como a primeira d'estas desinencias denote intensidade, emprega-se especialmente em sentido metaphysico (1); — assim, com referencia ao animo, dizemos *alteza* e não *altura*; v. gr.

Alteza da fama nas armas. Moraes, Palm. T. 1.º P. 2.ª C. 47, p. 318.

No mesmo sentido: *largueza* e não *largura*.

« Ordenou ao capitão de Goa e ao védor da fazenda de el-rei o agasalhassem com toda a honra e *largueza*. » Lucena, T. 2.º L. 6.º C. 2.º p. 299.

Todavia, para designarmos o estado do animo nos servimos da desinencia *ura*, dizendo v. gr. *tristura* em vez de *tristeza*.

Tristeza contém uma idea de força e intensidade;

(1) Tambem se emprega no sentido physico para denotar intensidade; v. gr. « *Profundezas* do mar. » Arraes, Dial. 2.º C. 17, fol. 74 v. — *Redondeza* da terra, etc.

i. é a idea triste que punge, que afflige; e *tristura* significa o *estado* morno e laciturno de quem está triste.

Escuridão denota *grande escuro*; pelo que dizemos a *escuridão* da noite ou das trévas; — e *escuridade* designa *qualidade* de escuro: v. gr. as noites não tem todas a mesma escuridade.

A desinencia *ura* indica *estado*, pelo que dizemos: a *temperatura* da athmosphera; a *frescura* da manhan, etc. — porém *frescor* denota *actividade*; i. é o fresco que penetra, que se sente, que refrigera. — *Ura* tambem significa algumas vezes *acção*, como em *arrastadura*, *varredura*; mas 'neste sentido poucos mais temos, porque não estão no genio da lingua.

CAPITULO XVIII.

DOS DIMINUTIVOS.

As desinencias diminutivas portuguezas proveem das latinas *ellus, a, illus, a, olus, a, ulus, a, e culus, a*, algumas das quaes conservâmos sem alteração; como v. g. *castello, rodello, columnello, pagella, conchella, aroella, parcella, vieira, mamillo, codicillo, bollinholo, aldeola, bandeirola, moçoila* (o *i* é euphónico), *casulo, etc.*

Porém a desinencia *ellus, a* corrompeu-se em *elho, a* de que se formaram *artelho, folhe'ho, bedelho, chavelha, cravelha, azelha* (1), *etc.*

Illus, a foi alterada de dois modos:

1.º Em *ilho, a*, com a qual temos *anilho, gravat'ho, rastilho, brocadilho, cintilho* (2), *peguilho, camilha, cartilha, forquilha, espiguilha, mantilha, rosquilha, perilha, telilha, etc.*

2.º Em *inho, a*, de que fizemos: *barquinho, carrinho, cavallinho, rapazinho, velhaquinho, casinha, florinha, moçinha, doidinha, etc.*

Esta ultima desinencia, com que temos a maior parte de nossos diminutivos, é tambem a mais propria do estilo grave.

Inho, a, mudou-se em *im* por contracção; v. gr. *barraquim, carrocim, espadim, lagostim, sellim, patim, fortim, camarim, molherim, dominiquim.*

Ello, a, mudou-se por contracção em *el*; por ex. *cordel, canastrel, saquitel, trouxel, ranchel, etc.*

As desinencias *ulus, a, e culus, a*, por serem breves em latim, não podiam deixar de passar alteradas para a nossa primitiva linguagem: e a razão é obvia. — A pronunciação d'estas syllabas tornava-se impossivel a

(1) No latim barb. *ascella*.

(2) As roupas recamadas de ouro, e tomadas airosamente em um *cintilho* de saphiras. Vieira, Serm. T. 4.º p. 194, col. 2.ª

homens rusticos, como sabemos que eram os d'aquelle tempo. Nos do nosso temos nós a próva; — pois nenhum ha hi que pronuncie *phosphoro*, *telegrapho* e outros semelhantes vocabulos, sem os deturpar horriavelmente.

Verdade é que desde o renascimento das lettras até hoje se teem introduzido entre nós muitos vocabulos com as terminações diminutivas *ulo*, *a*, e *culo*, *a*, breves, como por exemplo: *capsula*, *campanula*, *cellula*, *fo. mula*, *auricula*, *pellicula*, *particula*, *tabernaculo*, *corpusculo*, *cubiculo*, *homunculo*, *adminiculo*, *articulo*, *indiculo*, *versiculo*, *monticulo*, etc. porém estes nomes sam pela maior parte scientificos, e não do uso e dominio popular.

A desinencia *ulus*, *a*, converteu-se em *ulho*, *a*, e *olho*, *a*, com que temos *capulho*, *agulha*, *piolho*, *r. l'ua*, (de *rotula*, dim. de *rota*, roda) e poucos mais.

A desinencia *culus*, *a*, tornou-se primeiro em *co*, *a*, por ser, como já vimos, a suppressão do *l* um dos modos porque se operou a corrupção da lingua latina. — D'aqui nos veiu uma porção de diminutivos em *co* e *ca*, taes como: *amorico*, *abanico*, *burrico*, *demonico*, *veranico* (1), *Antonico*, *Joanico*, *mulherica*, *pellica*, *Annica*, etc.

A facil mudança do *c* em *t*, por serem lettras quasi semelhantes, converteu as desinencias diminutivas *co* e *ca* em *to*, *ta*, *te*, com que temos: *franganito*, *canito*, *granito*, *picoto*, *perdigoto*, *aljibeta*, *trombeta*, *cruzeira*, *carreta*, *villeta* (2), *camareta* (3), *maleta* (4), *montanheita*, *se-reia* (5), *columneta* (6), *diabrete*, *re-sete* (7), ma-

(1) Emprega Vieira este diminutivo no estilo epistolar, dizendo: Entrou S. Martinho com o seo *veranico*. Cartas, T. 1.º C. 47, p. 210.

(2) Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 2.º C. 34, p. 374.

(3) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 55, fol. 215 v.

(4) No latim barbaro *maleta*. — « *Maleta*, diminutivum à Mala. » Du Cange, Glossar. ad Script. etc.

(5) Godin. Rel. C. 19, p. 153.

(6) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 25, fol. 70: it. C. 44, fol. 173 v.

(7) Brito, Mon. Lus. T. 1.º p. 155.

ganete, castellete (1), pistolete (2), archete (3), pobrete (4), ilhote (5), mangote, saiote, camarote, dichote, anchorote, e assim outros muitos.

Tambem temos alguns diminutivos formados com a desinencia *jo*, a qual é outra alteração de *co*, v. gr. *logarejo*, *quintalejo*, *animalejo*, *salmonejo*, etc. (6).

(1) Tenr. Itiner. C. 31, p. 67.

(2) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 88, fol. 315 v.

(3) Souza, Vid do Arc. T. 1.º L. 2.º C. 19, p. 282.

(4) Id. ibid. L. 1.º C. 18, p. 109.

(5) Pant. d'Aveir. Itiner. C. 16, fol. 51

(6) Aqui fica tambem provado que a lingua portugueza não enjeitou quasi todas as terminações diminutivas dos vocabulos latinos, como temerariamente afirmou o cardeal Saraiva na Memoria em que pretendeu provar que a lingua portugueza não é filha da latina. Vid. T. 12 das Mem. da Acad. R. das Scien. de Lisboa, p. 24.

CAPITULO XIX.

DAS DECLINAÇÕES, E DOS CASOS DOS NOMES.

Se entendermos por declinações as varias fórmulas terminativas que contraem os nomes e com as quaes successivamente passam de um a outro modo de significar dentro de certas relações, como acontece na lingua grega e latina: seguramente não podemos dizer que temos declinações e casos em portuguez: porquanto, já mostrámos como com a corrupção do latim se alteraram e perderam essas fórmulas terminativas de que apenas ficámos conservando os vestígios nos pronomes pessoaes. — Mas se por declinações houvermos de entender as differentes relações e circumstancias que exprimem os nomes por meio das preposições de que nos servimos, e com as quaes fazemos variar essas relações e circumstancias, por certo temos declinações, e é a esta luz que nós as considerámos, e distinguimos os casos (1).

(1) As mesmas ideias que acabámos de expôr se encontram na Grammatica Franceza, publicada em Paris pelo senr. J. I. Roquete, n'uma excellente nota que nos-sos leitores folgarão de achar 'n este lugar, e que, por isso, passámos a transcrever:

« Os grammaticos vulgares teem commettido atégora um grande erro dizendo que os *casos* sam as differentes terminações dos nomes; e, como nas linguas portugueza, castelhana, franceza, italiana, etc. não ha terminações dos nomes, como na grega e latina, decidiram pedantescamente que 'n aquellas linguas não havia *casos*. Este erro vem de uma falsa interpretação. A palavra *caso* deriva-se de *casus*, que significa, na verdade, *queda, desinencia*; mas significa tambem *accaso, accidente, circumstancia*. A primeira accepção toda material, fez com que se não curasse da segunda que é logica; d'aqui o engano que a força de habito e a falta de reflexão teem perpetuado nesciamente. Se se houvesse tomado na segunda accepção, ha muito se teria deduzido d'ella a definição logica que acima ine damos. Tenhamos, pois, por assentado que as linguas latina e grega tinham casos em ambas as accepções: as modernas só os teem na segunda, os quaes se formam por meio de particulas. » Gramm. da Ling. Franc. por J. I. Roquete. Paris, 1850, p. 20.

No proprio latim devemos reconhecer que não é só por meio das terminações que se formam os casos — Além de terminações idênticas denotarem dois e tres casos distinctos, tornando assim manifesto que não são rigorosamente as desinencias que constituem os casos, salta, por outra parte, aos olhos que o maior numero de relações e de circumstancias se exprime na mesma lingua por meio de preposições.

Apperlemos mais o exame :

O genitivo e o dativo não admittem preposições e formam-se só por meio das desinencias ; — mas a razão é facil de explicar. Cada um d'estes casos não designa mais que uma relação, e bastam as respectivas desinencias para os dar a conhecer. — Não acontece já isto com o accusativo e o ablativo que denotam, não só accidentes diversos, senão mui variadas circumstancias que só podem expressar-se por meio de preposições, tornando-se estas por tal modo indispensaveis para evitar a obscuridade da oração, que sabemos que até os proprios romanos não podiam prescindir de as empregar frequentemente para se fazer entender com clareza. (1)

Voltando agora ao portuguez, observaremos que, uma vez perdidas as desinencias dos casos, e sendo mister indicar o genitivo e o dativo, passaram estes a ser designados por meio de preposições, de um modo analogo áquelle porque o são em latim o accusativo e o ablativo ; no que não podemos, por certo, deixar de reconhecer que veio aqui a lingua em soccorro de si propria, reconstruindo-se segundo as fórmulas latinas que lhe são peculiares.

(1) Suetonio, tractando de Augusto diz que o principal cuidado que este tinha era o de expressar com a maior clareza possível seu pensamento ; e que, para conseguir este fim, não duvidava de *ajunctar preposições ás palavras, e de repetir frequentemente as conjuncções* Neque præpositiones verbis addere, neque conjunctiones sæpius iterare dubitavit. Suet. Vit. Augusti, Cap. 86.

O genitivo é o caso em que se acha o nome que determina uma referencia, ou relação, do qual nasce uma causa que o liga com outro nome, que o põe em conexão com elle. — De proceder do nome posto em genitivo uma causa de referencia, ou relação, veio naturalmente a idea de *principio e parte d'onde*, e, em falta de desinencia, passou este caso a ser denotado com a preposição *de* que indica *origem, principio, e parte d'onde alguma vem, ou procede*. — Com effeito, *de Pedro* quer rigorosamente dizer que Pedro é a origem, ou o principio de que provém uma referencia, ou relação, por cujo motivo alguma coisa lhe é tocante, ou relativa; por exemplo: *livro de Pedro*.

Está Pedro em genitivo pela razão de ser o auctor do livro, e, por tanto, a causa efficiente da relação em que está o livro para com Pedro.

Do mesmo modo se dicermos: *criado, filho, enteado, mulher, tia, sogra, etc. de Pedro*, veremos que no genitivo *de Pedro* está a causa e a explicação de todos estes nomes, e que de Pedro ser *amo, pae, podraso, marido, sobrinho, e genro*, provém a relação de *criado, filho, enteado, etc.* (1).

(1) Não nos conformámos 'n esta parte com a doutrina de Le Mare, que diz: — « Le substantif apposé développe, explique l'idée comprise dans le premier substantif, le genitif ne développe point cette idée, mais la resserre, la circonscrit: aussi la syntaxe marque-t-elle la différence de ces deux effets par l'identité de cas dans l'apposition, et la différence de cas dans la connexion. » Cours Pratique et Theor. de la Lang. Lat. 3.^{me} edit. p. 200.

Pelos exemplos que no texto se referem, torna-se evidente que o genitivo explica a idea comprehendida no primeiro substantivo; sendo, portanto, falso o que affirma Le Mare; i. é que o genitivo não explica esta idea. Explica-a, dá-lhe uma causa, e, ao mesmo tempo, limita-lhe e circumscreve-lhe a idea de extensão; porque uma coisa não se oppõe á outra.

Quanto ao substantivo apposto, limita a idea de extensão do primeiro substantivo, mas não a explica, como faz o genitivo. Quando dizemos v. gr. *o rio Tibre*, tirámos a idea de ex-

Outra relação se dá ainda que é a que tem a coisa possuída para com seu dono, ou possuidor, como v. gr. palacio, chapéo, espada *de Pedro*: onde se vê que palacio, chapéo, espada são pertencentes a Pedro, em razão do direito que d'elle provém; da posse em que está d'estes objectos, e de ser dono e possuidor dos mesmos.

Se consultarmos nossos antigos documentos, escriptos em latim barbaro, acharemos que a preposição *de* começa já a apparecer para denotar o genitivo, sem embargo de que n'estes mesmos documentos se encontram ainda as desinencias proprias de todos os casos, posto que a maior parte das vezes corrompidas e trocadas. (1)

O dativo é o caso em que se acha o nome que serve de exprimir uma idea de termo; ou de destinação. (2)
— Como esta idea tem relação com a de *directão* e de *lugar para onde*, em falla de desinencia passou a ser denotada com a preposição *a* que indica *movimento diri-*

tensão que tem o nome rio, limitando-a e circumscrevendo-a, mas não a explicamos; porque o nome Tibre não é a causa nem a explicação do nome rio.—E' isto mesmo o que pretende e diz du Marsais:

Mais outre cette façon de parler, il y a encore l'apposition; c'est lorsque l'on met les deux mots au même cas, parceque ne désignant qu'une même chose, on les considère sous le même rapport: c'est ainsi que nous disons, *le fleuve Don, le mont Parnasse*, etc. Œuvr. de Du Mars. T. 1.^{er} p. 154.

(1) Para prova do que fica exposto, citaremos os seguintes trechos:

« Tenimus eriditate quos fuit *de Nausti*, in nostro jure integra. » J. Pedro Ribeiro, Dissert. Chron. T. 1.^o Docum. n.^o 12 p. 201.

« Damos vobis ipsas eriditates, et ipsas Ecclesias, pro remedio anime mee, et *de parentum nostrorum*, et abeatis cura de anime mee. Id. ibid. Docum. n.^o 24 p. 224.

(2) Rien n'indique mieux l'emploi et la nature du datif, que le mot de determinatif; on verra que jamais ce cas n'est employé que pour exprimer au propre ou figuré une idée de terme, ou de destination quelconque, favorable, ou defavorable, ou indifférente. Le Mare, Cours Pratique et Theor. de la Lang. Lat. p. 222.

gido a um termo; vindo, portanto, o nome posto 'n este caso a ser o termo ao qual se dirige, ou encaminha alguma acção. — Assim: *a Pedro* quer rigorosamente dizer, *em caminho*, *em direcção*, ou *até Pedro*, e da significação do verbo é que se depreheende a idea de *perda*, ou *proveito*, ou tambem a de um resultado *indifferente*: v. gr. dou favor *a Pedro*: significa que meo favor se dirige *a Pedro*; e d'aqui a idea de proveito que resulta a Pedro de meo favor.

Pelos exemplos que passámos a transcrever, em que o dativo se acha indicado pela preposição *a*, se verá que a idea que em primeiro logar se offerece é a de *direcção*, e que d'esta é que naturalmente se deduz a de *termo e destinação*.

« Este pomo e a palmeira que o dá parece ser das mais proveitosas coisas que Deos deu *a o homem*. » Barr. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 7.^o p. 310.

« Nem mais nem menos acontece *a uma consciencia* que anda captiva da culpa. » Souza, Vid. do Arc. T. 1.^o L. 3.^o C. 11. p. 441.

« Tragedia de sua fortuna *a elles* lastimosa, *a nós* alegre. » J. Freire, Castr. L. 3.^o p. 250.

« Tropel de representações feias e abominaveis *a virtude*, *á fé*, e *á razão e lume natural*. » Luc. T. 2.^o L. 6.^o C. 15, p. 422.

Já se vê que a perda das desinencias distinctivas dos casos, de que um sabio contemporaneo nosso quiz tirar argumento de que a lingua portugueza não é filha da latina (1), foi quasi imperceptivel, e de nenhuma importancia; porquanto, á excepção do genitivo e dativo, para cuja reparação a mesma lingua prestou seos proprios subsidios, os casos que em latim sam regidos de preposições, i. é o accusativo e o ablativo, nada soffre-

(1) Vid. a citada Memoria em que se pretende provar que a lingua portugueza não é filha da latina, T. 12 das Mem. da Acad. R. das Scien. p. 12.

ram com a referida perda, continuando a ser indicados com as preposições com que d'antes o eram; e até muitas vezes podem deixar de as ter, sem que 'n isso se dê o menor equívoco; o que especialmente acontece ao ablativo, como vamos mostrar nos seguintes exemplos:

« *Passados estes dias* que Vasco da Gama aqui esteve, partiu-se caminho do Rio do Infante *uma sexta feira oito dias* de dezembro. » Fern. Lopes Castan. Hist. da Índia, L. 1.º C. 3.º.

« E correram quasi *todo aquelle dia* *arvore secca* com o mar muito grosso. » Id. ibid. C. 31.

« Deu nelles assim ousadamente *lança tesa* em punho. » Bar. Dec. 2.ª L. 5.º C. 10, p. 552.

« Deu-lhe um temporal com que o mar lhe comeu a galé *capitão, Simão Martins.* » Id. ibid. L. 6.º C. 2.º p. 27.

« Acabando de espalmar as fustas e provel-as do necessario, nos parlimos *uma quarta feira, seis dias* do mez de novembro. » Fernão Mendes, Peregr. T. 1.º C. 5.º p. 17.

« E tomando na mão um páo que trazia para me encostar me fui para elle *meo passo cheio.* » Id. ibid. T. 2.º C. 116, p. 124.

« Desfere a capitania de D. Francisco a vela, dizendo toda a gente *voz em grita: boa viagem!* » Luc. T. 2.º L. 5.º C. 10, p. 187.

« E porque os soldados que militavam com Viriato, andavam derramados por onde se podiam defender, pareceu a Bruto bem offerecer-lhe condições de paz, e assignou-lhe campo e logar para morarem, *deixadas as armas.* » Arraes, Dial. 3.º C. 11, fol. 93 v.

« Era o tempo escuro e tormentoso: eis que *alta noite* sentem um rumor extraordinario como de um trovão continuado. » Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 16, p. 105.

« Metteu-se el-rei em uma fusta, vestido em uma cota d'armas, *rosto e cabeça descuberta,* dava sua boa som-

bra e alegria certos signaes de victoria.» Id. Hist. de S. Dom. P. 2.^a L. 2.^o C. 20.

« E mandou-lhe que *descoberto o ladrão* fosse queimado.» Vieir. Serm. T. 3.^o p. 341, col. 1.^a

« Nenhum christão ha de consciencia tam perdida que não faça conta de se converter e se dar a Deus *alguma hora*.» Id. ibid. T. 4.^o p. 394, col. 2.^a

« O Auctor da natureza *o tempo* que destinou para descanso dos animaes ordenou que se ausentasse o sol.» Id. ibid. T. 8.^o p. 2, col. 2.^a

« Levantava-se o conde cedo *verão e hynverno*.» Id. ibid. T. 15, p. 314, col. 1.^a

« E aindaque não perdeu a vida, comtudo veio tam *perdidias as cores e as forças* e tam *desfigurado o gesto*, que apenas podiam, nem elle ter-se em pé, nem os conhecidos conhecel-o.» Manuel Bernard. Nov. Flor. T 3.^o p. 447.

Como se vê, a falta de preposições não produz equivoco algum em todos estes casos, que sam os mesmos que em latim costumam ter as preposições occultas; antes devemos notar que a expressão das mesmas, sem dar maior clareza á oração, lhe fizera perder muito de sua concisão e energia, occasionando o que se chama solecismo; como bem adveriu o padre Antonio Pereira de Figueiredo no Espirito da Ling. Portugueza, onde diz:

« Sam estes na nossa lingua uns como ablativos dos que os grammaticos chamam absolutos: onde se se exprimir a preposição que os rege perderá a oração toda a sua graça, e talvez se commetterá solecismo que é o maior defeito d'ella.» Mem de Litter. da Acad. R. das Scien. T. 3.^o p. 164.

The first part of the history of the
 is a history of the
 and the second part
 is a history of the
 and the third part
 is a history of the
 and the fourth part
 is a history of the
 and the fifth part
 is a history of the
 and the sixth part
 is a history of the
 and the seventh part
 is a history of the
 and the eighth part
 is a history of the
 and the ninth part
 is a history of the
 and the tenth part
 is a history of the

The tenth part of the history of the
 is a history of the
 and the eleventh part
 is a history of the
 and the twelfth part
 is a history of the
 and the thirteenth part
 is a history of the
 and the fourteenth part
 is a history of the
 and the fifteenth part
 is a history of the
 and the sixteenth part
 is a history of the
 and the seventeenth part
 is a history of the
 and the eighteenth part
 is a history of the
 and the nineteenth part
 is a history of the
 and the twentieth part
 is a history of the

TITULO II.

DO NOME ADJECTIVO.

CAPITULO I.

DOS DETERMINATIVOS.

Art. 1.º

Determinativos p. pessoas.

Os determinativos, ou pronomes *pessoas*, assim chamados por significarem as pessoas, ou os individuos que figuram no discurso, são: *eu, tu, elle, ella, e ello* ant. todos procedentes do latim.—*Eu* vem de *ego*, *tu* de *tu*, *elle*, *ella*, *ello*, de *ille, illa, illud*.

O plural d'estas vozes é: *nós* (1), *vós*, e *elles, ellas, ellos*,

O reciproco *se* não é mais do que a variação de um determinativo da terceira pessoa, que pôde ser *elle, este,*

Verdadeiramente *nós* não é plural de *eu*; porque *nós* quer dizer: *eu e mais outro ou outros individuos alheios e distinctos de mim*.—Em rigor, o plural de *eu* é *eus*, ainda que rarissimas vezes o vejamos empregado; v. gr.

« Em mim ha dois *eus*. E isto ha em todos os homens, um segundo a carne, outro segundo o espirito. » Heit. Pinto, Imag. P. 1.ª Dial. 2.º C. 3.º p. 56, col. 2.ª

aquelle, ou outro qualquer; pois dizemos: *este* esquiva-se aos perigos; *aquelle* mata-se a estudar, etc. — Vem igualmente do latim, onde tambem lhe falta o nominativo.

Os referidos pronomes sam em nossa lingua as unicas palavras que contrahem differentes fórm, segundo os casos. — O emprego frequente que d'elles é mister fazer explica, por certo, a causa de haverem conservado as fórm terminativas que denotam as relações em que sam tomados. — Estas fórm, ou variações, pouco differem das que appresentam os casos latinos de que proveem, como facilmente se póde verificar.

As variações dos pronomes *eu*, *tu* e *elle* admittem uma collocação que de balde pretendera imitar a lingua franceza, sendo tal collocação quasi a mesm^a que teem na de Cicero. — Assim, podemos dizer com os latinos *me juvat* me agrada, ou *juvat me*, agrada-me; *te rogo* te rogo, ou *rogo te*, rogo-te, etc.

Nossos antigos escriptores serviam-se da fórm *alhe* do pronome pessoal *elle* para denotar o accusativo do mesmo; v. gr.

« A duqueza que em extremo *lhe* amava e com todos estes aggravos o não podia tirar da vontade quiz ver se por manha o poderia haver á mão. » Moraes, Palm. d'Ingl. T. 1.º P. 2.º C. 74, p. 500.

« E quiz Deos que ho Catual não ousou de matar Vasco da Gama, nem os seus, que bem quizera fazel-o por amor dos mouros que *lhe* peitavam. Fern. Lopes Castan. Hist. da Ind. L. 1.º C. 21.

Esta fórm a que nossa lingua não podia repugnar por ser analogo á do caso correspondente *illum*, *am*, *ud*, foi, todavia, rejeitada, e, para empregarmos o mesmo pronome em accusativo, precisamos dizer *a elle*, *a ella*, ou então mudar de pronome e usar do determinativo *o*, *a*.

Os pronomes, comquanto façam as vezes dos nomes cuja fastidiosa repelição servem de evitar, pódem, contudo, junctar-se aos *appellativos*, e ainda aos *pro-*

prios. Barros, para maior clareza da oração, usa frequentemente juncrar o pronome *elle* aos referidos nomes; por exemplo:

A razão porque *elle* visorei deu este navio mais. Dec. 2.^a L. 2.^o C. 5.^o

Devia *elle* Pate Unuz commetter este negocio. Dec. 2.^a L. 9.^o C. 5.^o

Porque *elle* Lopo Soares sempre tinha mais respeito ao que lhe elrei mandava. Dec. 3.^a L. 1.^o C. 4.^o

Desavindo *delle* Capitão. Dec. 3.^a L. 2.^o C. 2.^o

Outros muitos exemplos se encontram no referido auctor, que não nos parece dever ser imitado 'nesta parte.

As variações dos pronomes pessoas costumam repetir-se na oração para maior clareza da mesma; sendo, aliás, esta repetição um idiotismo da lingua; v. gr.

Parecia-me a mim bem a segurança. Godinho. Rel. C. 14, p. 106.

Eu vos hei de levar por onde nem os alarves *nos* vejam a nós, nem nós os vejamos a *elles*. Id. *ibid.* C. 23, p. 182.

Travou-se uma peleija de maneira... que *lhe* conveiu a *elle* sahir do baluarte com toda a outra gente. Bar. Dec. 3.^a L. 5.^o C. 3.^o p. 543.

Porém a *elles* a noite *lhes* custou muito cháro. Id. *ibid.* L. 8.^o C. 4.^o p. 276.

Mas se bem attentaes *elle* só tracta de *se* consolar a *si*. Luc. T. 2.^o L. 5.^o C. 24, p. 27.

Os padres *lhe* dizem a *elles* as coisas da fé. Id. *ibid.* C. 25, p. 274.

Nem estes homens podem pretender enganar-*nos* a nós. Id. T. 3.^o L. 7.^o C. 25, p. 196.

Quando, porém, os referidos pronomes sam agentes, ou sujeitos da oração, permite a lingua que se omittam; o que produz notavel concisão e graça no estylo. — O seguinte trecho contém a prova d'esta asserção.

Arranca o estatuario uma pedra d'essas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbaste ou

mais grosso, tóma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miuda : ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos, aqui desprega, alli arruga, acolá recama : e fica um homem perfeito. Vieira, Serm. T. 3.^o p. 419 e seg.

Art. 2.^o*Determinativos possessivos.*

Os determinativos possessivos portuguezes proveem dos latinos, os quaes foram formados dos pronomes pessoaes : cumpre, porém, saber de que modo o foram. Do genit. latino *mei* nasce *meus, mea, meum, meo, minha* ; — do genit. *nostrum, ou nostri*, procedê *noster, nostra, nostrum, nosso, nossa* ; — do genit. *tui* vem *tuus, tua, tuum, teu, tua* ; — do genit. *vestrum, ou vestri*, se deriva *vester, vestra, vestrum, vosso, vossa* : — finalmente, do genit. *sui* provém *suus, sua, suum, seu, sua*, ambos reciprocos.

Já se vê que os possessivos não sam outra coisa senão os genitivos dos pronomes pessoaes adjectivados. E, com effeito, *meo, minha*, quer dizer *de mim* : *teu, tua, de ti*, etc. — *Meo* pae, vale o mesmo que pae *de mim* ; e é como dizem os latinos : *pater mei*. — Em vez de *seu* filho, dizem : *filius ejus* ; i. é filho d'este, d'elle, ou *de si* ; porque o reciproco *se* se refere a todos os determinativos da terceira pessoa : *de si*, quer dizer d'este, d'elle, d'aquelle ; *se*, a este, a elle, áquelle, etc

Art. 3.º

Determinativos demonstrativos.

Passando a tractar dos *determinativos demonstrativos*, mencionaremos em primeiro logar o *artigo*, que classificámos no numero d'estes; postoque nossos grammaticos, tendo desconhecido até hoje sua verdadeira origem, o considerem como parte distincta da oração (1), não sendo elle mais do que um adjectivo determinativo, tomado de outro latino, como logo faremos ver.

Constancio, em sua *Grammatica Analytica*, suppõe, sem fundamento algum, que o chamado artigo foi tomado na fórma masculina do grego α , e na feminina de η . — Quando mesmo se não queira admittir que a lingua portugueza proceda immediatamente da latina, não sabemos como se possa accreditar que o mencionado artigo fosse adoptado do hellenico; pois é certo que na época provavel de sua adopção nenhum tracto e commercio tinhamos nós com os gregos, que nos podessem comunicar, não diremos já um ou outro vocabulo de significação corrente; mas, o que é mais difficil de crer, uma voz que, per si só, não representa coisa alguma, e cuja introdução só póde admittir a hypothese de um intimo tracto, e a do uso frequente de falar grego.

Entretanto, o mencionado A. reconhece que no latim corrupto das Gallias e da Hispanha se dizia *ille sol, illa luna*, e que este determinativo latino, modificado e abreviado depois, se tornou em *le, la*, para os francezes,

(1) Le genie d'une langue peut bien assujettir quelque partie d'oraison à des modifications inconnues dans d'autres idiomes, ou la soustraire à des usages autorisés dans d'autres langues; il peut donner lieu a quelque tournure singulière; a quelque construction surprenante: mais il n'ira jamais jusqu'à créer une nouvelle partie d'oraison. Beauzée, *Gramm. Génér.* T. 1.º p. 310.

lo, la para os italianos, e *el, la* para os hispanhoes. (1) — Fôra uma razão de mais para elle, ao menos, dever suspeitar que o chamado artigo houvesse recebido uma origem semelhante; e não para acreditar que nós, pequeno povo da Península, falando igualmente o latim rustico, e sem contacto algum com os gregos, fossemos buscar a elles o seo artigo.

O que, porém, se mostra com toda a evidencia é que o chamado artigo *o, a*, não é senão o determinativo demonstrativo latino *hic, hæc, hoc*, que no ablat. do sing. (caso de que tomámos todos os nomes) faz *hoc, hæc*. — É, assim como no latim corrupto das Gallias e da Hispanha se dizia *ille sol, illa luna*, é de crer que nós empregando exclusivamente o ablativo dicessemos: *hoc sole, hæc lunã, hæc terrã*, etc, servindo-nos d'este determinativo, que depois, com leve alteração, e por evitar o som aspero da consoante *c*, se converteu em *ho, ha*, e finalmente em *o, a*. — O que ainda concorre para confirmar nossa opinião, é que nos mais antigos documentos de nossa escriptura vulgar se acham os dois chamados artigos com a fórmula *ho, ha*, que accusa a origem que lhe damos.

Já se vê que o artigo em questão, tomado, como acabámos de expor, de um determinativo demonstrativo da lingua latina, não pôde ser na portugueza senão uma voz tambem determinativa e demonstrativa, que restrinja e especifique a significação generica dos nomes a que se juncta. — É o que, na verdade, é, e o que vamos comprovar com varios exemplos, que servirão de patentear 'nesta parte, o genio da lingua portugueza, em cuja analyse e estudo nos achámos empenhados.

Se eu dicer, v. gr. *A lei nos manda obedecer ás auctoridades*: 'nesta oração o chamado artigo não só denota que o nome *lei* é do genero feminino, e do numero sin-

(1) O mesmo affirmam Du Marsais, Beauzée e outros grammaticos e etymologistas.

gular, senão ainda restringe e especifica a idea geral de lei; porque particularmente denota a lei *civil* que é a que pretendo mencionar.

Pela mesma razão se omitta o determinativo, quando o mesmo nome se toma em sentido generico ou absoluto; v. gr. quando digo: *Todos homens tem leis pelas quaes se governam*; a palavra *leis* não é determinada, ou especificada, e 'nella se comprehendem as leis de todos os povos, em qualquer estado de civilisação; mesmo quando esta é nenhuma, e elles sam selvagens, e se governam pelas leis naturaes.

A doutrina que expomos é comprovada por nossos melhores escriptores, que assim entenderam a significação d'este determinativo, como passámos a demonstrar nos seguintes exemplos:

«As mercês que por espaço de dez annos recebi de sultão Badur sam manifestas a todos.» J. Freire, *Castr.* L. 1.º n.º 7, p. 66.

Neste exemplo se vê que o appellativo sultão não tem determinativo; porque seguindo-se-lhe o nome proprio Badur, fica declarado qual o sultão de que o A. fala. — Quando, porém, o dicto appellativo não é acompanhado de nome proprio, o mesmo A. o faz preceder do determinativo para declarar aquelle que quer mencionar; v. gr.

«A paz capitulada entre o sultão e o estado.» *Id.* *ibid.* L. 2.º n.º 21, p. 80.

O determinativo serve aqui de designar o sultão de Cambaia, a quem o A. se refere.

«As torres e os navios os festejaram com horror de repetidas salvas.» *Id.* *ibid.* L. 1.º n.º 40, p. 27.

Horror não tem determinativo, porque, seguindo-se-lhe *de repetidas salvas*, fica entendido que horror seja, e não carece d'elle. — Porém *torres* e *navios* o tem para denotar os do porto de Goa, de que o A. faz menção.

«Pela fortaleza se derramou logo esta nova, (a de lhe vir soccorro por mar) que foi festejada dos soldados

com folias, e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes pareciam navios: tam credulos sam homens em qualquer esperança.» Id. *ibid.* L. 2.º n.º 101 p. 135.

O nome *homens* não tem determinativo, porque o A. na preposição que enuncia, generalisa a idéa de homens falando de todos, e não em particular dos que se achavam cercados em Diu.

«Em nada tem a fortuna maior imperio que nas coisas de guerra.» Id. *ibid.* p. 193 e seg.

Guerra, por ser nome tomado em acceção generica, não soffre determinativo.

«E de parte do embaixador lhe diceram tudo o que em boa cortezia era devido.» Souza, Vid. do Arceb. T. 1.º L. 2.º C. 21, p. 295.

O nome *parte* não tem determinativo, porque fôra ocioso, declarando-se *do embaixador*; — mas tem-no este para designar o de Portugal na côrte de Roma.

Ainda accrescentaremos um exemplo que serve de fazer ver porque maneira o determinativo individualisa e distingue qualquer nome. E' de Vieira.

«Pois todos estes que aqui tendes presentes não sam tambem filhos vossos? Sim, sam: sam meos filhos, mas não sam o meo filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob, mas o seo filho era José. Vae muito de ser filho a ser o seo filho.» Serm. T. 3.º p. 42.

Constancio reprova ter dicto Barros (1): *O tempo não gastará doutrina, costumes, linguagem que os portuguezes 'nestas terras deixaram* (2), e que fôra mais correcto dizer: *a doutrina, os costumes, a linguagem, etc.* junctando-lhe o determinativo. — E' exactamente o contrario; pois tendo logo: *que os portuguezes 'nestas terras deixaram*, fôra ocioso o determinativo, que, por outro lado, não pozera nada á elegancia.

Comtudo, algumas vezes, ou porque a euphonia o

(1) Grammatica Analyt. p. 220 e seg.

(2) Dialogo em Louvor de nossa Linguagem, p. 229.

requer, ou porque o abuso o tem introduzido, se emprega o chamado artigo quando não ha mister empregado.

A doutrina, que deixámos exposta, é tambem a seguida na lingua castelhana, e tam geral que nos dispensa de citarmos um só exemplo.

O chamado artigo tem a propriedade de substantivar adjectivos, verbos, e até orações inteiras.

Exemplos de substantivar adjectivos.

As repugnancias que tem a fé, é, o grande, o arduo, o escuro e o sobrenatural dos mysterios. » Vieira, Serm. T. 1.º p. 170.

Nenhum esteve nunca mais á lerta e com os olhos mais abertos, nem no mais alto e profundo da noite. Id. ibid. T. 2.º p. 148, col. 1.ª

Agora vejo que era muro de diamante em que o fino eguala o forte. Id. ibid. T. 15, p. 224, col. 1.ª

Mette horror somente ouvido, quanto mais o causaria o terrivel e extranho d'esta demonstração da ira divina. Man. Bernard. Estim. Pract. p. 279.

O cabo Salmon... que é uma ponta no ultimo da ilha. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 9.º fol. 32.

Pois te desprezas do baixo,
O alto te abaxará.

Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 436.

Exemplos de substantivar os verbos.

Os notaveis e honrosos feitos nom se acabaram nunca sem muyto risco e grande ventura. Mas a isto, Senhor, digo eu que ho tal aventurar nom ha de ser de todo posto em ventura. Inedit. da Acad. T. 1.º p. 133.

O navegar tam difficultoso, o chegar incerto, o des-

embarcar e apparecer cheio de perigos.» Vieir. Serm. T. 8.º p. 54.

Tanto que a estrella d'alva sahiu, se deu por toda a cafila o leva, leva, com que partimos.» Fr. Gasp. de S. Bernard. Itin. C. 16.

Exemplos de substantivar orações.

Desenganemo-nos, que o crescer sóra da propria especie não é augmento, é monstruosidade. Vieir. Serm. T. 5.º p. 100, col. 2.ª

O pintarem bem os dados, ou as cartas não está na mão do jogador, mas se elle é sabio na arte, está na sua mão o usar bem do jogo com que se acha, qualquer que elle seja. Id. ibid. T. 8.º p. 274, col. 1.ª

O como se deve apartar a dicta occasião pende de doutrinas mais individuaes. Man. Bern. Estim. Pract. p. 288.

Porque então o não querer
Partir-me de ti tam triste,
Era causa de deter
Minhas velas, como viste.

Canç. de Garc. de Res. Carta de Ulys. a Pen. vertida por J. Rodr. de Luc.

O chamado artigo faz subentender na oração um nome indeterminado, ou um verbo em qualquer tempo.
Exemplos:

Que mais cháro, que a outras, dar queira
O que deu para dar-se a natureza.
Cam. Lus. C. 9.º E. 76.

Ou dae na paz as leis eguaes, constantes,
Que aos grandes não deem o do pequeno.
Id. ibid. E. 94.

Direi somente *o* em que pararam estas coisas todas. Fern. Mend. Peregr. T. 3.º C. 185, p. 109.

Determinou de effectuar *o* para que alli era vindo. Id. ibid. C. 186, p. 114.

Se nós bem considerassemos *o* que somos, e *o* em que nos havemos de tornar, não ha duvida senão que melhorariamos nossas consciencias. Heitor Pinto, Imag. P. 1.ª Dial. 6.º C. 3.º p. 213, col. 1.ª

Fazia horror *o* que se via, e *o* que se ouvia. J. Freir. Castr. L. 2.º p. 141.

A lei divina é *o* de Deos a Deos, e *o* de Cesar a Cesar. Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 3.º C. 25, p. 503.

Faz ajuda muito a isto ser ha gente ociosa 'n esta terra muito aborrecida e muy odiosa aos demais, e quem *ho* nam trabalhar nam *no* comerá. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 10.

Se, vós, senhores, dice a donzella, comprís commigo como *o* eu faço convosco, não terei de que me agravar. Moraes, Palm. d'Ingl. P. 1.ª C. 35 p. 217.

Dir-se-ha aqui a maneira della, (uma batalha) que deixar de *o* fazer seria erro. Id. ibid. C. 37, p. 236.

E foi-se na volta do mar, e como foy noyte payrou, e assi *ho* fez seis dias. Fern. Lopes Castan. Hist. da Ind. L. 1.º C. 5.º

O papa vive, o cardeal reina, e ambos *o* fazem bem. Vieir. Cartas, T. 1.º C. 83, p. 310.

O chamado artigo faz tambem as vezes de determinativo relativo. — Exemplos:

Era maior a força em demasia,
 Segundo para traz nos obrigava,
 Do mar, que contra nós alli corria,
 Que por nós *a* do vento que assoprava.
 Cam. Lus. C. 5.º E. 67.

Leis em favor dos reis se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

Id. *ibid.* C. 9.^o E. 29.

Os grandes feitos que os portuguezes obraram 'neste dia o Oriente os diga. J. Freir. Castr. L. 2.^o p. 154.

E indo Fernão Veloso com eles tomaram hum lobo marinho, que logo assaram ao pé de hũa serra, e *ho* cearam todos. Fern. Lopes Castan. Hist. da Ind. L. 1.^o C. 2.^o

A modestia e moderação de S. Alteza 'nesta parte quem o viu que *a* não visse? Vieira, Serm. T. 15, p. 161, col. 1.^a

Agora veremos que as propriedades do chamado artigo não sam só d'elle, senão de todos os determinativos *possessivos, demonstrativos e partitivos*.—Exemplos:

Quantas náos de mouros alli vinham ter todas que-ria que estivessem a *seo* mandar. Bar. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 7.^o p. 315.

Vosso mal é bem fazer,
E *vosso* esquecer memoria.

Cancion. de Garc. de Res. Trov. em louvor das Damas.

Quando acabaria eu se houvesse de seguir até o cabo *este* quando? Vieir. Serm. T. 1.^o col 539.

Este eritis, este sereis, foi o que destruiu o mundo. Id. *ibid.* T. 4.^o p. 136. col. 1.^o

Este para sempre foi o principio da sua oração. Id. *ibid.* p. 290, col. 2.^a

De maneira, emfim, que na eleição d'*estes* elles consiste a paz, o socego, e o bom governo das conquistas. Id. *ibid.* p. 542, col. 2.^a

E porque começaram acudir alguns mouros com

mantimentos da terra, mandou Lopo Soares que *'neste* ir e vir aos comprar andasse somente um bargantim. Bar. Dec. 3.ª L. 1.º C. 5.º p. 55.

De modo que o mouro não livesse alguma suspeita d'*este* ajunctar gente de cavallo. Id. ibid. C. 8.º p. 79.

Este grande fructificar da palavra de Deos é o em que reparo hoje. Vieira, Serm. T. 1.º p. 15, col. 1.ª

E *este* mesmo dizerem que os tinham em outra parte é a maior prova de não serem, nem poderem ser escravos. Id. Cart. T. 3.º Cap. 3.º p. 49.

Ora olhae *esse* fallar

Como vae bem martelado.

Gil Vic. Obr. T. 3.º p. 209.

Aquelle mover d'olhos excellente.

Cam. Eleg. 5.ª

E *aquelle* estar tam longe d'onde estava.

Id. Canc. 10.ª

Olha-me *aquelle* assobiar.

Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 158.

Esta é a força d'*aquelle ejus*. Vieir. T. 1.º col. 582.

Notae muito *aquelle* porque. Id. ibid. col. 978.

Reparae-me 'n *aquelle sicut Deus*. Id. T. 3.º p. 21, col. 1.ª

'N *aquelle scientium me* está a differença de uns a outros. Id. T. 9.º p. 498, col. 1.ª

Não ha coisa para ouvir como exclamações de amantes aggravados, e *aquelle* seo ponderar suas magoas. Jorge Ferr. Aulegr. fol. 27.

Um pelear commigo,

E logo desculpar-me.

Cam. Canc. 5.ª

Um estar parado, *um* não ir por deante. Vieira, Serm. T. 3.º p. 425, col. 2.º

Um mais para o presente, *outro* mais para o futuro. Id. T. 8.º p. 77, col. 1.ª

Não sois vós, Senhor, aquelle mesmo que com *um Venite post me* reduzistes a Pedro, a André, a João e a Diogo? Id. *ibid.* L. 3.º p. 276, col. 2.ª

E o tempo descobriu logo que não sómente se não enganara; mas que fôra *um* antever de alto entendimento. Souza, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 26. p. 163.

Um espreital-a a deshoras é mais doce que um banho. J. Ferr. Aulegr. fol. 23. (1)

Por todos os referidos exemplos se prova exuberantemente que o chamado artigo não é mais que um *adjectivo determinativo* que devemos classificar entre os demais d'esta especie.

Além do chamado artigo, que damos como um *adjectivo determinativo*, temos mais: este, esta, isto, do latim *iste, ista, istud*, mudado o *i* em *e*, como sabemos ser proprio da lingua portugueza: esse, essa, isso, de *ipse, ipsa, ipsum* (2), mudado tambem o *i* em *e*: e aquelle, aquella, aquillo (antigamente *aquello*) compostos de *hic ille, hæc illa, hoc illud*, todos da terceira pessoa.

(1) As propriedades que acabámos de exemplificar de todos estes *determinativos* sam communs á lingua italiana. — No *partitivo* se nos depara o seguinte exemplo em uma obra moderna que temos á mão:

« Tanta e cosi schietta esultanza non fu mai veduta in Turino sino a quel giorno. Era *un* andare, *un* venire, *un* salutar-se, *un* chiamarsi a nome, *uno* stringerse, *un* rallegrarsi, *un* esprimere la gioia infinita del cuore in cento e cento modi, etc. » Angelo Brofferio, Storia del Piemonte dal 1814 ai giorni nostri, vol. 2.º P. 3.ª Capo secondo, p. 33.

(2) Em André de Resende achámos ainda escripto: *epsa epsa*, *ipso*, que declaram a origem de que proveem.

Epsas Mouros principaes. Hist. de Evor. C. 13.

En *epsa* tempo. *Ibid.* C. 14.

Quem he senhor do campo, he senhor de toda *epsa* ter-

Dos determinativos demonstrativos este, esse, aquelle, junctos ao partitivo distributivo *outro*, formámos *est'outro*, *ess'outro*, *aquell'outro*, que servem de novos demonstrativos; v. gr.

Esse, que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem teem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina:

Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz allisona e divina,
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece.

Cam. Lus. C. 5.º E. 87.

Depois do primeiro demonstrativo, que denota *o poeta*, o segundo designa *o outro poeta* que esclarece etc.

Nossos antigos, para fazer distincção entre dois determinativos demonstrativos, repetiam o mesmo de que já se haviam servido; v. gr.

Costume he, que *aquell* que diz que dá algũa cousa a outra em condysylho; E *aquell* *aquell* que diz que o deu, lho nega, que lho deve aprovar por duas testimuyas. Foros de Beja, Inedit. da Acad. T. 5.º p. 523.

Os determinativos demonstrativos podem algumas vezes ficar occultos na oração. — Para vermos o quanto a lingua 'n esta parte alcança, citaremos os seguintes trechos:

A barra de levante, postoque tem outro tanto fundo como a outra, comtudo não é tam segura, por ser mais pequena e estreita; a quem for necessario tomal-a, encoste-se bem á fortaleza, porque juncto d'ella ha mais

ra. Ibid. C. 3.

Per has armellas que se costumavan teer pera tirar per has portas lançavan e attraversavan paos fectiços que ja pera *ipso* en grande copia traziam. Ibid. C. 14.

agua que nas outras partes. Fr. Gaspar de S. Bernard. Itiner. C. 5.º

Já se vê que o demonstrativo *aquelle*, ao qual se refere *a quem for necessario*, etc. se acha occulto.

Mas de quem teve a culpa d'isto, (se ahi houve alguma) não quero eu ser juiz, seja-o a quem lhe pertence por direito. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 27, p. 99.

A quem lhe pertence refere-se ao demonstrativo *aquelle*, que se acha occulto.

Art. 4.º

Determinativos relativos.

Os determinativos relativos sam tres : *que*, *quem*, e *o qual*.

O primeiro é tomado do relativo conjunctivo latino *qui*, e equivale a uma conjuncção e um determinativo ; v. gr. *e este* ou *e esse* ; por exemplo :

E depois nos meninos attentando,
Que tam queridos tinha e tam mimosos.
 Cam. Lus. C. 3.º E. 125.

Significa, pois : *e estes*, ou *e esses* tam queridos tinha, etc.

Quem, procede de *quem*, accusativo masculino do relativo conjunctivo latino *qui*, *quæ*, *quod*, e refere-se sómente a pessoas, ou a coisas personificadas.

O determinativo relativo *o qual* importa o mesmo que o conjunctivo latino *qui*. — Julgâmos, porém, ser composto d'este e mais do determinativo *ille*, formando *qui ille*, que no ablativo do sing. faz *quo illo*, *qua illa*, que por alteração, produziu *qual*. — Depois de assim formado se lhe junctou ainda o determinativo *o*, *a*, que o tor-

nou em *o qual*, *a qual* (1), que antigamente se dizia *o cal*, *a cal*, como ainda hoje pronunciam nossos camponeses, que sam os homens que com mais tenacidade conservam ás fórmulas primitivas da lingua.

O determinativo relativo *o*, *a* é que faz que esta palavra seja relativa em portuguez, referindo-a ao nome antecedente que vae buscar e obriga a apparecer de novo na oração.

Salta á vista que se ao determinativo relativo *o qual* for tirado o relativo *o*, que lhe dá referencia, e ficar simplesmente *qual*, deixará esta palavra de ser relativa, pois então só constará de um demonstrativo. — E' o que, na verdade, acontece, como se vê na phrase: *qual mais*, *qual menos*, em que a mencionada palavra vale um só demonstrativo que tem um tanto, ou quanto de vago; porque não se refere a pessoa certa e determinada, significando: *este mais*, *aquelle menos*. (2)

O qual faz no genitivo *cujo*, *a*, do mesmo modo que em latim o relativo *qui*, *quæ*, *quod*, de que procede, e significa *do qual*, *da qual*, concordando sempre com o nome da coisa possuida e nunca com o do possuidor; v. gr.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada.
Cam. Lus. C. 1.º E. 28.

(1) Não pareça estranha esta composição. — Os rusticos junctam o determinativo *o, a* ao demonstrativo *aquelle*, *aquella*, para denotar o nome que não querem ou não sabem expressar, dizendo: *o aquelle* ou *a aquella*. — *Elle esse*, como antigamente se dizia, mostra ainda que a composição de uns com outros de determinativos era coisa usual na lingua portugueza; v. gr. Bom jamvaz lhe seria *elle esse*. Jorge Ferr. Eufrosin. 3.º 6.ª p. 217.

(2) J. Soares Barbosa, sentindo o vago e indeterminado d'este demonstrativo, explica-o na supradicta phrase dizendo: *Um tal*, *qual eu não digo*, *mais*, *outro tal*, *qual eu não digo*, *menos*; pelo que Constancio o censura de haver abusado da subtilidade grammatical. — O certo é que o A. da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza não explicou, mas, sem duvida, rastejou mui de perto o sentido do mencionado demonstrativo.

Este sacerdote, cujas eram estas filhas, avia nome Jetro. Ined. d'Alcob. T. 2.º p. 93.

Cujo, genitivo do qual, não pode servir para denotar ablativo; v. gr. não podemos dizer: *logar cujo venho* (1). E' forçoso que ponhamos *do qual*, ou *d'onde*.

Sendo *cujo*, a interrogativo em latim, gosa tambem da propriedade de o ser em portuguez, v. gr.

« Senhora, uma coisa folgariamos de saber este cavalleiro e eu, que é: *cujas* sam estas ricas armas? » Barr. Chron. do Imp. Clar.

« Começou de lhe perguntar a causa d'aquella chaga, e *cujo* filho era Liar. » Id. ibid.

Dos determinativos *quem*, *qual* e da palavra *quizer* contrahida em *quer* (2), se compõem *quemquer*, e *qualquer*, que os grammaticos chamam *indefnitos*. — O primeiro applica-se ás pessoas, e é invariavel: — o segundo pode applicar-se tanto a pessoas, como a coisas, e faz no plural *quaesquer*.

Os determinativos pessoases, demonstrativos, partitivos e collectivos portuguezes, teem uma terceira terminação que muitos de nossos grammaticos pretendem que seja *neutra*, o que realmente não é. — Foi, sim, tomada da fórma neutra dos determinativos latinos; porém denota *uma acção em qualquer tempo*; — *uma pessoa ou coisa*

(1) Este e outros erros semelhantes acham-se copiosamente derramados' numa traducção moderna que temos á vista. — Appontaremos alguns exemplos dos mesmos para que hajam de evitar-se:

« Conheceis esta nova religião, *cuja* me fallou Apocides? »

« A magia *cuja* se occupavam então os que queriam parecer sabios. »

« E' o unico segredo da natureza *cujo* me não tenho occupado. »

« Deparei com uma grande cavidade *cuja* sahia uma columna de fogo. »

(2) Antigamente usava-se da palavra *quizer* não contrahida: v. gr. Seja *qualquizer*. Inedit. da Acad. T. 5.º p. 18, i. é *qualquer*.

de um ou outro genero ; — ou varias pessoas ou coisas de ambos os generos promiscuamente. — Já se vê quanto differe do genero neutro latino, o qual é um terceiro, que não pertence nem ao masculino, nem ao feminino.

Os determinativos que teem a terceira terminação, cujas propriedades acabamos de referir, sam : elle, ella e *ello* (ant.) ; este, esta, *isto* ou *esto* (ant.) ; esse, essa, *isso*, ou *esso* (ant.) ; aquelle, aquella, *aquillo*, ou *aquelle*, (ant.) ; algum, alguma, *alguem* ; nenhum, nenhuma, *ninguem* ; outro, outra, *outrem* ; todo, toda, *tudo*.

Os exemplos que vamos transcrever servirão de comprovar que o sentido da referida terminação é como dizemos.

Ello.

« Cahem muitas vezes em grandes erros, sem tomarem *de'lo* sentido. » Leal Cons. de Elrei D. Duarte, C. 47, p. 165, Edic. de Lisboa.

Dello, i. é do acto de cahirem muitas vezes em grandes erros.

« Da parte de fóra (da tenda) muitas infindas lanças, e quatro cavallos prezos para justar, que nem por falta *dellos* o não podesse fazer. » Moraes, Palm. d'Ingl. T. 1.º P. 1.ª C. 22, p. 131.

Ellos denota objectos de differentes generos ; i. é *cavallos e lanças*.

Esto, Isto.

« E dice Deos á mulher : Porque fizeste *esto* ? » Ined. d'Alcob. T. 2.º p. 8.

Esto, i. é esta obra, esta coisa.

« Nembramo-nos dos pexes que comiamos eno Egipto, e os cobrombos, e os meloens, e os porros, e as cebolas, e os alhos, e agora a nossa alma he seca, e os nossos olhos nom veem senom maná. E ouvio Moyses o poboo que dizia *esto*. » Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 147.

Esto, i. é estas coisas.

« Vae-se a Ceilão buscar rubís ? Vae-se a Colocondá buscar diamantes ? Vae-se ao fundo do mar buscar perolas ?

Vae-se ao centro da terra buscar prata? Pois va-se a tudo isto.» Vieir. Serm. T. 8.º p. 242.

A tudo isto, i. é a todas estas partes, e a todos estes fins.

Quanto tu e o mundo tens
E' jogo de tu que vás,
E jogo de tu que vens:
Isto bem o entenderás.

Gil. Vic. Obr. T. 2.º p. 493.

Esso, Isso.

E os homeões de Sacoth nom lhe quizerom dar pam a Gedeon, escarnecerom dele, e *esso* mesmo lhe fizeram os d'uñ logar, que avia nome Phanuel. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 201.

Mandou appregoar por toda a cidade que todo o mouro que matasse portuguez, morresse por *isso*. Comm. de Affons. d'Albuquerque. T. 1.º P. 1.ª C. 32, p. 164.

A' gloria, á gloria, senhores!

O que noite para *isso*!

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 247.

Dix'eu: Fernando amigo,
S' havès de casar commigo.
Agora é o tempo *disso*.

Id. T. 2.º p. 463.

Aquello, Aquillo.

Entom Aarom e Hur contradisserom-lhe *aquello* que diziam. Inedit. d'Alcob. T. 2.º p. 134.

Tudo o que nasce tem semelhança d'*aquillo* de que nasceu. Jorg. Ferr. Aulegr. fol. 85 v.

Vedes aquelle subir e descer as calçadas, vedes aquelle entrar e sahir sem quietação, nem socego? Pois tudo *aquillo* é andarem buscando os homens como ham

de comer, e como se ham de comer. Vieir. Serm. T. 2.^o
p. 326, col. 1.^a

Alguem.

Não cuide *alguem* que do tempo de Salamão para cá terão mudado os bens do mundo. Vieir. Serm. T. 5.^o
p. 439, col 1.^a

Ninguem.

Fatal necessidade
De quem *ninguem* se exime dos humanos.
Cam. Lus. C. 10, E. 54.

Outrem.

« Respondeu : se *outrem* o havia de fazer, que o quizer fazer elle primeiro. » Vieir. Cartas, T. 3.^o C. 4.^a p. 35.

Sendo *outrem* um partitivo indeterminado concorda com *ninguem*, cuja significação é tambem indeterminada ; v. gr.

Alli *outrem* *ninguem* me conhecera.

Cam. oit sobre os desconcert. do Mundo.

Pedindo-lhe fizesse pelos aquietar, pois *outrem* *ninguem* era poderoso para lhe ter mão. Luc. T. 2.^o L. 5.^o
C. 11. p. 139.

Tudo.

Succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinagem *tudo* da mesma terra. Souza, Vid. do Arc. T. 1.^o L. 1.^o C. 26, p. 164.

O meio que achou o engenho humano para vadear este passo, foi inventar uma maneira de andores, ou carretas sem rodas, que vam descendo, ou cahindo pelas serras abaxo arrastados cada um por dois homens que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos, porque *tudo* é necessario que sejam 'nesta perigosa distancia, e *tudo* sam. Id. ibid. L. 2.^o C. 4.^o
p. 192.

Puz os olhos do entendimento em *tudo* o que se faz debaixo do sol, e, bem examinado *tudo*, entendi que *tudo* era ôco e vão. Heitor Pinto, Imag. P. 2.^a Dial. 5.^o C. 16, p. 642, col. 1.^a

A figura era humana e muito primorosamente delineada; mas a substancia, ou a materia não era mais que pó. A cabeça pó, o peito pó, os braços pó, os olhos, a bocca, a lingua, o coração, *tudo* pó. Vieir. Serm. T. 1.^o col. 107 e seg.

As abobadas, pilares, e paredes sam *tudo* cantaria. Souza, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 6.^o C. 14.

CAPITULO II.

Dos Participios.

Se remontarmos á infancia da lingua, acharemos que nossos participios sam eguaes em numero e em propriedades aos latinos de que proveem. — *Tres activos*: um do presente, outro do preterito, outro do futuro; — e *dois passivos*: um do preterito outro do futuro.

Art. 1.º

Participios Activos do Presente.

Os participios activos do presente conservavam antigamente a propriedade do verbo de que provinham, e exerciam regimen. — Façamos ver isto 'n alguns exemplos:

FILHANTE.

Part. act. de *filhar*; i. é pilhar, agarrar.

Filhantes a saia, leixam o manto. Versão da Regra de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 266.

MEIXENTE.

Part. act. de *meixer*, i. é misturar. Em latim *miscens,entis* o que mistura.

Assi é *meixente* os tempos ous tempos, os esprovamentos ous afagamentos. Ibid. p. 256.

DESPREZINTE.

Part. act. de *desprezer*, i. é desprezar.

Os *desprezintes* Deus caem no inferno pelos peccados. Ibid. p. 263

Porém, quasi todos estes participios perderam a propriedade que tinham de transitivos, ficando apenas com a de indicarem a acção no tempo presente. — D'estes ultimos appontaremos os seguintes :

IMITANTE.

Que imita, que tem a propriedade de imitar.

... Perlas ricas e *imitantes*
A' cor da aurora.

Cam. Lus. C. 10, E. 102.

PREDOMINANTE.

Que predomina, que exerce predominio.

Assim como a aguia e o louro não sam dominadas, senão *predominantes* ao raio. Vieir. Serm. T. 3.º p. 481, col. 2.º

E assim : *tocante* á guerra ; *conducente* a um fim ; *pertencente* a Pedro ; *tendente* ao bem ; *obediente* á lei, etc.

Art. 2.º

Participios Activos do Preterito.

Os participios do preterito denotam o individuo que em tempo anterior soffria ou estava a soffrer a acção que actualmente tem accabado de receber. Por isto todos os referidos participios sam do tempo passado. — O que hontem recebia açoites é hoje açoitado ; o dia que hontem se vivia é hoje vivido ; a lebre que accabou de correr-se está corrida, etc.

D'aqui provém que os participios dos verbos intransitivos facilmente passaram a tomar significação activa, a qual, do mesmo modo que em latim, se fez extensiva a varios participios de verbos que de sua natureza o não

sam. (1) — Teem, pois, muitos participios do preterito a propriedade de tomar significação activa; propriedade que constitue uma das maiores bellezas de nossa lingua e de que vamos produzir alguns exemplos.

ABHORRECIDO.	Que abhorrece tudo.
AGRADECIDO.	Que agradece.
APPLICADO.	Que se applica.
ARRECADADO.	Que arrecada; parco, economico.
ARREMESSADO.	Que se arremessa; precipitado.

(1) E' a razão porque varios d'estes participios teem um sentido preterito e activo; v. gr. bem *comido* e bem *bebido*, quer dizer que comeu e bebeu bem.

Constancio a p. 164 da *Gramm. Analyt. da Ling. Portug.* diz que a significação activa d'estes participios lhes provém de serem de sua natureza prenominaes; o que é sem fundamento algum; tanto mais que a circumstancia de serem prenominaes se não verifica em muitos dos mesmos participios.— A referida propriedade provém-lhes, sem duvida, dos participios latinos, dos quaes muitos, tendo a forma passiva, tomaram, comtudo, significação activa. Vejamos o que a este respeito diz Vossio:

Præterita quædam in *tus*, et si formæ sunt passivæ, habent tamen significationem activam. Ut *cautus*, qui cavet: *lucius*, qui tacet. Sic *argutus*, *circumspectus*, *consideratus*, *disertus*, *falsus*, *profusus*, *suetus*, cum compositis *assuetus*, *consuetus*, *insuetus*. *Grammat.* p. 146.

Participia hujusmodi in *tus*, ab impersonalibus venientia, interdum et reperias apud oratores et historicos. Ut, apud Livium lib. 22 *evasus exercitu*, qui evasit. Apud Plinium Panig. *honores festinati*, h. e. accelerati. Simileque apud Tacitum in vita Agricola, *mors festinata*. Ejusdem est, *triumphati magis, quam victi Germani*. Apud Suetonium in Jul. *conspirati* qui conspirarunt. Aliqua etiam occurrunt, quorum impersonalia in *tus* non sunt in usu. Ut *adulta virgo*, apud Cicer. quæ adolevit. Et Justinus lib. 43 *apud pastores adultus*. Simileque, *concretus aer*, apud Cicer. et *concreta aquorum moles*, apud Justinum. lib. 31. *Emersus è flumine*, apud eundem Cic. h. e. qui emersit. *Ibid.* p. 147.

ARRISCADO.

Que se arrisca; it. que arrisca tudo.

Houve um homem de geração nobilissima, natural da Beira, chamado Gerardo Geraldês, ao qual por ser animoso e *arriscado* nas batalhas, deram por alcunha sem pavor. Fr. Bern. de Brito, Chron. de Cister, L. 5.^o C. 12.

Por não entregar a India nas mãos de um homem tam *arriscado*. Couto, Dec. 6.^a L. 10, C. 19.

ARROJADO.

Que se arroja.

ASSOMADO.

Que se assoma, que se mostra sobranceiro e arrogante. — A metaphora não vem do que dizem Moraes e Constancio, senão de que o homem orgulhoso se considera superior aos outros, olhando-os como de alto. E' a mesma idéa que se contém na phrase latina: *Consistere in digitos*, ou na portugueza: *Pôr-se nos bicos dos pés*. A confirmação do que referimos acha-se no primeiro dos seguintes trechos.

Chamam-se vento *assomado*

Alguns assi... ouvil-o?

Porque alço o gorgomilo,

E ando assi espetado.

Gil Vic. Obr. T. 3.^o p. 312.

Muito bom cavalleiro, postoque *assomado* e mui feito á sua vontade. Goes, D. João, C. 98, p. 222.

ATRAIÇADO.

Que atraíçoa.

CALADO.

Que cala, que sabe calar-se.

CAHIDO.

Que cahiu.

CANÇADO.

Que cança, que faz cançar.

Emfim que estes sam os diffi-
cultosos e *cançados* degraos por
onde sobem, quando não cahem,
os que alcançam os primeiros lo-
gares. Vieir. Serm. T. 5.º p. 209,
col. 1.ª

Ha 'n ella (a Arabia Deserta)
grandes solidões e incultos deser-
tos, supposto que em algumas par-
tes é frequentada de logares e mui-
tos moradores , principalmente
junto ao rio Eufrates e monta-
nhas da Feliz ; porém a parte que
se estende para o meio dia é to-
da coberta de vastos e *cançados*
areaes, não se achando por espa-
ço de tresentas leguas uma só pe-
dra 'n ella. God. Rel. C.18, p.131.

CEADO. (Bem —)

Que ceou bem.

CONFESSO.

Que confessou. — *O reo acha-se
confesso* : é formula usada em nos-
sos tribunaes de justiça.

CONFIADO.

Que confia , cheio de confiança ;
atrevido, resolutivo.

E' Velloso no braço *confiado*.

Cam. Lus. C. 5.º E. 31.

CONSIDERADO.	Que considera; reflectido, circum- specto.
CRESCIDO.	Que cresceu.
DADO.	Que se dá com todos; v. g. homem mui —.
DELIBERADO.	Que delibera.
DESAFORADO.	Que não respeita as leis e os foros da justiça.
DESCONFIADO.	Que desconfia.
DESCRITO.	Que não crê; v. gr. <i>O mouro</i> —
DESENGANADO.	Que desengana. E a resposta da sua petição. . . foi um não muito <i>desenganado</i> e muito liso. Vieir. Serm. T. 1. ^o p. 336.
DESPACHADO.	Que despacha ou avia todos os ne- gocios; diligente, expedito.
DETERMINADO.	Que determina, resoluto, decidido.
DISFARÇADO.	Que disfarça.
DISSIMULADO.	Que dissimula.
DIVERTIDO.	Que diverte, distrahe; v. gr. sub- jeito —; livro —.
ENTENDIDO.	Que entende. <i>Homem muito</i> — i. e. intelligente, instruido.

- ERRADO.** Que erra. v. g. o vulgo —.
 ... A van sciencia
 Dos *errados* e miseros mortaes.
 Cam. Lus. C. 10, E. 76.
 O mundo *errado* julga este tra-
 jo por triste. Vieir. Serm. T. 7.º
 p. 399, col. 2.ª
- ESCALAVRADO.** Que escalavra. O A. do Nobilia-
 rio, tractando de um D. Goterre
 Rodrigues, diz a p. 87: «Cha-
 marom-lhe o *Escalavrado*, porque
 era muito ardido e foy forte em
 armas.»
- ESPEVITADO.** Que fala desembaraçadamente. Me-
 taphora tirada da luz a que se tirou
 a pevide.
- ESQUECIDO.** Que esquece tudo.
- ESTRAGADO.** Que estraga o que possui; dissi-
 pado.
- FALADO. (Bem —)** Que fala bem.
 Assi polos verem gentis ho-
 mens e *bem falados*, como por el-
 las serem em conhecimento da boa
 obra que delles receberam, paga-
 ram-lhe o amor que lhe tinham.
 Moraes. Palm. d'Ingl. T. 1.º p. 2.ª
 C. 55, p. 375.
- FINGIDO.** Que finge, que usa de fingimentos.

- FUGIDO.** Que fugiu.
- GOVERNADO.** (Bem —) Que se governa bem.
- LEMBRADO.** Que se lembra.
- JURADO.** Que jurou ; v. gr. testimunha—.
- LIDO.** Que tem lido, que lê.
 Muitas cousas que vi naquellas partes, que postoque não sejam ao proposito de meo principal intento, sam gostosas aos *lidos* e curiosos. Pant. de Aveir. Itiner. C. 17, fol. 54 v.
- LUZIDO.** Que luz.
 Faziam corte grande numero de fidalgos mui *luzidos* todos de setins e damascos de varias cores. Luc. Vid. de Xav. T. 4.º L. 9.º C. 5.º p. 35.
- MENTIDO.** Que mentiu, que mente. *Fementido*, que faltou á fé do que jurou, ou prometteu.
- MERENDADO.** Que merendou.
- MODERADO.** Que procede com moderação.
- NEGOCIADO.** Que negocca.
 Vendo-nos o christão andar tam *negociados*, dice ao abbade que se queriamos ir a alguma parte, de boamente nos acompanhariam.

Pant. de Aveir. Itiner. C. 61, fol. 237 v.

No tempo da nossa partida andavam muitos judeus portuguezes e castelhanos mui *negociados* e abelhudos para irem lá morar. Id. ibid. C. 73, fol. 267 v. e 268.

PARIDA, (Mulher—)	Que pariu.
PERDIDO.	Que perde ; v. gr. F. é um <i>perdido</i> ao jogo.
PONDERADO.	Que pondera.
POUPADO.	Que poupa.
PRECIPITADO.	Que obra com precipitação.
PRESUMIDO.	Que presume de si ; que tem presumpção.
PREVISTO.	Que prevê. <i>Homem</i> mui —.
PROFESSO.	Que professou ; v. gr. Cavalleiro <i>professo</i> na ordem de Malta, de Avís, &.
RECATADO.	Que obra com recato.
REFLECTIDO.	Que reflecte, que obra com reflexão.
REGALADO.	Que regala. O prato mais regalado. Vieir. Serm. T. 1.º col. 839.

REGULADO.

Que se regula. Homem bem —.

SABIDO.

Que sabe muito.

Mulher tam prodigiosa como *sabida*. Vieir. Serm. T. 9.º p. 489, col. 2.º

Tambem vulgarmente chamamos *Maria sabida* a mulher que presume saber tudo.

SACODIDO.

Que sacode, que repelle. It. que saracotea; v. gr. *mulher mui* —

Afirmando-se bem na reposta de um não quero bem resoluto e *sacodido*. Man. Bernard. Estim. Pract. p. 401.

SANGRADO. (Dr.—)

Que sangra a todos, ou que a todos receita sangrias.

SENTIDO.

Que sente, ou se dóe de qualquer coisa.

.... Vos não sois *sentido*,
Sois mui duro do pescoco.
Gil Vic. Obr. T. 3.º p. 226.

SOADO.

Que soou, que soa.

Com este feito que foi mui *soado* por todas aquellas partes, ficaram os amigos e liados d'elrei de Bintam mui quebrados. Bar. Dec. 3.ª L. 3.º C. 6. p. 298.

SOFRIDO.

Que soffre, que tem soffrimento.

VISTO.

Que viu, que sabe; v. gr. — Ho-

mem mui *visto* em varios ramos de Administração.

Visto, significa tambem: que vê actualmente.—D'aqui a elegantissima phrase: A olhos *vistos*; i. é, a olhos que vêem, que estão a ver.

A olhos *vistos* a não se ía ao fundo. Bar. Dec. 2.^a L. 2.^o C. 8.^o p. 200.

Tomam egualmente significação activa varios participios do preterito que se empregam como substantivos; v. gr.

ACHADA.

Acto de achar.

ARADA, ant.

Acção de arar, o trabalho da lavoura.

Quando vieres da *arada*,
Comerás sardinha assada.

Gil. Vic. Obr. T. 1.^o p. 170.

No latim da edade media achâmos *arada* com a significação de *aratio*; i. é lavoura, trabalho de lavrar:

Debet etiam habere duas bestias de *arada* cum suis apparatus. Jacobus 1. Rex Aragon. in Foris Oscæ, An. 1247. Apud Du Cange.

ARREMETTIDA.

Acção de arremetter.

ASSOMADA.

Terra que assoma, que se eleva; teso, altura.

Se fez forte em uma *assomada*.

Goes, D. João, C. 79, p. 183.
 Chegou a uma alta *assomada*,
 Tudo lhe pareceu nada
 Quanto se d'alli descobre.
 Sá de Mir. Cart. 3.^a n.º 12.

ATTENTADO.	Acto attentatorio da justiça, das leis, etc.
ATTESTADO.	Documento que attesta; certidão.
BATIDA.	Acção de bater; montaria; v. gr. Dar uma <i>batida</i> aos lobos.
CINGTA.	Faxa, ou tira que cinge.
COBERTA.	Cobertura, panno de cobrir.
COBERTO.	Tecto, telhado que cobre; v. gr. estar debaixo de <i>coberto</i> .
DESCOBERTA.	(T. milit.) Acto de descobrir o campo.
DESFOLHADA.	O trabalho de desfolhar o milho.
ENTRADA.	Acto de entrar.
ESCOLHEITA, ant.	Acto de escolher. Nobiliar. do Conde D. Pedro. p. 47.
ESTALADA.	Que estalou, que estala; motim, espalhafato; v. gr. Fazer uma grande <i>estalada</i> .
FILHADA. (obsol.)	Acção de filhar; tomada. Nobiliar. do Conde D. Pedro, p. 67.

FINADO.	Que se finou, defuncto.
GALOPADA.	Acto de galopar.
INVESTIDA.	Acção de investir; assalto.
MANDADO.	Ordem imperativa; escripto em que se manda alguma coisa.
MANIFESTO.	Escripto que manifesta, ou declara alguma coisa.
MEDIDA.	Vara que mede.
NASCIDA.	Tumor que nasceu.
PASSADO (obsol.)	Que passou, defuncto. Estando huñ dia homeês solterando huñ <i>passado</i> , ouverom temor dos ladrões, e lançaram o corpo morto em o muimento do profeta Helyseu. Inedit. d'Alcob. T. 3.º p. 67.
PICADA.	Pungimento, golpe que punge.
QUEIMADA.	Incendio que queima o mato.
TRAÇADO.	Espada que corta a través, ou atravessando.
TRACTADO.	Livro que tracta de alguma materia scientifica.
SABIDA.	Acto de sahir. It. (t. milit.) sortida feita por tropa.

SIGNIFICADO.

Palavra que tem força de significar, que significa alguma coisa.

VISTA.

O sentido de ver.

Art. 3.º

Participios Activos do Futuro.

Os participios activos do futuro sam hoje raros na lingua portugueza, havendo-se tornado obsoletos quasi todos os que antigamente tinhamos: razão, talvez, porque nenhum de nossos grammaticos faz d'elles a menor menção. — Julgâmos, todavia, não dever omittil-os.

ASCENDEDOURO.

Part. fut. de ascender. Em latim *ascensurus* o que ha de subir.

Aquel exalcamento d'omildade de vida celestial, aa qual é *acendadoiro* per homildade da presente vida. Versão da Regra de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 263.

ESCORREGADOURO.

Que ha de fazer escorregar, ou cahir, e, no sentido figurado, que ha de fazer peccar.

Desprezem todallas cousas *escorregadoyras*. Vida Monast. L. 2.º C. 18, in fine.

IDOURO.

Do latim *iturus*, o que ha de ir.

Ainda a ssi huñs outros obedeescam os ffrades, sabentes per aquesta carreyra da obedeença ssi *idoiros* a Deus. Vers. da Regr. de

S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.^o
p. 289.

Estes participios acham-se tambem confundidos com os *passivos do futuro*, em vez dos quaes os vemos frequentemente usados; v. gr.

Nem chus aga aguça das cousas traspassadas e teerraes, e cayvis, mays sempre cuide ca recebeu almas *regedoiras* das quaes é rendedoyro rasom. Versão da Regra de S. Bento, Inedit. d'Alcob. T. 1.^o p. 257.

E assim outros muitos hoje inteiramente obsoletos.

Os que ainda se conservam em uso, e que ora nos lembram sam: *duradouro*, *morredouro*, *immorredouro*, *vindouro*, (1) e *vividouro*.

Muitos substantivos portuguezes tomaram a fórma d'estes participios; sendo notavel que quasi todos ficaram conservando uma tal ou qual idéa de acção futura: o que faz crer que em seo principio foram participios do futuro, que depois vieram a substantivar-se. — Para exemplo appontaremos os seguintes:

Alevadouro. Peça de madeira que é para levantar a pedra da atafona.

Amassadouro. Logar que é para 'nelle se amassar. (2)

(1) *Vindouro* usa-se geralmente como substantivo; mas tambem o achâmos como participio; v. gr.: Sguardante nas cousas *vijdoiras*. Leal Conselh. C. 59, p. 213, Ediç. de Lisboa.

(2) Não pareça extranha a translação da idéa de *pessoa* ou *coisa* para a de *logar onde*; porque esta mesma translação se

- Anchoradouro.* Logar que é para 'nelle se anchorar.
- Bebedouro.* Vaso que é para 'nelle beber o passaro que está na gaiola.
- Cevadouro.* Logar que é para 'nelle se pôr a ceva aos animaes. It. fig. Dativa, presente para captar o animo a alguem.
- Cingidouro.* Faxe que é para cingir.
- Desembarcadouro.* Logar que é para 'nelle se desembarcar.
- Envolvedouro.* Panno que é para envolver.
- Enxugadouro.* Logar que é para 'vello se enxugar roupa.
- Esperadouro.* Logar apprazado para 'nelle se esperar alguem. — E' vocabulo mais significativo que o *rendez-vous* de que usam os larelos, e ao qual deve ser preferido, não só por ter cunho portuguez, senão por ser já corrente nas ilhas dos Açores.

dá em todas as linguas: v. gr. em portuguez Alcorão, livro da seita de Mafoma, é tambem o logar onde se explica esse livro, i. é Mesquita; *alentos*, do latim *anhelitus*, significa a respiração, e tambem, (t. de alveit.) os canaes por onde o cavallo respira; — em latim *cuniculus*, o coelho, é tambem a toca onde este animal se agasalha; *strix*, a coruja, é, por outra parte, o vão da columna onde a mesma busca guarida; — em francez *lezard*, o lagarto, significa tambem a fenda, ou racha na parede, onde ordinariamente se acolhe este reptil, etc. etc.

- Lavadouro.* Logar que é para 'nelle se lavar roupa.
- Miradouro.* Chamam assim nas ilhas dos Açores a uma parte destacada e elevada sobre o edificio, d'onde se avistam os contornos. Propriamente logar que é para d'elle observar ou descobrir.
- Suadouro.* Remedio que é para fazer suar.
- Travadouro.* Ferro que é para travar a roda.
- Vasadouro.* Logar onde os navios se ham de pôr na vasa, ou lodo, para se calafetarem. Man. God. de Eredia, Inform. da Aurca Cherson.

Art. 1.º

Participios Passivos do Preterito.

Os participios do preterito leem a forma *ado, a, ido, a*, do latim *atus, a, itus, a*; a qual varia do masculino para o feminino, e do singular para o plural quando a significação dos mesmos é passiva. — Então junctam-se aos verbos *ser* e *estar* com os quaes se conjugam, como v. gr. *sou louvado*, ou *louvada*, *estamos prevenidos*, ou *prevenidas*. — Servem tambem de adjectivos verbaes, concordando com os substantivos para lhes modificar a accepção; por exemplo: exercito *derrotado*, praça *entrada* e *rendida*.

Quando, porém, ajudam a formar os tempos compostos dos verbos activos, por meio dos auxiliares *ter* e *haver*, tomam *significação activa*, e não admittem varia-

ção de genero, ou de numero; razão porque muitos grammaticos os teem confundido com os supinos.

Nossos antigos classicos faziam concordar com os substantivos em genero, numero e caso os participios do preterito empregados 'nestes tempos compostos; v. gr.

«Votos que em adversidades e doenças tinha feitos e para remissão de quantas culpas tinham commettidas. Fern. Mend. Peregr. T. 2.^o C. 161, p. 317.»

«Porque sempre o achara bom servidor e leal e muito ditoso nos serviços que lhe tinha feitos. Fernão Lopes Cast. Hist. da Ind. T. 1.^o C. 1.^o»

Este uso, porém, acha-se abolido, não só pela difficuldade da concordancia, senão pelos frequentes equívocos a que dava lugar.

Muitos verbos teem dois participios dos quaes um é regular e o outro irregular; já por ser este ultimo tomado do participio latino do verbo radical, já por ser algumas vezes contracção do primeiro.

Primeira Conjugação em ar.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
ACCEITAR.	Acceitado,	Acceito.
AFFEIÇOAR.	Affeiçãoado,	Affecto.
ANNEXAR.	Annexado,	Annexo.
APROMPTAR.	Apromptado,	Prompto.
ARREBATAR.	Arrebatado,	Rapto. (1)

(1) Cam. Lus. C. 10, Est. 96.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
BOTAR,	Bolado, (1)	<i>Boto.</i> (2)
CAPTIVAR,	Captivado,	<i>Captivo.</i>
CEGAR,	Cegado,	<i>Cego.</i>
CONFESSAR,	Confessado,	<i>Confesso.</i>
ENTREGAR,	Entregado,	<i>Entregue.</i>
ENXUGAR,	Enxugado,	<i>Enxuto.</i>
ESCUSAR,	Escusado,	<i>Escuso.</i>
EXCEPTUAR,	Exceptuado,	<i>Excepto.</i>
EXPRESSAR,	Expressado,	<i>Expresso.</i>
EXPULSAR,	Expulsado,	<i>Expulso.</i>
FARTAR,	Fartado,	<i>Farto.</i>
FINDAR,	Findado,	<i>Findo e Finto.</i> (3)
FIXAR,	Fixado,	<i>Fixo.</i>
GASTAR,	Gastado,	<i>Gasto.</i>
IGNORAR,	Ignorado,	<i>Ignoto.</i>
INFESTAR,	Infestado,	<i>Infesto.</i>
INQUIETAR,	Inquietado,	<i>Inquieto.</i>
JUNCTAR,	Junctado,	<i>Juncto.</i>
LIMPAR,	Limpado,	<i>Limpo.</i>
MANIFESTAR,	Manifestado,	<i>Manifesto.</i>
MATAR,	Malado,	<i>Morto.</i>
MISTURAR.	Misturado,	<i>Misto.</i>

(1) Considerando que havia de falar entre lettrados consummados e engenhos florentes e affiados, quaes os conheçera no pulpito e nas disputas, julgava o seo por mais *botado* e froxo do que na verdade era. Souza, Vid. do Arc. T. 2.º L. 4.º C. 11, p. 54.

(2) Aqui ficam do imigo as armas *botas*.

Ferr. Poem. Lusit. Sonet. 41.

(3) Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 250. Ed. de Hamburg.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
MOLESTAR,	Molestado,	Molesto.
MURCHAR,	Murchado,	Murcho.
OCCULTAR.	Occultado,	Occulto.
PAGAR,	Pagado,	Pago.
PROFESSAR,	Professado,	Professo.
QUIETAR,	Quietado,	Quieto.
REJEITAR,	Rejeitado,	Rejeito.
REQUISITAR.	Requisitado,	Requisito.
SALVAR,	Salvado,	Salva.
SECCAR,	Seccado,	Secco.
SEGURAR,	Segurado,	Seguro.
SEPULTAR,	Sepultado,	Sepulto.
SOLTAR,	Soltado,	Solto.
SURJEITAR,	Subjeitado,	Subjeito.
SUSPEITAR,	Suspeitado,	Suspeito.
VAGAR,	Vagado,	Vago.
VOLTAR.	Voltado,	Volto. (1)

Segunda Conjugação em er.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
ABSOLVER,	Absolvido,	Absoluto(2), Absolto.
ABSORVER,	Absorvido,	Absorto.
ACCENDER,	Accendido,	Acceso.

(1) E' igualmente part. de *volver*.

(2) Pronunciando antes da sentença dos juizes, ou o castigo aos que haviam de ser condemnados, ou a soltura e liberdade aos que sahiam *absolutos*. Vieir, Serm. T. 6.º p. 147, col. 2.ª

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
ATTENDER,	Attendido,	Attento.
COLHER,	Colhido,	Colheito, ant.
COMER,	Comido,	Comesto, ant.
CONCEDER,	Concedido,	Concesso, ant. (1)
CONTER,	Contido,	Conteudo.
CONVENCER,	Convencido,	Convicto.
CONVERTER,	Convertido,	Converso.
CORROMPER,	Corrompido.	Corrupto.
COSER,	Cosido,	Coseito. (2)
DEFENDER,	Defendido.	De feso.
DESCREVER,	Descrevido,	Descripto.
DESPENDER,	Despendido,	Despeso. (3)
DIFFUNDIR,	Diffundido,	Diffuso.
DISSOLVER,	Dissolvido,	Dissoluto.
ELEGER,	Elegido,	Eleito.
ENVOLVER,	Envolvido,	Envolto.
ESCOLHER,	Escolhido,	Escolheito. (4)
ESCREVER,	Escrevido,	Escripto.
ESCURECER,	Escurecido,	Escuro.
EXTENDER,	Extendido,	Extenso.
INCORRER,	Incorrido,	Incurso.
INTERROMPER,	Inierrompido,	Interrupto. (5)
MANTER,	Mantido,	Mantiudo.

(1) Vida Monast. L. 2.º C. 8.º p. 352. e C. 10, p. 368.

(2) Bar. Dec. 2.º L. 1.º C. 4.º

(3) Vida Monast. L. 1.º C. 1.º p. 20.

(4) Ibid. L. 1.º C. 16, p. 182.

(5) Arraes, Dial. 7.º C. 19, in princ.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
MORRER,	Morrido,	Morto.
NASCEr,	Nascido,	Nado.
PERVERTER,	Pervertido,	Perverso.
PRENDER,	Prendido,	Preso.
PRESCREVER,	Prescrevido,	Prescripto.
QUERER,	Querido,	Quisto.
RECOZER,	Recozido,	Recopto(1) e Recoito.
REFRANGER,	Refrangido,	Refracto.
REMOVER,	Removido,	Remoto.
REPREHENDER.	Reprehendido,	Reprehenso. (2)
RESOLVER,	Revolvido,	Resoluto.
RETER,	Retido,	Reteudo.
REVOLVER,	Revolvido,	Revolto.
ROMPER,	Rompido.	Roto.
SOBREPREHENDER,	Sobreprehendido,	Sobrepreso.
SUBMETTER,	Submettido,	Submisso.
SUSPENDER,	Suspendido,	Suspensio.
TANGER,	Tangido,	Tacto.
TER,	Tido,	Teudo. ant.
TOLHER,	Tolhido,	Tolheito. (3)
TORCER,	Torcido,	Torto.
TENDER,	Tendido,	Tenso e Teso.

(1) Bar. Dec 3.º L. 5.º C. 9.º p. 638.

(2) Por tal, que seado dessa verdadeira luz *reprehensos* e corrigidos se tornem, e corrigendo seos passos sejam feitos luz. Vid. Monast. L. 2.º C. 18, p. 454.

(3) A esta porta speciosa estava pedindo o *tolheito* que o glorioso apostolo S. Pedro sarou, indo orar ao Templo. Pant. d'Aveiro, Itiner. C. 42, fol. 139.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
VOLVER,	Volvido,	Volto. (1)

Terceira Conguagação em ir.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
ABRIR,	Abrido,	Aberto.
ABSTRAHIR,	Abstrahido,	Abstracto.
ACQUIRIR,	Acquirido,	Acquisito. (2)
AFFLIGIR,	Afligido,	Afflicto.
ASPERGIR,	Aspergido,	Asperso. (3)
ASSUMIR,	Assumido,	Assumpto. (4)
CINGIR,	Cingido,	Cincto. (5)
CORRIR,	Cobrido,	Coberto.
COMPELLIR,	Compellido,	Compulso.
CONCLUIR,	Concluido,	Concluso.
CONFUNDIR,	Confundido,	Confuso.
CONTRAHIR,	Contrahido,	Contracto.
CONTUNDIR,	Contundido,	Contuso.
DEVOLVER,	Devolvido,	Devoluto.
DIFFUNDIR,	Diffundido,	Diffuso.

(1) *E volto* ao povo lhe fez uma fala. Duarte Nunes, Chron. de D. Affonso 5.º C. 1.º p. 83, mihi.

E volto contra os seus todo alegre, lhes disse. Resende, Vida do Inf. D. Duarte, C. 8.º p. 26.

(2) *Sciencia acquisita*. Vieir. Serm. T. 6.º p. 277, col 2.º

(3) Arraes, Dial. 3.º C. 21, fol. 110 v.

(4) Sendo já *assumpto* á purpura Cardinalicia o padre João de Lugo. Man. Bernard. Nov. Floresta, T. 3.º p. 336.

(5) *Espadas cintas*. Fernão Lopes, Chron. d'Elrei D. João 1.º Prim. Part. C. 10, p. 17.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
DIGERIR,	Digerido,	<i>Digesto.</i> (1)
DIRIGIR,	Dirigido,	<i>Directo, e Direito.</i>
DISTINGUIR,	Distinguido,	<i>Distincto.</i>
DIVIDIR,	Dividido,	<i>Diviso.</i> (2)
ENCOBRIR,	Encobrido,	<i>Encoberto.</i>
ERIGIR,	Erigido,	<i>Erecto.</i>
EXCLUDIR,	Excluido,	<i>Excluso.</i>
EXIMIR,	Eximido,	<i>Exempto.</i>
EXHAURIR,	Exhaurido,	<i>Exhausto.</i>
EXPELLIR,	Expellido,	<i>Expulso.</i>
EXPRIMIR,	Exprimido,	<i>Expresso.</i>
EXTINGUIR,	Extinguido,	<i>Extincto.</i>
EXTORQUIR,	Extorquido,	<i>Extorto.</i> (3)
EXTRAHIR,	Extrahido,	<i>Extracto.</i>
FRIGIR,	Frigido,	<i>Frito.</i>
ILLUDIR,	Illudido,	<i>Illuso.</i>
IMPRIMIR,	Imprimido,	<i>Impresso.</i>
INCLUDIR,	Incluido,	<i>Incluso.</i>
INCORRER,	Incorrido,	<i>Incurso.</i>
INDUZIR,	Induzido,	<i>Inducto.</i>
INFUNDIR,	Infundido,	<i>Infuso.</i>
INSERIR,	Inserido,	<i>Inserto.</i>

(1) Vieir. Serm. T. 4.º p. 155, col. 2.º — Heitor Pinto, Imag. P. 1.ª Dial. 3.º C. 7.º p. 101, col. 1.ª

(2) Bar. Dec. 4.ª L. 9.º C. 16, p. 559. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 22, fol. 53 v. Arraes, Dial. 3.º C. 4.º fol. 82.

(3) Licenças extortas e violentas. Man. Bernard. Estimul. Pract. p. 403.

<i>Verbos.</i>	<i>Part. Regul.</i>	<i>Part. Irregul.</i>
INSTRUIR,	Instruido,	<i>Instructo.</i> (1)
INTRODUZIR,	Introduzido,	<i>Introducto.</i>
OMITTIR,	Omittido,	<i>Omisso.</i> (2)
OPPRIMIR,	Opprimido,	<i>Oppresso.</i>
REPELLIR,	Repellido,	<i>Repulso.</i>
REPRIMIR,	Reprimido,	<i>Represso.</i>
RESTRINGIR,	Restringido,	<i>Restricto.</i>
SUBMERGIR,	Submergido,	<i>Submerso.</i>
SUPPRIMIR,	Supprimido,	<i>Suppresso.</i>
SURGIR,	Surgido,	<i>Surto.</i>
TINGIR,	Tingido,	<i>Tincto.</i>

Todas as fórmãs d'estes participios sam, como se vê, essencialmente latinas, cumprindo observar que até os mesmos verbos que temos com raizes de origem diferente, formam participios irregulares com terminações identicas ás dos participios irregulares latinos, no que assás se mostra o genio da lingua portugueza. — Devemos tambem observar que estes ullimos participios sam os de que quasi exclusivamente usa o nosso vulgo, ao qual devemos ir procurar as primitivas fórmãs de todas as palavras. — Assim, na bocca d'este acharemos *arrepeso* em vez de arrependido; *confesso* em vez de confesado; *despeso* (3) por despendido; *nado* por nascido, e outros muitos com as dictas fórmãs irregulares; excepto os de certa ordem, de que o povo nunca se serve, e dos quaes mesmo não lem conhecimento; como sam: *asperso*, *refracto*, *assumpto*, *extorto*, *exhausto*, *restricto*, etc.

(1) Se não está inda bem *instructo*. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 17, p. 108.

(2) Na acceção de *descuidado*, que se não dá de coisa alguma, tambem é latino; v. gr. *omisso animo esse*. Ter.

(3) Fazenda *despesa*, dice Bar. Dec. 1.^a L. 1.^o C. 11.

Os participios que teem fôrma regular sam geralmente os que se conjugam com os verbos *ter* e *haver*; porque denotam uma acção *feita* ou *executada*; o que os outros não indicam, sendo apenas meros adjectivos verbaes que designam uma qualidade subsistente no sujeito, sem relação alguma com o exercicio da mesma, como todos os adjectivos que não sam verbaes. — Assim, não podemos dizer: *temos afflicto* *alguem*, em vez de *temos affligido*; porque *afflicto* pode ser um estado não promovido ou causado por outrem; e *affligido* quer dizer *feito afflicto*; pelo que, *temos affligido* significa: *temos feito* o acto de affligir, ou *temos feito* com que *alguem* ficasse *afflicto*. (1)

Os participios irregulares portuguezes não proveem geralmente dos nossos verbos, por haverem sido tomados na maxima parte dos participios latinos, onde lhe devemos ir buscar a origem. Ora, como muitos d'estes participios se acham hoje substantivados, e sam usados como nomes, segue-se que é nos referidos participios que estes mesmos teem a raiz, e em que só lh'a podemos encontrar. Por exemplo:

ACTO.	De <i>actus</i> , part. de <i>ago, is</i> , obrar, fazer, produzir, etc.
ASSUMPTO.	<i>Assumptus</i> , part. de <i>assumo, is</i> , tomar, usurpar, arrogar.
COLHEITA.	<i>Collecta</i> , part. fem. de <i>colligo, is</i> , ajuntar, recolher.

(1) Conta-se que no MS. que da Vida do Arcebispo deixou Fr. Luiz de Sousa, se viam 'numa pagina as palavras: *linha morto, e linha malado* muitas vezes repetidas e outras tantas riscadas; como indicando que seo A. se achara perplexo sobre qual das fôrmas devesse preferir; notando-se que, a final, se decidira por *linha malado*.

A razão da preferencia que deve ter a referida fôrma, é a que dicemos, e fica explicada no texto.

CONFÊSSO. (l. vulg.) {
i. é confissão. } *Confessus*, part. de *confiteor*, *eris*,
confessar.

CONTRACTO. *Contractus*, part. de *contraho*, *is*,
contrahir.

DEBITO. *Debitus*, part. de *debeo*, *es*, dever.

DEFENSA. *Defensa*, part. fem. de *defendo*,
is, defender.

DIVISA. *Divisa*, part. fem. de *divido*, *is*,
dividir.

EGRESSO. *Egressus*, part. de *egredior*, *eris*,
sahir para fóra.

ENXERTO. *Insertus*, part. de *insero*, *is*, in-
troduzir, metter, enxertar.

EREITA. *Erecta*, part. fem. de *erigo*, *is*,
levantar. Altura, teso.

Foy a elle per hũa mui gran-
de *erreyta* acima per onde elle de-
cia. Chron. do Condest. C. 53, p.
170.

Ereita era tambem uma espe-
cie de treta de que usavam os luc-
tadores, levantando o adversario
ao ar para derribal-o; v. gr.

Não me valeu co'elle *ereita*,
nem sopé. Sá de Mir. Extrang.
T. 2.º p. 155.

ESCRIPTO. *Scriptus*, part. de *scribo*, *is*, es-
crever.

ESTRADA.	<i>Strata</i> , part. fem. de <i>sterno</i> , <i>is</i> , derribar, applanar.
FACTO. (feito, acto)	<i>Factus</i> , part. de <i>facio</i> , <i>is</i> , fazer, executar.
FLUXO.	<i>Fluxus</i> , part. de <i>fluo</i> , <i>is</i> , correr, manar.
FOSSO.	<i>Fossus</i> , part. de <i>fodio</i> , <i>is</i> , cavar.
HABITO.	<i>Habitus</i> , part. de <i>habeo</i> , <i>es</i> , ter, possuir, occupar.
INFUSA. i. e. cantharo.	<i>Infusa</i> , part. fem. de <i>infundo</i> , <i>is</i> , lançar por cima, ou dentro.
INVENTO.	<i>Inventus</i> , part. de <i>invenio</i> , <i>is</i> , achar.
NEXO.	<i>Nexus</i> , part. de <i>necto</i> , <i>is</i> , atar.
PASSO.	<i>Passus</i> , part. de <i>pando</i> , <i>is</i> , abrir.
PASTO.	<i>Pastus</i> , part. de <i>pasco</i> , <i>is</i> , pas- tar.
POSSESSO.	<i>Possessus</i> , part. de <i>possideo</i> , <i>es</i> , possuir, estar de posse.
POTE.	<i>Potus</i> , part. de <i>poto</i> , <i>as</i> , beber.
PROGRESSO.	<i>Progressus</i> , part. de <i>progredior</i> , <i>eris</i> , caminhar, ir por deante.
PROMESSA.	<i>Promissa</i> , part. fem. de <i>promitto</i> , <i>is</i> , prometter, dar palavra.

REGATO.	<i>Rigatus</i> , part. de <i>rigo</i> , <i>as</i> , regar, banhar.
REPULSA.	<i>Repulsa</i> , part. fem. de <i>repello</i> , <i>is</i> , repellir, rebater.
REMISSA, (l. do jogo do voltarete.) }	<i>Remissa</i> , part. fem. de <i>remitto</i> , <i>is</i> , remittir, largar.
RAPTO.	<i>Raptus</i> , part. de <i>rapio</i> , <i>is</i> , arrebatár.
SUBJEITO.	<i>Subjectus</i> , part. de <i>subjicio</i> , <i>is</i> , submeter.
SUETO.	<i>Suetus</i> , part. de <i>suesco</i> , <i>is</i> , costumar.
TACTO.	<i>Tactus</i> , part. de <i>tango</i> , <i>is</i> , tanger, locar.
TECTO.	<i>Tectus</i> , part. de <i>tego</i> , <i>is</i> , cobrir, tapar.
TESO. i. e. collina, outeiro. }	<i>Tensus</i> , part. de <i>tendo</i> , <i>is</i> , forcejar por subir.
TEXTO.	<i>Textus</i> , part. de <i>texo</i> , <i>is</i> , tecer, compor, escrever.
TINCTA, OU TINTA.	<i>Tincta</i> , part. fem. de <i>tingo</i> , <i>is</i> , tingir.
TÔSA.	<i>Tusa</i> , part. fem. de <i>tundo</i> , <i>is</i> , bater, açoitar.
UNCTO, OU UNTO.	<i>Unctus</i> , part. de <i>ungo</i> , <i>is</i> , unctar, ungir.

Alguns nomes portuguezes que proveem de verbos latinos que não teem participios, sam immediatamente formados dos supinos dos referidos verbos; como v. gr. defluxo, de *defluxum*, supino de *defluo, is*, correr para baxo; sesso de *sessum*, supino de *sedeo, es*, sentar-se; tento (de jogar), de *tentum*, supino de *teneo, es*, ter, conservar, etc.

Art. 5.º

Participios Passivos do Futuro. (1)

Dos participios passivos do futuro os poucos que temos não perderam inteiramente a significação que lhes é propria; v. gr.

ADMIRANDO.

Que é para ser admirado :

Lá para onde o sol sahe,
 Descobrimos navegando
 Um novo rio *admirando*,
 Que o lenho que nelle cahe
 Em pedra se vac tornando.
 Cam. Carl. a uma Dama.

ADORANDO.

Que é para ser adorado ; que é digno de ser adorado.

(1) Querem alguns grammaticos que estes participios não sejam do futuro.— Sanches diz que não denotam tempo certo; e Perizonio, nas notas a Sanches, quer que taes participios sejam do tempo presente.— Como estas questões não tocam de perto o assumpto que tractamos, não entraremos nellas, e seguiremos a opinião commum dos grammaticos, sem, todavia, desconhecer que exemplos ha pelos quaes se não pode negar razão a Sanches. Vid. Minerv. L. 1.º C. 15.

Phebo e Diana dos bosques se-
nhora
Brilhante honra do Ceo, ó ado-
radores

Sempre e adorados.

Elp. Dur. Lyr. de Hor.

T. 2.º p. 289.

CONSOLANDO.

Que tem de ser consolado; que me-
rece ser consolado.

... Se mostra
Pura e brilhante á *consolanda*
gente.

Fil. Elis. Os Martyr.

L. 23, p. 407.

CULPANDO.

Que tem de ser culpado.

... Se estes principios
Vos cançam, se instiguei *cul-*
pandas armas,
Ide acenar á Não.

Id. Versão da Seg. Guer.

Pun. de Sil. Ital. C. 1.º

p. 326.

EXPIANDO.

Que tem de ser expiado, que ha-
de vir a ser expiado.

Entre os desprezos desta *ex-*
pianda angustia

Faltado o general, em susto o
exercito,

Pedem com vivo empenho á
uma Hannibal.

Fil. Elis. Versão da Seg.

Guer. Pun. de Sil. Ital.

C. 1.º p. 290 e seg.

INVEJANDO.

Que hade ser invejado.

Sem cuidar d'onde os marmores me venham

Para *invejandos* porticos.

Fil. Elis. T. 2.º p. 101. Ed. de Paris 1801.

TOCANDO.

Que é para ser tocado, que deve ser tocado.

Se, com tudo, os baixéis impios trespassam

Os não *tocandos* mares.

Elp. Dur. Lyr. de Hor. T. 1.º p. 21.

Estes, porém, só se empregam em linguagem poética. — Na commum, ou vulgar, apenas ficaram: *educando*, *expropriando*, (1) *multiplicando*, *examinando*, *doctorando*, *ordinando*, e poucos mais.

Alguns perderam toda a idéa de tempo futuro, ou antes sam de todos os tempos, como *abominando*, *execrando*, *miserando*, (2) *venerando*, *puendo*, *reverendo*, etc.; mas isto mesmo acontece em latim.

Dos participios do futuro parece que se formaram varios nomes femininos, os quaes não só teem uma terminação identica, senão que indicam uma tal ou qual idéa de acção passiva futura: v. gr.

(1) Lê-se este participio 'num Decreto regio, datado de 4 de dezembro de 1855, e referendado pelo ministro do Reino, interinamente encarregado da pasta do ministerio das obras publicas, commercio e industria, o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães.

(2) Se o cruel fado, ó *miserando* e bello
Mancebo vences, tu serás Marcello.

J. Franco Barret. Encid. L. 6.º E. 199.

- LOGANDA.** Casa que é para ser allogada : do latim *loco, as*, allogar.
- VIANDA.** Do verbo latino antigo *vio, as*. Provisão que é para ser levada, ou conduzida. It. mantimento para o caminho. — Nos Capitulares de Carlos Magno de 803, lê-se : « Nullus audeat in nocte negotiari ; excepto *vivenda* et foddro, quod *iter agentibus necessaria sint* : » trecho que parece confirmar a significação que lhe damos.
- LEGENDA.** Do part. fem. do fut. *legenda*, do verbo *lego, is*. Inscrição que é para ser lida.
- LENDÁ.** Contração, ou abreviatura de *legenda*.
- MOENDA.** Machina que é para 'nella se moer.
- OFFERENDA.** Do part. fem. fut. *offerenda* do verbo *offero, fers, erre*, offerecer. Coisa que hade ser offerecida.
No lat. barb. achámos : *Offerenda*, oblatio panis et vini *ad sacrificium*. Du Cange, Glossar. ad Scriptores, etc.
- VIVENDA.** Casa, mansão que é para 'nella se viver.
No tracto e *vivenda* sam separados de toda outra gente. Fr. Gaspar da Cruz. Tract. da China, C. 1.º p. 15.

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

PARTE SEGUNDA

DA PALAVRA CONJUGAVEL.

TITULO UNICO.

DO VERBO.

CAPITULO I.

O verbo (*verbum*) é a palavra por excellencia ; o termo com que expressâmos uma acção, estado, ou paixão, declarando o modo, o tempo, a pessoa e o numero.

Ha, por tanto, no verbo *uma certa maneira de expressar* ; e 'nesta maneira de expressar se pinta necessariamente a fórma porque vemos, sentimos e julgâmos. (1)

D'isto se colhe ser o verbo uma das vozes em que mais particularmente devemos achar expresso o genio da lingua.

(1) Tractando Du Marsais da conjugação dos verbos inglezes, e bem assim dos participios, escreve o seguinte :

«Coming est le participe du present de *to come*, arriver, et signifie *l'action d'arriver*, de *venir*, ce que notre participe *arrivant* ne rend point. Les anglais disent *his coming*, son arrivée, sa venue, son action d'arriver ; et l'idée qu'ils ont alors dans l'esprit, n'a pas la même forme que celle de la pensée que nous avons, quand nous disons *venant*, *arrivant*. — C'est de la différence du tour, de l'imagination, ou de la différente manière dont l'esprit est

Art. 1.º

Do Verbo no Modo Infinito.

Tanto os verbos portuguezes, como os latinos, constam no infinito de um radical, que é usualmente um nome mutilado, e da desinencia, ou terminação, que é uma voz designativa de acção. — Nisto consiste essencialmente todo o mechanismo dos mesmos. A acção que a desinencia indica depende do nome, ou do radical a cuja significação é accommodada; porém rigorosamente denota movimento; como: *levar, trazer, obrar, dispor, crear, produzir*, etc., o que nos induz a crer que a referida desinencia é formada do verbo *aro, as*, que propriamente significa *lavar a terra*, e de que se deduzem todas as referidas acceções. (1) — Passemos a provar isto com alguns exemplos.

affecté, que l'on doit tirer la différence des idiotismes et du génie des langues.» Oeuv. de Du Marsais, Melang. de Gramm. de Philos. etc. T. 4.º p. 356 et suiv.

«On rend l'anglais par un équivalent français, qui ne donne pas l'idée juste du tour littéral anglais, ce qui est pourtant le point que cherchent ceux qui veulent apprendre une langue étrangère; par exemple, *i do dine*, on traduit je dine; *thou dost dine*, tu dines; *he does dine*, il dine. I marque la première personne, *do* veut dire *faire*, et *dine*, diner; il faudroit donc traduire, *je ou moi faire dîner*, *tu fais dîner*, *il ou lui fait dîner*, etc. Ibid.

(1) A fórma *are* de que tractámos, apparece tambem com a significação de *levar, trazer, obrar, produzir*, etc., nas desinencias dos nomes adjectivos e substantivos, accabados em *arius, a, um*; compondo-se esta desinencia da infinitiva *are*, e da fórma *us, a, um*, que denota os individuos de cada um dos generos; por exemplo: *Operarius*, o que *faz obra*; *adversarius*, o que *obra contra*; *thuribularius*, o que *leva, traz, move, ou opera com thuribulo*; *sagittarius*, o que *traz, move, produz*, i. é despede settas; e assim outros muitos.

ADORAR.

Do lat. *dextram ad os agere*; i. é levar a mão até a bocca, em signal de affecto e respeito, á maneira dos romanos. (1)

Note-se que o verbo lat. *agere* é composto da raiz *ac*, ou *ag*, e da desinencia infin. *are*, mudada em *ere*.

AFFRONTAR.

De *ad frontem agere*, dirigir á frente; propriamente encarar: v. gr. — *o perigo*. It. *lançar á frente*, i. é o doesto, a injuria. — D'aqui a idéa moral de causar injuria.

AMAR.

Do radical *am*, designativo do sentimento de amor, e desinencia infin. *ar*, que denota uma acção appropriada: i. é *exercer*, *cultivar* amor, *tributar*, *consagrar* este sentimento.

AMARUJAR.

De *amarum agere*, obrar, produzir amargo; i. é *ter*, *causar*, *promover* sabor amargo.

AMEAÇAR.

De *ameaça*, e des. infinitiva, ou do lat. *minacias agere*, fazer ameaças.

APPORTAR.

De *porto* e des. infinitiva. Tomar, ganhar, chegar, afferrar o porto.

(1) In adorando dextram ad osculum referimus, totum corpus circumagimus. Plin.

APRISCAR.

De *aprisco*, e des. infinitiva. Abri-
gar, recolher em aprisco; levar,
conduzir ao aprisco. Gil Vic. Obr.
T. 1.º p. 355.

BLASONAR.

De brasão, e des. infinitiva. Pro-
priamente *escrever*, ou *pintar* no
brasão; d'onde a idéa de ostentar
nobreza, façanhas, etc.

Blasonare, delineare figuras in
scutis gentilitiis. Du Cange, Glos-
sar. ad. Scriptores, etc.

CALLEGEAR.

Do lat. *calles*, ruas, e des. infin.
agere, i. é correr, divagar, fre-
quentar ruas; d'aqui a idéa de
vadiar. O castelhano diz *callegear*,
onde melhor se conhece a etymo-
logia.

CASAR.

De casa, e des. infinitiva. Levar
para casa a mulher. Os latinos di-
ziam *uxorem ducere*, o que é o
mesmo. (1)

O verbo *casar* pede depois de
si a preposição *com*, que denota
companhia, de que se infere a da
mulher; sendo, por tanto, *casar*

(1) L'analogie des idées peut être marquée par des caractères très différents d'une langue à l'autre. Beauzée, Gramm. Gen. T. 1.º p. 492.— Para comprovarmos a verdade d'este texto que já 'noutra parte citámos, produziremos um exemplo: *Ut rogas*, era uma fórmula usada entre os romanos pela qual o povo deferia, ou approvava a lei que lhe era proposta. Entre nós os juizes que approvam os requerimentos que lhe sam dirigidos, costumam pôr por despacho: — *Como pede*. — As palavras sam diferentes; mas a analogia das idéas é rigorosamente a mesma.

o acto de ir cohabitar com mulher.

CASTIGAR.

Do lat. *castigare*, composto de *castum agere*, fazer, tornar casto.

Sunt qui *castigo* censeant esse à latino *castus*, notaréque *castum reddo*: imo Perottus compositum putat, dicique quasi *castum ago*. Vossii Etymol.

CRAVAR.

De cravo, e des. infin. i. é *mitter*, *introduzir* o cravo. — De cravar se fez *gravar*, cuja idéa não desdiz da primeira. — E' rigorosamente *clavum agere*.

DEIXAR.

Alterado do antigo *leixar* do latim barb. *laxare*, composto de *laxum agere*, á letra: fazer laxo, affrouxar; d'onde a idéa de largar, abandonar. *Laxare* na B. Latindade, significava *demittere*, *sinere*. Vid Du Cange, Glossar. ad Script. etc.

DEPREZAR.

Do portuguez antigo *despreçar*, composto do nome *preço*, prep. privativa *des*, e desinencia infinitiva *ar*; i. é *lirar* o preço, e, por tanto, a estima, a consideração; não ter em preço, não dar consideração.

Sairom os Sacerdotes a Nicainor rrogando-o, e mostrando-lhe os sacrificios que faziam por el-Rey Demetrio, e ele escarneceu

deles e *despreçou-os*. Inedit. d'Alcob. T. 3.^o p. 180.

ESTAR.

Do lat. *stare*, composto do radical *st*, que denota *estado fixo, postura em pé*, (1) e da desinencia verbal; querendo dizer: *obrar postura firme; conservar-se erecto; deter o movimento, permanecer, parar*.

Estar, no sentido do latim, *não se mover, parar, conservar-se imóvel*, foi vulgar em portuguez, como achamos nos A.A. classicos.

Anjo. Tomae-o, dá-lhe de pé.

Diabo. Nosso é.

Taful. *Estae*, imigos!

Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 273.

Quando falo, estou calado;

Quando *estou*, entonces ando.

Id. T. 2.^o p. 503.

Posto no chão, *estando*, ou andando em tudo era airoso, grave, e composto. Sousa, Ann. de D. João 3.^o P. 1.^a C. 4.^o p. 18.

FORNICAR.

Do lat. *fornicare*, de *fornix*, a abobada, e desinencia infinitiva *ar*; propriamente *fazer abobada*. — O povo diz *fazer forninhos*, o que

(1) *St* est le signe radical, l'expression organique et primitive que designe la *fixité*, l'*immobilité* des objects. Mech. du Lang. T. 2.^o p. 335.

contém a mesma idéa, e mostra o genio da lingua. — Tambem dizemos: *cobrir* a vacca, *cobrir* a egua, etc. com identica significação.

FUGIR.

Do latim *fugere*, composto do radical *fu*, que denota o sopro que escapa, o vento que passa, e da desinencia *agere*. A' lettra *fazer fu*, pôr-se em fugida.

FUMAR.

De fumo, e desin. infinitiva *ar*; *fazer*, produzir fumo: it. tomal-o na bocca, aspiral-o.

LER.

Do lat. *legere*, contracção de *litteras agere*. Pôr em obra, ou operar com lettras; i. é *unir*, *entender*, *interpretar* lettras.

LOBRIGAR.

De *lobrego*, corrompido do latim *lugubris*, escuro, e des. infinit. *ar*. *Ver*, *divisar*, *distinguir* no escuro, ou ver de um modo escuro, imperfeito.

LUZIR.

Do lat. *lucere*, composto de *lucem agere*; *obrar*, produzir luz, i. é *emittir* luz.

MAMMAR.

De *mamma*, e des. infinitiva. *Sugar*, *chupar* a *mamma*.

MENTAR.

De *mente*, e des. infinitiva. *Trazer* á mente, *representar*, pôr na mente; i. é *lembrar*, *recordar*: Bar. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 10, p. 351.

- MISSAR.** De *missa*, e des. infinit. i. é *ouvir, frequentar, assistir á missa*. — Bom é *missar* e a casa guardar. Proverb.
- NAVEGAR.** Do lat. *navigare*, composto de *navim agere*; *obrar, manobrar* com o navio; i. é *dirigil-o, encaminhal-o* no rumo.
- OLHAR.** De *olho*, e des. infinitiva. *Dirigir, applicar* o olho, ou a vista.
- PELEJAR.** De *prælium agere*; *obrar prelio, ou combate*.
- SOMMAR.** De *somma*, e des. infinitiva. *Unir, reduzir* a somma. E' mais conciso que o latim *in summam redigere*.
- VIAJAR.** Composto de *viam agere*; *fazer via, ou caminho*; *andar, transitar, frequentar caminhos*.

Já se vê pelos exemplos que ficam transcriptos que a desinencia infinitiva denota em cada um d'estes verbos uma acção appropriada á significação da raiz dos mesmos; vindo, por tanto, a conter uma prodigiosa diversidade de accepções, que fôra, aliás, forçoso exprimir em muitas palavras. — Esta fórma abreviada do infinito, que tam concisamente suppre um verbo de acção, contribuiu em parte para a corrupção da lingua latina; porque, costumando os romanos expressar varias acções

por um copioso numero de palavras que podiam ser substituidas por um simples nome seguido da fórma infinitiva, começaram os povos que d'elles receberam a lingua, se tambem (como julgâmos) não foram os proprios romanos que encetaram esta corrupção, a abreviar aquellas palavras desnecessarias pelo modo que referimos. — D'aqui proveiu deturparem-se muitas phrases latinas que foram substituidas por verbos tidos hoje em conta de barbaros; mas que, digâmol-o sem preconceitos, sam mais concisos, mais energicos, mais significativos, e valem mais do que as estiradas phrases do latim puro; senão vejâmos:

LATIM PURO.

LATIM BARBARO.

Ad ripam appellere.

*Adripare, arrivare.*Anchoras figere, ligare, firmare. *Anchorare.*In nihilum redigere, in nihilum
evanescere, interire. } *Annihilare.*In antiquum statum restituere. *Antiquare.*Proprium facere, rem propriam
sibi facere. } *Appropriare.*Arma dare, militem facere. *Armare.*Ad terram adhærere, trahere, ap-
pellere. } *Atterrare.*Beatorum numero adhere, adscri-
bere. } *Beatificare.*In breves redigere, describere. *Breviare.*

LATIN PURO.

LATIN BARBARO.

In canonem sanctorum referre; sanctorum numero inserere.	} <i>Canonizare.</i>
Captivum tenere, seu obducere.	<i>Captivare.</i>
Catenis vincere.	<i>Catenare.</i>
Cicatricem inducere.	<i>Cicatricare.</i>
Facere, ut quis sit contentus.	<i>Contentare.</i>
Crimen alicui impingere, de cri- mine accusare.	} <i>Criminare.</i>
Dammum inferre.	<i>Damnare.</i>
Caput amputare, securi ferire.	<i>Decapitare.</i>
Decimam levare.	<i>Decimare.</i>
De gradu dignitatis dejicere.	<i>Degradare.</i>
Famam alicujus adspargere ma- cula.	} <i>Dehonerare.</i>
In numero deorum referre.	<i>Deificare.</i>
Membra corporis auferre, discer- pere.	} <i>Demembrare.</i>
Pretium minuere.	<i>Depretiare.</i>
Deterius facere, in deterius mutari.	<i>Deteriorare.</i>
Deflectere de via.	<i>Deviare.</i>
Disciplinæ severitate in aliquem animadvertere, castigare.	} <i>Disciplinare.</i>

LATIM PURO.	LATIM BARBARO.
Lucem adferre.	<i>Elucidare.</i>
In epitomen redigere.	<i>Epitomare.</i>
In exilium agere.	<i>Exilare.</i>
Facilius aliquid reddere.	<i>Facilitare.</i>
Fama celebrare, famam diffundere.	} <i>Famigerare.</i>
Felicem esse jubere.	<i>Felicitare.</i>
Festum diem facere.	<i>Festare, sive Festivare.</i>
Fructus edere, fructus ferre.	<i>Fructificare.</i>
Habilem reddere.	<i>Habilitare.</i>
Heredem esse, hereditatem adire.	} <i>Hereditare.</i>
Imaginem rei alicujus referre, effingere.	} <i>Imaginare.</i>
In carcerem conjicere.	<i>Incarcerare.</i>
Damnum præstare.	<i>Indemnisare.</i>
Infirmum esse.	<i>Infirmare.</i>
In furcam agere.	<i>Infurcare.</i>
Injuriam alicui inferre, vel facere.	} <i>Injuriare.</i>
In regali solio collocare.	<i>Inthronizare.</i>

LATIN PURO.

LATIN BARBARO.

Titulo ornare.	<i>Intitulare.</i>
Pro justo aliquem declarare.	<i>Justificare.</i>
Meliozem facere, melius red- dere, in melius referre.	<i>Meliorare.</i>
Mentionem facere.	<i>Mentionare.</i>
Minute diffundere.	<i>Mimutare.</i>
Modum constituere, seu facere, sive ad modum.	<i>Modificare.</i>
Morti addicere.	<i>Mortificare.</i>
Muro circumducere, muro op- pidum munire.	<i>Murare.</i>
Navem frangere.	<i>Naufragare.</i>
Post tergum relinquere.	<i>Postergare.</i>
Privilegio donare.	<i>Privilegiare.</i>
Ad repentem morbum an'ever- tere; medicamentis munire valetudinem contra morbos.	<i>Præservare.</i>
Prolem gignere.	<i>Prolificare.</i>
Divulgare palam, aperte, ac palam aliquid facere.	<i>Propalare.</i>
In pulverem redigere.	<i>Pulverizare.</i>

LATIM PURO.	LATIM BARBARO.
Querelas effundere.	<i>Querelare.</i>
Ratum facere.	<i>Ratificare.</i>
Summa rerum capita adferre.	<i>Recapitulare.</i>
Ad regulam dirigere, ordine administrare, in ordinem adducere.	<i>Regularare.</i>
Scalis ascendere.	<i>Scalare.</i>
Scopis verrere.	<i>Scopare.</i>
Socium sibi adjungere.	<i>Sociare.</i>
Stanno obducere, seu illinere.	<i>Stannare.</i>
Testimonium dare.	<i>Testimoniare.</i>
Tormentis excruciare.	<i>Tormentare.</i>
Tyrannidem exercere.	<i>Tyrannizare.</i>
Unitatem facere.	<i>Unire.</i>
Vicinum esse.	<i>Vicinare, et Vicinari.</i>

Já se vê que as referidas phrases não podiam sustentar-se na bocca do povo, pelo copioso numero de palavras de que se compõem, e que, de força, haviam de resumir-se e corromper-se.

Notemos agora que o portuguez transparece já por traz do latim barbaro, ou é esse mesmo latim levemente alterado.

Art. 2.º

Do Gerundio.

O infinito dos verbos, considerado como nome, declina-se em latim, e tem tres casos que terminam em *di*, *dum* e *do*. — Estes casos, que, como se vê, pertencem à segunda declinação dos nomes, chamam-se gerundios, e sam: o primeiro *genitivo*, o segundo *accusativo*, e o terceiro *dativo* e *ablativo*. — Do ultimo, como ablativo, provém o gerundio portuguez, o qual é propriamente um caso semelhante ao latino, (1) que designa *tempo*, *acto*, *exercicio*, *causa*, *circumstancia*, etc. Tudo isto mostraremos nos seguintes exemplos:

(1) Os outros casos do infinito formam-se em portuguez por meio de preposições; v. gr.

Genitivo.

«Tinha com os montes devotos colloquios como abrasando-se em ancias *de subir* com elles.» Sousa, Vid. do Arc. T. 2.º L. 4.º C. 27, p. 101.

Dativo.

«A natureza fez o comer *para o viver*.» Vieir. Serm. T. 7.º p. 401, col. 1.ª

Accusativo.

«Lhe pediam se recolhessem *a curar*.» Couto, Dec. 5.ª L. 4.º C. 2.º p. 313.

O ablativo do infinito, de que no texto estamos tractando, fórma-se tambem por meio de preposições; v. gr.

«Assim se pagava e restaurava das occupações de dia *com dar* a noite a Deos.» Sousa, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 11, p. 76.

«Aos que tudo põem *em falar* quem faz que não ouve os açama.» Lucena, T. 2.º L. 5.º C. 10, p. 189.

«Folgae, christãos, de ouvir e saber como Deos *criando* fez todas as coisas para serviço do homem.» Lucena, T. 2.º L. 4.º C. 12, p. 103.

Criando, i. é no tempo, no acto, na occasião de criar.

«E este foi pouco mais ou menos o estado dos Ebo-
renses *florecendo* o Imperio romano.» Diogo Mendes de Vasconc. Antig. de Evora, L. 5.º

Florecendo, i. é no tempo de florescer.

«A mão na espada, irado, e não facundo.

Ameaçando a terra, o mar e o mundo.»

Cam. Lus, C. 4.º E. 14.

Ameaçando, i. é em acto de ameaçar.

«*De estarem* assim desobrigados nascem os perpetuos alevan-
tamentos.» Id. T. 3.º L. 7.º C. 3.º p. 17.

Entre a preposição e o verbo pode elegantemente metter-se
uma ou mais palavras; v. gr.

«A este fim *de* os homens *mostrarem* suas habilidades.» Bar.
Dec. 3.º L. 2.º C. 5.º p. 171.

Pode tambem a preposição ser posposta ao verbo; por exem-
plo:

«Bem vejo, dice o outro, que a amizade que com elle tereis,
vos faz desejar *pór de* vos em campo commigo sobre coisa que
beu podeis escusar.» Moraes, Palm. d'Ingl. T. 1.º P. 1.º C. 30,
p. 182.

Onde pedia a ordem grammatical que se dicesse: vos faz de-
sejar *de pór* vos em campo, etc.

« Como se aprende a esgrimir? *Esgrimindo*. Como se aprende a navegar? *Navegando*.» Vicir. Serm. T. 1.º col. 1059 e seg.

Esgrimindo, i. é com o exercicio de esgrimir. *Navegando*, i. é com o exercicio de navegar.

« Toda a terra que na China pode dar qualquer genero de fructa *recebendo* semente é aproveitada.» Fr. Gasp. da Cruz, Tract. da China, C. 9.º

Recebendo i. é por meio de receber.

« As Halcyoneas aves triste canto
Juncto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seo passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.»

Cam. Lus. C. 6.º E. 77.

Lembrando-se, i. é por causa, por motivo de se lembrarem.

« Já a manhan clara dava nos oiteiros
Por onde o Ganges *murmurando* soa.»

Id, ibid. E. 92.

Murmurando, i. é pela circumstancia de murmurar.

O gerundio admite a preposição *em*, e então denota *tempo restricto, momento determinado*; v. gr.

« Nós repousámos um pouco e *em sahindo* a lua nos pozémos a caminho.» Godin. Rel. C. 19, p. 143.

Em sahindo, i. é no momento de sahir.

« *Em nascendo* já fazem a um clerigo, - a outro fra-

de, a outro soldado.» Sousa, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 2.º p. 20.

Em nascendo, i. é no acto de nascer, logo ao nascer.

«As estrellas no meio das trevas luzem e resplandecem mais; mas *em apparecendo* o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas,» Vieira, Serm. T. 3.º p. 380, col. 2.ª

Em apparecendo, i. é no instante de apparecer, logo que apparece.

A este modo de dizer devemos referir os seguintes exemplos, tirados de nossa antiga linguagem:

Mandou logo pôr todal-as velas em ordem pera que *em vendo* commettendo. Bar. Dec. 3.º L. 3.º C. 10, p. 364.

E isto *em dizendo* fazendo.

Sá de Mir. Os Extrang. T. 2.º p. 91.

O gerundio dos verbos auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir* precede sempre o gerundio dos outros verbos; como por exemplo: *estando dormindo*, *andando apprendendo*, *indo marchando*, etc. Este segundo gerundio pode ser substituido pelo supino do respectivo verbo, e dizer-se: *estando a dormir*, *andando a aprender*, etc.

Art. 3.º

Do Supino.

O supino, que em portuguez tem a significação, mas não a fórma que os latinos deram a este modo do

infinito, representa a acção no tempo em que ella se executa, em que está a fazer-se, durante a qual decorre um tempo indefinito que não sabemos, ou não podemos apreciar. — Para maior clareza adduzamos uma comparação.

Se um viajante ao entrar 'n uma floresta ouvir passaros *a cantar*, fontes *a correr*, leões *a rugir*, notará o *cantar*, o *correr* e o *rugir* sem saber quando cada um d'estes actos teve começo, nem quando ha de ter fim; porque só lhẽ serão presentes no tempo em que estão a executar-se. — Assim, os supinos *a cantar*, *a correr* e *a rugir*, designam a acção 'num tempo indefinito que está a passar-se; em que se nos mostra successiva e indeterminada; em que lhe não vemos o principio, nem sabemos o fim.

Nos seguintes exemplos classicos, que passámos a transcrever, acharemos o emprego e a significação d'este modo do infinito.

« Andavam em competencia com frei Bertolameu as honras e as dignidades, elle *a abhorrecel-as*, ellas *a entrar-lhe por casa.* » Sousa, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 6.º p. 44.

« Os sanctos *a pregar* pobreza e *seguit-a* em tudo, e eu que me metta em faustos? Os sanctos *a persuadir-me* humildade, e *metter-me* debaxo dos pés de todos, e eu que mostre brios e oufania? » Id. ibid. C. 23, p. 142.

« E pelos caminhos tem homens postos *a dar* de beber a todos os caminantes. » Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 11.

« O resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: *a furtar*, *para furtar.* » Vieira, Serm. T. 3.º p. 336, col. 1.ª

Eis que estala por todo o monte o incendio,
 E as feras *a fugir, fugir* as aves,
 E as feras *a tremer* na baxa veiga.

Fil. Elis. Seg. Guerra Pun. de Sil. Ital.
 L. 4.^o p. 430.

Art. 4.^o

Do Infinito dos Verbos conjugado por Pessoas e Numeros.

O infinito dos verbos tem na lingua portugueza a singular propriedade de conjugar-se por *peessoas e numeros*; o que é uma excellencia e belleza que extraordinariamente a realça, e lhe dá a maior precisão e clareza: por quanto, o que 'n outras linguas se não póde dizer se não por via de circumlocações, expressâmos nós com toda a energia e concisão; como v. gr. *amar eu, amares tu, amar elle, amarmos nós, amardes vós, amarem elles*. — Esta propriedade, que faz ser o portuguez uma das linguas mais perfectas, e lhe dá reconhecida vantagem sobre a propria castelhana sua irman, escapou á noticia de muitos dos mais eminentes philologos e grammaticos, aos quaes o conhecimento d'ella fôra de todo proveito 'n uma questão em que extranhamente se enredaram; pois serve de a resolver, provando que o infinito, comquanto seja um nome, tem, comtudo, a natureza de verbo: facto este que não póde ser contestado, pelo menos na lingua portugueza. (1)

(1) Tractando Mr. Beauzée de resolver esta questão, mostrou ignorar a propriedade que tem a lingua portugueza de conjugar o infinito dos verbos por pessoas e numeros. Eis textualmente suas palavras: — «Dans aucun idiome, l'infinif ne reçoit ni inflexions numeriques, ni inflexions personnelles; et c'est de là, selon Priscien, que ce mode a tiré son nom: *Unde et nomen accipit infinitivi, quod nec personas, nec numeros difinit.*» Gramm. Gener. T. 2.^o p. 275.

Art. 5.º

Do Preterito Perfeito e Mais que Perfeito do Infinito.

Ter amado é o preterito perfeito e mais que perfeito do infinito, que em latim se diz *amavisse*, compondo-se de *amans* — *fuisse* que propriamente significa *ter sido amante*: ora *ter sido amante* é o mesmo que *ter amado* (1) como se comprova pelo proprio sentido d'estes preteritos em ambas as linguas. Ponhamos um exemplo:

Te credo *subripuisse* quod pulchrè negas.
Phœd. L. 1.º Fab. 10.

Creio *teres sido* o *surrupiente* do que ousadamente negas.

(1) *Amado* não é supino, como pretendem alguns grammaticos, entre outros Mr. Beauzée, mas um *participio preterito activo*, o qual nossos antigos, á maneira dos italianos e francezes, costumavam declinar, e que, pelos equívocos a que isto dava lugar, se tornou depois indeclinavel. — Demonstra-o a analyse, e, por outro lado, sabemos que o participio passado dos latinos, d'onde vem este nosso participio, não era antigamente outra coisa senão o *preterito do participio activo*. — Eis o que a este respeito escreve o proprio Beauzée:

«Je remarquerai ici, puisque l'occasion s'en présente, que le participe passif latin paroît avoir été anciennement le prétérit du participe actif; en sorte que le systeme complet des temps du participe actif étoit alors le présent *amans* (aimant) le prétérit *amatus* (ayant aimé), et le futur *amaturus* (devant aimer). Les verbes déponents sont encore dans le même cas, et le participe en *us* a encore le sens actif et prétérit: *precatus* (ayant prié), *secutus* (ayant suivi), *usus* (ayant usé), etc. Gramm. Gener. T. 2.º p. 337.

Court de Gebelin e Le Mare entendem que *amado* é um *participio passivo* que entra nas linguagens compostas dos tempos dos verbos, e explicam as dictas linguagens como phrases ellipticas. — Assim, *tenho amado*, querem que seja: *tenho isto amado por mim*,

Art. 6.º

Do Verbo no Modo Finito.

Querendo Constancio, na Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, explicar a significação das desinencias verbaes, e a origem de que proveem, por entender que sem este conhecimento sam as regras meramente empiricas, afirma que as dietas desinencias, que em cada verbo constituem o que se chama conjugação, procedem unicamente do verbo *haver*.

Assim, nos tres verbos regulares *amo, devo, applaudo*, a desinencia *o* (diz elle) provém de *ego* latino (eu) contrahido, *io* em italiano e em hespanhol. Equivale a — amor, dever, applauso *eu* (tenho.) *As, es, v. gr. am as,*

ou *tenho* esta coisa *amada* por mim ; resultando de ter eu alguma coisa amada por mim a idéa de ter eu sido amante d'essa coisa. — Não admittimos a doutrina ; e a principal razão porque a rejeitamos é porque não pôde ter applicação ás linguagens formadas com os particípios do passado dos verbos intransitivos, os quaes particípios sam sempre *activos*, como os dos verbos *ser, nascer, morrer, cahir, rir, surgir, pasmar, descançar, fugir, desertar, ir, vir*, e outros muitos ; sendo manifesto o absurdo que resultará de explicarmos : *tenho nascido*, por *tenho* esta coisa, ou este acto *nascido* por mim ; *tenho pasmado*, por *tenho* esta coisa ou este acto *pasmado* por mim etc.

Por outra parte, é fóra de duvida que para todas as linguagens compostas com que suprimos as simples de que carecemos em varios tempos, nos serviram de paradigma as fórmulas compostas das conjugações latinas na voz passiva, substituindo o verbo *ter* pelo verbo *ser*. — Assim, *amatus fui* passou para a activa, mediante a referida substituição, com que dizemos *tenho amado*. Do mesmo modo : *amatus fuero* se expressa na activa por *tereí amado* : *amatus fuisset* por *tivesse amado*, etc.

Isto nos faz crer que foi dos verbos deponentes que nos vieram não só as fórmulas compostas com que suprimos as linguagens simples que nos faltam, senão tambem a significação *activa* dos particípios do preterito de que as mesmas linguagens sam formadas.

dev-es, applaud-es, de has (de habes), e equivale a tu has ou tens amor, dever, applauso.

A, e, v. gr. am-a, dev-e, applaud-e, deriva de ha (de habet), e equivale a elle ha ou tem amor, dever, applauso.

Amos, emos, imos, v. gr. am-amos, dev-emos, applaud-imos, derivam de hemos (de habemus), e equivalem a nós havemos ou temos amor, etc.

Ais, eis, is, v. gr. am-ais, dev-eis, applaud-is, derivam de heis (de habetis), e equivalem a vós haveis amor etc.

Am, em, v. gr. am-am, dev-em, applaud-em, derivam de ham ou teem (de habent) e equivalem a elles teem ou ham amor, etc.

E d'este modo segue as tres conjugações em todos os modos, tempos e pessoas, fazendo entrar sempre o verbo *haver* nas desinencias dos mesmos. (1)

Nada d'isto, porém, é assim. — A primeira objecção que salta aos olhos é que as desinencias dos verbos *amar, dever, applaudir*, sam as mesmas que as do verbo *haver* com que o mesmo A. pretende explical-as, tornando-se, por tanto, manifesto que a duvida que havia a respeito d'aquellas fica subsistindo a respeito d'estas. E, assim, nada conclúe.

Por outra parte, o verbo *haver* não entra na composição dos verbos latinos, e fôra até impossivel explicar a significação de muitos dos mesmos, se nelles houvessemos de incluir a do verbo *habere*, que na lingua latina tem muito menos extensão do que na portugueza, na qual dizemos não só: *haver* ou *ter* dinheiro, bens, riquezas, senão tambem *haver* ou *ter* dôr, medo, inveja, sêde, febre, sesões, etc.

O que até hoje tem ensinado os mais celebres philologos e grammaticos da lingua latina, e o que eviden-

(1) *Grammat. Analyt.* p. 120 e seg.

temente se comprova descendo a um rigoroso exame, é que todos os verbos d'esta lingua sam compostos, na maior parte de seos tempos, do verbo substantivo *sum, es, fui* e de um nome adjectivo; por cujo motivo se chamam *verbos adjectivos*, valendo cada um d'elles tanto como o dicto verbo substantivo e um attributo: assim, v. gr. *amo*, quer dizer: *sou amante*.

Todos os tempos, cujas conjugações sam auxiliadas na voz passiva com o verbo *sum, es, fui*, o sam egualmente na activa com o referido verbo, contrahindo-se e recebendo então estas linguagens nova fórma.

Assim, *amavi, debui, plausui, vestivi*, compõem-se de *amans-fui, debens-fui, plaudens-fui, vestiens-fui*, que se contrahiram em *ama-vi, deb-ui, plaus-ui, vesti-vi*.

Amaveram, debueram, plauseram, vestiveram, compõe-se de *amans-fueram, debens-fueram, plaudens-fueram, vestiens-fueram*, que se contrahiram em *ama-veram, deb-ueram, plaus-eram, vesti-veram*.

Amavero, debuero, plausero, vestivero, compõem-se de *amans-fuero, debens-fuero, plaudens-fuero, vestiens-fuero*, que se contrahiram em *ama-vero, deb-uero, plaus-ero, vesti-vero*.

A estas linguagens correspondem na passiva:

Amatus, a, um sum, ou fui; debitus, a, um sum ou fui; plausus, a, um sum ou fui; vestitus, a, um sum ou fui.

Amatus, a, um eram ou fueram; debitus, a, um eram ou fueram, etc.

Já se vê que a razão de serem activas as primeiras linguagens procede da fórma activa dos participios de que se compõem; assim como a razão de serem passivas as segundas provém da fórma passiva dos participios de que sam formadas.

Consequentemente, *amavi* quer dizer: fui o que ama; *debui* fui o que deve; *plausui* fui o que applaude; *vestivi* fui o que veste.

O verbo *possum*, como outros mais, denota claramente formar-se em todos os modos tempos e pessoas do verbo *sum*, *es*, *fui*. — *Pos-sum*, *pot-es*, *pot-est*, *pos-sumus*, *pot estis*, *pos-sunt*. — *Pot-eram*, *pot-eras*, *pot-erat*, *pot-eramus*, *pot-eratis*, *pot-erant*, etc., sendo averiguado que *pos-sum* não quer dizer tenho poder, senão *sou o que pode* ou *sou potente*. (1)

Os verbos portuguezes seguem todas as fórmulas das conjugações latinas até o futuro imperfeito do indicativo. (2) — Neste tempo as linguagens são auxiliadas com o verbo *haver* ou *ter*, e compõem-se do presente do indicativo d'este verbo, seguido da preposição *de* e do infinito do verbo que se conjuga; como v. gr. *hei de amar*, que, por syncope e transposição, se converte em *amarei*. *Hei de amar* é uma linguagem elliptica na qual fica subentendida a palavra *dever* ou *destino*; i. é *hei o dever* ou *destino* de amar; e em virtude d'este *dever* ou *destino* que se enuncia no tempo presente, vem a ficar

(1) *Possum, quod ex potis sum componitur, etc. Vossii, Lat. Grammat. p. 128.*

(2) No preterito perfeito muda usualmente o latim por syncope a segunda pessoa de ambos os numeros, e a terceira do plural.

Præteritum perfectum activum sæpe per syncopen profertur in secunda utriusque numeri, et tertia in plurali: amasti, audisti, amastis, audistis, amaverunt, audierunt. Vossi, *Lat. Gramm. p. 96.*

É de crer que em linguagem corrente os latinos se não servissem senão d'estas fórmulas abreviadas, dizendo *amasti* em vez de *amavisti*, *audisti* em vez de *audivisti*, etc. das quaes fórmulas, quasi sem alteração, vieram as portuguezas *amaste*, *ouviste*, *amastes*, *ouvistes*, *amaram*, *ouviram*, ou *amaron*, *ouviron*, como diceram nossos maiores.

Serve isto de fazer ver o modo porque muitas vezes o latim se converteu em linguagem vulgar; — porque homens há de tam má critica que, em vez de compararem os tempos proximos de ambas as linguas e de cotejarem o latim rustico com o nosso antigo romance, para assim fazerem um juizo, querem decidir confrontando o latim de Cicero com o portuguez que hoje salamos.

a acção para um tempo posterior, o qual se chama, por isso, *futuro indefinito*.

O latim, no tempo começado, diz: *amaturus sum*, i. é sou o que ha de amar, ou hei de amar. — Não só a fôrma da idéa (em que consiste a identidade do genio das linguas) é a mesma, senão a fôrma material com que é expressada não appresenta differença sensivel. (1).

No futuro perfeito temos em latim *amavero*, que se compõe de *amans-fuero*, i. é terei sido amante. Em portuguez dizemos *terei amado*; amado é sido amante: logo terei amado representa a mesma idéa de *amavero*, contracção de *amans-fuero*.

No imperativo as primeiras fôrmas que temos sam: ama, deve, veste, do latim *ama, debe, vesti*, compostas de *amans-es, debens-es, vestiens-es*; i. é sê o que ama, sê o que deve, sê o que veste. — As segundas sam: amae, devei, vesti, contrahidas das que usavam nossos maiores *amade, devede, vestide*, tomadas do latim *amate, debete, vestite*, que se compõem de *amantes-este, debentes-este, vestientes-este*, i. é sêde vós os que amam, sêde vós os que devem, sêde vós os que vestem.

No conjunctivo a linguagem portugueza do tempo presente segue as fôrmas da latina do mesmo tempo. Ama, deva, vista é com pouca alteração *amem, debeam, vestiam*.

No preterito imperfeito condiccional temos a linguagem portugueza amara, cuja fôrma é semelhante á latina *amarem*. Porém o que ha de notavel é que a segunda linguagem portugueza condiccional d'este tempo

(1) Este tempo emprega-se muitas vezes em lugar do imperativo; por quanto dizemos, v. gr. *Honrarás a teu pae e a tua mãe*: — Não matarás. Em latim é o mesmo:

Futuro indicativo etiam utimur loco imperativo. Cic. lib. 2.º ad Att. *Tu hoc silebis*. Id. ad Trebat. lib. 7.º *Quod superest, etiam puerum Ciceronem curabis et amabis, ut facis*.

Similia sunt: *Non occides, Non furaberis*. Vossii, Lat. Gramm. p. 93.

é *amasse, devesse, vestisse*, composta do mesmo modo que os latinos poderiam ter formado a sua, i. é com o participio do presente e com a fórma mais usual do tempo correspondente do verbo substantivo, ou auxiliar; d'esta sorte: *amans-essem, debens-essem, vestiens-essem*. Os romanos, porém, formaram a sua de *amans-forem, debens-forem, vestiens-forem*, d'onde, por abreviação, resultou *amarem, deberem, vestirem*.

A genuina significação de *amasse, devesse, vestisse*, é, pois, eu fosse o que ama, eu fosse o que deve, eu fosse o que veste; a qual deve lilar todo equivoco que ás vezes se dá entre estas linguagens e outras correspondentes.

No preterito perfeito diz o latim *amaverim*, linguagem composta de *amans-fuerim*; i. é eu tinha sido amante. Em portuguez dizemos: eu tenha amado: *amado*, é, como já vimos, *sido amante*: logo a idéa resultante da fórma portugueza é a mesma que a do latim *amaverim*.

O preterito plusquam perfeito *amavissem* compõe-se de *amans-fuissem*; i. é eu tivesse sido amante. Substituindo *amado* a *sido amante* temos a linguagem portugueza eu tivesse amado, cuja idéa é propriamente a do latim *amavissem*.

No futuro temos o latim *amavero*, composto de *amans-fuero*, i. é eu tiver sido amante. Em portuguez dizemos eu tiver amado: *amado* é *sido amante*: logo a idéa resultante da linguagem portugueza é a mesma que a que se contém no latim *amavero*.

Art. 7.º

Das Linguagens na Voz Passiva.

Na voz passiva as linguagens formam-se em portuguez com as do verbo substantivo e com o participio

passado do verbo que se conjuga ; mechanismo que egualmente emprega a lingua latina, na qual se diz : *amatus, a, um sum* ou *fui*, eu fui amado : *amatus, a, um eram* ou *fuera*, eu fôra ou tinha sido amado. — 'Nalguns tempos da voz passiva usa o lalim de fórmulas simples, como *sum* v. gr. as do presente do indicativo *amor, amaris, amatur, amamur, amamini, amantur*; e as do preterito imperfeito *amabar, amabaris, amabatur, amabamur, amabamini, amabantur*. — Estas fórmulas, porém, não passaram para o portuguez ; não só por serem irregulares nos dictos tempos, senão também pela aspereza e dissonancia das terminações, que, como já notou o sabio Presidente de Brosses, se resentem ainda de sua primeira barbaridade. (1)

Art. 8.º

Dos Verbos do Genero Neutro.

Entre os verbos activos e passivos ha os *neutros*, que *são* os que denotam uma acção intransitiva . i. é que não passa do sujeito do verbo, nem é recebida por elle. *Tão são* : *nascere, crescer, folgar, rir, etc.*

Muitos verbos *são* junctamente neutros e activos ; pelo menos usam-se com uma e outra significação ; por exemplo :

CORRER.

Neutro. Este rio *corre* do nascente para o sudueste.
Tenr. Itiner. C. 60, p. 119.

Activo. E 'n este pouco tempo que andou fóra *cor-*

(1) Le latin même se ressent encore au passif de sa première barbarie dans de grossières terminaisons rudes à l'oreille. *Mechan. du Langage*, T. 2,º p. 208 et suiv.

reu muita terra. Sousa, Vid. do Arceb. T. 1.^o L. 1.^o C. 18, p. 115.

ERRAR.

Neutro. Dizendo que quem não quizesse *errar* presumisse o peor sempre. D. Franc. Man. Apol. Dial. p. 307.

Activo. Indo elle á sexta feira por dentro de uma angra, que se fazia antre a terra e uma das ilhas, *errou* o canal. Fern. Lopes Cast. Hist. da India, L. 1.^o C. 5.^o

IMPERAR.

Neutro. Os reis de Cordova que então *imperavam* na Mauritania. Duarte Nunes, Chron. de D. Affons. 5.^o C. 41.

Activo. Capitaes da rainha Candace, a qual em nossos tempos *imperou* os etiofes. Bar. Dec. 3.^a L. 4.^o C. 2.^o p. 379.

NAVEGAR.

Neutro. *Navegando* pelo mar da Syria á vista do monte Libano, fomos avistar o cabo de S. André. Godin. Rel. C. 29, p. 320.

Activo. Em guarda das naos dos mouros que *navegam* aquellas partes. Bar. Dec. 3.^a L. 1.^o C. 10, p. 95.

NECESSITAR.

Neutro. Eu mais que todos *necessitava* de algum dia de descanso. Godin. Rel. C. 19, p. 151.

Activo. Resolveu buscal-o no interior do serião, *necessitando-o* a acceitar a batalha. J. Freire, Castr. L. 4.º p. 282.

QUEBRAR.

Neutro. As aguas que arrebentando em flor de dia eram da côr de pez, feias e escuras, de noite *quebravam* em fogo. Luc. T. 2.º L. 5.º C. 20, p. 238.

Activo. Quem muito um arco sórça o estala e o *quebra*. Franc. Man. Ober. C. 14 p. 251.

RECUAR.

Neutro. *Recúa* qual se um raio aos pés lhe estale. Franc. Man. Ober. C. 11, p. 201.

Activo. Fere-o no hombro, o *recúa* e o arrima aos touros. Id. Os Martyr. L. 6.º p. 211.

VIVER.

Neutro. Para que as nações do ultimo occidente *vivessem* na reverencia de seo Imperio. J. Freire, Castr. L. 1.º n.º 23.

Activo. A vida *vivirei* que o ceo me ordena. Fern. Alv. do Orient. Lus. Transfor. L. 3.º p. 221 v.

Antes quizera ser pedra, ou ser nada, do que *viver* vida semelhante. Bern. Luz e Calor, P. 1.º Doctr. 8.º p. 217 col. 1.ª

Ha verbos que, sendo de sua natureza neutros, fo-

ram, todavia, empregados com significação activa pelos AA. benemeritos da lingua, os quaes a dotaram com uma riqueza que lhe dá maravilhoso realce. — Os exemplos que passámos a transcrever nos parecem dignos de ser imitados.

AJOELHAR.

Neutro. Lavra rumor no povo que *ajoelha*.
Franc. Man. Os Martyr. L. 5.º p. 168.

Activo. Enfrear a sensualidade, *ajoelhar* a soberba. Luc. T. 3.º L. 7.º C. 9.º p. 65.

ARDER.

Neutro. A campina
C'o fulgurar das lanças, das cimeiras,
Affigurava *arder*.
Franc. Man. Os Martyr. L. 6.º p. 203.

Activo. Feroz, tórva affeição lhe *arde* as entranhas.
Id. *ibid.* L. 22, p. 374.

ARFAR.

Neutro. De balde *arfam* no seio niveos globos.
Id. Oberon, C. 4.º p. 58.

Activo. Vendo dois lindos olhos verter pranto
E peitos de alabastro *arfam* suspiros.
Franc. Man. Oberon, C. 7.º p. 135.

ASSOMAR.

Neutro. D'essa vida malvada o termo *assoma*,
Que aqui me envia Deos por teu castigo.
Id. *ibid.* C. 3.º p. 55.

Activo. Mil lembranças brotam
Maviosas, casos mil que *assomam* lagrymas.
Franc. Man. Os Martyr. L. 18, p. 276.

BAQUEAR.

Neutro. Tal tóa brutaemente ao *baquear* n'agua
Juncto á Tyrrhena praia, o dique altivo
Formado de penhascos.
Id. Vers. da Seg. Guer. Pun. de Sil.
Ital. C. 4.º p. 429.

Activo. Os hombros lhe carrega
Forte clava de cedro. D'um só golpe
Baqueara a terra o touro mais nervudo.
Id. Oberon, C. 1.º p. 14.

BLASONAR.

Neutro. *Blasona* a tribu salia
De mais nobre.
Id. Os Martyr. L. 7.º p. 252.

Activo. Quanto em laes rochas cria a natureza
Blasona duração, grandeza inculca.
Id. ibid. L. 5.º p. 183.

BRADAR.

Neutro. O touro busca, e, pondo-se deante
Salta, corre, sibila, acena e *brada*.
Cam. Lus. C. 1.º E. 88.

Activo. As gerações passadas *bradam* estas cousas.
Vid. Monast. L. 1.º C. 14 p. 155.

CHORAR.

Neutro. Ficou tam cholericco que affirmavam os seos que algumas vezes o viram *chorar* em segredo. Fern. Mendes, Peregr. T. 1.^o C. 32, p. 112.

Activo. Reprehendia, gritava, *chorava* a devassidão das vidas, o descuido das almas. Sousa, Annaes de D. João 3.^o P. 1.^a C. 11, p. 47.

CISMAR.

Neutro. Que faz na cama quem não dorme? *Cisma*. Franc. Man. Fabul. de La Font. L. 1.^o Fab. 36.

Activo. Sem aventura quatro dias volvem-lhes, *Cisma* Bagdad Huol, *cisma* entrar 'n ella. Id. Oberon, C. 2.^o in fine.

DESMAIAR.

Neutro. Vem ter commigo dizendo que tivesse esperanza de sahir d'aquelle perigo, que não *desmaiasse*. Godin. Rel. C. 9.^o p. 63.

Activo. O medo da tormenta
Que tantas vezes triste nos *desmaia*.
Caminha, Poes. Od. 7.^a

EMMUDECER.

Neutro. Eis que Velleda
Emmudece, e a escutar o ouvido affia.
Franc. Man. Os Martyr. L. 10, p. 369.

Activo. Resuscitavam mortos, expelliam dos homens

os demonios, *emmudeciam* os philosophos.
Arraes, Dial. 5.^o C. 15, fol. 191.

ESCAPAR.

Neutro. Estavam todos bem desconsolados, e eu sobre todos, por não ter esperança nenhuma de salvar a vida em terra, ainda que *escapasse* do naufragio. Godin. Rel. C. 9.^o p. 63.

Activo. Uns se affogavam sob as aguas, outros pensavam de guarecer sob suas cabanas, outros scondiam os filhos debaxo dos limos por cuidarem de os *escapar*, onde depois os achavam. Azur. Chron. do Desc. e Conq. de Guiné, C. 19, p. 111.

ESTREMECER.

Neutro. Em quanto assim medito as brutas feras
Nos covís d'esse circo, rugem, urram.
Confesso-o, *estremeci*.
Franc. Man. Os Martyr. L. 4.^o p. 142.

Activo. Tem V. S.^a juncto 'n esta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dois mil portuguezes, e tentâmos *estremecer* o mundo com brado tam pequeno. J. Freire, Castr. L. 2.^o n.^o 181.

A vozeria dos mouros *estremecia* o campo. Id. ibid. L. 3.^o n.^o 20.

FLORECER.

Neutro. *Florencia* a verdura.

Que andando co'os divinos pés tocava.
Cam. Canc. 7.^a

Activo. Porque essas flores que fazes,
Tu as fazes e desfazes,
Tu as *floreces* e séccas.
Gil Vic. Obr. T. 2.^o p. 493.

GEMER.

Neutro. *Geme* em seo ninho Alcyon com brando ar-
rullo.
Franc. Man. Os Martyr. L. 1.^o p. 16.

Activo. O que commigo não acompanhar a este
Deos que tenho nas mãos com chorar e *ge-
mer* um crime tam abominavel, a serpe tra-
gadora da concava funda da casa do fumo
lhe consuma os seus dias. Fern. Mend. Pe-
regr. T. 3.^o C. 191, p. 143.

GRITAR.

Neutro. Se eu não *gritara* elle estivera quedo.
D. Bernard. Lima, Ecl. 5.^a

Activo. *Gritam* ordens os cabos. — Não lh'as ouvem.
Franc. Man. Os Martyr. L. 6.^o pag. 208.

Esta embaixada havia de ir dirigida a
Christo, e não ao Baptista, como as mesmas
prophecias, que eram mais vulgares entre
os hebreos, o *gritavam* claramente. Vieir.
Serm. T. 12, p. 305, col. 2.^a

GRASNAR.

Neutro. As aguias que corriam famintas aos des-

pojos do morto, encolhiam as azas, embai-
nhavam as unhas, e ainda que queriam *gras-*
nar tapavam o bico. Vieir. Serm. T. 2.^o
p. 112, col. 2.^a

Activo. Se um passo allongas, ouves entre ramos
Tosca alg'rvia, qual a *grasnam* corvos.
Franc. Man. Os Martyr. L. 9.^o p. 307.

Do mal futuro avisos *grasna a* gralha.
Id. Fab. de La Font. L. 1.^o Fab. 49.

LADRAR.

Neutro. Nem as migalhas que cahiam da mesa do
rico tinha para amansar a ferocidade da fo-
me que dentro em seo estomago *ladrava*.
Bern. Nov. Flor. T. 3.^o Tit. 7.^o p. 394.

Activo. Atrás elles vinham alguns outros mouros
que os vinham *ladrando*. Rui de Pina, Chron.
do Conde Duarte, C. 14.

E com este desengano espedido elle del-
rei, se foi para Castella, onde tambem an-
dou *ladrando* este requerimento. Bar. Dec.
1.^a L. 3.^o C. 11, p. 250.

MINGUAR.

Neutro. *Minguava* a lua e no zenith brilhava.
Franc. Man. Os Martyr. L. 2.^o p. 60.

Activo. Lida em *minguar* da gentileza o garbo
Co'a a singelez do traje.
Id. ibid. L. 4.^o p. 109.

GENIO

MOFAR.

Neutro.

Senda
Que lhes traçou *mofando* a Astucia alliva.
Franc. Man. Obr. Compl. T. 5.º p. 432.

Activo.

Mofam-me,
Se as salas pizo, os cortezãos, sorrindo.
Id. Os Martyr. L. 5.º p. 180.

PENDER.

Neutro.

Do largo azul talim lhe *pende* á cinta
Talhante iberia espada.
Id. *ibid.* L. 6.º p. 197.

Activo.

A curva rosa,
O lyrio a quem *pendeu* o sol ardente,
Se erguem e se re-toucam
Franc. Man. Hymno á Noite.

REBOMBAR.

Neutro.

Dice, e de cabo a cabo a voz rodando,
Rebomba pelas furnas dos tormentos.
Id. Os Martyr. L. 18, p. 143.

Activo.

— Pyrene —
Os serros todos, os covís das féras
— Pyrene — lhe *rebombam*.
Id. Seg. Guer. Pun. de Sil. Ital. C. 3.º
p. 393.

RELINCHAR.

Neutro.

Armas luzem, *relincham* os ginetes.
Id. Obr. Compl. T. 4.º p. 134.

O ginete alfario

- Activo.* Que *relincha* batalhas e carreiras.
Id. Os Martyr. L. 6.º p. 206.

RELUZIR.

- Neutro.* O lyrio rôxo, a fresca rosa bella,
Qual *reluze* nas faces da donzella.
Cam. Lus. C. 9.º E. 61.

- Activo.* Com profunda attenção a tribu inteira
Pende do seo cantar, curvas as fronte
A' chamma que os *reluze* com grande em-
phase
Vam os dictos reflexos repetindo.
Franc. Man. Os Martyr. L. 19, p. 300.

RESVALLAR.

- Neutro.* Sangue, escuma em bulhões dos labios verte,
Resvallam-lhe da fronte ardentes bagas.
Id. *ibid.* L. 8.º p. 288.

- Activo.* O Alpheu *resvalla-*
A's abas do vergel sombrias ondas.
Id. *ibid.* L. 2.º p. 59.

RODAR.

- Neutro.* ... Por terra os corpos vam *rodando*
Anhelantes de angustia, em mortaes vascas.
Id. *ibid.* L. 6.º p. 206.

- Activo.* 'Num carro ufano, que *rodavam* tigres,
Galerio segue a Augusto.
Id. *ibid.* L. 15, p. 164.

ROSAR.

Neutro. Quem é esse que lá se sorri, ou *rosna* quando eu falo? D Franc. Man. Apol. Dial. p. 61.

Activo. Em roda ajoelhados
Todos, *rosna* um oremus.
Franc. Man. Oberon, C. 8.º p. 144.

RUGIR.

Neutro. Dos grilhões solto o tigre se arremessa
Ao corro, e *ruge*.
Id. Os Martyr. L. 24, p. 475.

Activo. De ignios olhos raiar sanguineas chammas,
Vibrar lingua, e *rugir* na bocca os silvos.
Id. Seg. Guer. Pun. de Sil. Ital. C. 2.º
p. 360.

SAHIR.

Neutro. C'o sacro gume o niveo collo investe,
E o sangue em espadanas *sah*e de rojo.
Id. Os Martyr. L. 10.º, in fine.

Activo. — Essa hora aos nautas
Sopro favonio traz que os *sah*e do porto.
Id. ibid. L. 15.º, p. 151.

SURGIR.

Neutro. O porto é segurissimo e tam capaz que
por todas as quatro leguas que vam de Ba-
çorá á barra teem as náos fundo para *surgir*.
Godin. Rel. C. 16, p. 118.

Activo. Em septe dias,

E em menos, um navio a partir prompto
 Vos navega a Lepanto, onde acheis outro,
 Que vos *surja* em Salerno.

Franc. Man. Oberon, C. 6.º p. 110.

TROVEJAR.

Neutro.

Os ceos portentos grandes
 Apparelham. *Troveja* a olympia sala.

Franc. Man. Seg. Guerr. Pun. de Sil Ital.
 C. 1.º p. 288.

Activo.

Já ardente chamma
 A anima a *trovejar* iras de Achilles.

Id. Os Martyr. L. 2.º p. 63.

UIVAR.

Neutro.

O mesmo vós sentistes, caens d'aldea,
 Quando por má estrea junctos todos
 Com diferentes modos *uivastes*.

D. Bernard. Lima, Ecl. 15.^a

Activo.

Rica mandou Callecia a juventude
 Sagaz em fibras, vôo, e chammas sacras,
 E que ora em patria lingua canções barbaras
Uiva, ora açoita o chão com pés alternos.

Franc. Man. Seg. Guer. Pun. de Sil.
 Ital. C. 3.º p. 388 e seg.

VOAR.

Neutro.

Um d'estes passarões appanhámos á mão
 por se não poder ter nas pernas para *voar*.
 Godin. Rel. C. 22, p. 171.

Activo. A qual (mina) com tremendo estampido
voou pelos ares toda a face do muro. J.
Freire, Cast. L. 2.º n.º 145.

CAPITULO II.

Dos Verbos Derivados.

Os verbos derivados que temos na lingua portugueza sam os *denominativos*, *imitativos*, *frequentativos*, *inchoativos*, *augmentativos*, *diminutivos* e *negativos*; — vindo só a fallar-nos os *desiderativos* ou *meditativos* que teem os latinos, porque não tomámos d'elles as desinencias em *urio* dos referidos verbos.

Art. 1.º

Dos Denominativos.

Os denominativos sam os que se derivam de nomes substantivos, e significam fazer um certo uso da coisa que os mesmos nomes indicam; por exemplo:

- | | |
|--------------|---|
| DE AGUILHÃO. | Aguilhoar. Ferir, estimular com aguilhão. |
| — FUMO. | Fumar. Tomar na bocca o fumo do cigarro, ou cachimbo, aspiral-o. |
| — MANTA. | Mantear. Era segurarem quatro homens uma manta pelas pontas, e saccodirem e fazerem saltar na mesma áquelle a quem forçavam a este divertimento barba-ro. |
| — PENTE. | Pentear. Passar o pente repetidas vezes |

pelos cabellos para os allisar e com-
pôr. — Tambem é verbo frequenta-
tivo.

DE TABACO.

Tabaquear. Cheirar tabaco; tomal-o
em pitadas pelo nariz. — Tambem é
verbo frequentativo.

Nada mais de particular offerecem os referidos ver-
bos de que possamos occupar-nos.

Art. 2.º

Dos Imitativos.

Os imitativos sam os que derivando-se dos nomes
significam imitar, ou usurpar as qualidades inherentes
ás coisas que os mesmos nomes indicam. — Taes sam :

DE BALANÇA.

Balancear. Vacillar com movimento se-
melhante ao da balança. — Tambem é
verbo frequentativo.

— BESPÁ.

Abespinhar-se. Assanhar-se como bespa.

— BRUXULA. Agulha de marear. É vocabulo que se encoatra em Lazaro de la Isla. Vid. Breve Tract. da Arte da Artilheria. — Hoje dizemos Bussula em vez de Bruxula.

Bruxulear. Agitar-se com frequencia, á semelhança da bruxula; (1) estar inquieto, tremulo. — Diz-se da luz da candêa que imita o movimento tremulo da bruxula. It. (t. de jogo de cartas) ir descobrindo a carta pou-

(1) Sunt qui imitativa comprehendant sub frequentativis, quia imitatio constet frequenti actione. Vossii Gramm. p. 141.

co e pouco, e com movimento incerto, para ver o ponto que pinta. — Constancio dá a este vocabulo a etymologia mais disparatada. — *Bruxulear* (diz elle) vem de *bruxo* e *olhar*, ir vendo e olhando de vagar e com mysterio, a modo de adivinho, quando consulta as cartas para dizer a sina.

- DE CABRA. Cabrejar. Saltar como cabra. — Diz-se dos rapazes que andam a correr e a saltar. E' vocabulo usado no Alemtejo.
- CAÇAPO. Accaçapar-se. Agachar-se como coelho.
- CÃO. Encanzinar-se. Enfurecer-se, encarniçar-se como cão.
- CARANGUEJO. Caranguejar. Andar de travez, ou de esguelha, á semelhança de caranguejo. — Tambem é verbo frequentativo.
- CARPENTUM (lat. CARRO). } Carpentejar. Martellar, fazer bulha como o carpenteiro. — Tambem é verbo frequentativo.
- GATO. Engatinhar.
- GRALHA. Gralhar.
- GREGO. Grecisar. Imitar a locução dos gregos.
- JUDEU. Judear. Proceder do mesmo modo que os judeus para com Christo.

- DE LATIM. Latinizar. Imitar a lingua, ou as phrases latinas.
- MACACO. Macaquear. — Tambem é verbo frequentativo.
- MOURO. Mourejar. Trabalhar como mouro. — Tambem é verbo frequentativo.
- NARCISO. Narcisar-se.
- PAE. Padrejar. (T. de Caudelar.) Exercitar o acto pelo qual se consegue ser pae. — Diz-se dos cavallos de lançamento; v. gr. Cavallo bom para *padrejar*. — Tambem é verbo frequentativo. Parece alteração do verbo *patrisar*.
- PAPAGAIO. Papaguear. — Tambem é frequentativo.
- PARRA. Esparralhar-se. Estender-se como parra.
- Quem fôra serio ao ver os altos pulos
D'um gordo Prior? Ver Freira *espar-
ralhar-se*
Em charco hervoso?
Franc. Man. Oberon, C. 2.^o p. 41.
- PATRIA. Patrisar. Proceder como pae. Bar. Dec. 1.^a Prol. ad finem. — Em latim *patrisare* é alguem imitar os costumes de seo pae.
- PATO. Patinhar. — Tambem é frequentativo.

DE PAVIO. Pavonear-se. — Tambem é frequentativo.

— PRITIGA. Empritigar-se, ou Empertigar-se. — Pôr-se direito e teso como uma pritiga.

— SANDEU. Sandejar. — Tambem é frequentativo.

Alli andava eu *sandejando*
E suacendo e cançando.

Gil Vic. Obr. T. 1.^o p. 264.

— TANTALO. Tantalisar-se. Arder como Tantalo em desejos que não podem mitigar-se. Do inglez *To tantalise*; mas o vocabulo portuguez não desdiz do genio da lingua.

Das vozes e gritos proprios dos diversos animaes, assim como dos sons de instrumentos, se formaram tambem muitos verbos imitativos; v. gr.

DE COIN (voz do }
porco). } Coinchar.

Dois porquinhos trosquiados
Coinchar não nos ouvistes?

Gil Vic. Obr. T. 2.^o p. 31.

— CRÓ (voz do }
corvo). } Crocitar. — Tambem é frequentativo.

Do mesmo modo :

Arrulhar.

Bramar.

Balar.

Bramir.

Balbuciar.

Bufar.

Borbulhar.

Cacarejar.

Chiar.	Mugir.
Chilrear.	Murmurar.
Chocalhar.	Ornejar.
Chotar.	Piar.
Chuchar.	Pipilar.
Chupar.	Pipitar.
Ciciar.	Ranger.
Coaxar.	Raspar.
Cochiehar.	Regougar.
Crepitar.	Relinchar.
Estalar.	Resmungar.
Estrondar.	Retombar.
Estrugir.	Rinchar.
Ferver.	Roçar.
Frigir.	Roer.
Frizar.	Romper.
Fungar.	Roncar.
Gaguejar.	Roquejar.
Galopar.	Rosnar.
Gannir.	Rufar.
Gargarejar.	Rugir.
Gorgear.	Rular.
Grasnar.	Rumorejar.
Grasinar.	Serrar.
Grunhir.	Serrasinar.
Guinchar.	Sibilar.
Ladrar.	Silvar.
Latir.	Soluçar.
Miar.	Soprar.

Sorver.	Trolar.
Susurrar.	Tugir.
Tinnir.	Uivar.
Titillar.	Urrar.
Titubear.	Zumbir.
Tombar.	Zunir.
Traquinar.	Zurrar.
Troar.	Zurzir.

Art. 3.^o*Dos Frequentativos.*

O A. da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, diz a pag. 242 da mesma que *temos poucos verbos frequentativos*: o que tambem affirma J. V. Gomes de Moura 'n uma nota de seo Compendio de Grammatica Latina e Portugueza, onde, a pag. 233 da 4.^a edição, escreve: — « Na lingua portugueza não ha propriamente verbos com terminação passiva, nem inchoativos, desiderativos, communs, e deponentes, e *sam raros os verbos frequentativos*. (1) » Mostraremos, porém, que ambos estes grammaticos se enganaram; por quanto temos não pequeno numero de frequentativos que a lingua se compraz de formar com desinencias compostas do verbo latino *ago, is*, (2) que tam assignalados servi-

(1) Já anteriormente (em 1823) historiando a differença das linguas, havia escripto: — A latina tem verbos frequentativos, desiderativos e inchoativos *de que carecem a portugueza e outras.* » Noticia Succinta dos Monumentos da Ling. Lat. e dos Subsídios necessarios para o estudo da mesma, Introd. p. 12.

(2) O mesmo se dá no hespanhol. — Eis o que a tal respeito diz a Grammatica da Lingua Castelhana, composta pela Academia R. Hespanhola, a pag. 175 da 3.^a edição:

cos presta á mesma lingua, como já temõs mostrado, e novamente agora faremos ver.

Os verbos frequentativos derivam-se já de nomes, e já de outros verbos. (1) — Dos primeiros temos :

DE ALMA.	Almejar.
— AR.	Arejar.
— ARCA (do peito).	Arquejar.
— BADAJO.	Badalejar.

E' como relógio que destempera-
do não cessa de *badalejar*. Arraes,
Dial. 1.º C. 17, fol. 35 v.

— BAFO.	Bafejar.
— BALANÇA.	Balancear.
— BAMBO.	Bambalear.
— BOCCA.	{ Boquejar e Boquear.

Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de panno cortado e aberto em duas, ou tres pontas; lança-o por um cabo delgado até tocar na agua, e em o vendo o

« Otros verbos hay llamados *frequentativos*, porque denotan frecuencia de la accion que significan, como *aguijonear*, *apedrear*, *bribonear*, *correlear*, *golpear*, y *geralmente casi todos los acabados en ear.* »

(1) Em latim formam-se de outros verbos, ou dos supinos. Vid. Vossio, *Grammat.* p. 143.

peixe, arremette cego a elle e fica preso e *boqueando*. Vieir. Serm. T. 2.^o p. 331, col. 1.^a

DE BORDO. Bordejar.

— BRAÇO. Bracejar.

— BRAVO. Bravejar.

— CABEÇA. Cabecear.

Ia por minha curiosidade á sinagoga por gostar muito de os ver *cabecear*. Pant. d'Aveir. Itiner. C. 82, fol. 296 e v.

— CALLES (em lat. ruas). } Callecear.

— CAMPO. Campear.

— CAPA. Capear.

Os barcos os seguiam sempre *capeando-lhes* a gente d'elles que os esperassem. Fern. Lopes Cast. Hist. da Ind. L. 1.^o C. 5.^o

— CARPENTUM (lat. carro). } Carpentejar, ou Carpenteiar.

Começou Stevam Affonso de sentyr golpes de machado, ou de alguma outra ferramenta, com que algum *carpenteiava* em algum páo. Azurar. Chron. do Descobr. e Conq. de Guiné, C. 60, p. 285.

DE CHAMMA.	Chammejar.
— COUCE.	Coucear.
— COXO.	Coxear.
— DAMA.	Damejar.

Nem eu a quero senão para *damejar* com ella todas as horas. Jorg. Ferr. Ullys. 4.º 2.ª p. 257.

— DARDO.	Dardejar.
— DOIDO.	Doidejar.

Em vez do verbo *doidejar* provir do nome *doido*, é mais provavel que provenha por corrupção do verbo antigo portuguez *donear*, que se acha na Versão da Regra de S. Bento, e que seguramente foi tomado do italiano *donneare*, requestar, correr após as damas. — De *donear* se fez, pois, *doidejar* que expressa melhor a frequencia da acção, e, com igual propriedade, a significação do verbo. De *doidejar* deve, por tanto, vir o adj. *doido*, e não d'este o verbo.

— FADO	Fadejar.
— FARO.	Farejar.
— FOLHA (de livro).	} Folhear.

— FORNO.	Fornear. Esgrimir com a lança á semelhança de quem mette lenha no forno. Tambem é verbo imitativo.
----------	--

E os nossos não tinham outro officio, senão *forneare* e ensopar as lanças 'nelles. Bar. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 6.^o p. 302.

- DE FUSTE (do lat. *fustis*, a vara). } Fustigar.
- GAGO. Gaguejar. — Tambem é imitativo.
- GOTTA. Gottejar.
- Cinco té seis passos na mesma rocha nasce uma fontezinha de agua, a qual de fóra não dá mais signal de si que sentir-se *gottejar*. Pant. de Aveir. Itiner. C. 56, fol. 219.
- GRAVE. Gravitar. (T. de Phys.) Actuar' o grave.
- HARPA. Harpejar.
- LAGRYMA. Lagrymejar. — Tambem póde ser diminutivo.
- MANTA. Mantear.
- MÃO. } Manejar.
} Manquejar.
} Manusear.
- MASTAX, AGIS, } Mastigar, i. é Triturar a comida, ma-
(em lat. a co- } cerando-a repetidas vezes na bocca.
mida).
- MATRACA. Matraquear.
- MOTE. Motejar.
- NOROESTE. Noroestear. Appontar com frequencia a agulha de marear ao noroeste. Vid.

Prim. Roteiro da Costa da India, por
D. João de Castro, p. 147.

DE ONDA.

Ondear.

Os que *ondeam* pelos marulhos
d'este mundo. Arraes, Dial. 7.º C. 5.º
fol. 242.

— PÁ.

Padejar. Limpar o trigo revolvendo-o
com a pá.

— PALMA.

Palmear e Palmejar.

— PARVO.

Parvoejar.

Vae-te d'hi que *parvoejas*.
Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 434.

— PEDRA.

Appedrejar.

— PERNA.

Pernear.

— PESTANA.

Pestanejar.

— PINOTE.

Pinotear.

— PÓ.

Espojar-se. Revolver-se no pó. Tam-
bem é augmentativo.

— PRAGA.

Praguejar. Soltar pragas umas sobre
outras; ou, como vulgarmente di-
zemos: rogar pragas a alguem; o
que corresponde ao latim: *impreca-
ri diras alicui*.

— PSALMO.

Psalmejar.

A certos tempos *psalmejam*. Pant.
d'Aveir. Itin. C. 34, fol. 89.

DE RABO.	Rabear.
— RASTO.	Rastejar.
— RELAMPADO (ant.)	{ Relampadejar.
— ROUCO.	Rouquejar. — Tambem é verbo imitativo.
— RUMOR.	Rumorejar.
— SABOR.	Saborear.
— SANDEU.	Sandejar. — Tambem é imitativo.
— SAPATO.	Sapatear.
— SERRA.	Serrazinar. Corresponde na idéa ao latim: <i>Ducere serram</i> , i. é altercari cum aliquo.
— SOLFA.	Solfejar.
— SOPA.	Sopetear.

A mesa é o chão, a louça uma escudella em que todos mettem a mão e *sopeteam*. God. Rel. C. 18, p. 136.

— TABACO.	Tabaquear.
— TARAMELA.	Taramelear.

A lingua que se soltou em falar, acquiere um máo habito de *taramelear* e murmurar. Arraes, Dial. 6.º C. 10, fol. 219.

Jesu! que neve e que vento!
J'eu vou *tarameleando*.

Gil. Vic. Obr. T. 2.^o p. 463.

DE TRATTO (tor-
mento). } Tractear.

— TRASTE. Trastejar.

— TROMBA. Trombejar.

Inda que os reis da terra lhe trombejem. Arraes, Dial. 4.^o P. 1.^a C. 7.^o fol. 135.

— VARA. Varejar.

— VASCULUM (dim.
lat. de *vas, asis, o*
vaso). } Vascolejar, i. e. *Vasculum agere*, agitar o vaso.

— VELA. Velejar.

— VOZ. Vozear.

Os que se derivam de outros verbos sam :

DE ATTEAZAR.

Atteazear. — Tambem pôde ser augmentativo ; porque a idéa da frequencia da acção produz a do augmento, grandeza e intensidade da mesma.

Foi espectáculo indigno de olhos christãos ; e mais proprio dos tempos de um Deocleciano, ver acabar um pobre homem *atanazeado* dos dentes de animaes bravos. Sousa,

Annaes de D. João 3.^o P. 1.^a L. 4.^o
C. 23, p. 281.

DE BATER. Batocar. — Tambem póde ser augmentativo.

— BEJAR. Bejocar. — Tambem póde ser augmentativo.

— BERRAR. Berregar. — Id.

— CHUPAR. Chupitar.

— CLARAR. Clarear. — Tambem é verbo augmentativo.

Eram horas que começava a *clarear* o dia. Sousa, Vid. do Arc. T. 2.^o
L. 5.^o C. 7.^o p. 188. — Tambem póde ser inchoativo.

— CRAVAR. Cravejar.

— DORMIR. Dormitar. — Tambem é verbo diminutivo.

— ESCANÇAR. Escancear.

— ESPANNAR. Espannejar.

— ESTALAR. Estalejar.

— ESTRONDAR. Estrondear.

— EXERCER. Exercitar.

Manejar cavallos e *exercitar* as armas. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 4.^o C. 24, p. 455, col. 1.^a

Foi *exercitando* o pulpito. Id. *ibid.* L. 5.^o C. 12, p. 508, col. 2.^a

Trabalhos e tormentos com que *exercitou* a sua paciencia. Vieir. Serm. T. 7.^o p. 287, col. 1.^a

DE FALCAR.

Falquear, ou Falquejar.

— FARPAR.

Farpear.

— FORÇAR.

Forcejar.

— FUMAR.

Fumear e Fumegar.

Fumeando estão ainda e cobertas desuas cinzas essas campanhas. Vieir. Serm. T. 6.^o p. 390, col. 2.^a

Assoprando n'aquelle mórãozinho que começava de *fumegar*. Lucena, T. 2.^o L. 6.^o C. 3.^o p. 313.

D'aqui vem o substantivo *fumegação* que tambem denota frequencia.

— GOLPAR.

Golpear.

— JOGAR.

Jogatar.

Eu não tenho costume de *jogatar*

com vossa mercê. Azurara, Chron. de Elrei D. João 1.º Terc. P. C. 17, p. 54, col. 1.ª

DE LABORAR.

Labotar. — Tambem pode ser augmentativo.

Deixae, que me fazeis irar contra todos os despachadores, em tempo que venho labotar com elles. Couto, Sold. Pract. Dial. 1.º P. 3.ª p. 135.

Item. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 91, p. 368.

— LATEB (ant.)

Latejar.

Latejava-lhe o peito, como ao corço Sedento que açodado á fonte corre.

Fran. Man. Os Martyr. L. 5.º p. 164.

— MERCAR.

Mercadejar. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China, C. 25.

— MORDER.

Mordicar. Vulgar no Minho.

— PASSAR.

Passear. Passar repetidas vezes. — O italiano diz *passegare*, em que mais claramente apparece a fórma *ago, is*.

Passar e *passear* os ares e os ceos com os olhos. Luc. T. 3.º L. 8.º C. 5.º p. 233. — Tambem póde ser augmentativo.

— PASTORAR.

Pastorear. — Tambem póde ser augmentativo, porque da idéa da fre-

O geral officio de todos é *pastorar* o seo gado. Bar. Dec. 1.^a L. 1.^o C. 10, p. 82.

Já elle mesmo fôra a o monte de seo amo perguntar por elle para que viesse *pastorar* seo gado. Bern. Rib. Saud. L. 1.^o C. 30, p. 101.

DE RODAR.

— SALTAR.

Saltou com Henrique de Touro, natural de Evora, um d'estes capitães de que ora fizemos menção, e lhe decepou a perna. Bar. Dec. 3.^a L. 1.^o C. 7.^o p. 57.

quencia da acção resulta a do augmento, e extensão da mesma.

Como se atreveria um homem peccador e ignorante a *pastorear* tantos milhares de almas livres nas vontades, differentes nos estados. Sousa, Vid. do Arc. T. 1. L. 1.^o C. 7.^o p. 54.

Rodear.

Estranha differença e variedade causada do *rodear* dos annos. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 5.^o C. 3.^o p. 597, col. 1.^a

Saltear.

Com mais animo fez maiores armadas para *saltear* as náos que d'aquellas partes do Oriente vinham com mantimentos e mercadorias a Malaca. Bar. Dec. 3.^a L. 1.^o C. 9.^o p. 92.

Salteou-os uma chuva fria e importuna que os

não largou na mór parte da jornada. Sousa, Vid. do Arc. T. 1.º L. 1.º C. 14, p. 63.

DE TORNAR.

Tornear.

— TROVOAR.

Trovejar.

Trovoaram as nuvens.
Paiva, Serm. P. 1ª fol. 6.

— VAGAR.

Vaguear e Vaguejar.

Nem soamente ho deixes *vaguejar* pela crasta. Vid. Monast. L. 2.º C. 8.º p. 351.

Amigas de *vaguear*, tanger e bailar. God. Rel. C. 13, p. 97.

— VOLTAR.

Voltear.

Os alferes *volteam* as bandeiras,
Que variadas sam de muitas cores.

Cam. Lus. C. 4.º E. 27.

A pedra que derrubou o Gigante foi meneada pelas mãos de David que *volteou* a funda. Vieir. Serm. T. 8.º p. 132, col. 2.ª

Por não augmentar a lista dos referidos verbos,

não pômos aqui mais. — Estes nos parecem sufficientes para provar que os *frequentativos não são raros na lingua portugueza*.

Devemos agora observar que as desinencias *ecar, egar, ejar, e*, por contracção, *ear*, com que se formam quasi todos estes verbos, proveem do latim *ago, is*, que significa *obrar, fazer, produzir*, d'onde as accepções de *movimento, grandeza e numero*, de que já fizemos larga menção, quando tractámos dos nomes augmentativos e collectivos, por se conterem em todos os referidos vocabulos, e são as mesmas que se nos deparam agora nos verbos cujas terminações procedem da mencionada forma *ago, is*.

A razão de denotarem frequencia e repelição muitos verbos portuguezes que teem esta desinencia, procede da idéa indefinita de *movimento* que se contém na raiz de que a mesma desinencia é formada; assim como outros denotam *acção, producção, augmento, extensão, grandeza, e numero*: accepções tomadas todas da mencionada raiz.

Por exemplo, em *boccejar*, quando significa *abrir muitas vezes a bocca*, a desinencia é tomada com a idéa de *movimento*, e, quando significa *cuspir*, é tomada com a de *obra, producção*, como se vê no seguinte trecho de Amador Arraes:

« Conheço-me que não sou Aristides, o qual sendo justissimo, levando-o Athenas a justiça, houve quem lhe cuspiu no rosto, e elle limpando-se com quietação e sorrindo-se, dice ao juiz: Amoestae aquelle homem que não *bocceje* outra vez como d'esta » Dial. 1.º P. 1.º C. 1.º fol. 9.

A mesma desinencia denota *acto, producção* em *almejar, branquejar, amarellejar, verdejar, castigar*, (propagar a casta); — *augmento, grandeza, e extensão* em *berregar, batocar, rastejar, vaguear*; — e *numero* em *bordejar, cravejar, bejocar, espostejar*.

Terminaremos este artigo observando que está tanto no genio da lingua a desinencia *ejar* como designativa de *frequencia e repetição*, que a homens e mulheres do campo temos ouvido verbos de sua propria invenção, formados com a referida desinencia; v. gr. *tolejar*, por dizer tolices com frequencia; *falejar*, por falar amiudadamente, etc.

Art. 4.º

Dos Inchoativos.

Os inchoativos sam os verbos que denotam um principio. — Estes, diz inadvertidamente J. Soares Barbosa, (1) como tambem J. V. Gomes de Moura na mesma nota que já atrás referimos quando tractámos dos frequentativos, que os não ha na lingua portugueza. — E', porém, incontestavel que os temos em grande numero, e ainda com as mesmas desinencias que os latinos.

O professor J. B. Gail, tractando das desinencias dos inchoativos, escreve o seguinte: — « Os latinos imitaram dos gregos a fórma *εστω* (*esco*) e dixeram *flore-re* estar em flores; *florescere* começar e continuar a estar em flores; *palescere* começar e continuar a estar pallido; e assim *albere* e *albescere*, *calere* e *calescere*, e outros semelhantes. Ensaio sobre as Desinencias gregas, latinas e francezas, Observ. Prelim. p. iv, nota 2.ª

A' imitação dos latinos e dos gregos o hespanhol diz *ennegrescer*, começar a fazer-se negro, *engrandescer*, começar a fazer-se grande, e assim outros. Vid. Gramm. Hesp. de P. R. p. 51. — Id. ibid. nota 1.ª

Como os inchoativos não só denotam principio, se-

(1) Vid. As duas Linguas, ou Gramm. Philosophica da Lingua Portugueza comparada com a Latina, p. 57.

não também *incremento*, do que provém que quasi podem reputar-se augmentativos, — uma vez tomados 'n esta segunda acceção, se lhes juncta o verbo *começar*, e vulgarmente se diz: *começar a amadurecer*, *começar a intumescer*, etc. D'aqui nasceu, porventura, o engano dos dois mencionados grammaticos. Comtudo, não deve isto persuadir-nos a que não temos inchoativos; porque o mesmo em tudo se dá na lingua latina, como expõe Vossio, pelo modo que vamos transcrever:

«Nec enim hic sola inchoatio debet attendi, et si inde nomen imposuerint Grammatici: sed etiam *incrementum*; ut non minus vocari possint ἀξικτηζ quasi dicas *augmentativa*. Imò interdum posterior solùm significatio habet locum: ut cùm ejusmodi verbo addicitur *incipit*, aut *cœpit*, ut *incipit maturescere*, *cœpit tumescere*.» Lat. Gramm. p. 142.

Agora daremos uma lista dós referidos verbos, dos quaes parte sam formados de nomes, e parte de outros verbos. (1) Dos primeiros temos:

DE ALVOR.	Alvorecer.
— BOLOR.	Bolorecer.
— BRANDO	Embrandecer.
— BRAVO.	Embravecer.
— BRUTO.	Embrutecer.
— CAN.	Encanecer.

(1) Em latim acontece o mesmo: — Quædam autem etiam à nominibus formantur: ut *agresco* ab *æger*, *dulcesco* à *dulcis*, *puerasco* à *puer*, etc. Vossii, Lat. Gramm. p. 142.

DE CLARO.

Esclarecer.

Co'este cuidado se foi deitar, e co'elle se levantou antes que a manhan esclarecesse. Moraes, Palm. d'Ingl. T. 1.º P. 1.ª C. 35, p. 221.

— DOIDO.

Endoidecer.

— DURO.

Endurecer.

— ESCURO.

Escurecer.

— ETHICO.

Etheguecer, (ant.) E' mais bem formado que o moderno enthisicar.

— FIM.

Fenecer.

— FRACO.

Enfraquecer.

— FUROR.

Enfurecer.

— GRANDE.

Engrandecer.

— HUMIDO.

Humedecer.

— LOUCO.

Enlouquecer.

— LOURO.

Enlourecer.

— MADURO.

Amadurecer.

— MANHAN.

Amanhecer.

— MOLLE.

Amollecer.

DE MORTE.	Amortecer.
— MOUÇO.	Emmouquecer.
— MUDO.	Emmudecer.
— NEGRO.	Ennegrecer.
— NOITE.	Annoitecer.
— OBSCURO.	Obscurecer.
— PALLIDO.	Empallidecer.
— POBRE.	Empobrecer.
— PODRE.	Appodrecer.
— RICO.	Enriquecer.
— ROUÇO.	Enrouquecer.
— SURDO.	Ensurdecer.
— TENEBRÆ (lat.)	Entenebrecer. Paiva, Serm. T. 1.º fol. 6.
— TIBIO.	Atlibecer. Inedit. d'Alcob. T. 1.º p. 149.
— TONTO.	Entontecer.
— TORPE.	Entorpecer.
— TRISTE.	Entristecer.
— VELHO.	Envelhecer.

Dos formados de outros verbos temos :

DE ABASTAR.

Abastecer.

— BARBEAR.

Embarbecer.

Barbou no berço, como se ao modo das forças de Sansão consistisse no cabello a virtude. Franc. Man. Apol. Dial. p. 161.

Embarbecem já de muita idade. André Alvares d'Almada, Tract. dos Rios Guiné, C. 1.º p. 8.

— DOER.

Adoecer.

— DORMIR.

Adormecer.

Como tardasse o esposo *adormeceram* todas e dormiram. Vieir. Serm. T. 1.º col. 286.

Adormecer é *começar a dormir*. F. J. Freire, Refl. sobre a Ling. Port. P. 1.ª p. 80.

— EMBEBER.

Embebecer.

— EMPEDERNIR.

Empedernecer. Paiva, Serm. T. 1.º fol. 176.

— ENCRUAR.

Encruecer.

— ENRIJAR.

Enrijecer. A. de Res. Vid. do Inf. D. Duarte, C. 6.º p. 21.

DE ESCURAR.

Escurecer.

Escurar é tornar-se escuro de uma vez, e não pouco e pouco, ou *successivamente* como denota o inchoativo; v. gr.

O sol *escurou* e a terra *tremeu*.

Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 347.

— FALTAR.

Fallecer.

— FINAR-SE.

Fenecer.

— MORRER.

Esmorecer.

Os ímpios e desesperados antes de morrer *moram*; porque antes de Deos os condemnar *esmorecem*. Primeiro lhes tira a vida o temor da consciencia propria do que o rigor da justiça divina. Bernard. Luz e Calor, Prim. Part. Doutr. 4.ª p. 73.

— MURCHAR.

Emmurchecer.

— OFFERTAR.

Offerecer.

— RAIVAR.

Enraivecer.

E', na verdade, difficil determinar com precisão e rigor quaes os verbos que proveem de nomes, e quaes

os que se derivam e formam de outros verbos. — Todavia, não é este o ponto de que havemos de fazer questão. O que nos importa averiguar é quaes os verbos que sam de sua natureza *inchoativos*, por indicarem uma acção *que começa e vae em augmento*; propriedade que entendemos se dá em todos os que ficam appontados, como é facil de conhecer.

Ha ainda muitos verbos inchoativos, que, procedendo do lalim, não se formam de nomes, nem de verbos portuguezes. — Taes sam: *nascer, crescer, aquecer, escandecer*, e assim outros que se compõem de differentes raizes e da desinencia *escer* ou *ecer* (de *esco*), como propriamente cumpria, em razão de todos os referidos verbos denotarem acções que *começam e progridem*, segundo vemos que acontece na natureza, em que muitas das mesmas se não operam nunca de salto, mas sim com *movimento successivo*: vindo, por tanto, os mencionados verbos a pintar fielmente a acção que designam.

Outra especie de inchoativos temos em portuguez que ainda não foi observada por nenhum de nossos grammaticos, e de que devemos dar aqui uma idéa. — Sam estes os que terminam em *entar*, desinencia que se compõe do participio activo latino *iens, euntis*, e da fórma infinitiva *ar*. — Em seguida passâmos a fazer conhecer esta qualidade de verbos.

DE AFFORMOSEAR.

Afformosentar. Resend. Vid. do Inf. D. Duart. C. 1.^o p. 7.

— AGO, *is* (raiz lat.)

Agoentar.

— AGUAR, no sentido fig. de enfraquecer, diminuir, minuar.

Aguarentar.

— APPEÇONHAR.

Appeçonhentar.

Tendo Aias, apostata

natural de França *empe-*
conhentada toda Hespa-
nha com a falsa doutrina
da seita Arriana. Duarte
Nunes, *Descrip. de Port.*
C. 79, p. 277.

DE APPOUCAR.

Appouquentar. E' só empre-
gado no sentido fig.

— CALAR.

Calentar, ou acalentar. Fa-
zer com que a creança que
chora se vá calando pouco
e pouco.

Semelhantes vistas sam
o coco com que as amas
assombram, ou *acalentam*
os meninos. Sousa, *Vid. do*
Arceb. T. 1.º L. 1.º C. 1.º
p. 18.

N'isto começou a cho-
rar a menina, e acordan-
do a ama se poz a emba-
lal-a cantando-lhe, mas
não se querendo ella *aca-*
lentar se ergueu a ama.
Bern. Rib. Saud. L. 1.º
C. 25, p. 91.

— CEGAR.

Enceguentar. *Vid. Mon. L. 2.º*
C. 11, p. 432.

— CRESCER.

Accrescentar.

— ELEVAR OU LEVAR.

Levantar.

DE ENGROSSAR.

Engrossentar. Vid. Monast.
L. 2.º C. 2, p. 313.

— ESCURAR, ant.

Escurentar. ant.

— FERVER.

Afferventar. Só se emprega
no sentido fig.

— PASCER.

Appascentar.

Em quanto *appascentar* o
largo pólo

As estrellas...

Cam. Lus. C. 2.º E. 105.

— PÔR.

Apposentar.

A escura noite eterna
Affonso *apposentou* no ceo
sereno.

Id. ibid. C. 4.º E. 60.

— QUEBRAR.

Quebrantar.

Entom mandou Jehu a
dous crastados que a dei-
tasssem (a rainha Jezabel)
da janela a fundo, e lan-
çarom-na em terra e *que-*
brantarom-na os peës dos
cavalos. Inedit. d'Alcob.
T. 3.º p. 62.Dadivas *quebrantam* pe-
dras. J. Ferr. Ulys. 3.º 6.ª
p. 230.

Hoje só se emprega em sentido figurado.

DE SUSTER.	Sustentar.
— VIVER.	Aviventar.
— VIOLAR.	Violentar.

Alguns parecem formar-se de nomes e não de verbos, como :

DE FUGA.	Affugentar.
— MAGRO.	Emmagrentar.

Emmagrentarom seus corpos com jejuns. Vid. Mon. L. 1.º C. 20, p. 237.

— MAMMA.	Amammentar.
— MEDO.	Amedrentar.
— SANGUE.	Ensanguentar.
— VELHO.	Avelhentar.

Art. 5.º

Dos Augmentativos.

Os augmentativos formam-se na lingua portugueza tanto por meio de desinencias alteradas do verbo latino *ago, is*, que já vimos traz a idéa de *augmento, extensão e grandeza*, como por meio de proposições que lhes dam força intensitiva. — Dos primeiros temos :

DE ALÇAR.	Altear.
— ATTEAZAR.	Attenazear.
— BATER.	Batocar.
— BERRAR.	Berregar.
— ESBOFETAR.	Esbofear. Luc. T. 1.º L. 3.º C. 7.º p. 344.

Diz que m'had' *esbofetar*.
Gil. Vic. Obr. T. 3.º p. 302.

— ESMURRAR.	Esmurraçar.
— ESPALHAR.	Espalhagar.
— ESTIRAR.	Estiraçar.
— ESTRONDAR.	Estrondear.

Tam rijo deu o grito
Que *estrondeou* nos bosques.
Franc. Man. Fab. de La
Font. L. 1.º F. 45.

— FARPAR.	Farpear.
— FOLGAR.	Folgazar. Fil. Elis. Oberon, Cant. 7.º p. 121.
— LABORAR.	Labotar.
— LOUVAR, ou do latim <i>laus</i> , o louvor.	Lousiar. obsol. Louvar repe- tidas vezes; louvar mui- to, adular.

E daqueles, que sso es-
se son, dementre *lousiam*

as partes, vam in perdi-
çom. Inedit. d'Alcob. T. 1.º
p. 285 è seg. — E' versão
de um trecho da Regra de
S. Bento, e vê-se que o
verbo portuguez corres-
ponde ao latino *adulor*,
aris.

Et ii qui sub ipsis sunt,
dum *adulantur* partibus,
eunt in perditionem. Re-
gul. S. Benedicti, Cap. 65.

DE MEXER.

Mexelhar, e d'aqui *mexelhão*,
o que mexe muito.

— PASSAR.

Passear.

Passeam suas armadas
á India por espaço de tre-
zentas leguas. J. Freire,
Castr. L. 2.º n.º 7.

— PASTORAR.

Pastorear.

— RODAR.

Rodear.

— VAGAR.

Vaguear.

Vaga cuidadoso e só pedindo
accerto

Aos Deoses da Montanha.
Fran. Man. Os Martyr.
L. 13, p. 80.

DE VENTAR.

Ventanear, e d'aqui *ventania*, grande vento.

Ventanear pode ser frequentativo, querendo dizer: *ventar com frequencia*; — mas tambem traz a idéa de *extensão e duração*, significando *ventar por muitas horas*. Finalmente, appresenta a idéa de *augmento, grandeza, e intensidade*, acceções que proveem todas da raiz *ago*, is de que é formada a desinencia.

— VOLTAR.

Voltear.

Dos segundos que, como dicemos, se formam com algumas das preposições iterativas, ou intensitivas, temos:

DE ALÇAR.

Realçar.

Exalçar, ou

Exaltar.

Buscas o incerto e incogni-
to perigo

Porque a fama te *exalte* e
te lisonje.

Cam. Lus. C. 4.^o E. 101.

— AQUENTAR.

Esquentar.

— BOLIR.

Reboir.

— BOMBARDEAR.

Esbombardear.

A povoação sem muro e
sem defesa
Esbombardea, accende e
desbarata.

DE BRAMAR.

Rebramar.

Dentes ferrando nos bro-
queis *rebramam*,
Como o mar quando em
rochas se espedaça.
Franc. Man. Os Martyr.
L. 6.º p. 203.

— BRAVEJAR.

Esbravejar.

— CHAMMEJAR.

Eschammejar.

Os cabellos como fio
de ouro, os olhos verdes
que *eschammejavam*. Sá de
Mir. Os Estr. T. 2.º p. 93.

— CONTAR.

Recontar.

Vae *recontando* o povo,
que se admira,
O caso cada qual que mais
notou.
Cam. Lus. C. 5.º E. 91.

— COSER.

Escoser. Magoar, pisar mui-
to, v. gr. — *com agoites*.
Bar. Dec. 1.ª L. 1.º C. 10,
p. 77.

— COUCEAR.

Escoucear.

DE CRESCER.

Recrescer.

Espedaçam-se as lanças, e
as frequentes

Quedas co'as duras armas
tudo attroam :

Recrecem os imigos sobre
a pouca

Gente do fero Nuno, que
os appouca.

Cam. Lus. C. 4.º E. 31.

Carregando-se de tudo o
que poderam, se foram re-
colhendo, porque já *re-
cresciam* os inimigos. Cou-
lo, Dec. 5.ª L. 3.º C. 4.º
p. 240.

— CUIDAR.

Recuidar.

Cuidar e *recuidar* os an-
nos proprios já vividos.
Vieir. Serm. T. 9.º p. 301,
col. 1.ª

— ESFRIAR.

Resfriar.

— ESTRUGIR.

Restrugir.

Abre-se o abysmo e traga
a infeliz alma :

Fecha-se *restrugindo*. —
Eternidade

Vae no Orco em echos ôcos
ribombando.

Franc. Man. Os Martyr.
L. 23, p. 406.

DE FERVER.

Reserver. Em latim *reserveo*,
es, é também augmenta-
tivo.

— FREGAR, adi.

Exfregar.

— GELAR.

Regelar.

— JURAR.

Tresjurar. A. de Resende, Vi-
da do Inf. D. Duarte. C. 9.^o
p. 29.

— LUZIR.

Reluzir.

— MECHER.

Remecher.

— MERECER.

Remerecer.

— MIRAR.

Remirar.

Aqui vae o *remirar*,

Aqui vae o querer bem.

Gil Vic. Obr. T. 3.^o
p. 224.

— MOER.

Esmoer.

— MUGIR.

Remugir.

Espadas, lanças retinnindo
e os silvos
Das flechas, e as balistas
que *remugem*.Franc. Man. Os Martyr.
L. 6.^o p. 208.

— MURMURAR.

Remurmurar.

A vaga que se impola e *re-*
murmura

- Crê ser liões que rugem.
Franc. Man. Os Martyr.
L. 1.º p. 21.
- DE PASSAR.** Repassar.
- **PINOTEAR.** Espinolear.
- **POUSAR.** Repousar.
- **QUEBRAR.** Requebrar. Só se emprega
no sentido fig. v. gr. —
os olhos. De requebrar vem
o subst. *requebro.*
- **QUEIMAR.** Requeimar.
- **SOAR.** Resoar.
- **SOLIDAR.** Consolidar.
- **SUADIR.** Persuadir.
- **SUAR.** Tressuar.
- Eis que um *tressua* por
acrescentar em suas he-
ranças. Vid. Monast. L. 2.º
C. 17, p. 433.
- **TALHAR.** Retalhar.
- E' a terra de Aveiro...
cercada de esteiros do mar
que a *retalham*. Sousa,
Hist. de S. Dom. P. 2.ª
L. 3.º C. 5.º p. 214, col. 2.ª

DE TARDAR.

Retardar.

— TEMPERAR.

Relemperar.

— TINNIR.

Retinnir.

— TORCER.

Estorcer, e Retorcer.

A bocca e os olhos negros
retorcendo.

Cam. Lus. C. 5.^o E. 49.

— TURBAR.

Conturbar, Perturbar.

— VARIAR.

Tresvariar.

— VENERAR.

Revenerar.

Diz Philo, os bons filhos
reveneram a seos paes co-
mo Deoses visiveis. Vieir.
Serm. T. 2.^o p. 125, col. 1.^a

— VIRAR.

Revirar.

— VOLTEAR.

Revoltear.

Não folgo de ver estes
funembulos, ou bolatins
da castidade, brincando
e *revolteando-se* sobre a
maroma da occasião. Man.
Bernard. Nov. Flor. T. 2.^o
p. 289.

— VOLVER.

Revolver.

As forçosas raizes não cui-
daram

Que nunca para o ceo fos-
sem viradas :
Nem as fundas areas que
podessem
Tanto os mares que em ci-
ma as *revolvessem*.
Cam. Lus. C. 6.º E. 79.

Em quantas praias
Não tenho eu visto *revol-
ver-se* as ondas
Como as contemplo aqui.
Franc. Man. Os Martyr.
L. 10, p. 344.

Foi o mouro logo *revol-
cendo* um molho de cha-
ves que lhe pendiam da
cinta. Sousa, Hist. de S.
Dom. P. 1.ª L. 4.º C. 6.º
in princ.

Alguns formam-se junctamente por meio das indi-
cadas desinencias e de preposições ; v. gr.

DE FURAR, ou do subst. bura-
co, do latim *foramen*, d'onde
antigamente se dizia *furaco*.
Vid. Inedit. d'Alcob. T. 3.º
p. 66.

Esburacar, ou Esfuracar.

— GANNIR.

Esganniçar-se. — Tambem é
verbo imitativo.

— PERDER.

Esperdiçar. Man. Bern. Luz
e Calor, p. 139, col. 2.ª

— PICAR.

Espicaçar.

DE TREMER. Estremecer.

— VALER. Prevalecer.

Foi o Bispo cahindo na conta das sem razões que linha feito aos frades, e entendendo que não poderia *prevalecer* contra elles. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.^a L. 3.^o C. 12, p. 298.

— VOAR. Esvoaçar.

Art. 6.^o

Dos Diminutivos.

Os diminutivos formam-se em portuguez já de outros verbos, e já de nomes que contraem desinencias alteradas das fórmulas *illo* e *ico*, de que se compõem os proprios diminutivos na lingua latina.

DE ADDOÇAR. Addocicar.

Mudando a voz o tom *addocicando*.

Frañc. Man. Fab. de La Font. L. 2.^o Fab. 15.

— BEBER. Bebericar.

— BICO OU PICAR. Debicar. 'N este verbo a fórmula diminutiva não está na desinencia, mas na preposição *de*, que traz a idéa

- de *diminuição*, como em
seu logar mostraremos.
- DE CHORAR. Choramigar.
- CHOVER. Choviscar. D'aqui o substan-
tivo verbal *chovisco*, que
tambem é diminutivo.
- CHUPAR. Chupitar.
- CUSPIR, ou de CUSPINHO. Cuspinhar.
- DORMIR. Dormitar.
- ESCORRER. Escorrepichar.
- ESCOUCEAR. Escoucinhar.
- Escoucinha o rato.*
Franc. Man. Fab. de La
Font. L. 2.^o Fab. 11.
- ESCREVER. Escrevinhar.
- FERVER. Fervilhar.
- LAGRYMA. Lagrymejar.
- LAMBER. Lambiscar.
- MOLLE. Mollinhar.
- Mollinhar, chover miu-
do. Duarte Nunes, Orth.
p. 333.*
- NAMORAR. Namoricar.

DE PELLAR (do lat. *petto, is, ar-*
rancar). Belliscar. Em lat. *vellico, as,*
é também diminutivo.

— **DEPENNAR.** Depennicar.

— **SALTAR.** Saltarinhar.

— **SORVER.** Sorvilhar. (t. fam.) Em lat.
sorbillo, as, é também sor-
ver pouco e pouco, ou a
miude.

— **TREMER.** Tremelhicar. Franc. Man.
Versos, T. 3.º p. 156,
ediç. de 1802.

Art. 7.º

Dos Negativos.

Os negativos formam-se em portuguez dos posi-
tivos e da preposição *des*, de que falaremos em seo com-
petente lugar. — Esta preposição nega ou destróe a acção
dos verbos ; por exemplo :

DE ATTAR. Desattar.

— **COBRIR.** Descobrir.

— **COSER.** Descoser.

— **DIZER.** Desdizer.

— **DOBRAR.** Desdobrar.

— **FAZER.** Desfazer.

— IMPEDIR.	Desimpedir.
— MERECER.	Desmerecer.
— OBRIGAR.	Desobrigar.
— PRENDER.	Desprender.
— TORCER.	Destorcer.
— UNIR.	Desunir.
— VENDAR.	Desvendar.

E assim outros muitos.

CAPITULO III.

DA PROPRIEDADE QUE A LINGUA TEM DE SE PRESTAR Á FORMAÇÃO DE NOVOS VERBOS.

A lingua portugueza presta-se com a maior facilidade á formação de novos verbos ; porque de um nome qualquer e de uma desinencia verbal adequada se póde quasi sempre formar um verbo que é a maior parte das vezes mui significativo ; — assim, de feitor se fez *feitorisar* ; v. gr. *feitorisando* a carga de pimenta. Bar. Dec. 3.^a L. 2.^o C. 6.^o p. 176 : — de *almotacé*, *almotaçar*, que Heitor Pinto empregou com a maior elegancia no sentido metaphorico, dizendo : *almotaçar* lenções. Imag. P. 1.^a Dial. 5.^o C. 2.^o p. 162, col. 1.^a — Do mesmo modo :

DE AÇOUTE se fez

Açoutar.

— AGUA.

Aguar.

Não quiz a princeza *aguar* as festas e alegrias da victoria com seos requerimentos, que já via serem odiosos a todo genero de gente. Sousa. Hist. de S. Dom. P. 2.^a L. 5.^o C. 2.^o p. 317, col. 2.^a

— ALARDO.

Alardear.

Naturalmente sam caí-nhos e tacanhos ; tudo é *alardear*, e por derradeiro sam a mesma miseria.

Jorg. Ferr. Ulys. 1.º 6.ª
p. 80 e seg.

DE ALFAIA.

Alfaiar-se.

Não lhe consentindo *alfaiar-se* do alheio. J. Ferr.
Eufr. Prol.

— ALFENA.

Alfena. Gil Vic. Obr. T. 2.º
p. 404.

— APODO.

Apodar.

— APOSTOLO.

Apostolar.

Os que andavam pré-gando pelo reino, como então se costumava (e chamavam a isto *apostolar*) levavam licença para lançar o habito aos que achassem dignos. Sousa, Hist. de S. Dom. P. 1.ª L. 4.º C. 12, p. 423, col. 2.ª

— APPARATO

Apparatar.

Mandou logo o capitão para este recebimento *apparatar* a poppa da não de ricas alcalifas. Fr. Gaspar de S. Bern. Itiner. C. 2.º p. 23.

DE AROMA.

Aromar.

Florecer de Corinθο as
oliveiras

E abelhas de Attica *aromar*
Narbona.

Franc. Man. Os Martyr.
L. 9.º p. 307.

— ARREDO (do lat. barb. à *re-*
tro).

Arredar ou Arredrar.

Dramusiando e o ca-
valleiro Selvage se *arred-*
draram por cobrar alento.
Moraes, Palm. d'Ingl.
T. 1.º P. 1.ª C. 39, p. 262.

— ATALAIA.

Atalaiar.

— AZULEJO.

Azulejar.

O prégar ha de ser co-
mo quem semea, e não co-
mo quem ladrilha, ou *azu-*
leja. Vieir. Serm. T. 1.º
p. 40.

— BISPO.

Bispar. Man. Bern. Estim.
Pract. p. 269.

— BIZARRO.

Bizarrear. J. Freire, Castr.
L. 2.º n.º 20.

— BONANÇA.

Abonançar.

— BRANDO.

Brandear, i. é fraquear.

Assim começaram a
brandear alguns, e a pe-

- dir a Simão de Sousa que visto não estarem já com forças para segunda resistencia, desse ouvidos a algum concerto. Sousa, Annaes de D. João 3.º P. 1.ª L. 4.º C. 16, p. 255.
- DE CAMA. Accamar.
- CAMPO. Campear.
- CHACOTA. Chacotear.
- CHATIM (t. da Asia) mercador, negociante. } Chatinar.
- Tenho toda a gente que ganha soldo na India, sem nenhuma ir a *chatinar*. Couto, Dec. 4.ª L. 2.º C. 10.º, p. 154.
- CHUFA. Chufar.
- Sempre tu hasde *chufar*. Gil Vic. Obr. T. 2.º p. 32.
- CHUSMA. Chusmar. Prover de chusma.
- Ia esta armada bem *chasmada*. Bar. Dec. 4.ª L. 10.º, C. 2.º p. 610.
- CONTRA. Encontrar.
- CONDA. Cordear. Luc. T. 4.º L. 10, C. 20, p. 346.

DE DIA.

Addiar.

— ENCALÇO.

Encalçar, de que depois, por transposição de letras se fez alcançar.

Nunca os poderom filhar, comoquerque per vezes os *encalçassem*. Azurara, Chron. do Desc. e Conq. de Guiné, C. 75, p 357.

— ENXAME.

Enxamear.

— EPITOME.

Epitomar.

— ESCUDELLA.

Escudellar.

No *escudellar* verás quem te quer bem, ou mal. Prov. ant.

— ESCUDO.

Escudar.

— ESMERO.

Esmerar.

— ESMOLA.

Esmolar.

Bom é orar, mas melhor é *esmolar*. Arraes, Dial. 6.º C. 4.º fol. 208.

— ESPORTULA.

Esportular.

— ESTEIO.

Esteiar, ou Estear, segurar, suster, it. fig. parar a chuva; v. gr. *estear o tempo*;

i é. susler-se que não chova.

Parece-nos que *esteiar* ou *estear* se deriva de *esteio* e não de *estio*; por quanto, no mesmo sentido, dizemos: *segurar o tempo*; *estar o tempo seguro*, quando promette não chover; por tanto, em *estear* temos a mesma idéa, e é pela fórma da idéa que sempre nos decidimos sobre pontos de etymologia.

DE ESTOMAGO.

Estomagar-se.

— ESTREA.

Estrear.

— ESTREPE

Estrepar.

O jáo guia que os té li trouxera era *estrepado*.
Bar. Dec. 3.^a L. 3.^o C. 2.^o
p. 255.

— FORÃO.

Afforoar. Buscar á maneira de forão; i. é penetrando, introduzindo-se.

Mão que regula o sangue
afforoando

O coração entre a camisa
e a carne.

Franc. Man. Ober. C. 3.^o
p. 70.

DE FRAGOA.

Fragoar.

Os mestres das burlas vis-
lasLá estão bem *fragoados*.
Gil Vic. Obr. T. 1.º p. 238.— GARRAMA (vocabulo arabico
que significa tributo, finta.)

} Garramar.

Como gente poderosa e
que se atrevia a viver fó-
ra da obediencia dos reis
de Fez, não sómente não
eram *garramados*, mas el-
les *garramavam* e rouba-
vam os seos visinhos. Sou-
sa. Ann. de D. João 3.º
P. 1.ª L. 1.º C. 16, p. 65.Andava *garramando* e
cobrando suas dividas. Id.
ibid. P. 1.ª L. 5.º C. 4.º
p. 291.

— GRIMPA.

Engrimponar-se.

Não se enforque o des-
prezado, nem o prezado
se *engrimpone*. D. Franc.
Man. Apol, Dial. p. 34.

— HASTEIA.

Hastear.

— HORTA.

Hortar.

— INVENTO.

Inventar.

Sua companhia della

era para nós muito perigosa, por causa do vinho que levavamos e davamos ao sobrinho do marido; porque se ella o vinha a *inventar* sem falla haviamos de perigar. Pant. de Aveiro. Itiner. C. 85, fol. 304.

DE LICENÇA.

Licencear.

— MADRAÇO.

Madracear.

— MALICIA.

Maliciar. Man. Bern. Est. Pract. p. 240.

— MARISCO.

Mariscar.

Tomaram duas negras que andavam *mariscando*. Bar, Dec, 1.^a L. 1.^o C. 14, p. 121.

— MATRIMONIO.

Matrimoniar.

— MONARCHIA.

Monarchiar.

Tirado de casa de um villão lavrador donde se criou, vem cá em quatro dias *monarchiar*. Couto, Sold. Prat. Dial. 1.^o P. 1.^a p. 31.

— MORDOMO.

Mordomear.

Essa fazenda que feito-

risa e *mordomea* é toda de Deos. Sousa, Vid. do Arceb. T. 1.º L. 2.º C. 2.º p. 183.

DE PARALYTICO.

Paralyticar.

Parecia coisa impossivel ao juizo de muitos tal sorte de enfermidade, que de meias *paralyticasse* a lingua e a memoria. Sousa. Hist. de S. Dom. P. 2.ª L. 4.º C. 19, p. 322, col. 1.ª

— PATIBULO.

Patibular. Pôr no patibulo.

Estes homens que nos *patibularam*... Lê-se 'num escripto moderno.

E' verbo cheio de energia, e que nos parece dever aproveitar-se.

— PETARDO.

Petardar. Derrubar com petardo.

E' escusado querer *petardar* uma porta diante da qual ha fosso. Alpoim, Exam. de Bomb. p. 267.

— POMPA.

Pompear.

DE PRAIA.

Espraiar.

Antonio de Brito, havida a carta, achou ser de lettra castelhana, e dada por castelhanos em nome de elrei de Castella: tam pomposa e copiosa em palavras, como esta nação costuma em sua escriptura, principalmente em coisas d'esta qualidade em que ella *espraia* muito. Bar. Dec. 3.^a L. 5.^o C. 7.^o p. 607.

Um' ora pelo campo a vista *espraio*.

Fern. Alv. do Or. Lus.
Transf. L. 2.^o f. 155.

— PRIVILEGIO.

Privilegiar.

— PROA.

Proar e Approar.

Eram muy grandes vagas na costa, as quaes nunca deram lugar que a fusta podesse *prooar* em terra. Azurara, Chron. do Desc. e Conq. de Guiné, C. 71 p. 337.

— PROLFAÇA. (de *prole* e *faça*, i. é haja prole, ou descendencia. Especie de comprimento que antigamente se fazia aos novos desposados.)

Prolfaçar.

— REGO.

Arregoar. Abrir em regos.

Com leite as engordam tanto que o coiro d'ellas *arregoa*, como fazem os figos. Azurara, Chron. do Desc. e Conq. de Guiné. C. 79, p. 377.

DE RELOGIO.

Relojar. Trabalhar o relógio marcando as horas.

Depois que com ruim satisfação dos moradores e peor grado dos passageiros não *relojava* coisa com coisa, resolvi-me a parar. D. Fran. Man. Apol. Dial. p. 11.

— REMOQUE.

Remocar.

E o remate d'esta practica foi *remocar-me* o pouco castigo que por estas coisas se dera aos culpados. Fern. Mend. Peregr. T. 1.º C. 22, p. 81.

— SAMBENITO.

Sambenitar. Arraes, Dial. 7.º C. 19, fol. 270.

— SARAIVA.

Saraivar.

— SARGENTO.

Sargentear.

— SEGREDO.

Segredar.

DE TERMO.

Attermar.

E chegou-se o tempo do dito Concilio, que o dito Papa Clemente v *attermou* aos Rex e Principes Christãos pera determinação da Ordem do Templo, e de suas cousas. Pin. Chron. de D. Diniz, p. 17.

Este verbo é vulgar nas ilhas dos Açores, onde muita vez ouvimos: «Faltei por que não me *attermaram* as horas.»

— TOPETA.

Topetar.

Fabriquemos uma cidade e uma torre, cuja altura chegue ao ceo, e cujas ameias vam *topetar* com as estrellas. Vieir. Serm. T. 7.^o p. 113, col. 2.^a

— TOXICO.

Toxicar. Arraes, Dial. 1.^o C. 3.^o fol. 5 v.

— TRACTO.

Tractear.

— TROPEL.

Attropelar.

Não corre mais depressa o pastor á nova do lo-

bo que lhe salteou o curral, do que elle apertou o passo e *attropelou* as leguas. Sousa, Vid. do Arc, T. 1.º L. 3.º C, 10, p. 437.

DE VELHACO.

Velhaquear.

Os paes não querem que andem de continuo Os filhos *velhaqueando*.

Leonel da Costa Trad. das Com. de Ter. Heaut. 1.º 2.ª v. 68.

— VISINHO.

Visinhar.

Quem com mão visinho hade *visinhar*, com um olho hade dormir e com outro vigiar. Prov.

— VICTUALMA.

Victualhar.

— VOLUME.

Avolumar.

Resgatava (as prezas) a preço de meticaes d'ouro por não *avolumar* a não com outra fazenda. Bar. Dec. 1.ª L. 7.º C. 4.º p. 113.

— VULTO.

Avulltar.

— XAQUE.

Xaquear.

Xaquear os vassallos do
Rei. Couto, Sold. Pract.
Dial. 1.º P. 1.ª p. 32.

DE Xó.

Enxotar.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

THE AMERICAN MOUNTAIN
EXPEDITION OF 1846
H. H. HARRIS, SOLE PROPRIETOR
No. 10 N. 2d St., N. Y.

INDEX

1846

THE AMERICAN MOUNTAIN

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS 'N ESTE 1.º VOLUME.

Introduccão Pag. 1.

PARTE PRIMEIRA.

DA PALAVRA DECLINAVEL.

TITULO I.

DO NOME EM GERAL.

CAPITULO I.

Noções Previas. — Characterísticos dos vocabulos
portuguezes 1

Lei da Corrupção.

Transmutação de umas em outras vogaes. 2
Transmutação de umas em outras consoantes. 4

CAPITULO II.

Applicação ás Regras Precedentes.

Art. 1.º	
Corrupção por transmutação de letras semelhantes.	11
Art. 2.º	
Corrupção por transmutação de letras não semelhantes	21
Art. 3.º	
Corrupção por syncope, ou suppressão de letras, ou de syllabas	30
Art. 4.º	
Corrupção por transposição de letras, ou de syllabas.	55
Art. 5.º	
Corrupção por augmento de letras ou de syllabas.	66
Art. 6.º	
Corrupção por augmento e diminuição de letras, ou de syllabas	74

CAPITULO III.

Do Modo porque sam formadas as desinencias dos vocabulos portuguezes	82
--	----

CAPITULO IV.

Dos Nomes derivados	88
-------------------------------	----

CAPITULO V.

Dos Vocabulos portuguezes de origem arabica.	91
--	----

CAPITULO VI.

Dos Infinitos dos verbos tomados pelos substantivos cognatos	92
--	----

CAPITULO VII.

- Dos Adjectivos e dos participios do presente e do
passado tomados pelos substantivos cognatos. 95

CAPITULO VIII.

- Dos Generos dos nomes. 97

CAPITULO IX.

- Do Genero neutro 105

CAPITULO X.

- Das Desinencias correspondentes aos generos nos
nomes substantivos 108

CAPITULO XI.

- Das Desinencias correspondentes aos generos nos
nomes adjectivos 113

CAPITULO XII.

- Da Maneira porque formam o plural os nomes sub-
stantivos. 116

CAPITULO XIII.

- Da Maneira porque formam o plural os nomes ad-
jectivos. 123

CAPITULO XIV.

- Dos Comparativos 124

CAPITULO XV.

- Dos Superlativos. 126

CAPITULO XVI.

Dos Augmentativos..... 128

CAPITULO XVII.

Dos Collectivos..... 161

CAPITULO XVIII.

Dos Diminutivos..... 186

CAPITULO XIX.

Das Declinações e dos casos dos nomes..... 189

TÍTULO II.

DO NOME ADJECTIVO.

CAPITULO I.

Dos Determinativos..... 197

Art. 1.º

Determinativos pessoais..... ibid.

Art. 2.º

Determinativos possessivos..... 200

Art. 3.º

Determinativos demonstrativos..... 201

Art. 4.º

Determinativos relativos..... 212

CAPITULO II.

Dos Participios..... 219

Art. 1.º	
Participios activos do presente.....	219
Art. 2.º	
Participios activos do preterito.....	220
Art. 3.º	
Participios activos do futuro.....	232
Art. 4.º	
Participios passivos do preterito.....	235
Art. 5.º	
Participios passivos do futuro.....	248

PARTE SEGUNDA.

DA PALAVRA CONJUGAVEL.

TITULO UNICO.

DO VERBO.

CAPITULO I.

Art. 1.º	
Do Verbo no modo infinito.....	254
Art. 2.º	
Do Gerundio.....	266
Art. 3.º	
Do Supino.....	269
Art. 4.º	
Do Infinito dos verbos conjugados por pessoas e numeros.....	271
Art. 5.º	
Do Preterito perfeito e mais que perfeito do infinito.	272
Art. 6.º	
Do Verbo no modo finito.....	273
Art. 7.º	
Das Linguagens na voz passiva.....	278

	Art. 8.º	
Dos Verbos do genero neutro.....		279

CAPITULO II.

Dos Verbos derivados.....		293
	Art. 1.º	
Dos Denominativos.....		ibid.
	Art. 2.º	
Dos Imitativos.....		294
	Art. 3.º	
Dos Frequentativos.....		299
	Art. 4.º	
Dos Inchoativos.....		313
	Art. 5.º	
Dos Augmentativos.....		322
	Art. 6.º	
Dos Diminutivos.....		332
	Art. 7.º	
Dos Negativos.....		334

CAPITULO III.

Da Propriedade que a lingua tem de se prestar á formação de novos verbos.....		336
--	--	-----

ERRATA.

Pag.	Erros.	Emendas.
12	<i>chegar até á coisa</i>	<i>chegar até a coisa</i>
13	BISA VÔ	BISAVÔ
30	AGRIOM	AGUIOM
31	<i>Aliquis, morsus,</i>	<i>Aliquis morsus,</i>
40	Is quia fortis erat, et <i>Ferrea</i> dictus habere <i>Brachia</i> , nam vali- dus vires animum- que gerebat.	Is quia fortis erat, et <i>Ferrea</i> dictus ha- bere <i>Brachia</i> , nam validus vires animumque gerebat.
44	O latim correspon- dente:	O latim correspon- dente diz:
»	Uno <i>modio</i> de paon	Uno <i>modio</i> de pam-
60	baixo	baxo
»	baixa,	baxa,
83	<i>Mitalyne</i> ;	<i>Mitylene</i> ;
»	tomados do nomina- tivo, etc.	tomados do nomina- tivo.
86	cerrar os olhos á luz oda verdade	cerrar os olhos á luz da verdade
89	<i>saraceno</i> de Saraca ; (3)	<i>saraceno</i> de Saraca (3) ;
99	determinar-mos,	determinarmos,
109 nota 2	arbitaria	arbitraria
127 nota	quen ão	que não
136	<i>quebvar-lhe o caroço</i>	<i>quebrar-lhe o caroço</i>
140 nota	desinencia <i>atus</i> , muda- da em <i>ado</i> ,	desinencia <i>atus</i> , mudadá em <i>ato</i> ,
142 nota 6	sed ea præsertim, que circa urbium mœnia cir- cumducitur...	sed ea præsertim, quæ circa urbium mœnia cir- cumducitur...
152	sumidade,	summidade,
155	Que meo gado tam <i>erreiro</i> ,	Que meo gado é tam <i>erreiro</i> ,

<i>Pag.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
167 nota 181	formado do <i>caput</i> , marido (1);	formado de <i>caput</i> , marido (2); A nota relativa a esta chamada deve ter o algarismo (2).
182 nota 183	Toda m'ora eu arrebatado Até aos fins do seculo XV,	Toda m'ora eu arrebatado Até os fins do seculo XV,
184	CULÇOR,	DULÇOR,
197 nota	Verdadeiramente	(1) Verdadeiramente
199	desbasto on	desbastou o
209	Olha-me <i>aquelle</i> as- sobiár.	Olhae-me <i>aquelle</i> as- sobiár.
222	Chamam-se vento <i>as- somado</i>	Chamam-me vento <i>assomado</i>
262	Catenis vincere.	Catenis vincere.
271 nota	<i>infiãitivi</i> ,	<i>infinitivi</i> ,
276 nota 1. ^a	Vossii, Lat. Grammat.	Vossii Lat. Grammat.
294	encontra	encontra
326	<i>Esbombardea</i> , accen- de e desbarata.	<i>Esbombardea</i> , accen- de e desbarata. Cam. Lus. C. 1. ^o E. 90.

4

